

ALFA
Revista de Linguística

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor

Sandro Roberto Valentini

Vice-reitor

Sergio Roberto Nobre

Pró-Reitor de Pesquisa

Carlos Frederico de Oliveira Graeff

Apoio:

PROPe
Pró-Reitoria de Pesquisa



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

ALFA
Revista de Linguística

ISSN 1981-5794 (ONLINE)

Alfa	São Paulo	v.61	n.1	p.1-244	2017
------	-----------	------	-----	---------	------

Alfa: Revista de Linguística
UNESP – Univ Estadual Paulista,
Pro-Reitoria de Pesquisa
Rua Quirino de Andrade, 215
01049-010 – São Paulo – SP
alfa@unesp.br

Editora responsável
Rosane de Andrade Berlinck

Odilon Helou Fleury Curado
Roberto Gomes Camacho

Diagramação
Eron Pedroso Januskevitz

Coeditor
Gladis Massini Cagliari

Revisão Geral
Ana Carolina Freitas Gentil Cangemi

Assessoria de Informática
Luiz Borges

Editoria Executiva
Erotilde Goreti Pezatti
Luciane de Paula

Assessoria Técnica
Ana Paula Menezes Alves

Capa
Adriana Bessa Damman

Conselho Editorial

Ângela Cecília Souza Rodrigues (USP), Ataliba Teixeira de Castilho (USP), Bento Carlos Dias da Silva (UNESP), Christian Hudelot (CNRS), Christian Lehmann (Universität Erfurt), Daniel Leonard Everett (University of Manchester), Dermeval da Hora (UFPB), Diana Luz Pessoa de Barros (USP), Edair Gorski (UFSC), Eduardo Calil (UFAL), Esmeralda Vailati Negrão (USP), Ester Miriam Scarpa (UNICAMP), Fábio Lopes da Silva (UFSC), Freda Indurski (UFRS), Helena Hatsue Nagamine Brandão (USP), Ieda Maria Alves (USP), Ingedore G. V. Koch (UNICAMP), Jacques Fontanille (Université de Limoges), Jacyntho Luís Brandão (UFMG), João Azenha Júnior (USP), João Wanderlei Geraldi (UNICAMP), John Lachlan Mackenzie (ILTEC), John Robert Schmitz (UNICAMP), José Borges Neto (UFPR), Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP), Kees Hengeveld (Universidade de Amsterdã), Laurent Danon-Boileau (Paris V – CNRS), Leda Bisol (PUC-RS), Leonor Scliar Cabral (UFSC), Lúcia Teixeira (UFF), Luiz Carlos Travaglia (UFU), Maria Beatriz Nascimento Decat (UFMG), Maria Bernadete Marques Abaurre (UNICAMP), Maria Helena de Moura Neves (UNESP), Maria Luiza Braga (UFRJ), Maria Margarida Martins Salomão (UFJF), Maria Marta Pereira Scherre (UnB), Mariângela Rios de Oliveira (UFF), Renata Coelho Marchezan (UNESP), Roberta Pires de Oliveira (UFSC), Rosemary Arrojo (State University of New York), Sérgio de Moura Menezes (UFRGS), Seung Hwa Lee (UFMG), Sírio Possenti (UNICAMP), Vera Lúcia Paredes Pereira da Silva (UFRJ), Zélia de Almeida Cardoso (USP).

Revisores da versão em Língua Inglesa

Adauri Brezolin (Universidade Metodista de São Paulo), Alvaro Luiz Hattner (UNESP), Deusa Maria De Souza - Pinheiro Passos (USP), Erika Nogueira De Andrade Stupiello (UNESP), Maralice De Souza Neves (UFMG) e Marileide Esqueda (UFU).

Publicação quadrimestral/Quarterly publication

Alfa: Revista de Linguística / Universidade Estadual Paulista. – Vol. 1
(1962)– . – São Paulo : UNESP, 1962–

Quadrimestral

A partir de 2014 a publicação passa a ser apenas *Online*.

ISSN eletrônico: 1981-5794

Ficha catalográfica elaborada pela equipe da Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp – Araraquara.

Os artigos publicados na Alfa: Revista de Linguística são indexados por:

The articles published in Alfa: Revista de Linguística are indexed by:

BLL – Bibliography of Linguistic Literature; CLASE – Cich-Unam – Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades; Francis Database; IBZ – International Bibliography of Periodical Literature in the Humanities and Science Galé; LLBA – Linguistic and Language Behavior Abstracts; MLA – International Bibliography; ProQuest; SciELO – Scientific Electronic Library Online

APRESENTAÇÃO

A Alfa inicia o ano de 2017 com um número muito rico pela amplitude de temas dos artigos aqui publicados, representativos da diversidade de interesses e abordagens vigentes em nossa área. Sociedade, mídias, ideologia, interação, cognição, percepção, produção verbal, lexicografia, fonologia, história, sistema de escrita, temas e dimensões perpassadas pela linguagem e pelas línguas, estão presentes nas páginas que seguem.

Os dois primeiros artigos investigam aspectos da construção do significado tomando como perspectiva a concepção de linguagem como atividade sócio-historicamente situada. O texto de Guimarães e Moita Lopes trata do percurso de um texto viral, discutindo suas transformações, suas ressignificações como parte de processos complexos de expressão identitária veiculados em interações presenciais e via mídia social. Costa, por sua vez, pensa a relação entre as propostas do Círculo de Bakhtin e o pensamento marxista, tendo em conta o papel da noção de ideologia na visão bakhtiniana da linguagem. Para discutir e ilustrar o conceito de signo ideológico, o autor analisa a palavra *selfie*, como “índice de transformações contemporâneas”, demonstrando como “mudanças nas formas de produção” se correlacionam a mudanças nos processos interacionais e padrões de comportamento. Os dois trabalhos se aproximam em seu diálogo, menos ou mais direto, com a criação e a circulação linguageira nos/pelos meios digitais.

No terceiro artigo, Cruz aborda o papel da articulação de recursos verbais e gestuais na construção do espaço interacional. Destaca-se, assim, o papel da multimodalidade na produção do significado. O estudo se baseia na análise de excertos audiovisuais registrados com pessoas portadoras de Alzheimer; o olhar sobre um contexto de interação modificado pela patologia acaba por permitir um repensar de categorias e processos ligados à linguagem.

Os próximos quatro artigos representam um mergulho em diferentes aspectos da língua portuguesa. Berti se propõe a investigar o desenvolvimento da aquisição perceptivo-auditiva de contrastes fônicos do português brasileiro. O estudo se baseia em um experimento com crianças entre 4 e 5 anos, que levou a uma caracterização da gradualidade do processo em função da natureza dos sons (vocálicos ou não; presença ou ausência de certos traços). O trabalho de Vilarinho traz a proposta de elaboração de um “dicionário analógico informatizado de língua portuguesa”, discutindo sua base teórica (o conceito de analogia, a Teoria dos Protótipos e a Semântica de *Frames*) e apresentando o modelo metodológico concebido para sua realização.

Veloso discute as restrições de “palavridade” do português: qual é a condição mínima (CM), do ponto de vista da quantidade de material fonológico, para afirmar que uma cadeia fonética é palavra da língua? Para responder esse questionamento, o autor avalia empiricamente o processo de oralização de abreviações no português europeu contemporâneo, com resultados consistentes e originais. Por sua vez, Fonte traz novas luzes sobre a história do vocalismo átono na língua portuguesa. Assumindo os desafios do estudo de fenômenos fonético-fonológicos na dimensão histórica, a autora investiu na caracterização do alçamento de vogais médias átonas no português dos séculos XIII, XV e XVI, fornecendo um mapeamento detalhado do processo no período, em contraste com o quadro atual das variedades brasileira e europeia.

Este número se encerra com mais uma viagem ao passado, os séculos XVI a XIX, para vislumbrar a história das ideias linguísticas que circularam na Europa desse período a respeito, particularmente, do sistema de escrita chinesa. Barreto revisita o debate que ocupou o cenário europeu, concluindo o quanto as concepções de escrita desenvolvidas no ocidente devem às discussões (ainda inconclusas) em torno da escrita chinesa.

Pela diversidade de temas e abordagens, pela originalidade dos estudos, estamos certos de que a edição que aqui apresentamos será uma proveitosa leitura para todos.

Rosane de Andrade Berlinck

SUMÁRIO / CONTENTS

ARTIGOS ORIGINAIS/ORIGINAL ARTICLES

- Trajetória de um texto viral em diferentes eventos comunicativos: entextualização, indexicalidade, *performances* identitárias e etnografia
Trajectories of a viral text in different communicative events: entextualisation, indexicality, identity performances and ethnography
Thayse Figueira Guimarães e Luiz Paulo da Moita Lopes 11
- Ideologia, forças produtivas e processos de significação: a palavra *selfie* como signo ideológico
Ideology, productive forces and processes of meaning: the word *selfie* as ideological sign
Luiz Rosalvo Costa 35
- Interação corporificada: multimodalidade, corpo e cognição explorados na análise de conversas envolvendo sujeitos com Alzheimer
Embodied interaction: multimodality, body and cognition in the analysis of conversations involving individuals with Alzheimer's
Fernanda Miranda da Cruz 55
- Desempenho perceptivo-auditivo de crianças na identificação de contrastes fônicos
Children's perceptual auditory performance in identifying phonemic contrasts
Larissa Cristina Berti 81
- Metodologia para elaboração de dicionário analógico de língua portuguesa
A methodology for elaborating a Portuguese analogical dictionary
Michelle Machado de Oliveira Vilarinho 105
- Palavra mínima em português europeu: a oralização de abreviações
The minimal word in European Portuguese: the oralization of abbreviated forms
João Veloso 133
- O vocalismo átono na história da língua portuguesa
The unstressed vocalism in the history of the Portuguese
Juliana Simões Fonte 169

- *Clavis Sinica*: breve história da longa batalha pelo sistema de escrita chinesa no Ocidente entre os séculos XVI e XIX
Clavis Sinica: a short history of the long battle for the chinese writing system in the west between the XVI and XIX centuries
Cristiano Mahaut de Barros Barreto201

- ÍNDICE DE ASSUNTOS227

- *SUBJECTS INDEX*229

- ÍNDICE DE AUTORES / *AUTHORS INDEX*.....231

- NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE ORIGINAIS233

ARTIGOS ORIGINAIS /
ORIGINAL ARTICLES

TRAJETÓRIA DE UM TEXTO VIRAL EM DIFERENTES EVENTOS COMUNICATIVOS: ENTEXTUALIZAÇÃO, INDEXICALIDADE, PERFORMANCES IDENTITÁRIAS E ETNOGRAFIA

Thayse Figueira GUIMARÃES*
Luiz Paulo da Moita LOPES**

- RESUMO: Com base em um estudo etnográfico, analisamos a trajetória de um texto viral em diferentes eventos comunicativos, neste artigo. Busca-se refletir sobre os processos de recontextualização do vídeo de Luisa Marilac, uma mulher trans que se identifica como travesti, na construção das *performances* identitárias de Luan, um jovem negro e de identificações homoeróticas, em interação na *web 2.0* e na sala de aula. O foco aqui é colocado na linguagem-em-movimento enquanto ação sociointeracional, perpassada por valores indexicais e que apontam para fenômenos sociais mais amplos. Este trabalho é guiado pelos pressupostos teóricos da *performance*, da entextualização e da indexicalidade. Tem como método de pesquisa a etnografia multissituada. Nas análises, buscou-se observar como fragmentos do vídeo de Luisa Marilac eram recontextualizados nas interações de Luan, com colegas de sua sala de aula e da rede social *Facebook*. As análises apontam que o estudo da circulação de um texto oferece possibilidade diferenciada de acesso aos processos de identificação, às hierarquizações e às relações de poder que constituem as práticas interacionais contemporâneas.
- PALAVRAS-CHAVE: Recontextualização. *Performances* Identitárias. Indexicalidade. Etnografia multissituada.

Introdução

No dia 27 de junho de 2010, Luisa Marilac, 37 anos, uma mulher trans que se identifica como travesti¹, publicou um vídeo caseiro no *YouTube* com 59 segundos de

* UninCor – Universidade Vale do Rio Verde. Programa de Mestrado em Letras. Três Corações – MG – Brasil. 37410000 – thayse.guimaraes@unincor.edu.br

** UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 21.941-590 – moitalopes@pq.cnpq.br

¹ Usamos o termo “mulher trans” para nos referirmos, de um modo geral, a pessoas que fazem transição homem – para – mulher, ao se identificarem com o gênero oposto àquele designado em seu nascimento (cf. BORBA, 2014). No caso de Luisa, nas redes sociais, ela se autoidentifica como travesti.

duração e que se tornou viral², ao gerar mais de três milhões de acessos e muitas curtidas e comentários sobre suas *performances*. Em seu vídeo, Luisa aparece em uma piscina somente de biquíni, segurando uma taça e encenando *performances* estereotipadas das identificações travestis, pela estilização³ de recursos linguísticos e corporais, que são, no senso comum, compreendidos como signos socialmente reconhecidos das chamadas feminilidades enfatizadas (cf. CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2005). Nesse vídeo, enquanto fala, Luisa mexe sensualmente os quadris, coloca as mãos no seio, mexe levemente os cabelos, utiliza de uma voz aguda, usa um biquíni que expõe excessivamente o seu corpo e toca levemente a taça. Segue a transcrição do vídeo⁴ (Disponível em: <<https://www.YouTube.com/watch?v=ikzC29rV75A>>. Acesso em: 02 abr. 2015):

- 1 Luisa: nesse verão, eu decidi fazer algo de diferente.
- 2 ((dentro de uma piscina, Luisa fala olhando para câmera))
- 3 decidi ficar na minha casa, na minha piscina, tomando os meus bons drinks!
- 4 ((aponta para a piscina e levanta a taça que está em suas mãos))
- 5 curtindo esse verão MARAVILHOSO da europa, da espanha.
- 6 e dividindo com vocês, esses momentos meus ((levanta a taça, girando o corpo))
- 7 a água está geladíssima! ((retira os óculos))
- 8 vamos tentar mergulhar?
- 9 ((mexe os cabelos, gira novamente o tronco e se prepara para o mergulho.
- 10 após mergulho, levanta-se, passa as mãos no cabelo, pega os óculos, a taça e se dirige à câmera))
- 11 e teve boatos, que eu ainda estava na pior! se isso é tá na pior, porra!
- 12 o que quer dizer tá bem, né? ((fala gesticulando e olhando para a câmera))

Em seus relatos, na sua página do *Facebook* e em entrevistas para programas de auditório que participou no Brasil, foi possível saber que esse pequeno pedaço de texto foi enunciado e gravado na Espanha, onde ela trabalhava como profissional do sexo. Seu texto viajou (BLOMMAERT, 2005; 2010) para o Brasil, via rede social do *YouTube*, onde ganhou popularidade e intensa circulação pelo recurso “curtir” e “compartilhar”, típicos dessa rede social. Blommaert (2010) argumenta que esse movimento de textos em diferentes contextos são práticas de entextualizações contínuas. Nas palavras de

² Os vídeos virais são vídeos que adquirem um alto poder de circulação na Internet, alcançando grande popularidade, configurando-se como um fenômeno de Internet típico da *Web 2.0* (BLOMMAERT; VARIS, 2014).

³ Segundo Rampton (2006, p.117), “estilo é visto como um modo de usar a linguagem que é ‘natural’ e característico (de um tópico particular, de um tipo de interação ou de uma pessoa)”.

⁴ Veja, no anexo 1, as convenções de transcrição utilizadas.

Bauman e Briggs (1990, p.73) a entextualização é “[...] o processo de tornar um discurso extraível, de fazer de um trecho de produção linguística uma unidade – um texto – que pode ser levada para fora de seu cenário interacional”⁵.

O vídeo de Luisa traz aspectos relevantes sobre os processos de deslocamento de textos na contemporaneidade. O vídeo que circulou primeiro na rede social do *YouTube* deu origem a outros textos. O vídeo foi citado, comentado, curtido, parodiado, tornou-se objeto de discussão em programas de televisão e nas redes sociais. No ano seguinte, por conta da popularidade dessa viagem textual, Luisa retornou ao Brasil, onde novamente seu vídeo circulou com outros formatos em outras trajetórias textuais: em entrevistas para programas de TV, em notícias de jornais *on-line* etc.

O vídeo viral de Luisa Marilac é em si um convite a visualizar o trajeto pluridirecional dos textos, dando conta principalmente dos atravessamentos sociais, culturais, identitários, semióticos e de circulação, típicos dos processos comunicativos contemporâneos, entrelaçando orientações locais e translocais⁶. Seu texto traz claramente traços de seu fluxo migratório (Brasil - Espanha), de um grupo identitário específico (texto produzido, na época, por uma travesti profissional do sexo), de um estilo (estilização de feminilidades enfatizadas) e de uma mobilidade sociocultural (produzido na Espanha, mas popularizado no Brasil pela rede social *YouTube*). A intensificação desse fenômeno de migração de texto, pessoas e de processos sócio-históricos e culturais são típicos da globalização atual. Conforme apontam Blommaert e Rampton (2011), essas mudanças ocorreram, principalmente, pelo surgimento das novas mídias e tecnologias de comunicação e de circulação da informação. Essa nova tecnologia de comunicação impactou diretamente a vida de Luisa, que teve seu vídeo citado, compartilhado, comentado, narrado, tornando-se um novo texto para além do seu contexto “original” (BAUMAN; BRIGGS, 1990). Seu pequeno “pedaço de texto” recontextualizado, em diferentes eventos comunicativos, convida a reflexão sobre a intensificada mobilidade dos recursos semióticos na contemporaneidade.

Nos termos de Blommaert (2010), uma agenda de pesquisa sobre linguagem em seu vínculo na sociedade e na contemporaneidade deve contemplar a reivindicação da observação da linguagem-em-movimento, em vez da observação da linguagem-em-um-lugar. A premissa é que os contextos para os quais as pessoas orientam suas interações vão muito além do evento comunicativo em si, extrapolando a fronteira da fala-em-interação (FABRÍCIO, 2012). Essa é uma compreensão que propõe o olhar para a semiose entre encontros comunicativos (AGHA, 2005). Em outras palavras, a discussão é sobre como signos repetidos, que viajam de um evento interacional a outro, estabelecem conectividade entre encontros comunicativos temporal e espacialmente

⁵ Trecho original: “[...] *it is the process of rendering discourse extractable, of making a stretch of linguistic production into a unit-a text-that can be lifted out of its interational setting.*” (BAUMAN; BRIGGS, 1990, p.73)

⁶ De acordo com Fabrício (2012, p.5), uma concepção de contexto como prática reflexiva, não restrito ao que acontece em eventos específicos, envolve uma orientação local/translocal da construção dos significados nos encontros comunicativos ao “abarcando tanto a dimensão interacional imediata – na qual há a contínua interpretação de pistas de contextualização – e uma dimensão mais translocal – na qual pistas e pressuposições utilizadas apontam para um domínio histórico”.

diferentes, assim como produzem novas condições para contextualização (VARIS; BLOMMAERT, 2014). Isso significa dizer que necessitamos de uma “sociolinguística da mobilidade” (BLOMMAERT, 2010) não somente porque as novas condições de mobilidade na contemporaneidade exigem a observação dos encontros comunicativos sob lentes da diversidade social, cultural e linguística, mas também porque necessitamos atentar para a complexidade da investigação desses processos. Assim, como argumenta Bauman e Briggs (1990), textos também carregam normatividades, ideologias e histórias de uso, que envolvem questões cruciais de poder.

Com essa perspectiva como pano de fundo, nosso objetivo é compreender a relação entre entextualizações e a atribuição de sentidos. Para tal, examinamos como a circulação do texto de Luisa Marilac entra na disputa pela construção de significados válidos e na encenação das *performances* identitárias⁷ de Luan, um jovem negro e de identificações homoeróticas, em interação na *web 2.0* e na sala de aula. As trocas comunicativas focalizadas são parte de um estudo etnográfico, realizado por um dos pesquisadores⁸ (Cf. GUIMARAES, 2014) no contexto de uma escola pública, situada na região das Baixadas Litorâneas do Estado do Rio de Janeiro. Foi um projeto multissituado (MARCUS, 1995) porque focalizou as *performances* identitárias de um grupo de estudantes⁹ do terceiro ano do ensino médio, no contexto interacional de sua sala de aula e nas suas redes sociais do *Facebook* e *Twitter*. Especialmente, a proposta do presente estudo focalizou o *ethos* interacional¹⁰ e as *performances* de gênero, sexualidade e raça de um dos estudantes, que chamaremos de Luan, na experiência de participação nas redes sociais *on-line* e nos eventos de letramento escolar. Os dados gerados referiam-se aos textos e aos discursos sobre gênero, sexualidade e raça produzidos por esse estudante em múltiplos contextos interacionais.

Particularmente, nosso interesse é investigar como signos recontextualizados produzem localmente relações históricas, culturais e identitárias que são translocais. Essa perspectiva leva-nos ao questionamento sobre como os indivíduos obtêm direitos a certos modos de transformação da fala no movimento do discurso através dos contextos (BAUMAN; BRIGGS, 1990, p.74). Isso significa, então, que, segundo Blommaert e Rampton (2011, p.10):

⁷ Utilizamos o construto teórico “performances identitárias” no lugar de identidades, em apelo à noção de identidade como performances (BUTLER, 1993). Queremos enfatizar o caráter processual, provisório e de sentidos sócio-historicamente sedimentados de nossas identificações de gênero, sexualidade e raça, porque são efeitos de sentidos que produzimos pelas coisas que fazemos, dizemos e vestimos em nossas performances cotidianas (cf. BUTLER, 2003 [1990]).

⁸ Este artigo desenvolve parte da pesquisa de doutoramento realizada por um dos pesquisadores (GUIMARÃES, 2014).

⁹ Por motivos éticos, substituímos por pseudônimos os nomes de todos os participantes envolvidos.

¹⁰ Neste artigo, usamos o conceito de *ethos* em associação à noção de *ethos* como hábitos locucionais compartilhados por membros de uma comunidade, conforme C. Kerbrat-Orecchioni (1996). Tal “*ethos* coletivo” constitui, para os locutores que o compartilham, um “perfil comunicativo”, ou seja, a sua maneira de se comportar e de se apresentar nas interações (KERBRAT-ORECCHIONI, 1996).

[...] os contextos de comunicação devem ser investigados em vez de presumidos. O significado toma forma em lugares específicos, atividades, relações sociais, histórias interacionais, trajetórias textuais, regimes institucionais e ideologias culturais, produzidos e construídos por agentes com expectativas e repertórios que devem ser compreendidos etnograficamente.¹¹

Assim, nossa posição é que a observação etnográfica de como os textos são recebidos, incorporados, refutados, mantidos e alterados por sujeitos com expectativas interpretativas distintas e repertórios linguísticos/discursivos específicos, é fundamental no estudo da relação entre entextualizações e atribuição de sentidos. Para colocar o objetivo deste artigo em ação, na primeira parte, discutiremos a natureza entextualizável, performativa e *indexical* dos signos linguísticos (BAUMAN; BRIGGS, 1990; SILVERSTEIN; URBAN, 1996; BLOMMAERT, 2005; 2010; PENNYCOOK, 2010). Em seguida, exemplificaremos nosso argumento com um caso específico, ao procedermos à análise de como o vídeo de Luisa Marilac foi recontextualizado nas interações de Luan com colegas de sua sala de aula e da rede social do *Facebook*¹².

A natureza entextualizável dos textos e a performatividade da linguagem

No cerne da reflexão sobre a circulação de textos está o processo de entextualização. Bauman e Briggs (1990, p.73), ao abordarem aspectos da *performance* narrativa, chamam nossa atenção para a característica fundamental dos discursos de se descontextualizarem e recontextualizarem. Ao se materializarem em textos, discursos experimentam sucessivos processos de entextualização. Conforme apontado por Blommaert (2005, p.62), textos viajam, ou seja, seguem trajetórias por diferentes contextos. Essa compreensão envolve o fato de que um “pedaço de texto” ou “excerto”, entendido como objeto semiótico, pode ser extraído de seu contexto original de uso e materializado em um novo contexto (VARIS; BLOMMAERT, 2014). Também sublinha o fato de que um “mesmo” texto, quando transportado para além do seu contexto “original”, mobiliza processos amplos de mudança na construção dos significados. Assim, Blommaert (2005, p.47) refere-se aos processos de construção dos significados pelos quais

[...] discursos são sucessiva ou simultaneamente descontextualizados e metadiscursivamente recontextualizados, de modo que se tornam um

¹¹ Trecho original: “[...] *the contexts for communication should be investigated rather than assumed. Meaning takes shape within specific places, activities, social relations, interactional histories, textual trajectories, institutional regimes and cultural ideologies, produced and construed by embodied agents with expectations and repertoires that have to be grasped ethnographically.*” (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011, p.10)

¹² *Facebook* é uma rede social, onde os usuários criam um perfil pessoal, trocam mensagens privadas e públicas entre si e participam de grupos de interesses comum com outros utilizadores.

novo discurso, associado a um novo contexto e acompanhado por uma metadiscursividade particular, que fornece um tipo de “leitura preferida” ao discurso.¹³

Nesse sentido, discursos materializados em textos são passíveis de serem retirados de seu ambiente interacional/contextual original e replicados em outro, tornando-se novamente um novo texto e assim sucessivamente (BAUMAN; BRIGGS, 1990; BLOMMAERT, 2010). O texto aqui é remodelado, renarrado, reenquadrado e a entextualização torna-se a própria viagem textual. Em termos gerais, esse processo, segundo Silverstein e Urban (1996), faz parte da “história natural dos discursos”. Quando transportados, os textos são negociados em processos interpretativos, com base em sistemas sociais historicamente estabilizados. Específicas interpretações surgem e textos são renarrados e reenquadrados no encontro interacional, obedecendo a certos predicados construídos em rede e repetidos ao longo do tempo. Amplia-se aqui o foco para além do funcionamento da linguagem em uso, em eventos comunicativos circunscritos a momentos específicos, para a observação do texto percorrendo trajetos múltiplos, de modo que a mobilidade dos textos produzidos construa novas interpretações do contexto interacional a cada fase da entextualização-descontextualização-recontextualização e nas quais signos identitários (WORTHAM, 2006) estão em ação.

Nas *performances* de Luisa Marilac, podemos afirmar que a viagem de seu texto começa bem antes do próprio vídeo postado. Sua *performance* se norteia pela entextualização de um estilo identificável em sociedade (RAMPTON, 2006), uma vez que lança mão de recursos semiótico-identitários naturalizados que projetam para si uma identificação estereotipada das *performances* de travesti: ou seja, aquela que se utiliza de estilos hiperbólicos ao encenar feminilidade, através de atributos simbólicos convencionalmente ligados à chamada feminilidade enfatizada (cf. CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2005). Assim, é preciso considerar que a *performance* de Luisa é produto da entextualização de modelos estilizados de **gênero** e de sexualidade, apresentando-se como uma *performance* intensa¹⁴ (BAUMAN, 1986).

A dimensão entextualizável e móvel desses recursos semióticos, culturalmente disponíveis, ajuda-nos a compreender, em diálogo com Butler (1990), que *performances* identitárias são a “estilização repetida do corpo [...] no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, que se cristaliza no tempo para produzir uma aparência de substância” (BUTLER, 2003 [1990], p.59)¹⁵. Assim as identificações são constituídas por sucessivas

¹³ Trecho original: “[...] *discourses are successively or simultaneously decontextualised and metadiscursively recontextualised, so that they become a new discourse associated to a new context and accompanied by a particular metadiscourse which provides a sort of ‘preferred reading’ for the discourse.*” (BLOMMAERT, 2005, p.47)

¹⁴ Em seu estudo sobre *performances* narrativas, Bauman (1986) distingue entre eventos de *performances* intensas e *performances* mundanas. Para o autor, as *performances* intensas são destacadas temporal e espacialmente do fluxo rotineiro da comunicação. São programadas, planejadas e tipicamente pré-anunciadas, com características metacomunicativas aumentadas, em outras palavras, características que tendem à hipérbole.

¹⁵ Butler (2003 [1990]) se refere à *performance* de gênero, mas estamos aqui ampliando tal compreensão sobre gênero para outras *performances*.

repetições de signos identitários (WORTHAM, 2006) que, por entextualização, são transportados de um contexto para outro (SILVERSTEIN; URBAN, 1996). É possível visualizar nessa trajetória, então, a *performatividade* da linguagem¹⁶ em cena, já que, na jornada realizada por esses textos, algo do contexto anterior é mantido, ao mesmo tempo, em que a novidade, a criatividade e a mudança florescem (PENNYCOOK, 2007; 2010). Como enfatiza Blommaert (2005), a entextualização envolve um conjunto de transformações.

Essa perspectiva rejeita assim uma descrição ou análise linguística simplificada, que considera somente as fronteiras textuais, semânticas e linguísticas de um texto. Nesse sentido, a questão a ser problematizada, neste artigo, ao se focalizarem a circulação do vídeo de Luisa, não são apenas os recursos semióticos empregados em sua estilização como travesti (por exemplo, modos de mover o corpo, sotaque, postura, as vozes sociais mobilizadas, pistas indexicais etc.), mas também como essas unidades semióticas que se agruparam em forma de um vídeo produzem localmente relações históricas, culturais, políticas e identitárias. Em outras palavras, como esses pedaços de textos circulam e são recontextualizados em diferentes contextos interacionais, orientados por aspectos locais e translocais (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011). Desse modo, importa compreender como os sujeitos sociais enquadram, recebem, e refutam o vídeo (SILVA, 2014), ou seja, como aderem a essa estilização, apresentada no vídeo, com determinados propósitos, evocando signos identitários, ao se envolverem em práticas comunicativas específicas.

Desse modo, é importante, ao tomarmos a entextualização como foco de investigação, considerarmos a vulnerabilidade do entendimento que emerge no aqui-e-agora, onde os textos entram em jogo nas lutas pela construção de significados. Considerando, assim, que texto é movimento e que, ao se mover, é adaptado e modificado, deter-nos-emos, em seguida, à discussão sobre *indexicalidade*, com vista a apresentar o nexos entre o local e o translocal, ou seja, entre o uso de recursos semióticos em *performances* situadas e sua vinculação à história de repetição de uso que sedimenta sua semântica e os efeitos *performativos* esperados.

A Indexicalidade

Como discutido, a afirmação de que textos viajam não significa dizer que os mesmos são objetos autônomos, autossuficientes e que não têm uma historicidade de uso, apontando para regimes de verdades socioculturais e históricos. Os efeitos de sentidos solidificados dos recursos linguísticos podem ganhar destaque através do construto teórico da indexicalidade. Silverstein (2003) argumenta que as formas linguísticas são indexicais, indicando aspectos sociais e culturalmente compartilhados entre interlocutores. Dessa forma, no assim chamado português do Brasil, as formas de tratamento ‘senhor/senhora’,

¹⁶ Para uma discussão mais profunda, ver Pennycook (2007; 2010).

diferente do pronome ‘você’, expressariam indexicalmente um nível de respeito e distanciamento na relação entre interlocutores, em que um deles/as pode ser mais velho ou ocupar posição social superior. Nesse caso, tal uso poderá ainda ser avaliado como índice de ‘gentileza’ e ‘boa educação’. A indexicalidade, conforme Silverstein e Urban (1996), Agha (2007) e Collins (2011) argumentam, é a propriedade do signo linguístico de apontar para projeções semiótico-textuais, que indicam a interpretação de um ato comunicativo ao ser local e culturalmente contextualizado. Mais concretamente, “[...] indexicalidade é a dimensão do significado em que características textuais sinalizam (indexam) significados recuperáveis contextualmente”¹⁷ (BLOMMAERT; MALY, 2014, p.4). O ponto aqui é que todos os signos indexicais pressupõem e criam seus contextos, numa dialética entre “pressuposição indexical” e “implicação indexical”¹⁸ (SILVERSTEIN, 2003, p.195). Segundo Silverstein (2003, p.195), o fato indexical envolve as regularidades sociais e normas de uso para os quais os signos apontam, assim como usos e contextos emergentes de uso, derivados do primeiro e para os quais também apontam¹⁹.

Assim, cada vez que o vídeo de Luisa viaja, suscitam-se ligações indexicais que são dependentes tanto do que ocorre nos eventos interacionais locais como de um conjunto de normas e convenções culturais, associadas à história de uso dos recursos semióticos mobilizados. Dessa forma, é possível visualizar que, por exemplo, seu vídeo mobiliza campos semântico-pragmáticos que indexicalmente expressam algo sobre a comunicação de Luisa, tal como seu pertencimento às identificações travesti. Entretanto, tal indexicalidade não é uma equação direta, principalmente no caso do vídeo de Luisa que circulou por variados contextos comunicativos. Assim, qualquer recurso semiótico, por sua dependência dos contextos em que são negociados, pode produzir diferentes identificações para um indivíduo (WORTHAM, 2001; BLOMMAERT, 2005; AGHA, 2007; COLLINS, 2011). Além disso, essas identificações engendram valorizações específicas. Como afirma Blommaert (2010), na ação de descentrar e recontextualizar textos, os sujeitos das práticas se orientam por ordens discursivas²⁰ (FOUCAULT, 2009 [1971]), operantes em uma determinada época. Normatividades, sistemas de estratificação e hierarquizações entram em jogo, no modo como definimos sentidos válidos, criamos pertencimento e identificações em sociedade.

¹⁷ Trecho original: “[...] *Indexicality is the dimension of meaning in which textual features ‘point to’ (index) contextually retrievable meanings.*” (BLOMMAERT; MALY, 2014, p.4)

¹⁸ Trecho original: “[...] *Now in relation to micro-social context in the most general sense, any such socially conventional indexical (Legi)sign [=type] is dialectically balanced between indexical presupposition and indexical entailment.*” (SILVERSTEIN, 2003, p.195)

¹⁹ De acordo com Silverstein (2003, p.196), o fator de mediação entre pragmática pressuposta e pragmática implicada é a função metapragmática. Nesse sentido, Blommaert (2005, p.47) afirma que a ordem indexical é o princípio de organização metapragmática por trás do que é amplamente compreendido como a pragmática da linguagem.

²⁰ Foucault (2009/1971, p.8) sublinha que “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”.

Nesse sentido, “as formas linguísticas indexam contextos particulares e, além disso, engendram representações específicas sobre o movimento do discurso e o modo como deve ser reconhecido” (SILVA; ALENCAR, 2014, p.266). Esse aspecto torna claro a dependência do contexto interacional em que se dá a entextualização, do mesmo modo que as pistas de contextualização de Gumperz (1982, p.131), tais como, nossas escolhas lexicais, gramaticais, fonológicas, entonacionais, qualidade de voz, alinhamento, intertextos etc., não podem ser discutidas fora dos contextos.

Desse modo, as escolhas linguísticas, paralinguísticas e discursivas ajudam a definir os posicionamentos assumidos e a formar tipos de pessoas identificáveis com certas características generificadas, sexualizadas, racializadas, de nacionalidade, de classe social etc., em situações interacionais específicas, sinalizando hierarquizações e relações de poder (MOITA LOPES, 2013; 2015). Em resumo, como indica Blommaert e Maly (2014, p.4):

[...] podemos ver signos como pistas indexicais das relações sociais, interesses e práticas, implantados em um campo que é repleto de normas que se sobrepõem e se cruzam – não somente normas de uso da linguagem, mas também normas de conduta, de adesão, de legitimidade, pertencimento e uso; não somente normas do aqui-e-agora, mas normas que são de ordens diferentes e operam em diferentes historicidades.²¹

Assim, ao se propor a investigação da recontextualização do vídeo de Luisa Marilac nas interações de Luan, interessa-nos compreender as “pistas indexicais” mobilizadas nos processos de recontextualização de textos. Ao tratar o fenômeno da indexicalidade, Wortham (2001) cunhou o termo “pistas indexicais”, inspirado nas pistas de contextualização de Gumperz (2002 [1982]), elaborando-as como dicas de como determinado recurso discursivo pode ser interpretado por aqueles envolvidos no encontro interacional. Nas análises realizadas, neste artigo, destacam-se, entre outras, as pistas referência, predicação e citação (WORTHAM, 2001)²². Apesar de não nos aprofundarmos nas considerações feitas por Wortham (2001) e de não utilizarmos sua lista de pistas, em sua totalidade, como instrumental analítico, recorreremos à metalinguagem, acima ilustrada, para tratar da indexicalidade como fenômeno orientado tanto pelas condições que envolvem sua produção em contextos específicos quanto por uma ordem macrosocial maior. Isso porque, nas palavras de Fabrício (2013, p.155), a comunicação é “uma realização interacional durante a qual processos locais de negociação de sentidos indexalizam processos socioculturais mais amplos”.

²¹ Trecho original: “[...] we see signs as indices of social relationships, interests and practices, deployed in a field which is replete with overlapping and intersecting norms – not just norms of language use, but norms of conduct, membership, legitimate belonging and usage; and not just the norms of a here-and-now, but norms that are of different orders and operate within different historicities.” (BLOMMAERT; MALY, 2014, p.4)

²² A referência diz respeito à nomeação das coisas e das pessoas e a predicação são os atributos conferidos na nomeação dessas pessoas e do mundo. Já a citação é a apropriação direta ou por ação de paráfrases do discurso de outro (WORTHAM, 2001, p.72).

Sob essa perspectiva, ao focalizarmos as recontextualizações do texto de Luisa, inclui-se atenção às *performances* identitárias que vão surgindo amalgamadas a uma série de discursos não declarados, ancorados nas estruturas sociais, pressuposições dos valores, das hierarquizações, das histórias, das culturas etc. associados àquela atividade comunicativa. A estilização de Luisa é realizada por algumas escolhas semióticas que funcionam como pistas indexicais que apontam para modelos estereotípicos das identificações travesti. Tais modelos são altamente reflexivos e compartilhados, possibilitando Luan e seus colegas da sala e das redes sociais virtuais engajarem-se em ações discursivas sobre as *performances* de Luisa. São ações que favorecem a compreensão das “lutas metadiscursivas” e “lutas performativas” (SILVERSTEIN; URBAN, 1996), ou seja, lutas de relações saber-poder nas recontextualizações dos textos, que vão compor as identificações sociais em jogo. Esse olhar, para além do funcionamento da fala-em-interação, tem poderosas implicações para a compreensão da linguagem na globalização, como já indicado acima, em relação ao trajeto pluridirecional dos textos no mundo de fluxos em que vivemos.

Notas sobre o campo etnográfico: contexto de pesquisa, a escolha por Luan, procedimentos metodológicos e analíticos.

Como explicitado inicialmente, o caso estudado é parte de uma pesquisa etnográfica maior, realizada por um dos autores deste artigo e que levou em conta a observação participante em diferentes espaços interacionais, a saber, as redes sociais *on-line* *Facebook* e *Twitter* e o contexto escolar, ao longo de 10 meses. Essa abordagem se fundamentou em uma perspectiva multissituada ou multilocal (MARCUS, 1995), na qual o/a pesquisador/a segue as cadeias, as trajetórias e os fios, parte de um fenômeno específico a ser investigado. Tal empreendimento é traçado na justaposição de lugares sociais, onde são vivenciadas as práticas pesquisadas e onde o/a pesquisador/a se faz presente em torno de um traçar conexões (WITTEL, 2000) entre tais espaços e práticas. Seguir as práticas e os artefatos culturais de um grupo ou pessoa, seguir uma pessoa e suas histórias é, segundo Marcus (1995, p.106), uma forma de concretizar tal empreendimento. No caso da referida pesquisa, seguir Luan (o participante focal), suas histórias e discursos, nas interações da escola e das redes sociais *on-line*, foi o modo como a etnografia multissituada se concretizou.

No processo de delimitação dessa pesquisa, após autorização de entrada na escola pela direção, a turma que se mostrou mais receptiva quanto à presença da pesquisadora em sala de aula e também no mundo virtual foi uma turma do terceiro ano do turno da manhã. Já, no contato com os professores da referida escola, o professor de redação e a professora de filosofia foram bastante receptivos àquela pesquisa. O foco inicial do estudo era o *ethos* interacional e as *performances* identitárias de gênero, sexualidade e raça, encenadas na experiência de participação nas redes sociais *on-line* e nos eventos de letramento escolar. Antes de começar a registrar as interações na escola, todos/as os/as

participantes da pesquisa assinaram o “Termo de consentimento Livre e Esclarecido”, autorizaram a utilização das gravações feitas em sala de aula e entrevistas individuais. Entretanto, foi escolhido um aluno focal, Luan, para observação mais acurada das *performances* identitárias nessas práticas interacionais.

Quanto ao *corpus* de dados gerados na sala de aula dos referidos professores, foram feitas gravações em áudio, através de dois gravadores: um ficava na mesa do professor e o outro ficava atrás, perto de Luan e da pesquisadora. Outros procedimentos de geração de dados foram: anotações de campo que foram transformadas em diário da pesquisadora; gravações das interações no *Facebook* e *Twitter*, por captura de tela, e relatos dos professores e alunos/as, em entrevistas individuais.

Ao longo do trabalho de observação na turma focalizada, um dos alunos chamou a atenção pela trajetória de seus textos sobre gênero, sexualidade e raça nos eventos interacionais observados. Luan, garoto negro posicionado constantemente como gay nas interações da sala de aula e do espaço virtual, ganhou destaque na pesquisa pela aproximação com as questões levantadas pelo projeto etnográfico. Nesse estudo, foi possível notar que uma gama de recursos semióticos, amalgamados por relações de poder, ao indexicalizar seu pertencimento a um gênero/sexualidade e raça também entravam na luta pela negociação de significados válidos e de bases valorativas. Seus textos eram forjados na negociação constante de sentidos sobre corpo, padrões de normatividade, estereótipos sociais, legitimidade de vozes sociais, entre outros. Em destaque, a voz de Luisa Marilac era frequentemente entextualizada pelo jovem, em suas práticas interacionais, tanto na escola como nas redes sociais investigadas. A fala de Luisa trouxe à tona alguns aspectos do modo como Luan interagia no *Facebook*, podendo ser analisada como uma estratégia de participação nessa rede social. A esse respeito, vale recuperar parte das notas de campo, ao vê-lo entextualizar o texto de Luisa Marilac

[...] Não é a primeira vez que o vejo recuperando a fala da travesti Marilac em seus textos. Ao que parece, é comum Luan fazer citações de textos que circulam na cultura popular ao encenar sua participação ali. Por exemplo, letras de *Funk* e letras de músicas das cantoras do *pop* e *hip hop* internacionais, *Beyoncé* e *Rihanna*. (Nota de campo, 19/05/2011)

Por conta dessas entextualizações, Luan era comumente alvo de avaliações pejorativas. Nessa observação etnográfica, foi possível compreender que Luan constrói suas *performances* identitárias no espaço da escola e entre os/as amigos(as) da sala de aula em lutas performativas pela construção dos significados válidos. Tendo em vista que “práticas de entextualização acabam sendo práticas sobre ‘identidade”” (SILVERSTEIN; URBAN, 1996, p.10)²³, focalizaremos o modo como fragmentos

²³ Trecho original: “[...] *entextualisation practices turn out to be about ‘identity’*”. (SILVERSTEIN; URBAN, 1996, p.10)

da fala de Luisa são hierarquizados e valorados, ao entrarem em jogo na produção de identificações inteligíveis entre Luan e seus colegas da escola e do *Facebook*.

Além disso, o mapeamento da valoração dos signos indexicais nos processos de recontextualização do texto de Luisa pode ser operacionalizado por meio da observação sobre como os enquadres e *footings* vão sendo construídos através das pistas indexicais. Os construtos enquadre e *footing*, desenvolvidos por Goffman (1974; 1981), apresentam-se como ponto importante para a observação do trabalho interpretativo dos/as participantes nas entextualizações de textos sociohistoricamente determinados. De acordo com Tannen e Wallat (2002 [1987], p.188), “a noção [...] de enquadre se refere à definição do que está acontecendo na interação”. Este princípio básico está ligado às estruturas de expectativas, que afetam as formas como interpretamos e categorizamos os significados nos eventos interacionais e são construídos a partir do momento em que os indivíduos se veem em uma situação e se perguntam “o que está acontecendo aqui?” (GOFFMAN, 1974, p.8). Enquadre se refere ao controle metacomunicativo do texto entextualizado e *footing* ou alinhamento ligado à negociação dos enquadres, diz respeito aos posicionamentos dos/as participantes. Os enquadres de uma interação são constantemente negociados e os alinhamentos têm papel central nesse processo de negociação (GOFFMAN, 1974). Dessa forma, tais construtos são produtivos, por dar conta das negociações discursivas e das mudanças, em caráter sempre emergente, da construção dos sentidos, o que pressupõe textos em constante movimento em seus processos de entextualização-descontextualização-recontextualização.

Análise da trajetória do texto de Luisa em eventos comunicativos

Os excertos, a seguir, apresentam Luan em práticas discursivas com colegas de sua sala de aula, em contextos interacionais distintos: nas interações do *Facebook* e em um contexto de sala de aula. Nos excertos apresentados, queremos chamar a atenção para o modo como fragmentos da fala de Luisa são recontextualizados por Luan e como entram na luta pela construção dos significados na interação com seu amigo Sávio. Sávio é estudante da mesma turma de Luan e igualmente participante da referida pesquisa. Nas interações em sala de aula e entrevistas, ao longo da pesquisa, o jovem posicionava-se como heterossexual. Além disso, Sávio era visto frequentemente usando signos estigmatizados de raça e sexualidade nas interações com Luan e outros/as colegas da escola. O primeiro excerto é uma interação no *Facebook*. Além de Sávio, Luan interage também com Carla, Rocha, Marcela e Maria, colegas de sua sala de aula e da escola. O foco está no olhar que a coletividade dirige às *performances* de Luan e no modo como Luan negocia determinados regimes de verdades ao recontextualizar fragmentos da fala de Luisa que circulam para além do evento situado. Para resguardar as identificações dos participantes do *Facebook* foram adotados alguns procedimentos éticos. O anonimato foi adotado em relação aos nomes, fotos e *links* dos perfis pessoais

dos participantes; assim, optamos por transcrever as interações, em vez de colocarmos a captura de tela realizada.

Excerto 1:

- 1 Post de Luan: Final de tarde hora de comer um misto quente e tomar bons drinks,
- 2 [10 curtir]
- 3 Carla: que que isso amiga tamaravilhosa ;x kkkkkkk [1 curtir]
- 4 Sávio: negrinha, fala a verdade você vai é beber seu pão com água,
- 5 que acabou seu expediente na senzala
- 6 Rocha: Kkkkkkkkkkk
- 7 Marcela: só porque sou preto, bjs :(
- 8 Luan: pode falar nem ligo. Com todo prazer sou NEGRO na senzala.
- 9 eu sei que vc vc vc quer...
- 10 depois disso se quiser te delete do meu face, sem preconceitos
Savio
- 11 Maria: hauhuahuahua :-)
- 12 Sabrina: porra se isso é tá na pior, o que é ta bem ;)

Nesse *post*, Luan descontextualiza o vídeo viral de Luisa Marilac e o recontextualiza em seu texto, adaptando aos propósitos de participação nesse evento interacional. O vídeo é recuperado por meio da citação direta “bons drinks” (1.1) e tal citação aponta para o seguinte fragmento da fala de Luisa: “decidi ficar na minha casa, na minha piscina, tomando os meus bons drinks!” (1.3 cf. Introdução). Luan anima essa fala como se fossem palavras dele e um interlocutor desavisado não conseguiria distinguir a voz de Luan da voz de Luisa Marilac. Nesta postagem, a fala entextualizada engendra a encenação das *performances* da travesti Luisa Marilac e evidencia o modo como Luan interage no *Facebook*, podendo ser analisada como uma estratégia de participação nessa rede social.

O *post* de Luan recebeu 10 ativações do recurso “curtir” até o momento de geração dos dados (1.2), colocando em evidência a avaliação positiva de alguns/as interlocutores/as (não identificados na transcrição), em alinhamento de concordância às *performances* que Luan encena. Tal recurso parece projetar sentidos de adequação do jovem a esse contexto interacional e sinaliza a compreensão de seu *post* por seus amigos/as.

Na linha 3, vemos Carla atuando na avaliação das *performances* identitárias de Luan. A avaliação do *post* é construída pela repetição com valor interjetivo da expressão “que que isso”, a união de itens lexicais, formando uma nova palavra “tamaravilhosa” e pela predicação “amiga” (1.3). No contexto das interações digitais, o recurso da repetição de uma palavra e a junção de termos formando uma única palavra são frequentemente

utilizados entre usuários/as das redes sociais *on-line* para dar ênfase a um fragmento de fala. Tais pistas contribuem na construção das *performances* de Luan em semelhança às de Luisa Marilac, principalmente porque os signos “amiga” e “tamaravilhosa” expressam indexicalmente discursos identitários socialmente construídos como do universo feminino. Os índices mobilizados no comentário de Carla parecem promover uma avaliação positiva, quanto aos recursos semióticos utilizados por Luan em suas *performances*.

Em contrapartida, o comentário de Sávio (1.4 e 5) parece causar um realinhamento comunicativo, ao relocalizar Luan, justapondo identificações sociais de gênero/sexualidade e raça²⁴. Sávio (1.4) inicia sua postagem com o signo de identidade “negrinha”, que indica o pertencimento do jovem a um certo tipo de identificação reconhecível culturalmente. A referência “negrinha” posiciona Luan como um garoto negro e de identificações afeminadas. Esse *footing* é construído também pelos itens lexicais “pão com água” e “senzala”, que replicam roteiros socioculturais estigmatizados, com base em uma suposta origem racial, que posiciona Luan como ligado à escravidão e ao trabalho pesado. Além disso, o termo “negrinha” recontextualizado no diminutivo é sugestivo de um *footing* irônico e depreciativo de Sávio em relação às *performances* de Luan e contribuem na construção de um enquadre de zombaria, que sinaliza negociação das relações de poder nessa interação social.

Ao posicionar Luan como negro e afeminado, Sávio faz uso de signos com alto grau de estabilidade em nossa sociedade e que contribuem relacionalmente para a construção de suas próprias *performances* identitárias como garoto branco e heterossexual. Vemos aí que Sávio ao receber a entextualização de Luan, produz alinhamentos pejorativos com relação às *performances* do jovem. Com isso em perspectiva, as ligações indexicais dos referentes “negrinha”, “pão com água” e “senzala” direcionam a citação do texto de Luisa de um modo específico. Enquanto os índices mobilizados no *post* de Luan e no comentário de Carla (1.3) parecem promover a valoração das *performances* de Luan; no comentário de Sávio, as indexicalidades apontam para outra direção: a dos sentidos estigmatizados e desprestigiados.

Em resposta a essa postagem avaliativa, pela assertiva “com todo prazer sou NEGRO da senzala” (1.8), Luan lança mão de recursos semiótico-identitários naturalizados em sociedade, que projetam para si uma identificação que aponta para o masculino. Os termos “NEGRO” em caixa alta, indicando voz alta, juntamente com “senzala” assinalam com cores fortes a dimensão estilizada das *performances* de gênero/sexualidade e raça de Luan. Nessa assertiva, Luan aceita o signo identitário que lhe fora imputado por Sávio, mas em vez de atribuir às suas *performances* uma inferiorização, reivindica valorização por intermédio da enunciação “com todo prazer” (1.8). Ainda, ao iniciar seu *post* com “pode falar nem ligo” (1.8), Luan projeta um *footing* de pessoa não-vitimizada com relação às possíveis práticas depreciativas desse amigo.

²⁴ Para uma discussão mais profunda sobre as intersecções entre *performances* de gênero, sexualidade e raça, ver Guimarães e Moita Lopes (2016).

Nesse enquadre de embate, Luan reposiciona a participação de Sávio pela entextualização da letra de *Funk*²⁵ “eu sei que vc vc vc quer” (l.9). Com apoio da voz da Mulher Melão, ele cria uma associação entre o alinhamento provocador projetado por Sávio e identificações de gênero/sexualidade homoeróticas, sugerindo um suposto desejo sexual de Sávio por Luan. Estrategicamente, o texto mobilizado por Luan parece deslegitimar a vigilância de Sávio, ao colocar em xeque as supostas *performances* de sexualidade heteronormativas do jovem.

No que tange a esse embate, as interações entre Luan e Sávio vão também ganhar avaliações por outros participantes, sugerindo alinhamento positivo quanto ao modo como Luan responde ao *footing* provocador de Sávio. Maria (l.11), ao utilizar-se do recurso “hauhuhuhua” (o qual significa risos no contexto das interações *on-line*) e do *emoticon* :-) (é uma forma de dizer “legal” ou expressar concordância, no contexto das interações *on-line*), parece interpretar e reagir a favor do comentário de Luan. Assim também Sabrina (l.12), ao enunciar “porra se isso é ta na pior, o que é ta bem” entextualiza o fragmento da fala de Luisa Marilac (“se isso é tá na pior, porra! o que quer dizer tá bem, né? – cf. introdução), que, nesse contexto interacional, implica apoio à postagem de Luan.

Assim, como parte da luta pela entextualização do texto de Luisa na construção de suas *performances* nessa rede social, Luan renegocia significados de gênero/sexualidade e raça com base em discursos estereotípicos das identificações sociais. Luan parece conhecer o jogo interacional das relações saber-poder que constroem identificações rígidas para a vida corpórea. Ele se engaja em signos que produzem o efeito de uma identificação específica: negro da senzala, entextualizando aspectos das intersubjetividades racializadas e sexualizadas no nível translocal (da história de repetição de signos que regimenta significados estigmatizados) e, em um nível local, utiliza esses significados a seu favor nas interações do *Facebook*, em contestação aos *footings* projetados por Sávio. Tal combinação evidencia as lutas metadiscursivas e performativas em ação nos eventos comunicacionais, possíveis de serem estudadas somente na interposição dos significados mais locais com os translocais.

Abaixo, no excerto 2, segue a análise de mais uma viagem do vídeo de Luisa em outro encontro interacional. O excerto 2 apresenta novamente dados de uma interação entre Luan e Sávio, iniciada após a finalização de uma atividade realizada por Luan, em uma aula de Filosofia. Na proposta da professora, os/as alunos/as deveriam realizar entrevistas com pessoas de diferentes profissões e questioná-las sobre ética e moral. No referido trabalho, Luan entrevista Lohana, uma pessoa que se identifica como travesti. Esse momento interacional em sala de aula foi composto por enquadres que sinalizavam alinhamentos de reprovação à entrevista com a travesti. A esse respeito, as sinalizações indexicais dos referentes avaliativos, trazidos no evento discursivo, apontaram que a fala de Lohana não era legítima nessa prática

²⁵ “Você Quer?” (também conhecida como *Você, Você, Você, Você, Você, Você, Você Quer?*) é uma canção da funkeira brasileira Mulher Melão.

interacional. Contudo, Luan não se deixa vencer e, novamente, lutas metadiscursivas aparecem em ação.

O excerto 2, abaixo, apresenta parte da conversa entre Luan e Sávio. No excerto, queremos chamar a atenção novamente para o modo como Luan renegocia seus textos, com foco na citação da fala de Luisa Marilac e nas consequências interacionais e identitárias dessa entextualização. Após a apresentação de sua entrevista com a travesti, Luan dirige-se para seu lugar e se engaja em uma conversa com Sávio, projetando um enquadre de conversa não institucionalizada e que ocorre em paralelo ao enquadre institucional de apresentação de trabalho na escola.

Excerto 2²⁶:

- 59 Sávio: ° vocês ficam querendo justificar a boiolicice @@@° ((fala olhando para Luan))
- 60 Luan >°você fica falando que sou viado por causa disso ?° <=
- 61 Sávio: =tô brincando
- 62 Luan: °eu só acho que farinha do mesmo saco não dá opinião contra
- 63 [eu sei que você conhece muito bem as gírias de travesti e gay°]
- 64 Professora: [Talita e João. agora são vocês?]
- 65 Sávio: nada a ver, todo mundo conhece
- 66 Bruno: hum:: eu não conheço nenhuma gíria de gay @@@
- 67 ((fala para Sávio levantando-se da cadeira))
- 68 Luan: o povo sabe que você gosta de tomar bons drinks! ((risos da turma))

Neste momento interacional, vemos Sávio interpelando as *performances* de Luan, ao final de sua apresentação. Na linha 59, a expressão “justificar a boiolicice”, cria uma aparente relação entre as *performances* identitárias de Lohana e identificações de gênero/sexualidade homoeróticas. O alinhamento de Sávio parece evocar expectativas de gênero vigentes, que relacionam a fala entextualizada de Lohana às supostas práticas homoeróticas de Luan, além de apontar para um sentido que desqualifica a fala de Lohana e, conseqüentemente, a apresentação de Luan, nesse contexto interacional.

Na linha 60, em resposta a Sávio, Luan projeta um *footing* questionador dessa suposta correlação entre a voz de Lohana e suas próprias *performances* de gênero/sexualidade, ao dizer “você fica falando que sou viado por causa disso?”. Imediatamente, em fala quase simultânea, Sávio reenquadra aquele momento interacional como uma brincadeira, ao enunciar “tô brincando” (l.61). Esse enunciado promove uma ligação indexical que localiza o ato de estigmatização, pela predicação “boiolicice”, na

²⁶ Veja no anexo I as convenções de transcrição utilizadas.

ambiguidade da brincadeira (favorecida pela proximidade entre os sujeitos), podendo atenuar, estrategicamente, um posicionamento de maior agressividade de Luan.

Entretanto, tal indexicalidade parece não ser ratificada por Luan, que vai contestar a fala de Sávio, ao dizer que “farinha do mesmo saco não dá opinião contra” (l.62). Nessa declaração, Luan instaura uma relação simétrica entre ele e Sávio, fazendo uso de uma expressão idiomática “farinha do mesmo saco” para posicionar Sávio em semelhança às suas *performances* homoeróticas. Nesse jogo, Luan produz performativamente o efeito de uma identificação específica para si e para Sávio: garotos de sexualidade homoerótica. Em continuação, na linha 63, ao afirmar “eu sei que você conhece muito bem as gírias de travesti e gay”, Luan posiciona Sávio também em associação a vozes do universo *trans* e das identificações gay.

No jogo de negociação de sentidos, Sávio responde “nada a ver, todo mundo conhece” (l.65). Nesse fragmento, Sávio parece posicionar-se em defesa de sua heterossexualidade, reenquadrando a situação e protegendo-se dos sentidos indexicais que a expressão idiomática “farinha do mesmo saco” pressupõe na construção daquele contexto interacional. Entretanto, Luan novamente não aceita a discordância de Sávio e faz, na linha 68, uma relação direta entre o *footing* de Sávio e a *performances* de Luisa Marilac. A fala de Luisa é recontextualizada, na linha 68, pela citação “bons drinks”, que serve como um recurso semiótico-identitário que indexicaliza as identificações da travesti.

No que tange à negociação das *performances* identitárias, tal citação é uma pista que posiciona Sávio nas mesmas fronteiras identitárias de Luisa Marilac, colocando em xeque a segurança ontológica das identificações de masculinidade heteronormativa, frequentemente encenada por Sávio nas interações da escola. Estrategicamente, Luan desloca o olhar das diferenças, desestabilizando a autoridade desse outro hegemônico, que fala de um lugar aparentemente heteronormativo. No nível da negociação dos significados válidos em sala de aula, a recontextualização da fala de Luisa entra também no jogo de contestação das sinalizações indexicais que a enunciação “justificar a boiolice” parece promover. Em resumo, o excerto 2 deixa entrever que a disputa pela construção de significados válidos no contexto da escola ocorre na recontextualização de signos identitários cristalizados no tempo, que estão em fricção com *performances* situadas.

Considerações finais

Acreditamos que este artigo nos faça pensar sobre aspectos relevantes em relação à mobilidade dos recursos semióticos na contemporaneidade e a construção de significados. Em primeiro lugar, as interações analisadas são elucidativas de um tipo de fluxo que é característico das interações contemporâneas. Neste artigo, a mobilidade foi considerada na proposta de uma metodologia etnográfica multissituada (MARCUS, 1995), em que um dos autores seguiu as trajetórias dos textos sobre gênero, sexualidade

e raça que tiveram a participação de Luan, o participante focal da referida pesquisa. A observação etnográfica de como os sujeitos recontextualizam recursos semióticos em suas interações cotidianas, partindo do texto de Luisa Marilac, que usa uma estilização identificável como pertencente ao universo trans para criar seu próprio vídeo, passando pela observação de sua recepção nas interações de Luan com seus/as amigos/as *on-line* e na escola, permitiu ver como as viagens textuais estão intensificadas na vida contemporânea.

Em segundo lugar, as interações de Luan com seus colegas entextualizaram vozes e palavras alheias, que não são meras cópias do que foi dito. Como observa Pennycook (2010), na repetição há também espaço para o exercício da criatividade e para resignificação. Nas cenas analisadas, Luan e seus colegas, ao recotextualizarem a fala de Luisa Marilac, estão moldando esse discurso aos seus propósitos comunicacionais. Obviamente, a entextualização do vídeo de Luisa promoveu sinalizações indexicais que vão além das fronteiras textuais, semânticas ou linguísticas. Esses textos, ao viajarem de um evento para o outro e ao serem recontextualizados, produziram localmente relações de significado que são históricas, sociais e identitárias. Nos excertos, as performances de Luan são estrangidas por uma matriz branca e heteronormativa, por meio de discursos racistas e homofóbicos que povoam os comentários de Sávio. Na interação com esses discursos, lutas metadiscursivas ocorreram no jogo das relações de força entre Luan e o colega, tanto nas interações *on-line* como na sala de aula. Estrategicamente, ao contestar os lugares desprivilegiados no qual Sávio o localizou, Luan entextualiza signos cristalizados de raça e de sexualidade e os utiliza a seu favor nas interações com Sávio. Tais embates mostraram como suas entextualizações discursivas são utilizadas produtiva e agentivamente a serviço de uma micropolítica de destruição das posições hegemônicas nas relações com esse colega.

Daí a necessidade de compreender textos (sejam eles orais ou escritos) como elos na cadeia de comunicação discursiva de um determinado campo (BAKHTIN, 2003 [1953], p.296). Os ganhos dessa visão para os estudos da linguagem são evidentes, pois deslocam o foco da linguagem como pura, transparente e separada da vida cotidiana para a observação dos efeitos performativos e ideológicos dessas unidades linguísticas que se agrupam como textos (MOITA LOPES, 2013; 2015). Compreender a análise linguística sob esse ponto de vista promove um deslocamento teórico, analítico e metodológico da “linguística do sistema” para a “linguística da mobilidade”, percorrendo múltiplas cadeias de entextualizações e trajetórias.

Trata-se de uma reivindicação orientadora de estudos contemporâneos no campo da antropologia linguística (BAUMAN; BRIGGS, 1990; SILVERSTEIN; URBAN, 1996) e da sociolinguística (AGHA, 2005; 2007; BLOMMAERT, 2005; 2010; BLOMMAERT; RAMPTON, 2011). No Brasil, os trabalhos de Guimarães e Moita Lopes (2016), Fabrício (2013, 2015), Silva (2014), Melo e Moita Lopes (2014) são exemplos de estudos que contemplam essa perspectiva. São posicionamentos teórico-analíticos e também políticos que apontam para a natureza entextualizável, performativa, indexical da interpretação dos signos e dos textos. Contudo, essa lógica,

ainda pouco explorada no campo dos estudos linguísticos, clama por outros estudos que enfoquem diferentes aspectos analíticos das mobilidades contemporâneas dos textos, principalmente no que tange à luta pelas recontextualizações na construção das identificações na vida social.

Agradecimentos

A Profa. Dra. T. Guimarães é grata ao CNPq pela bolsa 163647/2014-3, no âmbito do Edital MEC/CAPES e MCT/CNPq/FINEP Nº 28/2010 - Programa Nacional de Pós-Doutorado - PNPd 2010, que possibilitou este estudo. Tal bolsa foi concedida ao Projeto “Letramentos Digitais Singularidades do Ethos, Performances e Narrativas Identitárias”, de autoria de Luiz Paulo da Moita Lopes - Professor Titular da UFRJ (CNPq 560303/2010-06).

L. P. Moita Lopes (Professor Titular - UFRJ) agradece ao CNPq pela Bolsa de Produtividade que propiciou esta pesquisa (CNPq 3033-1/2009-0), assim como ao auxílio à pesquisa da FAPERJ (E -26/110.065/2012) e ao PNPd 2010 (MEC/CAPES e MCT/CNPq/FINEP) referido na nota anterior. Agradece também ao CNPq pelo auxílio (470547/2012-0), concedido pelo Edital Universal (14-2012).

GUIMARÃES, T.; MOTA, L. Trajectories of a viral text in different communicative events: entextualisation, indexicality, identity performances and ethnography. *Alfa*, São Paulo, v.61, n.1, p.11-33, 2017.

- *ABSTRACT: Drawing on a multisited ethnographic study, this article analyses the trajectory of a viral text in different communicative encounters. We explore the modes through which the processes of recontextualization of Luisa Marilac’s video - a trans-woman who identifies herself as a transvestite – is recontextualized in Luan’s identity performances as a black and homoerotic boy along with his interlocutors in social networks and at school. We focus on language-in-motion as sociointeractional action, permeated by indexical values which signal broader social phenomena. We take into account the theorizing of performance, of entextualization, and of indexicality. The analysis shows how fragments of Luisa Marilac’s video are recontextualized in Luan’s interactions with classmates and with Facebook friends. We argue that the analysis of the circulation of a text opens up differentiated possibilities for the understanding of identification processes, social hierarchies, and power-laden relations which constitute contemporary interactional practices.*
- *KEYWORDS: Recontextualization. Identity performances. Indexicality and multisited ethnography.*

REFERÊNCIAS

AGHA, A. Semiosis across encounters. **Journal of Linguistic Anthropology**, University of Pennsylvania, n.15, p.1-5, 2005.

_____. **Language and social relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1953]. p.261-306.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Poetics and *performance* as critical perspectives on language and social life. **Annual Review of Anthropology**, California, n.19, p.59-88, 1990.

BAUMAN, R. **Story, performance and event: contextual studies of oral narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BLOMMAERT, J. **Discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BLOMMAERT, J.; RAMPTON, B. Language and superdiversity: a position paper. **Working papers in urban language & literacies**, London: King's College, n.70, p.1-22, 2011.

BLOMMAERT, J.; MALY, I. Ethnographic linguistic landscape analysis and social change: A case study. **Tilburg papers in culture studies**, Tilburg University, n.100, p.1-28, 2014.

BLOMMAERT, J.; WESTINEN, E.; LEPPANEN, S. Further notes on sociolinguistic scales. **Tilburg papers in culture studies**, Tilburg University, n.89, p.1-11, 2014.

BORBA, R. **(Des) aprendendo a “ser”**: trajetórias de socialização e *performances* narrativas no Processo Transexualizador. 206 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BUCHOLTZ, M. The politics of transcription. **Journal of Pragmatics**, Texas: Elsevier, n.32, p.1439-1465, 2000.

BUTLER, J. **Bodies that Matter: on the discursive limits of ‘sex’**. Nova York e Londres: Routledge, 1993.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].

COLLINS, J. Indexicalities of language contact in an era of globalization: engaging with John Gumperz's legacy. **Text & talk**, Germany, n.31, p.407-428, 2011.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic Masculinity: rethinking the concept. **Gender & Society**, London: Sage Publications, n.19, p.829-859, 2005.

FABRÍCIO, B. F. Trajectories of socialization in school transcontexts: discourse journeys on gender and sexuality. **Working Papers on Urban Languages and Literacies**. King's College, n.94, p.1-24, 2012.

_____. A "outridade lusófona" em tempos de globalização: identidade cultural como potencial semiótico. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

_____. Policing the borderland in a digital lusophone territory: the pragmatics of entextualization. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Global Portuguese: linguistic ideologies in late modernity**. Nova York: Routledge, 2015. p.1-27.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009 [1970].

GOFFMAN, E. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. New York: Harper & Row, 1974.

_____. **Forms of Talk**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1981.

GUIMARAES, T. F. **Embates entre performances corpóreo-discursivas em trajetórias textuais: uma etnografia multissituada**. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

GUIMARÃES, T. F.; MOITA LOPES, L. P. Entextualizações estratégicas: performances sensualizadas de raça em práticas discursivas na Web 2.0. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, v.16, n.2, p.289-307, mai.-ago. 2016.

GUMPERZ, J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre, Edições Loyola, 2002 [1982]. p.98-119.

HINE, C. **Virtual ethnography**. London: Sage Publications, 2000.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **La conversation**. Paris: Seuil, 1996.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUS, G. E. Ethnography in/of the world system. The emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review of Anthropology**, California, n.24, p.95-117, 1995.

MELO, G. C. V.; MOITA LOPES, L. P. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. **Linguagem em (dis)curso**, v.14, n.3, p.653-685, 2014.

MOITA LOPES, L. P. Como e por que teorizar o português: recursos comunicativos em sociedades porosas e em tempos híbridos de globalização cultural. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p.101-119.

_____. Introduction: linguistic ideology: how Portuguese is being discursively constructed in late modernity. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Global Portuguese: linguistic ideologies in late modernity**. Nova York: Routledge, 2015. p.1-27.

PENNYCOOK, A. *Performance* and performativity. In: PENNYCOOK, A. **Global englishes and transcultural flows**. London: Routledge, 2007.

_____. **Language as a Local Practice**. Londres: Routledge, 2010.

RAMPTON, B. **Language in late modernity: interaction in an urban school**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SILVA, D. N. O texto entre a entextualização e a etnografia: um programa jornalístico sobre belezas subalternas e suas múltiplas recontextualizações. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, n.14, p.67-84, 2014.

SILVA, D. N.; ALENCAR, C. N. Violência e significação: uma perspectiva pragmática. In.: SILVA, D. N.; FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. (Org.). **Nova Pragmática – modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and dialectics of sociolinguistic life. **Language & communication**, University of Chicago, n.23, p.193-229, 2003.

SILVERSTEIN, M.; URBAN, G. (Ed.). **Natural histories of discourse**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In.: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. (Org.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Loyola, 2002. p.183-214.

VARIS, P.; BLOMMAERT, J. Conviviality and collectives on social media: Virality, memes, and new social structures. **Tilburg Papers in Culture Studies**, Tilburg University, n.108, p.1-21, 2014.

VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**. University of Oslo, n.30, p.1024-1054, 2007.

_____. Towards post-multiculturalism? Changing communities, contexts and conditions of diversity. **International Social Science Journal**, London, New York: Routledge, n.199, p.83-95, 2010.

WITTEL, A. Ethnography on the Move: From Field to Net to Internet. **Forum: Qualitative Social Research (FQS)**, v.1, n.1, p.21-41, 2000.

WORTHAM, S. **Narratives in action**. New York: Teacher College Press, 2001.

_____. **Learning Identity**: The joint emergence of social identification and academic learning. New York, CUP, 2006

WOYDACK, J.; RAMPTON, B. Text trajectories in a multilingual call center: The linguistic ethnography of a calling script. **Working papers in urban language & literacies**. King's College, n.147, p.1-24, 2015

Anexo 1

Adaptado de Bucholtz (2000)

[]	sobreposição de turnos (mais de um interlocutor falando ao mesmo tempo)
MAIÚSCULAS	volume mais alto
> texto<	fala mais acelerada
((texto))	marcações da cena, comentários do transcritor
texto	ênfase no som
:	alongamento de vogal
,	subida leve na entonação (entonação contínua)
?	Fim da unidade de entonação; Entonação crescente.
!	Fim da unidade de entonação; Ênfase na entonação decrescente.
.	Entonação decrescente
° fala °	volume baixo
fala =	turno de fala contíguos (sem lapso de tempo interveniente)
@@@	risada

Recebido em setembro de 2015

Aprovado em setembro de 2016

IDEOLOGIA, FORÇAS PRODUTIVAS E PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO: A PALAVRA *SELFIE* COMO SIGNO IDEOLÓGICO

Luiz Rosalvo COSTA*

- **RESUMO:** Assumindo o pressuposto de que as bases da teoria linguística do Círculo de Bakhtin (resultante da conjugação dos trabalhos de Volóchinov, Medviédev e Bakhtin) constroem-se em diálogo com tradições teóricas entre as quais o marxismo ocupa papel importante, o presente artigo discute aspectos sobre o modo como a compreensão desse grupo acerca do estatuto das relações entre *infraestrutura* e *superestruturas* e articula com a concepção de *signo ideológico*. A partir daí, apoiado nas noções de *reflexo* e *refração*, focaliza a palavra *selfie* com o intuito de analisá-la na condição de signo em que se condensam ideias, sentidos e valores associados a processos de reorganização das forças produtivas na contemporaneidade e, nessa linha de raciocínio, propõe a conclusão de que esse vocábulo, ao ilustrar exemplarmente proposições do Círculo a respeito dos nexos entre a existência socioeconômica e a consciência social, pode ser visto como um território signico no qual se refletem e se refratam traços fundamentais da sociedade atual.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Ideologia. Discurso. Círculo de Bakhtin. Signo ideológico. Infraestrutura. Superestrutura.

Introdução

A reflexão desenvolvida pelo grupo conhecido no mundo ocidental como Círculo de Bakhtin¹ tem se tornado nos últimos anos uma das mais importantes fontes teóricas para estudos interessados no discurso enquanto atividade de linguagem constituída *em e por* processos de interação desenvolvidos no âmbito de práticas sociais historicamente

* USP – Universidade de São Paulo. Grupo de Pesquisa Diálogo e Grupo de Estudos do Discurso. São Paulo – SP – Brasil. 05508-900 – luizrosalvo@uol.com.br

¹ Não poderia caber nas dimensões e propósitos deste texto a abordagem das controvérsias relativas ao Círculo, que envolvem desde a autoria dos chamados textos disputados até a efetiva existência de um círculo em torno de Bakhtin e o verdadeiro papel desempenhado por ele no grupo. Em benefício da clareza da argumentação aqui desenvolvida, cabe, no entanto, registrar que, em consonância com posições defendidas em Costa (2014), os trabalhos de Medviédev, Volóchinov e Bakhtin são tomados neste artigo como produções individuais articuladas por preocupações compartilhadas e por uma concepção de linguagem de fundo comum. Nessa perspectiva, tomam-se por autores das obras aqui discutidas aqueles sob cujos nomes elas foram originalmente publicadas. Para uma ampla discussão sobre as aludidas controvérsias, podem ser consultados, entre outros, Sériot (2010), Bronckart; Bota (2012), Vasilev (2006) e Morson; Emerson (2008).

situadas. Dado que as bases dessa reflexão se constituem em diálogo com diferentes tradições presentes no contexto intelectual da Rússia no início do século XX, minha intenção neste artigo, que retoma e elabora proposições sugeridas em Costa (2014), é discutir a interlocução do Círculo com a tradição marxista e explorar a ideia de que um dos principais eixos da concepção de linguagem proposta pelo grupo, na qual se postula a natureza ideológica do signo, assenta-se em um determinado entendimento das relações entre, de um lado, as formas e os processos de produção e reprodução da existência material e, de outro, as ideias, imagens, valores, significados e sentidos em circulação nas diversas esferas da vida social, ou seja, o que na tradição marxista se denomina *infraestrutura* e *superestrutura*. Seguindo linhas de análise sugeridas por essa concepção, focalizo mais adiante o vocábulo *selfie*, com a intenção de mostrar aspectos a partir dos quais essa palavra, na qualidade justamente de signo ideológico, articula-se com a questão das relações entre as forças produtivas e os processos de significação na sociedade.

A ciência das ideologias e o diálogo com o marxismo

A presença da questão *infraestrutura-superestrutura* na obra do Círculo aparece de modo visível particularmente nos textos de Medviédev e Volóchinov e enuncia-se de imediato no fato de esses autores nortearem o trabalho desenvolvido por eles na década de 1920 pelo projeto de construção de uma ciência das ideologias. Tal projeto, sintonizado com a agenda do Instituto de História Comparada de Literaturas e de Línguas do Ocidente e do Oriente – ILI a ZV², onde os dois estudiosos atuaram, é nitidamente explicitado, no caso de Medviédev, em *O método formal nos estudos literários* (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]). No caso de Volóchinov, alusões a esse propósito encontram-se, por exemplo, no *Rapport d'activité à L'ILJAZV pour l'année académique 1927-1928* (VOLOSHINOV, 2010 [1928]) e em *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLOSHINOV, 2002 [1929]).

Embora no decorrer do empreendimento eles incorporem à sua concepção de linguagem uma compreensão própria do fenômeno ideológico, em certos aspectos afastada do marxismo ortodoxo, uma das referências iniciais desse trabalho é a maneira pela qual a tradição marxista (difundida na Rússia nesse momento principalmente pelas obras de autores como Plekhânov (1978 [1908]; 1987 [1897]) e Bukhârin (1970 [1921]) concebe a relação entre os sistemas de ideias, valores e significados (morais, filosóficos, estéticos, científicos, religiosos etc.) e a realidade socioeconômica, ou, em outros termos, entre as *superestruturas ideológicas* e a *base material* da sociedade.³

² Instituição de pesquisa de Leningrado, onde, durante os anos 1920, realizavam-se diversos estudos linguísticos e literários e onde atuaram, além de Medviédev e Volóchinov, pesquisadores como Boris Eichenbaum, Boris Tomachevski, Vladimir Shishmarev, Viktor Zhirmunski, Lev Sherba e Lev Iakubinski. Sobre a importância do instituto no cenário intelectual soviético, conferir Brandist (2006; 2012).

³ Nexos entre a obra do Círculo de Bakhtin e autores marxistas como, por exemplo, Bukhârin, Plekhânov e Lukács já foram objeto de interesse de vários estudiosos, entre os quais merecem destaque Brandist (2000; 2002) e Tihanov (1998;

A deferência a essa tradição é estampada logo nas primeiras páginas de *O método formal nos estudos literários* (1928), em que Medviédev apresenta o quadro teórico ao qual se filia a proposta da ciência das ideologias:

Os fundamentos dessa ciência das ideologias foram profunda e solidamente alicerçados no marxismo, que formulou uma definição geral das *superestruturas ideológicas, de suas funções na unidade da vida social, de suas relações com a base econômica* e, em parte, também da relação interna entre elas (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p.43, grifos meus).

Mais adiante, a adesão ao cânone marxista volta a ser afirmada, quando, reiterando um dos princípios básicos desse cânone, Medviédev enfatiza a ideia de que as formas de consciência são determinadas pela existência material e sustenta que o meio ideológico corresponde à

[...] consciência social de uma dada coletividade, realizada, materializada e exteriormente expressa. *Essa consciência é determinada pela existência econômica e, por sua vez, determina a consciência individual de cada membro da coletividade* (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p.56, grifos meus).

No mesmo texto, no entanto, Medviédev marca o afastamento do Círculo em relação a posições da ortodoxia, ao recusar a ideia de que essa determinação se dê de forma mecânica e que, portanto, a superestrutura seja um reflexo direto da infraestrutura. Para ele,

Os marxistas frequentemente subestimam a união concreta, a singularidade e a importância do meio ideológico e passam apressados demais e de maneira imediata do fenômeno ideológico isolado às condições do meio socioeconômico de produção. Nesse caso, perde-se de vista o fato de que o fenômeno isolado é somente parte dependente do meio ideológico concreto e é determinado de forma direta por ele de modo mais imediato. Pensar que as obras particulares e separadas da união do mundo ideológico sejam determinadas, em seu isolamento, de forma direta por fatores econômicos é tão ingênuo quanto considerar que uma rima ajusta-se com outra rima e uma estrofe com outra dentro dos limites de um poema sob o efeito da ação imediata da causalidade econômica (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p.57-58).

2000). Sobre o diálogo do Círculo com o marxismo a partir da dicotomia gêneros primários-gêneros secundários, vale a pena conferir Grillo (2008).

Posição afinada com a de Medviédev é assumida por Volóchinov, que dedica todo o segundo capítulo de *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929) justamente ao estudo da “Relação entre a infraestrutura e as superestruturas”. Aí, tal como Medviédev, Volóchinov também toma como parâmetro o referencial marxista e, desenvolvendo proposições já presentes em *O método formal nos estudos literários* (1928), refuta a ideia de que as relações entre infraestrutura e superestrutura possam ser explicadas por uma causalidade mecânica. Para ele, uma adequada compreensão dessas relações não pode deixar de levar em conta as especificidades e a influência recíproca das diferentes esferas ideológicas, nas quais, sob a ação de diferentes mediações, refletem-se e refratam-se os condicionamentos da infraestrutura.

Ao mesmo tempo, portanto, em que faz da matriz epistemológica marxista o interlocutor privilegiado para a formulação de suas proposições acerca de como a linguagem se articula com o problema das relações entre as formas de produção e reprodução da existência social material e as superestruturas ideológicas, Volóchinov (a exemplo de Medviédev) não se furta a marcar o seu afastamento do marxismo ortodoxo em aspectos cruciais. Primeiro, ao assinalar a reciprocidade de condicionamento entre infraestrutura e superestrutura.⁴ Segundo, ao afirmar que as determinações da estrutura econômica não apenas se refletem, mas também se refratam no signo.

Este, aliás, um ponto fundamental em que o Círculo singulariza a sua visão de ideologia e assinala a especificidade do seu entendimento quanto à controvertida dicotomia infraestrutura-superestrutura, a qual, manuseada inicialmente por Marx e Engels para combater o idealismo (em que se atribuía às ideias o papel de protagonistas dos processos históricos) e sustentar o caráter determinante da existência material e das relações de produção na configuração do todo social, em desenvolvimentos ulteriores acabou se transformando em um modelo excessivamente esquemático e reducionista de descrição da sociedade, entendida, a partir da aplicação mecânica desse modelo, como uma realidade linear e vertical formada por dois planos, níveis ou camadas sobrepostas: uma base material e, acima e depois dela, uma superestrutura ideológica que seria o *reflexo* posterior (invertido ou não) das relações travadas no nível dessa base. Tal caminho, como salienta Williams (1979), acabou por enfraquecer o potencial crítico do construto de Marx e, sucumbindo ao “dualismo ingênuo do materialismo mecânico” (WILLIAMS, 1979, p.64), perdeu de vista a explicação do real como uma totalidade na qual as ideias e a consciência, conquanto determinadas pela existência social material, são também, simultânea e indissolúvelmente, constituintes dessa existência.

Uma das formas pelas quais esse reducionismo ganhou expressão foi a tendência a enxergar na forma de similitudes as correspondências entre os fenômenos da superestrutura e os elementos da infraestrutura de que eles seriam o reflexo. Exemplos desse procedimento podem ser encontrados mesmo na obra de marxistas de grande estatura, como Bukhárin (1970 [1921], p.194) (na passagem em que ele compara

⁴ Esse entendimento é apresentado no texto, por exemplo, na seguinte passagem: “O problema da *relação recíproca* entre a infraestrutura e as superestruturas...” (MEDVIÉDEV, 2002 [1929], p.41, grifo no original).

a divisão entre corpo e alma, no plano religioso, com a divisão entre diretores e executantes, no plano da produção fabril) e Plekhánov (1978 [1908], p.66) (quando afirma que “a filosofia de Descartes reflete muito vivamente as necessidades da evolução econômica” ou que “a curva do movimento intelectual toma uma direção paralela à curva do desenvolvimento econômico e à do desenvolvimento social e político, condicionado também pelo precedente”).

Em diálogo crítico com essa tradição, o trabalho do Círculo preferiu explorar elementos do marxismo sem necessariamente aderir às inclinações mecanicistas de algumas de suas correntes e, no que diz respeito às relações entre a realidade socioeconômica e as superestruturas ideológicas, isso se expressou, por exemplo, no entendimento de que as determinações de uma sobre as outras se realizam por meio de operações não apenas de *reflexo* mas também de *refração*. Nessa perspectiva, conhecer os modos pelos quais isso se dá consiste justamente em uma das tarefas do estudo das ideologias:

De fato, a essência deste problema, naquilo que nos interessa, liga-se à questão de saber *como* a realidade (a infraestrutura) determina o signo, *como* o signo reflete e refrata a realidade em transformação (VOLÓCHINOV, 2002 [1929], p.41, grifo no original).

É no interior desse quadro que, durante os anos 1920, o entendimento do Círculo acerca das relações entre infraestrutura e superestrutura vai se ligar intimamente à sua concepção de *signo ideológico*.

Signo ideológico e psicologia social

Em discordância, pois, com a posição predominante no marxismo mais vulgarizado na época, o Círculo propõe um modo de compreender as relações entre infraestrutura e superestrutura que, ao associar à noção de *reflexo* a ideia de *refração*, concebe a ideologia da sociedade como um conjunto de significados e sentidos materializados em objetos-signo e em *enunciados* concretos nos quais se refletem e se refratam as determinações emanadas das estruturas econômicas e políticas da sociedade.⁵

Inseridos em práticas discursivas e sociais em diferentes esferas de atividade e de comunicação, esses objetos-signo e enunciados concretos constituem, assim, territórios em que (sob a ação de diversas mediações, entre as quais as dos *gêneros* discursivos) manifestam-se, de maneira refletida e refratada, as negociações, os embates e, conseqüentemente, a correlação das forças em disputa na existência social material.

⁵ Para uma discussão detalhada sobre as ideias de *reflexo* e de *refração* na Rússia, no início do século XX, conferir Bondarenko (2008).

Uma das originalidades dessa concepção reside justamente no fato de pensar o signo (e por extensão, o *enunciado*) como um terreno inerentemente atravessado pelo conflito, dado que a realidade material (o ser) que nele se manifesta é o resultado dialético de um processo de contradições e antagonismos. Nas palavras de Volóchinov (2002 [1929], p.46, grifos no original):

O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também *se refrata*. O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: *a luta de classes*.

Nessa perspectiva, os objetos-signo e os enunciados nos quais e pelos quais se constitui a ideologia são também arenas em que transfiguradamente se desenrolam lutas sociais e embates entre as posições em confronto na sociedade.

Também aqui se vê uma total sintonia com a reflexão desenvolvida por Medviédev, que, em *O método formal nos estudos literários* (1928), argumenta:

Suponhamos o seguinte caso. Dois grupos sociais inimigos dispõem de um mesmo material linguístico, isto é, de um léxico absolutamente idêntico, e das mesmas possibilidades morfológicas e sintáticas, e assim por diante.

Nessas condições, se as diferenças de nossos dois grupos sociais estiverem condicionadas pelas premissas socioeconômicas fundamentais de sua existência, as mesmas palavras terão entonações profundamente diferentes; nas mesmas construções gramaticais gerais, elas serão inseridas em combinações semânticas e estilísticas profundamente diferentes. As mesmas palavras irão ocupar um lugar hierárquico diferente na totalidade do enunciado, como ato social concreto.

Uma combinação de palavras em um enunciado concreto ou em uma apresentação literária é sempre determinada pelos seus coeficientes de avaliação e pelas condições sociais de realização desse enunciado (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p.187).

Levando ainda mais longe esse raciocínio, Volóchinov entende que, da mesma forma que a ideologia, o signo (e, por extensão, o enunciado) constitui-se não como uma mera representação (ou reflexo) da realidade, mas como uma instância na qual a imagem da realidade que se projeta é uma imagem disputada, negociada, atravessada por lutas e acentos apreciativos conflitantes e, por isso, uma imagem *refratada*, virtualmente transfigurada.

Um outro aspecto igualmente importante para Volóchinov no tocante à relação infraestrutura-superestrutura é o papel desempenhado pelas mediações, entre as quais

merece grande destaque a psicologia social, que, presente já nas sistematizações de Plekhánov e Bukhárin, é entendida como o conjunto difuso de crenças, “noções fragmentárias”, ideias dispersas, “valores não refletidos”, “modos de pensar”, “opiniões correntes”, “gostos”, “julgamentos variados”, “representações não refletidas” (BUKHÁRIN, 1970 [1921], p.244) ainda não organizadas nos sistemas ideológicos constituídos (moral, ciência, filosofia, religião etc.).

Vê-se, assim, que para esses autores há uma contiguidade e uma implicabilidade entre a psicologia social e a ideologia: esta é a depuração daquela. Nesse sentido, diz Bukhárin (1970 [1921], p.253, grifos no original):

A psicologia social é de certa maneira um reservatório para a ideologia [...] Vimos no princípio deste parágrafo que a ideologia se distingue por uma maior sistematização de seus elementos, isto é, dos pensamentos, sentimentos, sensações, imagens etc. Que é que a ideologia sistematiza? Ela sistematiza aquilo que está pouco sistematizado ou que não está absolutamente sistematizado, isto é, a psicologia social. *As ideologias são as cristalizações da psicologia social.*

Praticamente a mesma concepção aparece em Volóchinov, para quem a psicologia social, denominada também de *ideologia do cotidiano*,⁶ mantém com os sistemas ideológicos uma relação orgânica. Uma diferença digna de nota, como salienta Tihanov (1998), é que, enquanto Bukhárin parece conceder um papel de superioridade à ideologia, em detrimento da psicologia social, Volóchinov confere a esta uma grande importância, considerando-a um alimento vital das ideologias constituídas. Numa formulação que ao mesmo tempo retoma e ultrapassa Bukhárin, ele sustenta que

[...] os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez, em retorno, uma forte influência e dão assim o tom a essa ideologia. Mas ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos constituídos conservam constantemente um elo orgânico com a ideologia do cotidiano; alimentam-se de sua seiva, pois fora dela morrem, assim como morrem, por exemplo, a obra literária acabada ou a ideia cognitiva se não são submetidas a uma avaliação crítica viva (VOLÓCHINOV, 2002 [1929], p.119).

Assim, no tocante ao modo como Volóchinov concebe as relações entre a infraestrutura e as superestruturas ideológicas, a psicologia social (ou ideologia do cotidiano) tem uma importância capital, pois, “por um lado, ela está diretamente

⁶ Nas palavras do próprio Volóchinov: “[...] podemos dizer que a ideologia do cotidiano corresponde, no essencial, àquilo que se designa, na literatura marxista, sob o nome de ‘psicologia social’” (2002 [1929], p.119).

vinculada aos processos de produção e, por outro lado, diz respeito às esferas das diversas ideologias especializadas e formalizadas” (VOLÓCHINOV, 2002 [1929], p.37).

Nessa condição de instância intermediária, é nela que se gestam os grandes processos e movimentos de ideias depois organizadas e formalizadas nos sistemas ideológicos constituídos. É aí que se encontram as formas embrionárias dos sentidos e significados que vão ganhando corpo até se cristalizar nas ideias, valores e padrões estabelecidos na sociedade. “Conversas de corredor”, “trocas de opiniões”, interações fortuitas e demais modalidades de comunicação da vida cotidiana constituem, para Volóchinov, a matéria-prima, as formas submersas da criação ideológica ininterrupta. É nesse tipo de comunicação que se acumulam “mudanças e deslocamentos quase imperceptíveis que, mais tarde, encontram sua expressão nas produções ideológicas acabadas” (VOLÓCHINOV, 2002 [1929], p.42).

A importância da palavra e o método de estudo do signo ideológico

Compreender os modos pelos quais a estrutura socioeconômica se relaciona com o universo ideológico, sem deixar de levar em conta as mediações da ideologia do cotidiano e os processos de reflexo e refração do ser no signo é, pois, uma das tarefas básicas da ciência das ideologias e pressupõe certas condições e procedimentos. Para começar, não se deve ignorar que o signo é o resultado de processos de luta e de negociação entre indivíduos socialmente organizados e em interação, razão pela qual, diz Volóchinov, suas formas (as dos signos) “*são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece*” (VOLÓCHINOV, 2002 [1929], p.44, grifos no original).

Assim, mudanças na organização social material dos indivíduos não de se fazer sentir nos signos em circulação. Segundo Volóchinov, somente uma abordagem atenta a essa correlação

[...] pode dar uma expressão concreta ao problema da mútua influência do signo e do ser; é apenas sob esta condição que o processo de determinação causal do signo pelo ser aparece como uma verdadeira passagem do ser ao signo, como um processo de refração realmente dialético do ser no signo (VOLÓCHINOV, 2002 [1929], p.44).

O caminho para esse trabalho de compreensão dos processos de determinação do signo pelo ser, isto é, pela existência social material, não se encontra pronto de antemão. Trata-se de uma construção, para a qual Volóchinov (2002 [1929], p.44) sugere alguns passos, algumas “regras metodológicas”. Em primeiro lugar, diz ele, é necessário “*não separar a ideologia da realidade material do signo*” (VOLÓCHINOV, 2002 [1929], p.44, grifo no original), situando-a, como faz o subjetivismo idealista, no plano da consciência individual ou em “qualquer outra esfera fugidia e indefinível”

(VOLÓCHINOV, 2002 [1929], 2002 [1929], p.44). Em segundo lugar, é preciso “*não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social*” (VOLÓCHINOV, 2002 [1929], p.44, grifos no original), ou seja, não deixar de considerá-lo no interior de um sistema de comunicação histórica e socialmente situado, fora do qual o signo não passa de um objeto físico. Em terceiro lugar, é indispensável “*não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infraestrutura)*” (VOLÓCHINOV, 2002 [1929], p.44, grifos no original).

A necessidade de não dissociar o signo dos processos de comunicação em que ele se situa é um ponto recorrente na argumentação de Volóchinov e reforça a ideia de que objetos-signo e enunciados concretos são elos integrantes de uma grande rede, produzidos e postos em circulação no interior do fluxo discursivo e da cadeia de comunicação da sociedade. É no quadro dessa rede de comunicação social que se dão os processos de interação verbal e se dá, conseqüentemente, a produção e circulação de enunciados. A comunicação verbal, dirá Volóchinov em seu texto *La structure de l'énoncé*, de 1930, “*não é senão uma das numerosas formas do devir da comunidade social onde tem lugar, no nível do discurso, a interação (verbal)...*” (VOLÓCHINOV, 1981 [1930], p.288)⁷. E mais adiante, no mesmo texto: “*a verdadeira essência da linguagem é o acontecimento social que consiste em uma interação verbal e que se concretiza em um ou vários enunciados*” (VOLÓCHINOV, 1981 [1930], p.288, grifos no original)⁸.

A exemplo do que indica em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), também nesse texto de 1930 Volóchinov propõe um entendimento da produção enunciativa com base na sua relação com a infraestrutura e, reproduzindo, *mutatis mutandis*, a fórmula de cinco pontos usada por Plekhânov⁹, apresenta um esquema a partir do qual deve ser estudada a unidade concreta da comunicação discursiva: o enunciado. Na base desse esquema está a organização econômica da sociedade. Sobre essa base encontram-se, em um nível, as relações que constituem a comunicação social e, em outro, a interação verbal. Em seguida vêm os enunciados, e, por fim, as formas gramaticais da linguagem.

Entendido o enunciado, nessa concepção, como o território privilegiado de reflexo e refração dos condicionamentos da organização material da sociedade, não poderia deixar de ser de grande importância o estatuto conferido à palavra. Não, é claro, à palavra em estado de dicionário, mas à palavra-enunciado. Nesse ponto, pode-se notar uma grande convergência entre os autores, incluindo Bakhtin, que, em seu texto sobre os *Problemas da obra de Dostoiévski*, de 1929, mostra-se em completa sintonia com as posições de Medviédev e Volóchinov, ao afirmar que:

⁷ Trecho original: “[...] *la communication verbale n'est elle-même qu'une des nombreuses formes du devenir de la communauté sociale où a lieu, au niveau du discours, l'interaction (verbale).*”

⁸ Trecho original: “*L'essence véritable du langage, c'est l'événement social qui consiste en une interaction verbale, et se trouve concrétisé en un ou plusieurs énoncés.*”

⁹ Fórmula de cinco pontos, ou *piatichlenka*, é a expressão pela qual ficou conhecida, segundo Tihanov (1998, p.603), o esquema utilizado por Plekhânov (1978 [1908], p.62) para descrever, em níveis, o funcionamento da sociedade a partir da relação entre forças produtivas e superestruturas ideológicas.

A palavra não é uma coisa, mas o ambiente eternamente móvel, eternamente mutável do intercâmbio social. Ela nunca é suficiente a uma só voz, uma só consciência. A vida da palavra está na passagem de boca em boca, de um contexto a outro, de um grupo social a outro, de uma geração a outra [...] É por isso que a orientação da palavra entre palavras, os diversos modos de perceber a palavra dos outros e os diversos modos de reagir a ela são, talvez, os problemas essenciais da sociologia da palavra – de toda palavra, aí compreendida a palavra artística (BACHTIN, 1997 [1929], p.210-211).¹⁰

Em Volóchinov, a importância da palavra é especialmente destacada por uma série de características que fazem dela o signo ideológico por excelência: pureza semiótica, neutralidade ideológica,¹¹ participação na comunicação humana ordinária, possibilidade de funcionar como signo interior e presença obrigatória em todo ato humano consciente. Além disso, a palavra tem papel fundamental na interação verbal que se dá no plano da psicologia social, ou seja, da ideologia do cotidiano, pois, segundo ele, “o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana é a palavra. É justamente nesse domínio que a conversação e suas formas discursivas se situam” (VOLÓCHINOV, 1981 [1930], p.37).

Em razão da sua ubiquidade social, a palavra penetra em todas as relações sociais e, por isso, ela

[...] será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar um forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (VOLOSHINOV, 2002 [1929], p.41).

Tal caracterização é realizada em um contexto no qual Volóchinov está discutindo a conexão da palavra (enquanto signo) com o problema da relação entre infraestrutura

¹⁰ Trecho original: “*La parola non è una cosa, ma l’ambiente eternamente mobile, eternamente mutevole dello scambio sociale. Essa non è mai sufficiente a una sola voce, una sola coscienza. La vita della parola è nel passaggio di bocca in bocca, da un contesto all’altro, da un coletivo sociale all’altro, da una generazione a un’altra generazione ... È per questo che l’orientamento della parola altrui e i diversi modi di reagire ad essa sono, forse, i problemi essenziali della sociologia della parola – di ogni parola, ivi compresa quella artistica.*”

¹¹ A neutralidade da palavra, para Volóchinov, refere-se ao fato de ela poder operar como signo em qualquer função e em qualquer esfera ideológica: “...a palavra não é somente o signo mais puro, mais indicativo; é também um signo *neutro* ... pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa” (VOLOSHINOV, 2002 [1929], p.36-37, grifo no original).

e superestrutura. É aí que ele dirá que “o estudo do signo linguístico permite observar mais facilmente e de forma mais profunda a continuidade do processo dialético de evolução que vai da infraestrutura às superestruturas” (VOLOSHINOV, 2002 [1929], p.47).

Nessa perspectiva, nada melhor que ela, a palavra, para indicar processos históricos que, relacionados a transformações no mundo das forças produtivas e das relações socioeconômicas, também se façam sentir no universo das ideias e da comunicação discursiva na sociedade.

O vocábulo *selfie* como índice de transformações contemporâneas

Com base nessas proposições teóricas e metodológicas, creio ser possível focalizar a palavra *selfie* como um signo bastante representativo do modo como mudanças nas formas de organização da produção se relacionam com alterações nos processos interacionais e nas referências e padrões éticos, estéticos e cognitivos em vigência na contemporaneidade.

Que esse signo alcançou grande importância nos processos de comunicação na sociedade atual (e principalmente naqueles situados na comunicação da vida cotidiana) é demonstrado pela distinção conferida pelo Dicionário Oxford, da Inglaterra, que, em 2013, outorgou a *selfie* o título de ‘palavra do ano’, justificada tal honraria pelo avassalador sucesso do vocábulo: no referido ano, a frequência do seu uso aumentou 17.000%.¹²

Na busca das origens, o mesmo dicionário, conforme Carpim (2014), rastreou o uso da palavra até o ano de 2002, quando um homem com ferimentos na face causados por um acidente doméstico tirou uma foto do próprio rosto e a divulgou em um fórum *online* australiano, dizendo se tratar de uma *selfie*. Independentemente de essa ter sido ou não a primeira ou uma das primeiras ocorrências do vocábulo, o fato é que, de lá para cá, tanto a palavra quanto o seu referente têm estado intimamente ligados aos processos interacionais que se desenrolam por meio da utilização das novas tecnologias de informação e de comunicação. Assim, *selfie* não se confunde com *autorretrato*. A despeito dos laços de parentesco entre os dois signos, os elementos da realidade para os quais eles apontam são diferentes. Enquanto *autorretrato* designa de modo geral a imagem, pintura ou fotografia que alguém faz de si mesmo, *selfie* e seu referente são essencialmente fenômenos do mundo contemporâneo, indissociáveis de práticas sociais, interacionais e discursivas características das comunicações em rede e dos ambientes virtuais e plataformas tecnológicas. Não por acaso o seu significado é descrito pelo Dicionário Oxford como “fotografia que alguém tira de si mesmo, normalmente

¹² Ver, por exemplo, os endereços: <blog.oxforddictionaries.com/press-releases_oxford-dictionaries-word-of-the-year-2013>; <www.bbc.co.uk/portuguese_noticias_2013_11_131119_selfie_oxford_fn> e <www.dn.pt/inicio_globo_interior.aspx_content_id=3540144>.

com um *smartphone* ou uma *webcam*, e compartilha via mídia social”¹³. O próprio significado de *selfie*, pois, já situa a palavra em um espaço-tempo histórico-social específico, recobrando um conjunto de traços característicos desse espaço-tempo, como a virtualidade, a tecnologiação, a fluidez e as comunicações *online*.

Base concreta sobre a qual se constrói essa caracterização, a estrutura morfossemântica da palavra também diz coisas importantes. Primeiro, por meio do morfema *self*,¹⁴ diz que o dado do real do qual se fala é um *si mesmo*, o que remete a um certo primado do *eu* na contemporaneidade. Segundo, por meio do sufixo *ie* (também grafado *y*, na variante *selfy*) diz que a esse *si mesmo*, substantivado, são acrescentados semas de afetividade e de informalidade,¹⁵ o que compatibiliza a palavra com processos de interação situados principalmente na esfera da comunicação cotidiana, instância na qual, conforme entende o Círculo, encontram-se as formas embrionárias que podem se converter nas ideologias cristalizadas em sistemas organizados. Outro dado importante que também se dá a ver pela fisionomia da palavra é o fato de ser uma forma usada no mundo inteiro no idioma original, sem tradução, evidenciando se tratar de um vocábulo globalizado, típico de uma sociedade conectada pelo entrelaçamento de múltiplas redes.

Assim, consideradas as situações de comunicação em que normalmente a palavra é usada, o simples manuseio do signo *selfie* já mobiliza uma série de imagens, percepções, ideias e apreciações de valor intrinsecamente ligadas à sociedade atual. Associadas ao progresso tecnológico e inerentemente ligadas a novos modos de construção de identidades e de configuração do corpo nas interações mediadas por computador e por outros dispositivos tecnológicos, tais apreciações, inscritas nos sentidos em circulação no fluxo discursivo da sociedade, são tendencial e predominantemente positivas e incidem principalmente sobre o sentimento de protagonismo do sujeito, a velocidade e a precisão do mecanismo de captação da imagem, a rapidez do processo de comunicação e a sensação de conexão e trafegabilidade nas redes, entre outras.¹⁶

Tomados, pois, os termos do Círculo tais como formulados por Volóchinov, pode-se, a partir dessa caracterização, falar de uma constituição *sígnica* na qual se veem, em diversos elementos da palavra, reflexos/refrações da organização produtiva da sociedade que fazem de *selfie* uma boa ilustração dos modos como a ideologia e a existência material se entrecruzam e se articulam na linguagem. Atestando a natureza imanentemente ideológica dos significados e sentidos em circulação na sociedade, a palavra *selfie* pode, dessa maneira, ser vista como um grande exemplo dos nexos

¹³ Trecho original: “A photograph that one has taken of oneself, typically one taken with a smartphone or webcam and shared via social media”. Cf. <<http://www.oxforddictionaries.com>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

¹⁴ “A person’s essential being that distinguishes them from others, especially considered as the object of introspection or reflexive action”. Cf. <<http://www.oxforddictionaries.com>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

¹⁵ A afetividade e a informalidade são atestadas pelo fato de se tratar, ainda segundo o mesmo dicionário, de um sufixo formador de diminutivos, apelidos e hipocorísticos (tais como *nightie*, *auntie*, *Tommy*, *foodie*, *Francie* etc.). Cf. <<http://www.oxforddictionaries.com>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

¹⁶ Sobre as relações entre as tecnologias de informação e comunicação e as formas de construção identitária, bem como de uso da imagem na configuração do corpo e das subjetividades no mundo virtual, podem ser consultados, entre outros, Recuero e Rebs (2013), Sibilia (2004), Lemos (2002), Recuero (2009) e Santaella (2008).

que ligam as determinações do sistema econômico às formas de significar e atribuir sentidos à realidade. Nela se encontram cristalizados elementos que, originalmente associados ao universo da produção material e das relações de produção, atuam como determinantes também nos sistemas de interação, nas formas de sociabilidade, nos esquemas cognitivos, nas referências espaço-temporais e, por extensão, nos modos de compreensão e de representação da existência humana inscritos nas práticas sócio-culturais e enunciativas pelas quais se reproduz e se legitima a ordem social e econômica configurada na maior parte do mundo nas últimas quatro ou cinco décadas.

Nesse pequeno vocábulo se enfeixam processos que, desencadeados no âmbito de uma grande reorganização do sistema produtivo, operam também em outras instâncias da sociedade e ensejam transformações na criação e circulação de signos e enunciados nas mais diversas esferas de atividade e de comunicação. Ancoradas no grande desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação e em determinadas formas de apropriação da ciência e de incorporação do conhecimento à vida econômica e social, essas transformações se efetivam em uma produção discursiva da qual a palavra *selfie* e as práticas interacionais a ela associadas representam uma amostra bastante expressiva.

Desse ponto de vista, para além dos limites circunscritos pelo seu referente imediato, *selfie* aponta para uma realidade muito mais ampla, traduzida por modos de significação e de produção de sentidos condicionados por uma série de processos entre os quais podem ser destacados:

- O desenvolvimento de formas de organização do trabalho e da produção baseadas na compressão do tempo e do espaço;
- A consolidação de um regime produtivo alimentado por um movimento ininterrupto de inovações tecnológicas;
- O vertiginoso avanço da microeletrônica, da telemática, da tecnologia digital e da comunicação sem fio.
- A intensificação do desempenho e da produtividade;
- A exacerbação do individualismo e da competição.¹⁷

Ao mesmo tempo em que condiciona o ritmo dos sistemas produtivos e das formas de gestão do trabalho, do tempo e do espaço típicas da vida econômica na contemporaneidade, esse conjunto de processos, que reorganiza em novos patamares o domínio do capital sobre a vida social como um todo, reflete-se e refrata-se na produção de signos e enunciados em praticamente todas as esferas de atividade e de comunicação, e aparece de maneira particularmente nítida em traços do significado da palavra *selfie*, tais como:

¹⁷ Entre os muitos trabalhos que, dedicados ao estudo da sociedade contemporânea, possibilitam a identificação desses processos, podem ser apontados: Featherstone (1995), Harvey (2008; 2010), Jameson (1996), Levy (1996; 1999), Oliveira (2005; 2008), Lipovetsky (2004a; 2004b) e Rubim (2000).

- imagem obtida em dispositivos eletrônicos digitais de alta tecnologia;
- caráter imediato do processo de obtenção da imagem;
- possibilidade de circulação e propagação instantânea da imagem obtida;
- destinação da imagem para processos de interação virtuais.

Os próprios componentes sêmicos da palavra indicam, como se pode ver, uma sugestiva homologia entre as características dos processos interacionais integrados ou referidos por ela e as formas de organização da produção econômica contemporânea, que também se assentam no fluxo incessante de inovações tecnológicas, na grande velocidade de movimentações (financeiras, administrativas, materiais etc.), na instantaneidade de negócios e transações de variados tipos e na virtualização de espaços, ambientes e operações.

Bastante sintomático dessa correspondência entre os modos de regulação econômica e as referências incorporadas à produção sênica é o recrudescimento do individualismo que, estampado de imediato na superfície da palavra por meio do morfema *self*, remete a um modelo de organização no qual a performance competitiva do indivíduo, reafirmada como princípio básico de funcionamento do sistema, é medida principalmente pela capacidade de prover a si mesmo com as mercadorias apropriadas à satisfação das necessidades do momento e participar de uma teia de relações (a que o significado da palavra não deixa de aludir) marcadas pela hipertrofia do eu e pela espetacularização de eventos pessoais, que permeiam os processos de interação em plataformas virtuais e em redes de relacionamento nas quais *selfies* e outros signos correlatos transitam freneticamente.

Um dos dados fundamentais para os quais essas correspondências chamam a atenção é que, na sociedade contemporânea, os paradigmas espaço-temporais, os padrões de raciocínio e os modelos de ação e de representação próprios do tipo de racionalidade instalada no mundo da produção econômica estenderam-se para as mais diversas dimensões da vida social, de modo a determinar (em alguns aspectos, à sua imagem e semelhança) as referências estéticas e cognitivas, os modos de pensamento e as formas de consciência consubstanciadas nos significados e sentidos que se constituem e circulam em enunciados de diferentes esferas ideológicas.

Inscritas, dessa forma, na produção sênica e enunciativa, a velocidade, a fluidez, a volatilidade, a fragmentação, a instantaneidade e a exigência do desempenho e da produtividade (características da lógica econômica) convertem-se em dados ‘naturais’ da existência e consagram a desvalorização do comportamento e do pensamento não subordinados a finalidades produtivas, competitivas ou performáticas. Expressões dessa tendência verificam-se tanto na vida cotidiana como nas esferas ideológicas constituídas (arte, religião, direito, mídia, ciência etc.), onde se disseminam significados, práticas e valores pelos quais se consolida uma atmosfera de aceleração, ansiedade, fluidez e velocidade na qual a referência espaço-temporal determinante é o *aqui-agora*.

Como vários outros campos, também a ciência é atingida em cheio por esse processo, o que se pode ver refletido e refratado em *selfie* principalmente por meio do traço da tecnologização, que, inscrita semicamente no plano do conteúdo do signo, remete ao modo de incorporação do conhecimento à vida contemporânea, caracterizado em grande medida pela subsunção do saber científico a uma lógica de produção de mercadorias conduzida pelo imperativo da produtividade e da inovação tecnológica.

Não é de estranhar, em vista disso, que os discursos em alguma medida ligados à esfera da ciência, como o discurso de divulgação científica, constituam campos privilegiados de reflexo e de refração de todo esse conjunto de transformações.

Assim, a notoriedade alcançada por *selfie*, evidenciando o papel da palavra enquanto signo ideológico e, portanto, enquanto índice de processos histórico-sociais em desenvolvimento, aponta direta ou indiretamente para os modos pelos quais as transformações nas formas de organização da produção podem se refletir e se refratar no universo sógnico e enunciativo e nos processos de interação na sociedade.

Conclusão

O que a argumentação desenvolvida nas páginas precedentes espera ter demonstrado é, em primeiro lugar, que, por conta da forte presença da tradição marxista como interlocutor privilegiado no diálogo que os autores do Círculo (particularmente Volóchinov e Medviédev) travam com diferentes matrizes teóricas presentes no ambiente intelectual da Rússia no início do século XX, a concepção de linguagem elaborada por eles comporta uma visão de ideologia à qual se associa uma determinada compreensão das relações entre a organização econômica da sociedade e as ideias, valores, significados e sentidos predominantes na vida social. Nessa concepção, os objetos-signo e os enunciados concretos que se produzem e circulam em cada esfera de atividade ou de comunicação socioideológica (religião, moral, direito, mídia, educação, ciência etc.) e também na comunicação da vida cotidiana representam territórios nos quais, sob o efeito de diversas mediações, refletem-se e refratam-se os embates, as negociações e os arranjos operados pelas forças que disputam o controle econômico (vale dizer, o controle da produção e distribuição das riquezas) na sociedade.

Em segundo lugar, na linha de sugestões proposta por essa concepção no tocante ao papel da palavra (pensada como signo pleno de sentidos e historicamente situado), espera ter mostrado também que a palavra *selfie*, revestida de grande importância em processos de interação na sociedade contemporânea, pode ser vista como um signo extremamente representativo do modo como nesta sociedade elementos da linguagem se relacionam com as formas de organização da produção e da realidade socioeconômica, ou, nas palavras de Volóchinov, sobre o modo como o ser se reflete e se refrata no signo.

No que diz respeito ao modo como os reflexos e as refrações se projetam no signo, vale a pena ressaltar que a interpretação aqui defendida é que isso se dá de uma maneira na qual os sentidos, percepções e valores aos quais o vocábulo *selfie* é normalmente

associado (a velocidade, a alta tecnologia, a instantaneidade, o protagonismo do eu, a fluidez, a flexibilidade etc.) são envolvidos por uma apreciação valorativa positiva, da mesma forma que o são na esfera da organização produtiva. O ingrediente ao qual se pode atribuir uma força transfiguradora nesse caso é o ocultamento dos embates pressupostos na construção desses sentidos e, conseqüentemente, o apagamento do fato de que apreciações contrárias a essas foram subjugadas, vencidas ou silenciadas. A celebração dos sentidos vencedores reforça, desse modo, o domínio das forças também vitoriosas no plano da organização produtiva e das relações de produção.

Dito de outro modo, a lógica do capital que, ao se reorganizar, inventa e torna vitoriosas novas formas de autovalorização, de expansão e de exploração do trabalho, vence também a luta pelos sentidos, imprimindo uma aparência de estabilidade, harmonia e unidade a processos históricos atravessados por lutas, vitórias e derrotas.

Assim, se algo parecido com uma ciência das ideologias ainda fizer sentido, um dos objetivos de tal projeto poderia ser o de buscar articular a teoria a uma metodologia capaz de contribuir decisivamente para tornar visíveis esses ocultamentos e tornar audíveis as vozes silenciadas.

ROSALVO, L. Ideology, productive powers and signification processes: the word *selfie* as an ideological sign. *Alfa*, São Paulo v.61, n.1, p.35-53, 2017.

- *ABSTRACT: Based on the assumption that the foundations of the linguistic theory of Bakhtin Circle (which results from the combination of Volochinov, Medviédev and Bakhtin works) are constructed in dialogue with theoretical traditions among which Marxism plays an important role, this paper discusses aspects related to the way the understanding of this group about the status of relations between infrastructure and superstructure is linked to the concept of ideological sign. Considering that and using mainly the notions of reflex and refraction, the paper focuses on the word selfie, trying to analyze it as an sign in which are condensed ideas, meanings and values associated with reorganization processes of the productive forces in the contemporary world and, in this line of reasoning, the paper proposes the conclusion that this word, illustrating exemplary propositions of the Circle about the linkages between the socio-economic life and the prevailing ideas in society, can be seen as a signic territory in which fundamental features of current society are reflected and refracted.*
- *KEYWORDS: Ideology. Discourse. Bakhtin Circle. Ideological sign. Infrastructure. Superstructure.*

REFERÊNCIAS

BACHTIN, M. **Problemi dell'opera di Dostoevskij**. Traduzione di Margherita De Michiel. Bari: Edizioni dal Sud, 1997 [1929].

BONDARENKO, M. Reflet et réfraction chez les philosophes marxistes du langage des années 1920-30 en Russie: V. Volochinovlu à travers V. Abaev. In: SÉRIOT, P.; FRIEDRICH, J. (Ed.). **Langage et pensée** : Union Soviétique années 1920-1930. Cahiers de l'ILSL n.24, Lausanne: Université de Lausanne, 2008. p.113-148.

BRANDIST, C. Bakhtin, Marxism and Russian Populism. In: BRANDIST, C.; TIHANOV, G. **Materializing Bakhtin**. The Bakhtin Circle and social theory. London: MacMillan Press, 2000. p.70-93.

_____. **The Bakhtin Circle. Philosophy, Culture and Politics**. London: Pluto Press, 2002.

_____. Early Soviet Research Projects and the Development of 'Bakhtinian' Ideas: The View from the Archives. In: **Proceedings of the XII International Bakhtin Conference**. Jyväskylä, Finland, 18-22 July, 2005, p.144-156. Edited by Department of Languages, University of Jyväskylä, Finland, 2006. Disponível em: <<http://eprints.whiterose.ac.uk/2134/1/brandistc4.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2010.

_____. Linguística sociológica em Leningrado: O Instituto de Estudos Comparados das Literaturas e Línguas do Ocidente e do Oriente (ILlAZV) 1921-1933. In: **Repensando o Círculo de Bakhtin**. Tradução de Helenice Gouvea e Rosemary H. Schettini. São Paulo: Contexto, 2012. p.155-181.

BRONCKART, J.-P.; BOTA, C. **Bakhtin desmascarado**. História de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

BUKHARIN, N. **Tratado de materialismo histórico**. Tradução revista por Edgard Carone. Rio de Janeiro: Laemmert, 1970 [1921].

CARPIM, S. M. **A era do exibicionismo digital**: o sentido da proliferação da *selfie* nas redes sociais. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/ECA-USP, 2014.

COSTA, L. R. **Da ciência à política**. Dialogismo e responsividade no discurso da SBPC nos anos 80. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2010.

_____. **Divulgação científica e embates ideológicos no discurso da revista Ciência Hoje nas décadas de 1990 e 2000**. 313 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. Tradução de Julio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

GRILLO, S. V. C. Gêneros primários e gêneros secundários no círculo de Bakhtin: implicações para a divulgação científica. **Alfa** (ILCSE/UNESP), v.52, p.57-79, 2008.

HARVEY, D. **O neoliberalismo**: história e implicações. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. **Condição pós-moderna**. 20. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Tradução de Maria Elisa Cevasco. Revisão da tradução de Iná Camargo Costa. São Paulo: Ática Editora, 1996.

LEMONS, A. A arte da vida: diários pessoais e webcams na internet. **Intercom – XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Salvador, set. 2002.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIPOVETSKY, G. **Metamorfoses da cultura liberal**. Ética, mídia e empresa. Tradução de Juremir M. Silva. Porto Alegre: Sulina, 2004a.

_____. **Os tempos hipermodernos**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Barcarola, 2004b.

MEDVIÉDEV, P. **O método formal nos estudos literários** – Introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Ekaterina V. Américo e Sheila C. Grillo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MORSON, G. S.; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin**. A criação de uma prosaística. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.

OLIVEIRA, M. B. Ciência: força produtiva ou mercadoria? **Crítica Marxista**, Rio de Janeiro: Revan, n. 21, p.77-96, 2005.

_____. Neutralidade da ciência, desencantamento do mundo e controle da natureza. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 6, n. 1, p.97-116, 2008.

PLEKHANOV, G. **Os princípios fundamentais do marxismo**. Tradução de Sônia Rangel. São Paulo: Hucitec, 1978 [1908].

_____. A concepção materialista da história. In: PLEKHANOV, G. **Obras Escolhidas**. Tradução de José Sampaio Marinho. Moscou: Edições Progresso, 1987 [1897]. p.286-314.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, C. L.; REBS, R. As significações da produção da fotografia em sites de redes sociais. **Rumores**, Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias, São Paulo: ECA/USP, n.13, v.7, p.156-175, jan.-jun. 2013.

RUBIM, A. C. C. A contemporaneidade como idade mídia. **Interface**. Comunicação, Saúde, Educação. São Paulo: Unesp, v.4, n.7, p.25-36, ago. 2000.

SANTAELLA, L. Artes do corpo biocibernético e suas manifestações no Brasil. **Revista Nuestra América**, n.5, p.147-163, jan-jul, 2008.

SÉRIOT, P. Preface. In: VOLOSHINOV, V. N. **Marxisme et philosophie du langage**. Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. Éd. Bilingue. Traduit du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowsky-Ageeva. Lausanne: Lambert-Lucas, 2010. p.13-109.

SIBILIA, P. A vida como relato nos blogs: mudanças no olhar introspectivo e retrospectivo na conformação do 'eu'. **VIII Congresso luso-afro-brasileiro de ciências sociais**. Coimbra: set. 2004.

TIHANOV, G. Volóchinov, ideology and language: The birth of marxist sociology from the spirit of Lebens philosophie. **The South Atlantic Quarterly**, v.97, n.3/4, p.599-621, 1998.

_____. Culture, form, life: the early Lukács and the early Bakhtin. In: BRANDIST, C.; TIHANOV, G. **Materializing Bakhtin**. The Bakhtin Circle and social theory. London: MacMillan Press, 2000. p.43-69.

VASILEV, N. L. A história da questão sobre a autoria dos 'textos disputados' em estudos russos sobre Bakhtin (M. M. Bakhtin e os seus co-autores). Tradução de Irina Starostina. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Org.). **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis: Vozes, 2006. p.290-304.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Publicado sob o nome de M. Bakhtin (Volochinov). Tradução do francês de Michel Lahud e outros. 9. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002 [1929].

_____. La structure de l'énoncé. In: TODOROV, T. **Mikhail Bakhtine: le principe dialogique**. Paris VI. Éditions du Seuil, 1981 [1930]. p.287-316.

_____. Rapport d'activité à L'ILJAZV de V. N. Vološinov, doctorant, pour l'année académique 1927-1928 [1928]. In: VOLOŠINOV, V. N. **Marxisme et philosophie du langage**. Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. Éd. bilingue. Traduit du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowsky-Ageeva. Lausanne: Lambert-Lucas, 2010. p.477-517.

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. In: WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. Tradução de André Glaser. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. p.43-68.

Recebido em maio de 2016

Aprovado em agosto de 2016

INTERAÇÃO CORPORIFICADA: MULTIMODALIDADE, CORPO E COGNIÇÃO EXPLORADOS NA ANÁLISE DE CONVERSAS ENVOVENDO SUJEITOS COM ALZHEIMER

Fernanda Miranda da CRUZ*

- **RESUMO:** Este artigo procura explorar, teórica e analiticamente, como construímos os espaços interacionais multimodalmente, ou seja, como uma ação (verbal ou não) é construída graças a uma ecologia (GOODWIN, 2010a,b) de sistemas de signos, estruturalmente distintos entre si, mas intrinsecamente relacionados. Para isso, trazemos alguns referências teóricas do campo dos estudos interacionais que concebem a interação social e a cognição humana de forma corporificada (*embodied interaction*, STRECK et al., 2011), como uma organização temporal, espacial, corporal e materialmente coletiva. Propomos essa discussão com base na análise de dois excertos de conversas envolvendo sujeitos com Alzheimer. Os dados analisados foram extraídos do corpus audiovisual *DALI (Doença de Alzheimer; Linguagem e Interação)*. Inspiradas nas pesquisas em vídeo-análises (MONDADA, 2008, KNOBLAUCH et al., 2012), as análises trazidas permitem destacar o papel do corpo e dos gestos na construção de um espaço interacional. O enfoque analítico recai sobre os chamados gestos mínimos localizados no curso da interação e sobre os momentos em que é possível apontar uma sincronia entre a cadeia da fala e os gestos. Como potencial contribuição, a discussão promovida aqui procura refletir sobre uma infinidade de recursos cognitivos que são ou podem ser mobilizados e analisados na construção de nossa fala-em-interação.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Interação corporificada. Patologias. Gestos. Vídeo-análises. Ecologia. Corpo. Cognição.

Uma breve introdução ao campo empírico de investigação das patologias que afetam a interação social

Si le face-à-face invente le langage...¹

A proposta mais geral deste trabalho é a de explorar os elementos em jogo em um espaço interacional cujas ações realizadas na construção do sentido ordenam-se temporal e espacialmente a partir de um trabalho colaborativo entre os participantes em suas interações face a face. Essas ações implicam falas, gestos, elementos corporais,

* UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Guarulhos – SP – Brasil. 07111-080 – fernanda.miranda.cruz@gmail.com

¹ Passagem extraída do filme *Adieu au langage* (Adeus à linguagem, 2014) do cineasta francês Jean-Luc Godard.

objetos do espaço físico, objetos de um espaço discursivo, que se orquestram na construção dos significados e das ações sociais produzidas face a face. De forma mais específica, gostaria de explorar a análise dos elementos que compõem esse espaço e esse tempo da interação a partir de dois excertos de situações interativas que possuem uma característica em comum: referem-se a situações interativas nas quais os participantes presentes interagem com a linguagem afetada por uma patologia. Essa formulação “os participantes interajam com a linguagem afetada por uma patologia” quer marcar uma forma de conceber e investigar o contexto patológico no que diz respeito à linguagem, às ações comunicativas, verbais ou não-verbais, e às ações sociais de uma forma geral.

Muitas investigações e reflexões realizadas com base em contextos de patologia têm nos oferecido possibilidades de rever e ressignificar as fronteiras entre normalidade e patologia. Podemos aqui mencionar alguns trabalhos de pesquisa e de prática clínica, em que a noção de clínica, por exemplo, recebe um sentido mais amplo, tais como os trabalhos de Pál Pélbart (2014), nas fronteiras entre arte e filosofia; os de Kastrup (2007), no campo da psicologia; os de Lier-De-Vito (2005), no campo dos estudos em fonoaudiologia de base psicanalítica; os trabalhos de Coudry (1996) e Morato (2013), no campo dos estudos da linguagem; dentre outros. Essas reflexões vêm da filosofia, das artes, das ciências, das práticas terapêuticas, da literatura e mesmo das próprias experiências dos sujeitos com os estados patológicos. Trabalhos nesta direção nos oferecem elementos importantes para a compreensão e a reflexão sobre a linguagem, os possíveis e potenciais modos de existência humana e suas formas criativas de reorganização diante de uma patologia.

Sabemos que a linguagem não é algo que acontece só. Há sempre um sujeito que se relaciona com o mundo, com os outros e com a própria linguagem. O mesmo vale, claro, para a linguagem patológica, ou para as patologias que afetam a linguagem. É com “essa linguagem” que se constroem as práticas cotidianas. Soma-se ainda que todos os envolvidos em uma interação relacionam-se com “essa linguagem” ou com as condições colocadas por uma patologia e não apenas o sujeito acometido por uma patologia. É esse desenho. Então, que me interessa aqui traçar, ou seja, como estão relacionados alguns elementos que compõem um espaço interacional atravessado por patologias que afetam essas interações. A isso chamarei de olhar para o mínimo, que se interessa pelo constante trabalho de invenção da linguagem que fazemos quando estamos em uma situação face a face.

O olhar para o mínimo: os corpora audiovisuais de patologias como Alzheimer e autismo

Parte da reflexão trazida neste artigo é fruto de algumas prévias análises ou observações que pude fazer até aqui com base nas minhas tentativas de constituição e análise de *corpora* audiovisuais, construídos na linha das pesquisas em videoanálises desenvolvidas, dentre outros, por Mondada (2008) e Knoblauch et al. (2012). O campo

da videoanálise é esse que, de forma geral, se dedica à elaboração de ferramentas de coletas, transcrições, representações e análises de interações sociais registradas em vídeo, a partir de uma perspectiva videográfica (KNOBLAUCH, 2012), para fazer alusão direta à metodologia etnográfica dos estudos da interação.

Dentre essas análises que pude realizar, destaco aquelas dedicadas a algumas características específicas de linguagem observadas em dois *corpora*: o corpus *DALI – Doença de Alzheimer, Linguagem e Interação* (CRUZ, 2008; 2015) referente a situações interativas das quais participam sujeitos com Alzheimer, e o corpus *CELA (Corpus para Estudos da Linguagem no Autismo)*², referente a situações interativas das quais participam uma criança com autismo e seu entorno familiar.

Antes de prosseguirmos na descrição das análises prévias, vale fazer um apontamento importante sobre o estudo dessas patologias mencionadas aqui, Alzheimer e autismo. Em termos nosológicos ou clínicos, elas não são necessariamente comparáveis. No entanto, aqui, elas são justapostas a partir de um critério muito distinto do critério clínico-biomédico. Nas interações envolvendo sujeitos com algum tipo de patologia que afeta a fala ou a interação social, portanto, ou Alzheimer ou autismo ou outra ainda, a interação, de fato, pode não ser construída através de uma presença central da fala.

No caso da Doença de Alzheimer, ao investigar, por exemplo, as ocorrências de repetições e fala ecológica em sujeitos com Alzheimer, pude verificar que ocorrências dessa natureza eram presentes na fala do sujeito com Alzheimer, como comumente encontramos descrito na literatura clínica, neurolingüística ou do campo da linguística clínica (CULLEN et al., 2005; HWANG et al., 2000). Mas também pude observar que uma análise dessas ocorrências e de seu impacto sobre a organização da interação e sobre a fala do outro, pareciam apontar para o fato de que também o sujeito sem Alzheimer, ao lidar com aquelas produções, compunha, naquela ecologia, um papel particular, e que o arranjo de turnos e sequências orquestravam-se, então, àquelas produções ecológicas ou de natureza desviante com relação aos descritores de usos normais da linguagem. Se, de certo modo, estamos relativamente familiarizados com formulações do tipo “linguagem patológica”, “linguagem desviante”, talvez estranhássemos bastante uma formulação do tipo uma “interação patológica” ou “interação desviante”. Em alguns dados, vide por exemplo (CRUZ, 2005; 2010), pude observar como uma repetição ecológica, presente na

² O corpus CELA está na presente data, em fase de constituição por Caroline Paola Cots no quadro de sua pesquisa de iniciação científica intitulada «*A linha de errância do autismo e o método-pensamento de Fernand Deligny: onde a linguagem verbal se ausenta, o que há?*», financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo 2014/15206-6). Esse corpus integra-se ao Projeto *Gestos Mínimos*. “Gestos mínimos” faz referência ao bonito trabalho de Fernand Deligny sobre os modos de existência de crianças autistas. Mas, também, gestos mínimos é um convite à própria prática investigativa das interações humanas. Os pesquisadores desse projeto estão interessados no mínimo, minimamente descrito. Assim, este projeto de pesquisa visa estudar os modos de interagir de sujeitos com autismo. Esse estudo é feito com base na constituição de corpo audiovisuais de sujeitos em ambientes naturais (institucionais ou não). Na interação humana, as ações nem sempre são organizadas por um único meio, como a fala, por exemplo, mas construídas através do uso simultâneo de múltiplos recursos semióticos com propriedades muito distintas. Nosso movimento analítico implica então em reconhecer a diversidade de recursos semióticos utilizados pelos participantes na interação e analisar como esses recursos interagem entre si para construir localmente uma ação. No escopo do projeto estão ainda os desafios com as notações de transcrição multimodal e o entendimento de micro-vídeo-análises.

fala de um sujeito com Alzheimer e também na de seu interlocutor, servia de ambiente ou substrato para ações de modificações semânticas ou de gestão de turnos de fala. Essa “materialidade linguística excedente” da ecolalia deveria, então, ser considerada, em termos analíticos, como um elemento componente da sequencialidade, da dinâmica da troca de turnos, do tempo e do ritmo (AUER et al., 1999) daquela interação, ou seja, compunha, então, uma ecologia e o ambiente interacional configura-se a partir dali com todas as ações que o compõem.

Outro exemplo diz respeito às interações envolvendo uma criança com autismo, que compõe o *corpus CELA*. Quando a fala de um dos participantes não está presente ou não se configura como central em uma interação, como é o caso dessas interações, há toda uma reorganização que se mostra visível na produção de sentidos e da qual participam todos os presentes, sejam eles falantes com plenas habilidades de fala ou não. Ali os corpos, os gestos, os objetos e um conjunto infinito de movimentos, inclusive verbais, compõem um tempo e um espaço próprios àquelas interações. Talvez esses elementos não-verbais pudessem ser deixados em um segundo plano em uma análise linguístico-interacional de situações cujo papel da fala seria um organizador central da interação. No entanto, em interações como essas³, uma análise exclusivamente pautada nos elementos verbais, que é possível e produtiva, como tem mostrado nossa longa tradição de estudos de dados linguísticos, poderia ser limitante ou deixar de fazer ver aspectos importantes.

Cotejando esse material audiovisual do CELA com as produções audiovisuais e escritas de Fernand Deligny (1913-1996) sobre crianças autistas interagindo com outras pessoas e com o ambiente, vimos uma potencial linha de análise dessas interações. Este pensador francês tem uma inquietação em compreender essas interações não pela ausência da fala, mas pela presença potente dos gestos e das ações, ou, em seus termos, do agir. Deligny, cuja obra tem sido organizada por Toledo (2007), microanaliticamente, faz ver o gesto mínimo, às vezes reflexo de uma comunicabilidade ou sociabilidade particular entre os participantes sensíveis a outros sistemas semióticos e menos presos, talvez, à estruturação da fala.

Ao observarmos e tentarmos transcrever minuciosamente os modos interativos existentes envolvendo sujeitos com autismo, somos provocados, o todo tempo, enquanto pesquisadores, a rever a tentação de tomar a fala como organizador central da comunicação e das interações humanas. Talvez não sejam à toa os tantos elogios aos silêncios que encontramos declarados por aí, em performances, textos filosóficos, poesias...

Uma questão que colocamos, então, sobre analisar a linguagem afetada por uma patologia seria: se de um lado não é possível desprezar ou ignorar a importância das descrições de ocorrências e características da linguagem afetadas por certas patologias,

³ Embora aqui eu esteja me referindo a interações envolvendo sujeitos com patologias que afetem a linguagem, o mesmo poderia ser dito para interações envolvendo uma complexa articulação com o mundo material, como interações em ambientes profissionais. Nessas interações, a descrição das ações envolvendo corpo e objetos do espaço é fundamental para o entendimento da construção da interação.

por outro, parece-nos instigante atentarmos para a forma como os sujeitos falantes, com ou sem patologia, se relacionam com a linguagem e como as interações se dão diante de todo e qualquer elemento que faça parte de um campo de relações (ou seja, de uma ecologia). Ou seja, apesar da “ausência da fala”, um espaço interacional existe e é analiticamente visível na rede de relações estabelecidas ecologicamente (GOODWIN 2010a,b).

Para seguirmos nossas análises nessa direção, valemo-nos de uma perspectiva situada e contingente dessas ações (MONDADA, 2002; 2011) como prisma para observar as interações envolvendo sujeitos com patologia. Em uma instância de interação, a análise das práticas de linguagem refere-se à linguagem dos participantes em um lugar e um momento específicos, ou seja, a ação é situada e contingente a determinadas condições. Isso nos permite supor que se há, dentre os participantes, um ou mais sujeitos com uma patologia que afeta a linguagem, aquela interação como um todo será, de alguma forma, afetada, inclusive no que diz respeito aos padrões linguísticos dos sujeitos sem patologia. Dito de outro modo, as patologias aqui não são isoladas como categoria clínica, mas investigadas *na* vida cotidiana⁴.

Uma análise nesta direção não estaria interessada em mostrar, *a priori* ou exclusivamente, elementos descritivos próprios da linguagem em uso em alguma patologia específica, como a linguagem da demência, da esquizofrenia, do autismo, dentre outras. Ou ainda, não estaria comprometida exclusivamente em destacar características descritivas dessas linguagens ou comportamentos linguístico-comunicativos como ecolalias, repetições, atrasos enunciados sem sentido, parafasias, pausas, silêncios. Tampouco se quer desconsiderar ou apagar o impacto das patologias na linguagem e nas ações dos sujeitos. Mas antes, estaria voltada para a tarefa de recompor, descritivamente, uma ecologia da dinâmica interacional, levando em consideração o tempo, o espaço e os elementos em relação nas ações que formam esse tempo e espaço determinados.

Notas sobre uma perspectiva ecológica, sobre multimodalidade e sobre a noção de interação corporificada

Começamos por tentar compreender essa noção de ecologia de uma dinâmica interacional, já mencionada algumas vezes aqui. De forma geral, a noção de ecologia é muito produtiva, pois refere-se à interação entre seres vivos e ambiente. E ela implica a ideia de sistemas, de níveis de organização, de redes de interações, de leis e regras e de uma dinâmica complexa de mudanças, variáveis e constantes em jogo na interação.

Podemos conceber que nossas ações humanas e, dentre elas, a fala-em-interação, compõem uma ecologia de sistema de signos ou sinais, estruturalmente distintos entre si, mas intrinsecamente relacionados (GOODWIN, 2010a,b). Assim, os sujeitos constroem

⁴ A formulação « na vida cotidiana » é uma referência livre ao título “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana” (FREUD, 1901/2006), em que Freud movimentava as fronteiras entre normalidade e patologia através de exemplos muito concretos de comportamento linguístico e atos ou ações dos falantes.

seus espaços interacionais de uma forma multimodal, em que multimodal quer dizer que uma ação (verbal ou não, linguística ou não), é construída e finalizada graças à conjugação desses sistemas de signos estruturalmente distintos entre si. Nos anos 60, Erving Goffman, em *The neglected situation* (1964), descreve aquilo que seria uma órbita microecológica em que as ações sociais se constroem. O trecho referente a essa passagem, publicado em português em 2002, A situação negligenciada (GOFFMAN, 2002), merece atenção e tem sido inclusive destacado por alguns estudiosos em suas publicações sobre multimodalidade:

Primeiro, apesar de o substrato de um gesto derivar do corpo de quem o executa, a forma do gesto pode ser intimamente determinada pela órbita microecológica na qual o falante se encontra. Para descrevermos o gesto, e nem sequer estamos falando em desnudar seu significado, talvez tenhamos que apresentar o cenário material e humano no qual o gesto é feito. Por exemplo, é preciso haver um consenso de que a altura do som de uma afirmação pode ser avaliada somente quando se sabe, antes de mais nada, a que distância o falante está de seu receptor. *O indivíduo gesticula usando seu ambiente imediato, não apenas seu corpo. Portanto, devemos apresentar o ambiente de forma sistemática.* Em segundo lugar, os gestos que um indivíduo utiliza como parte da fala são muito semelhantes aos gestos que utiliza quando quer tornar patente que não irá, de forma alguma, se envolver em conversa àquela altura. Em certos níveis de análise, então, o estudo do comportamento enquanto se fala e o estudo do comportamento dos que estão em presença uns dos outros mas não estão engajados em falar, não podem ser separados analiticamente. (GOFFMAN, 2002, p.15).

A noção de órbita microecológica me parece fundamental. Órbita implica espaço em movimento e microecológica implica elementos mínimos em relação. No que diz respeito às interações sociais, Goffman sugere que quando a fala ocorre, ela ocorre dentro de um arranjo social (op.cit., p.18). Isso também nos indica que, por vezes, ela não ocorre durante nossas ações. O que as interações humanas parecem mesmo indicar, como diria Goffman, é que em toda situação é atribuída uma significação a diversos elementos que não estão necessariamente associados a trocas verbais, como, por exemplo, elementos corporais, mas que ainda assim, fazem parte de uma certa forma de comunicação, dentro de arranjo social. Como formulará Pasquier (2008), ao tentar sistematizar o conceito de corpo na obra de Goffman e investigar, a partir daí, as dimensões da corporalidade nas relações sociais: “O corpo fala. Nós somos obrigados a nos haver com isso mais ou menos espontaneamente nas nossas relações face-a-face”⁵.

⁵ Tradução minha do original « Nos corps parlent. Nous sommes obligés de « faire avec » plus ou moins spontanément dans nos relations de « face à face ». Pasquier, S. Le corps chez Goffman, Quel statut du corps dans la réalité sociale ;

Então, se nos voltarmos para o que constitui esse arranjo, nos voltamos para a ação conjunta (ou seja, envolvendo pelo menos duas pessoas) de construir o universo de signos e sinais que compõem essa órbita, essa espécie de espaço em movimento. A noção de ação conjunta evoca a tradição de estudos sobre ações ou processos colaborativos (CLARK; WILKES-GIBBS, 1986; CLARK, 1992; 2005; TOMASELLO, 2008; 2009; LEVINSON; ENFIELD, 2006, para citar alguns). Assim, como reforçam autores dedicados ao campo das análises multimodais das interações, como Goodwin (2010a,b), Erickson (2010), Streeck (2010) e Mondada (2012), dentre outros, uma ecologia não implicaria apenas em ocupar o mesmo espaço e tempo na interação, mas em construir, colaborativamente, esse ambiente.

Streck et al. (2011), por exemplo, na tarefa de apresentar e sistematizar os estudos e pesquisas a partir de uma perspectiva da interação corporificada (*embodied interaction*, op.cit., p. 6), consideram que aquela primeira passagem acima extraída do artigo publicado por Goffman em 1964 seria uma espécie de presságio para o terreno comum das pesquisas contemporâneas voltadas para interação corporificada e multimodal.

Sabemos que a fala-em-interação tem sido esse lugar privilegiado para um estudo mais minucioso e detalhado da construção dessas ações. Em termos metodológicos e analíticos, a conversa e as dinâmicas de trocas verbais de turnos, componente universal da ação humana (STIVERS et al., 2009), favorecem uma empreitada analítica sociológica e/ou linguística, por conta, dentre outros aspectos relacionados a sua sistematicidade e organização, à possibilidade de serem registradas em áudio, transcritas, analisadas e reanalisadas em detalhe. A conversa nos diz muito sobre a organização social e sobre a forma como os falantes organizam suas ações. E sobre isso temos, felizmente, um legado importante no campo dos estudos linguísticos-interacionais (para citar algumas referências, temos, GARFINKEL, 1984; SACKS, 1972, 1992; ATKINSON; HERITAGE, 1984; DURANTI, 1997; e no Brasil, temos, dentre outros, os trabalhos de OSTERMANN, 2002; SILVEIRA; GAGO, 2005; GARCEZ, 2006; ALENCAR, 2007; OSTERMANN; OLIVEIRA, 2015, cujas análises da fala como uma ação são aplicadas a diferentes domínios empíricos, como interações em contextos de ensino, consultas médicas, teleatendimentos, audiências jurídicas).

Mas há também uma gama de espaços interacionais estruturalmente organizados em termos temporais e sequenciais em que, embora a fala ou a linguagem verbal inscreva-se como mais um elemento dentre vários outros sistemas de sinais, seu isolamento, em termos metodológicos e analíticos, nos deixaria escapar um conjunto de variáveis ou pistas centrais para o entendimento da construção colaborativa das ações. Nesse sentido, não têm sido poucos os autores/analistas que têm se dedicado a descrever e analisar a interação social concebida multimodalmente, ou seja, como uma organização temporal, espacial, corporal e materialmente coletiva. Temos aqui

quelle réalité sociale au-delà du corps ?, *Revue du MAUSS permanente*. 2008. Disponível em: <<http://www.journaldumauss.net/?Le-corps-chez-Goffman>>. Acesso em: 28 set. 2015.

os estudos pioneiros dedicados a ações constitutivas e organizadoras da fala-em-interação: como o direcionamento do olhar (GOODWIN, 1979); o papel dos gestos com as mãos (KENDON, 1983; GOODWIN, M.; GOODWIN, C., 1986); gestos em geral (GOODWIN, 2007; STIVERS; SIDNEY, 2005; MONDADA, 2004; DUNCAN, 2002). Também merecem destaque os estudos que empregam uma análise multimodal que, partindo da fala, promovem contornos muito distintos a noções-chaves do próprio campo da análise da fala-em-interação, das interações verbais, como: tomadas de turno, sequencialidade e indexicalidade, como indicam os estudos empreendidos por Mondada (2004, 2013).

Dentre esses autores dedicados a uma dimensão multimodal da interação humana, encontramos, por vezes, uma crítica a um certo logocentrismo que tomaria a fala ou a comunicação verbal como privilegiada na análise da interação social. Historicamente, parece ter havido, na década de 70, no cenário da pesquisa norte-americana, um lamento sobre a separação artificial entre comportamento verbal e não-verbal, como apontam Streck et al. (2011). Esse poderia ser, sem dúvida, um tópico que merece mais atenção em nossas pesquisas sobre interação no Brasil e tem implicações importantes inclusive na agenda das pesquisas interacionais; na construção de novos campos empíricos e estudos, e nas práticas de transcrição e apresentação de dados audiovisuais interacionais, para citar apenas algumas.

Sem desconsiderar a presença da fala em nossas ações cotidianas, analiticamente talvez possamos tomá-la como mais um sistema de signos em meio a tantos outros. Assim, uma perspectiva multimodal⁶ das ações humanas estaria centrada nesse caráter simultâneo e de natureza estrutural distinta de sistemas de signos. O foco analítico estaria em tentar entender como os participantes fazem uso simultaneamente de diferentes tipos de recursos semióticos, que tem, por sua vez, propriedades estruturais diferentes e que estariam instanciados em diferentes tipos de materiais semióticos, como apontam Streck et al. (op.cit., p. 22): estrutura linguística no fluxo da fala; sinais, tais como o gesto de apontar exibido através do corpo; a construção e a operação com referentes e objetos do espaço em interações envolvendo atividades de trabalho, como geógrafos, arquitetos, cirurgiões, etc.

Uma análise multimodal seria, então, uma análise de um mínimo fundamental, daquilo que sincroniza fala, gesto, espaço e outras ações na construção da interação e que permite ver, na sequencialidade e na temporalidade dessas ações, como as interações sociais e os significados se desenham.

Finalmente, voltando-me para dados de interação das quais participam sujeitos com alguma patologia, como Alzheimer, gostaria de mostrar alguns elementos desse espaço em movimento nessas interações, através do olhar para o mínimo. Essa metodologia do

⁶ A noção de multimodalidade também se aplica aos estudos do texto, com escopo, objetivos e análises distintos das análises voltadas para ações humanas. Temos estudos interessados em estudos semióticos do texto, como imagens e filmes (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001; NORRIS, 2004). No Brasil, temos uma produção significativa no campo desses estudos sobre as relações entre oralidade e escrita. Ver, por exemplo, Marcuschi, L. A.; Dionísio, A. P. (Org.). **Oralidade e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica.

olhar para o mínimo dialoga diretamente com os estudos multimodais e com a tradição de estudos da interação de inspiração etnometodológica (ver, por exemplo, a publicação “*Doing Conversation Analysis*”, TEN HAVE, 1995; GARCEZ et al., 2014), atenta à natureza dos dados, aos registros audiovisuais, à transcrição minuciosa e detalhada, à descrição “linha por linha” (remissão à forma como se apresentam as transcrições, mas também à dinâmica de sequências encadeadas de ações que compõem a interação), e à temporalidade das ações.

Apresentação dos dados e notação de transcrição: algumas palavras prévias à análise

Apresentaremos um quadro (Quadro 1) com uma notação de transcrição e 2 excertos transcritos (Excerto 1 e Excerto 2) de interações envolvendo sujeitos com Alzheimer, extraídos do corpus audiovisual *DALI*. Um aspecto fundamental e uma ferramenta analítica importante é a transcrição de dados audiovisuais. Muitas vezes, elementos importantes para o entendimento da estruturação e da organização das situações se constituem multimodalmente, tais como aberturas e fechamentos das interações ; hesitações ; pares mínimos (de perguntas e respostas); dinâmica de alternância de turnos; reparos, etc. Em *corpora* audiovisuais, esses traços podem ser visíveis, transcritos e analisados detalhadamente em termos sequenciais, através de movimentos das mãos, do corpo, do olhar, de gestos de apontar e da referência gestual a objetos presentes no espaço. No entanto, a transcrição de elementos multimodais nem sempre é uma tarefa fácil de se realizar. Em situações de apresentações orais de dados, como cursos, conferências etc., o vídeo pode ser um bom recurso ou suporte para dar visibilidade a um dado. No entanto, ainda assim, ele não suprime a necessidade do trabalho de transcrição, que já é em si uma atividade analítica (OCHS, 1979; MONDADA, 2000; TEN HAVE, 2002). Transcrever é assim uma atividade de “fazer ver através”, de transver os potenciais elementos analíticos de uma interação.

Os dados reunidos neste artigo trazem, em sua forma apresentada, algumas questões colocadas acima. Eles foram transcritos utilizando-se um sistema de notação de transcrição que teve por base elementos da proposta por Mondada (2004). O que justifica as adaptações é que tanto a prática de transcrição quanto a notação adotadas são sensíveis aos efeitos teórico e analiticamente configurantes dessa prática. No quadro 1, que se segue, apresento a notação de transcrição utilizada.

Quadro 1 – Sistema de notação de transcrição

<p>Informações gerais</p>	<p>Cada participante é indicado por duas letras iniciais (MA, MH e AN, para o Excerto 1 e ME, PA, AC, para o Excerto 2).</p> <p>As letras iniciais em maiúsculo indicam a fala.</p> <p>As letras iniciais em minúsculo indicam gestos.</p> <p>Em caso de referência ao participante no interior do turno de fala por outro participante, opta-se pelo uso de pseudônimo correspondente às iniciais indicadas.</p> <p>No texto de análise do dado, opta-se pelo uso de pseudônimo.</p> <p>Cada linha da transcrição é numerada e <i>não</i> corresponde necessariamente aos turnos de fala.</p> <p>Cada participante recebe um símbolo gráfico indicador de seus gestos. No caso do Excerto 1: + gestos de MH; * gestos de MA; # gestos de AN. No caso do Excerto 2: + gestos de PA.</p> <p>Para destacar, do ponto de vista gráfico, as falas dos gestos, aquelas são apresentadas em negrito e a descrição destes últimos em <i>itálico</i>.</p>
<p>Segmento ininteligível</p>	<p>Xxx</p>
<p>Fenômeno sequencial: marca a continuação do turno de fala pelo mesmo locutor após uma quebra da linha da transcrição para introduzir a descrição de um gesto de outro interlocutor</p>	<p>&</p>
<p>Pausas</p>	<p>. (micro pausas, inferiores a 0,3 segundos, não medidas)</p> <p>(x,x s) pausas medidas com ajuda do programa (<i>software</i> livre) para edição de áudio Audacity versão 1.2.6.</p>
<p>Fenômenos segmentais</p>	<p>: alongamento silábico</p> <p>.h marca a inspiração do locutor</p>
<p>Entonação- Prosódia</p>	<p>/ e \ entonação ascendente e descendente</p> <p>// entonação de pergunta (ascendente)</p> <p>Segmento sublinhado: ênfase particular (intensidade, acento)</p> <p>Segmento em maiúscula: volume forte de voz</p> <p>° ° volume baixo, murmúrio de voz</p> <p>↑: Subida na curva entoacional, em sílabas nucleares (posicionada antes da sílaba)</p> <p>↓: Descida na curva entoacional, em sílabas nucleares.</p> <p>→ Neutralidade na curva entoacional, em sílabas nucleares.</p>

<p>Descrição e marcação de ações como (gestos, direcionamento do olhar e postura</p>	<p>+----+ delimitação da ação descrita relacionada à fala transcrita na linha superior.</p> <p>A fala transcrita comporta os símbolos gráficos indicadores de gestos (+, *, #) posicionados no momento em que são realizados com relação à fala.</p> <p>,,, indica que a ação descrita é contínua</p> <p>----> (linha x) indica que a ação descrita continua até determinada linha</p> <p>---->+ indica o momento exato, em que, numa ação contínua descrita, há uma outra ação pontual; ou quando há uma ação num momento preciso do turno de fala.</p>
--	--

Fonte: elaboração própria.

Análises: o silêncio e o corpo em interações envolvendo sujeitos com Alzheimer

No excerto 1, temos uma interação da qual participam Maria Helena (MH), uma senhora que recebeu o diagnóstico de Alzheimer; Márcia (MA), sua nora, e André (AN), seu neto. Os dados relativos à Maria Helena foram coletados entre 2006 e 2007 e correspondem a um conjunto relativamente variado de interações cotidianas das quais participa Maria Helena em seu ambiente familiar. Maria Helena recebeu o diagnóstico de Alzheimer há aproximadamente 10 anos da data da coleta desses dados.

Nessas interações, nem sempre temos indícios ou evidências de fala ou de uma participação expressa verbalmente por parte de Maria Helena. Algumas características descritas em estudos clínicos sobre linguagem em quadros de Alzheimer ou em descrições sobre o comportamento linguístico de sujeitos com Alzheimer confirmam que, no quadro evolutivo da demência, há uma perda progressiva das iniciativas de fala, silenciamentos e mesmo mutismo (FERRIS; FARLOW, 2013). O silêncio, de uma forma muito geral, é por vezes associado à ideia de lacuna ou falta. Aqui, gostaria de explorar analiticamente uma situação em que identificamos “o silêncio” de um sujeito com Alzheimer. Como ele se integra na órbita ecológica de uma interação? E ainda, o que a proposta de um olhar para o mínimo nessas interações poderia fornecer de subsídios de análise para uma exploração dos recursos sociocognitivos dos sujeitos?

No excerto abaixo, estão os três participantes sentados à mesa, almoçando. Márcia dirige-se ao filho, chamando sua atenção para a comida caindo na roupa (referência à Figura 1).

Figura 1 – Corpus DALI



Fonte: elaboração própria.

Excerto 1 – Corpus DALI

```
01 MA: +AndrE↑/ você tá se sujando to:do di di macarrão\+
02 ma +-----MH volta-se para AN-----+
03 MA +AndrE↑/ a o macarrão caindo+
04 mh +-----MH volta-se para AN-----+
05 MA *+na sua ca- no seu prato aí (0.3) AndrE\.+
06 ma *MA aponta para André
07 mh +-----MH volta-se para AN-----+
08 MA +me poupe\ . põe↑ esse prato pra perto\
09 (1.5)
10 MA ã:::+\
11 mh +-----MH volta-se para MA
12 MA e CO↑me hein\+
13 mh + MH volta-se para a mesa
14 AN: já TO comendo
15 (1.9)
16 AN +se eu comer posso xxx/
17 mh +....volta-se para AN,,,,,,+
18 +(1.0)+
19 mh +---MH olha para MA-----+
20 #+(0.8)+#
21 mh +MH volta para MA+
22 an #AN volta par MA #
23 MA: *limpa essa boca*\
24 *mov negativo com a cabeça*
25 ((todos voltam a comer))
```

Nesta situação interativa, as trocas verbais, que, então, restringirei ao uso da fala (linhas 01, 03, 05, 08, 10, 12, 14, 16, 23), acontecem entre Márcia e André ao mesmo tempo em que os três participantes fazem uma refeição. Vimos que Márcia, mãe de André, chama-lhe repetidamente a atenção para a comida que cai do prato. Durante essas intervenções, Márcia solicita um atendimento ou resposta, em termos de ações,

para André. Esse tipo de troca foi analisada como uma sequência interacional do tipo sequências corporificadas de diretivas (no original, *embodied directive sequences*), por Goodwin (2006) e Cekaite (2010), em que a mãe/pai ou um adulto solicita algo ao filho/criança que, por sua vez, responderá ou não, com uma ação corporal, estruturando, dessa forma, um par adjacente pergunta-resposta. Assim, *arrumar-se na mesa/ajeitar o prato/comer* formam uma sequência de pedidos de Márcia para André. Da forma como se organizam essas sequências nesta interação, há uma temporalidade marcada pela espera de Márcia pelo atendimento dos pedidos dirigidos a André. Essa temporalidade da espera, se assim podemos dizer, é espacialmente visível na construção multimodal da atenção conjunta dos participantes para o problema: a comida caindo do prato. Essa atenção conjunta é mutualmente construída através de recursos verbais: “*André/ a ô macarrão caindo na sua ca- no seu prato aí (0.3) Andre*” (linhas 03-05), com a presença de forma dêitica (*a ô*= olha o, estrutura do tipo olhar +X, na proposta do estudo de Bernardo (2005), por exemplo). Mas também gestuais: “*Márcia aponta para André*” (linha 06).

A cada pedido de Márcia e a cada nova informação desta construção da atenção conjunta para o problema, Maria Helena indica, com o direcionamento do olhar, a dinâmica de trocas desses pares de pedido-resposta entre Márcia e André. Nesse caso, Maria Helena participa dessa construção conjunta da atenção seguindo e antecipando, através do direcionamento do olhar, a dinâmica da troca desses turnos. Em outros termos, podemos dizer que Maria Helena, sem expressar-se verbalmente, acompanha a organização sequencial dessa atividade através do direcionamento do olhar e de sua postura corporal.

As ações realizadas pelos três participantes para completar esse tipo de sequência (*embodied directive*) fornece uma dimensão situada da socialização da criança através de práticas corporais e de movimentos neste espaço interacional. Esta é uma das análises propostas por Ceikate (2010), interessada especialmente em interações envolvendo crianças. Para o excerto 01 em análise, podemos depreender alguns aspectos que dialogam com uma análise sobre processos de sociabilidade e o que eles indicam sobre os recursos utilizados (ou não) por sujeitos com perdas cognitivas. Vejamos: em termos metodológico-analíticos, muitas variáveis poderiam e podem ser mobilizadas para compreendermos uma situação interativa ou uma ação sendo co-construída entre sujeitos, tais como: idade; grau de familiaridade entre os participantes; conhecimentos de mundo compartilhados; motivações de várias ordens, como afetivas, psicológicas, ideológicas, etc.; finalidade da interação; competências e habilidades; aspectos cognitivos, culturais; ambiente, e tantas outras quanto imaginarmos ou pudermos descrever ao observarmos uma interação, considerando as condições que são próprias a cada situação.

Em meio a esse vasto conjunto de possibilidades de explorar analiticamente essas ações, elegemos aqui uma perspectiva êmica da interação e das práticas humanas, ou seja, aquela que adota o ponto de vista dos integrantes ou participantes de uma interação (ver DURANTI, 1997; GARCEZ, 2008). Isso tem uma implicação direta na forma de olhar e analisar as interações. Significa assumir, por exemplo, que a

relevância ou pertinência dos recursos mobilizados pelos sujeitos é dada no momento de uma determinada interação, pelos próprios participantes e pelas circunstâncias que contingenciam aquela ação em questão. Assim, o que se pretende destacar não é apenas o fato de que durante nossas interações cotidianas acionamos um conjunto variado de recursos e ações para produzirmos sentido. O enfoque está justamente em apontar como os elementos dessa arquitetura intersubjetiva (HERITAGE, 1984; SCHEGLOFF, 1992) estão organizados no espaço e no tempo daquilo que se delimita como uma dinâmica interacional e como os participantes dão conta disso, publicamente, em suas ações (ver as noções de *accountability* (HERITAGE, 1984) e *explicabilidade* (GARCEZ, 2008)).

O que está em jogo nesta explicabilidade é justamente um campo complexo para ser decomposto analiticamente envolvendo coordenações de ações e movimentos. Podemos dizer que Maria Helena, portadora de Alzheimer, também acompanha e constrói ativamente aquela coordenação de ações, desempenhando um papel distinto do de Márcia, mãe da criança, que atua nas solicitações dessas ações. Maria Helena, diferentemente, acompanha essa coordenação de ações e as trocas de turnos desses pares de solicitações e respostas através de um alinhamento das ações de Márcia e André, ou seja, acompanhando cada momento destes movimentos com o direcionamento do olhar. A construção desse alinhamento entre as ações dos participantes, marcado temporalmente, se completa justamente quando as sequências de solicitações e respostas terminam (*linhas 25 e 25*) e quando todos os três participantes, finalmente, voltam a comer (*linha 26*).

Uma perspectiva da interação corporificada tem reforçado que o lugar primordial para a organização da ação humana, da cognição, da linguagem e da organização social consiste de uma situação em que os vários participantes estão conjuntamente construindo um espaço interacional, ao mesmo tempo em que constroem, em conjunto com outros, as ações que definem e moldam seu mundo social. E mais, tudo isso é feito enquanto orientam-se mutualmente para a organização detalhada da fala em curso; para os eventos relevantes no ambiente e para as múltiplas atividades nas quais estão engajados (HADDINGTON et al., 2013).

Em termos de coordenação de ações, temos aqui uma interação social envolvendo multiatividades, que basicamente se define como atividades simultâneas, cuja organização deixa ver como os sujeitos interagem uns com outros ao mesmo tempo em que têm sua atenção e o tempo voltados para outra(s) atividades (comer, educar uma criança, conversar...).

No caso de situações interativas das quais participam sujeitos com Alzheimer, acredito que esse é um nicho interessante de questões, por mobilizar, sobretudo, a pergunta sobre o que poderíamos destacar analiticamente como evidências de recursos sociocognitivos mobilizados pelos sujeitos, com ou sem prejuízo cognitivo, durante a construção colaborativa das ações. Como um indicador importante, trazemos, então, para o campo da análise das interações, o corpo nesse espaço interacional. Corpo esse capaz de deixar ver, antes tudo aos demais interlocutores durante a interação social, uma infinidade de recursos cognitivos que são mobilizados na coordenação dessas ações.

Tentarei aprofundar um pouco mais a discussão sobre o papel do corpo em um espaço interacional e as implicações de uma perspectiva corporificada da cognição para os dados de patologias que afetam a linguagem e cognição, explorando uma segunda situação interativa.

A situação seguinte se passa em um ambiente institucional de consulta clínica, em um centro de atendimento a pessoas com Alzheimer, em São Paulo, Brasil. Da mesma forma que o Excerto 1, esse dado também fora extraído do *corpus* DALI, nas coleções dedicadas a interações em ambientes clínico-institucionais. Optei por indicar os participantes segundo as categorias **médico-paciente** diretamente relacionadas a esse contexto clínico-institucional (ver, por exemplo, Ten Have, 1999 para a discussão em torno das escolhas de indicações de participantes durante a prática de transcrição). Assim, temos um paciente diagnosticado com Alzheimer, PA; o médico, ME; e a esposa/acompanhante do paciente, que o acompanha à consulta, AC.

Excerto 2 – Corpus DALI

01 ·ME → e ·a ·memória/ ·(.) ·como ·é ·que ·anda/¶
 02 ·PA → como//(.) ·a ·memória//¶
 03 ·ME → é¶
 04 ·PA → a: ·doutor ·xx+xxxxx ·né/ ·vo- ·agora ·difícil ·mas ·tá ·¶
 05 → chegando+¶
 06 ·pa ············+volta-se ·para ·sua ·esposa ·do ·lado ·¶
 07 ·AC → eu ·não ·sei ·nada ·¶
 08 ·ME → o ·que ·que ·a ·senhora ·acha//¶

No excerto 02, o médico dirige-se ao paciente perguntando-lhe sobre o estado de sua memória. Os problemas de memória são uma das queixas centrais e sinais mais importantes da Doença de Alzheimer. Esse tipo de pergunta é constitutivo das consultas envolvendo pessoas com Alzheimer. Espera-se assim alguma manifestação ou explicabilidade, em termos discursivos, do estado cognitivo. Embora comum, esse tipo de pergunta não deixa de revelar algumas tensões, justamente por colocar em evidência o problema de memória dos sujeitos e todas as injunções sociais a ele relacionadas (CRUZ; MORATO, 2005; CRUZ, 2014). Mas, interacionalmente, seria possível analisar algumas tensões e suas implicações para o curso desta interação?

O estado cognitivo de um sujeito sob avaliação em consultas clínicas é verificado dentro de uma dinâmica interativa, mesmo que para isso sejam utilizados protocolos ou testes estruturados em perguntas e respostas (MARLAIRE; MAYNARD, 1990). São nessas situações de consulta clínica voltadas para aferição do estado cognitivo que podemos observar as distintas formas pelas quais os sujeitos manifestam “seu estado mental”. Por exemplo, discursivamente, através das formulações do tipo “*não sei, não lembro, esqueci*”, “*a memória não está boa*” e linguístico-interacionalmente, através de hesitações, pausas, busca de palavras ou reparos. Esse último aspecto nos interessará aqui analisar.

No exemplo acima, a pergunta do médico sobre a memória é respondida pelo paciente com um reparo: “*como/(.) a memória/*” (*linha 02*). O reparo, como fenômeno interacional, tem implicações importantes na análise do desenrolar de uma interação, uma vez que é um recurso a partir do qual os participantes demonstram aos outros aquilo que é considerado por eles como fonte de problema (*source of problem ou trouble source*), ou seja, aquilo que tem potencial de ser tratado interacionalmente pelos participantes (ver SCHEGLOFF; JEFFERSON; SACKS, 1977; DREW, 1997; GARCEZ; LORDER, 2005, dentre outros). Nesse sentido, os reparos, do ponto de vista sequencial, não acontecem a qualquer momento. No exemplo acima, essa característica é fundamental para construirmos um plano de análise das várias pequenas tensões e ações que se passam em um ambiente de consulta clínica sobre o estado mental de quem tem um diagnóstico de perda progressiva de suas capacidades cognitivas.

No Excerto 2, temos uma estrutura de reparo iniciado pelo paciente com relação ao turno anterior, justamente após ser perguntado pelo médico sobre a memória. Assim, o paciente aponta como fonte problema, em termos interacionais e não cognitivos, a pergunta sobre o estado da memória. É na continuidade desta interação que essa ação se reverbera. Vejamos: o médico confirma a fonte de problema que é acionada por um reparo (“*é*”, *linha 3*) dando continuidade à consulta. Na sequência, diante da confirmação do reparo pelo médico, o paciente inicia a resposta ao par adjacente pergunta-resposta (*pergunta sobre o estado da memória/resposta*) proposto pelo médico antes do reparo. Nesse momento, ele introduz uma apreciação, uma auto-avaliação: “*agora tá difícil*” (*linha 04*) e uma espécie de projeção que parece transportar a ação de recordar-se (ou a habilidade cognitiva sobre a qual se pergunta) para o momento presente daquela interação: “*mas tá chegando*”, referindo-se à memória. Na construção desse turno, vemos uma combinação entre algumas ações do paciente: reparos, a resposta ao par adjacente pergunta-resposta; uma apreciação sobre seu próprio estado cognitivo; uma projeção de um estado latente de memória que estaria chegando; e, finalmente, na *linha 06*, uma ação corporal, o direcionamento do olhar para a acompanhante AC.

Com esse direcionamento do olhar para a acompanhante, o paciente seleciona-a para assumir o papel de interlocutora desta conversa com o médico, propondo uma outra configuração do quadro participativo e dos papéis a serem desempenhados pelos três participantes ali. Mas note que o paciente faz isso de forma multimodal, combinando uma sintaxe da cadeia da fala com todas aquelas ações acima descritas, dando continuidade à construção desse turno.

Embora a acompanhante recuse, a princípio, a seleção realizada pelo paciente para que ela ocupe o papel de interlocutor direto do médico, este último alinha-se à ação do paciente e completando-a efetivamente. Ao selecionar outro interlocutor em seu lugar e reorganizar a configuração do quadro participativo estabelecido até o momento, o paciente é menos convocado a falar sobre seu estado cognitivo nessa situação. O que o paciente constrói durante o curso dessa interação pode ser interpretado como estratégias de preservação da face. Um achado muito semelhante foi mostrado por um estudo realizado recentemente por Pollock (2007), que explora justamente como as

ações de preservação da face (GOFFMAN, 2011 [1967]) são construídas em situações de consultas psiquiátricas. O conceito de face, que também tem sido traduzido como fachada, consiste, conforme o autor:

[no] valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular. Construída, portanto, dialogicamente, a face é uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados. (GOFFMAN, 2011, p.14)

No complexo jogo da interação, muitos lances orientam e organizam aquilo que ordenaria um ritual. Sua complexidade, como dirá Goffman, não parece estar em grandes lances ou movimentos, mas em “olhadelas, gestos, posicionamento e enunciados verbais que as pessoas continuamente inserem na situação, intencionalmente ou não.” (op.cit., p.9). Assim, entre reparos, pausas na fala, hesitações, pequenos e breves direcionamentos de olhar, temos um conjunto de gestos mínimos, verbais e corporais, impregnados de efeitos pragmáticos e semânticos, que constroem a interação. Esses elementos nos deixam ver melhor como os sujeitos com Alzheimer e seu entorno, incluindo aqui familiares e profissionais de saúde, lidam com os estados mentais em vários movimentos significativos desta órbita microecológica que envolve uma interação.

Discussão: a observabilidade dos estados mentais e interação social

Uma formulação como “*a forma como se manifestam*” os estados mentais, ou ainda, « manifestação dos estados mentais » nos remete diretamente a uma questão importante no campo das ciências humanas empíricas interessadas na cognição humana, a questão da *observabilidade* dos estados cognitivos. Durante as interações, as manifestações que nos remetem a um estado mental não se restringem apenas à estrutura linguística ou ao comportamento verbal do sujeito com DA. Esse tipo de achado dialoga com pesquisas realizadas em outros campos e esse tópico merecerá algumas linhas na reflexão proposta neste artigo.

No campo da *Discourse Psychology* (EDWARDS, 1997; TE MOLDER; POTTER, 2001) investigam a forma pela qual os aspectos psicológicos e mentais são descritos, nomeados e evocados na interação, bem como as formas pelas quais as categorias e noções psicológicas são utilizadas pelos sujeitos como ferramentas para a realização de ações. Nesta abordagem, alguns termos centrais no campo das pesquisas cognitivas clássicas têm sido reconsiderados a partir de uma perspectiva considerada não-mentalista, mas discursiva, como, por exemplo, as noções de memória (EDWARDS; POTTER, 1992; LYNCH; BOGEN, 2005); atitude (POTTER, 1998); categorias e identidades (EDWARDS, 1991), emoção (LOCKE; EDWARDS, 2003) e *script* (EDWARDS, 1997). Os estudos realizados a partir dessa abordagem propõem uma forma de conceber

e focalizar os fenômenos mentais ou psicológicos partindo da forma como esses fenômenos seriam construídos, ajustados e situados nas interações humanas naturais.

Assim, um repertório de termos relacionados aos estados mentais é concebido como atributos discursivos, não relacionado apenas à representação dos estados mentais internos, mas à expressão desses estados empregadas no curso de uma atividade interacional e com finalidades discursivo-interacionais. Os distintos estudos neste campo investigam tanto a natureza retórica ou o uso retórico que pode ser feito pelos participantes destes termos quanto as formas pelas quais termos vernaculares ou outras ações atribuídas a certos estados mentais podem atuar na organização de microaspectos da interação.

No campo dos estudos interacionais, não necessariamente comprometidos com as dimensões psicológicas, os estados mentais ou cognitivos presentes na interação também recebem um estatuto de objeto de análise. Um exemplo de estudo no campo das análises conversacionalistas é o estudo de Goodwin (1987) que mostra como manifestações de esquecimento, incertezas e hesitações podem operar como uma solicitação de um trabalho colaborativo que se estabelece durante uma atividade narrativa ou uma sentença conversacional. Nesse sentido, as manifestações de esquecimento ou dificuldades de evocação podem ser entendidos, analiticamente, como *recursos* (DREW, 2005, p.166) utilizados pelos participantes durante as práticas interativas. A noção de recurso se deve justamente ao fato de exercerem um papel importante na organização social e interacional de uma atividade. A questão que nos colocamos é como conceber uma noção de *recurso* para os casos nos quais os esquecimentos ou os estados de confusão seriam uma dificuldade decorrente de uma patologia neurodegenerativa, cuja natureza do problema é conhecida? Aqui é preciso retomarmos o que foi exposto anteriormente a respeito de uma perspectiva ecológica das interações afetadas por patologias.

Podemos dizer que as manifestações que nos remetem a um estado mental estão imbricadas e manifestadas numa dinâmica da interação (ou seja, em que momento e em que ordem sequencial uma manifestação de dificuldades, esquecimento, confusão emerge); nos níveis discursivos (ou seja, quais as distintas formulações discursivas que dão visibilidade a uma referência linguística aos estados mentais); nas formas linguístico-interacionais (visíveis sobretudo no que diz respeito a uma estrutura linguística e a uma temporalidade interacional através das marcas de hesitação, incertezas, pausas, reparações, repetições, etc.) e, multimodais (através de gestos e do corpo).

Ainda algumas palavras finais sobre os gestos mínimos, o corpo, a linguagem e o de-mens

As investigações clínico-diagnósticas em torno da Doença de Alzheimer procuram fornecer pistas de como o declínio cognitivo afeta diferentes dimensões da vida cotidiana, como linguagem, comportamento social, rotinas, tarefas domésticas ou de trabalho. A investigação dessas atividades para fins analíticos (ou seja, investigação

em separado da linguagem, da memória, da atenção, ou ainda, de níveis linguísticos ou habilidades linguísticas específicas, por exemplo) têm fornecido alguns achados importantes, validados inclusive por protocolos investigativos consolidados no campo das investigações neuropsicológicas. Da mesma forma, uma decomposição analítica em termos interacionais também permite destacar um complexo trabalho cognitivo realizado pelos sujeitos, ilustrativo do que fazemos na vida cotidiana, em que lidamos o tempo todo com ações sociais, verbais e corporificadas.

No entanto, ao interagirmos estamos sempre imersos em uma órbita microecológica, em que várias coisas acontecem ao mesmo tempo em que falamos. Esse “ao mesmo tempo”, ou seja, esse caráter sincrônico e simultâneo de algumas ações ainda parece ser um campo a ser explorado em dados de interação envolvendo falas e gestos. As várias coisas que fazemos, digamos assim, colocadas sob uma lente ampliada (um microscópio para a vida social, como faz pensar Buscher (2005)) deixam ver que todos nós, sujeitos com ou sem uma patologia que comprometa as capacidades cognitivas, construímos o sentido e atribuímos valores simbólicos a um conjunto infinito de ações que desempenhamos quando estamos em situações face a face. Justamente onde, segundo Godard, em seu filme *Adieu au langage*, inventamos a linguagem, como anunciado na epígrafe deste texto. Todas as pistas do que estaria envolvido na construção dos sentidos são fornecidas antes pelos sujeitos indiciados nessa linguagem que vai sendo inventada à medida que a interação se estabelece, engendrada pelo compartilhamento em distintos graus das funções cultural e socialmente situadas de tais pistas.

No caso das investigações envolvendo as interações com sujeitos em estado de perda cognitiva, análises desse tipo talvez possam colaborar no entendimento de um corpo no espaço interacional, que persiste, mesmo quando o declínio cognitivo já se avança e que a linguagem verbal já se ausenta. Ou seja, embora a noção de ausência da mente esteja embutida no próprio nome *demência* (*de-mens*), quando nos voltamos efetivamente para uma noção de cognição corporificada, somos convidados a rever uma pergunta que parece estar sempre presente nas pesquisas em ciências humanas e sociais que tocam o campo das patologias mentais e cognitivas: o que fazer com o corpo quando uma mente se esvai? Talvez já não formularíamos dessa forma se nos lançássemos a pensar linguagem, interação e cognição de forma corporificada.

CRUZ, F. Embodied interaction: multimodality, body and cognition in the analysis of conversations involving individuals with Alzheimer's. *Alfa*, São Paulo, v.61, n.1, p.55-80, 2017.

- *ABSTRACT: This article aims to explore, theoretically and analytically, how do people build the interactional spaces through the simultaneous use of multiple semiotic resources with quite different proprieties. For this, we bring some theoretical references in the embodied interaction studies (STRECK et al., 2011), i.e., an action (verbal or otherwise) is constructed and finished thanks to an ecology (GOODWIN, 2010) of sign systems, structurally distinct from itself but closely related (e.g. gaze, posture, orientation, body). We move beyond this*

framework to transcribe, to describe and to analyze two conversations involving individuals with Alzheimer's. Data were extracted from the DALI audiovisual corpus. Inspired by the video analysis (MONDADA, 2008, KNOBLAUCH et al., 2012), the analytical focus is on so-called minimum gestures found in these interactions and on a synchrony between talk and gestures. The analyses show that these interactions occur, despite the conditions imposed by the pathology, as a collective temporal, spatial, body and material organization. This discussion may throw more light upon some issues as the relationship between language and body and a reflection on a multiple cognitive resources that are or can be mobilized and analyzed in building our talk-in-interaction.

- **KEYWORDS:** Embodied Interaction. Pathology. Gesture. Videanalysis. Ecology. Body. Cognition.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, R. Análise da conversação: uma proposta para a análise das práticas sociais. In: WEBER, S.; LEITHAUSER, T. (Org.). **Métodos qualitativos nas ciências sociais e na prática social**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2007. p.59-71.

ATKINSON, J.; HERITAGE, J. (Org.). **Structures of Social Action**. Cambridge: Cambridge University, 1984.

AUER, P.; COUPER-KULHEN, E.; MÜLLER, F. **Language in Time: The Rhythm and Tempo of Spoken Interaction**. New York: Oxford University Press, 1999.

BERNARDO, S. *Olha só, olha lá* na dêixis conversacional. **Cadernos do CNLF (Congresso Nacional de Linguística e Filologia)**, Rio de Janeiro: CiFEFiL, v.9, n.11, p.174-180, 2005.

BUSCHER, M. Social life under the microscope? **Sociological Research Online**, n.10, 2005. Disponível em: <<http://www.socresonline.org.uk/10/1/buscher.html>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

CEKAITE, A. Shepherding the child: embodied directive sequences in parent-child interactions. **Text & Talk**, n.30, p.1-25, 2010. Disponível em <<http://liu.diva-portal.org/smash/get/diva2:298327/FULLTEXT01.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2015.

CLARK, H. H. **Arenas of language use**. Chicago: University of Chicago Press. 1992.
_____. Coordinating with each other in a material world. **Discourse Studies**, London, n.7 (4-5), p.507-525, 2005.

CLARK, H. H.; WILKES-GIBBS, D. Referring as a collaborative process. **Cognition**, Netherlands, n.22, p.1-39, 1986.

COUDRY, M. H. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CRUZ, F. M.; MORATO, E. M. Os embates da memória. **Horizontes**, Itatiba: EDUSF, v.23, p.29-38, 2005.

CRUZ, F. M. Categorizations of patients diagnosed with Alzheimers: alternative membership categorization devices displayed by participants in talk-in-interaction. In: GRECO, L.; MONDADA, L.; RENAUD, P. (Org.). **Identités en interaction**. Paris: Éditions Lambert-Lucas, 2014. p.193-214.

_____. **Linguagem, interação e cognição na doença de Alzheimer**. 312 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

_____. Verbal repetitions and echolalia in Alzheimer s discourse. **Clinical Linguistics & Phonetics**, London, n.24, p.848-858, 2010.

_____. Beyond neurological structures: signs of Alzheimer’s disease and other possible cartographies. **Pragmatics and Society**, n.6, v.2, p.240-260, 2015.

CULLEN, B.; COEN, R. F.; LYNCH, C. A.; CUNNINGHAM, C. J.; COAKLEY, D.; ROBERTSON, I. H.; LAWLOR, B. A. Repetitive behavior in Alzheimer’s disease: description correlates and functions. **International Journal Geriatric Psychiatry**, n.25, p.686-693, 2005.

DREW, P. ‘Open’ class repair initiators in response to sequential sources of troubles in conversation, **Journal of Pragmatics**, v.28, n.1, p.69-101, 1997.

_____. Is *confusion* a state of mind? In: MOLDER, H. T.; POTTER, J. (Org.). **Conversation and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p.161-183.

DUNCAN, S. Gesture, verb aspect, and the nature of iconic imagery in natural discourse. **Gesture**, Amsterdam, n.2(2), p.183-206, 2002.

DURANTI, A. **Linguistic Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.

EDWARDS, D. **Discourse and Cognition**. London and Beverly Hills: Sage, 1997.

_____. Categories are for talking: on the cognitive and discursive bases of categorization. **Theory and Psychology**, n.1, p.515-542, 1991.

EDWARDS, D.; POTTER, J. **Discursive Psychology**. London: Sage, 1992.

ERICKSON, F. The neglected listener: issues of theory and practice in transcription from video in interaction analysis. In: STREECK, J. (Ed.). **New Adventures in Language and Interaction**. Amsterdam: Benjamins, 2010. p.243-256.

FERRIS, S. H.; FARLOW, M. Language impairment in Alzheimer’s disease and benefits of acetylcholinesterase inhibitors. **Journal of clinical interventions in aging**,

n.8, p.1007-1014, 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3739421>>. Acesso em: 15 out. 2015.

FREUD, S. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GARCEZ, P. M. A organização da fala-em-interação na sala de aula: controle social, reprodução de conhecimento, construção conjunta de conhecimento. **Calidoscópico**, São Leopoldo: UNISINOS, v.4, n.1, p.66-80, 2006.

_____. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Org.). **Fala-em-interação social: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica**. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p.17-38.

GARCEZ, P. M.; BULLA, G. S.; LODER, L. L. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. **D.E.L.T.A**, São Paulo, n.30 (2), p.256-288, 2014. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-445078307364908145>>. Acesso em: 07 out. 2015.

GARCEZ, P. M.; LODER, L. L. Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na conversa cotidiana em português do Brasil. **D.E.L.T.A**. São Paulo, n.21 (2), p.279-312, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502005000200006>>. Acesso em: 10 out. 2015.

GARFINKEL, H. **Studies in Ethnomethodology**. Cambridge: Polity Press, 1984.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística Interacional**. Tradução de Pedro M. Garcez. São Paulo: Edições Loyola, 2002 [1964]. p.13-20.

_____. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Tradução de Fábio Rodrigues da Silva. Petrópolis: Editora Vozes, 2011 [1967].

GOODWIN, C. The interactive construction of a sentence in natural conversation. *Everyday Language*. In: PSATHAS, G. (Org.). **Studies in Ethnomethodology**. New York: Irvington Publishers. 1979. p.97-121.

_____. Forgetfulness as an interactive resource. **Social Psychology Quarterly**, n.50, v.2, p.115-131, 1987.

_____. Environmentally coupled gestures. In: DUNCAN, S.; CASSELL, J.; LEVY, E. (Org.). **Gesture and the dynamic dimension of language**. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 195-212.

_____. Action and embodiment within situated human interaction. **Journal of Pragmatics**, London, v.32, n.10, p.1489-1522, 2010a.

_____. Practices of Color Classification. **Mind, Culture, and Activity**. Philadelphia. n.7, p.19-36, 2010b.

GOODWIN, M. H. Participation, affect, and trajectory in family directive/response sequences. **Text&Talk**, n.26, p.515-544, 2006. Disponível em: <http://www.sscnet.ucla.edu/anthro/faculty/goodwin/Goodwin_Participation_Affect_Trajectory.pdf>. Acesso em: 01 out. 2015.

GOODWIN, M. H.; GOODWIN, C. Gesture and coparticipation in the activity of searching for a word. **Semiotica**, 62(2), p.51-75, 1986.

HADDINGTON, P.; MONDADA, L.; NEVILE, M. (Org.). **Interaction and mobility: language and the body in motion**. Berlin: Walter de Gruyter, 2013.

HWANG, J. P.; TSAI, S.-J.; YANG, C.-H.; LIU, K.-M.; LIRING, J. F. Repetitive phenomena in dementia. **International Journal Psychiatry Medicine**, n.30, v.2, p.165-171, 2000.

HERITAGE, J. **Garfinkel and Ethnometodology**. New York: Polity Press, 1984.

KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KENDON, A. Gesture and speech: How they interact. In: WEIMANN, J. M.; HARRISON, R. P. (Org.). **Nonverbal interaction**. Beverly Hills: Sage, 1983. p.13-45.

KNOBLAUCH, H. Introduction to the special issue of *Qualitative Research*: video-analysis and videography. **Qualitative Research**, London, n.12, v.3, p.251-254, 2012.

KNOBLAUCH, H.; SCHNETTLER, B.; RAAB, J.; SOEFFNER, H. (Org.). **Video analysis methodology and methods: qualitative audiovisual data analysis in sociology**. Berlin: Peter Lang, 2012.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse**. London: Bloomsbury Academic, 2001.

LEVINSON, C. S.; ENFIELD, N. J. Introduction: human sociality as a new interdisciplinary field. In: LEVINSON, C. S.; ENFIELD, N. J. (Org.). **Roots of human sociality: Culture, cognition, and human interaction**. Oxford: Berg Press, 2006. p. 1-35.

LIER-DE-VITO, M. F. A. F. Falas sintomáticas: fora de tempo, fora de lugar. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n.47, p.143-150, 2005.

LOCKE, A.; EDWARDS, D. Bill and Monica: memory, emotion and normativity in Clinton's Grand Jury testimony. **British Journal of Social Psychology**, n.42, p.239-256, 2003.

LYNCH, M.; BOGEN, D. My memory has been shredded': a non-cognitivist investigation of 'mental' phenomena. In: MOLDER, H. T.; POTTER, J. (Org.). **Conversation and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p.226-240.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e letramento como práticas sociais. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (Org.). **Oralidade e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.31-56.

MARLAIRE, C. L.; MAYNARD, D. W. 1990 Standardized testing as an interactional phenomenon. **Sociology of Education**. Washington, n.63, p.83-101, 1990. Disponível em: <https://www.ssc.wisc.edu/soc/faculty/pages/DWM_page/PDF%20files/1990Maynard_Marlaire_Test.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2007.

_____. Describing surgical gestures: the view from researcher's and surgeon's video recordings. In: I International Society of Gesture Studies: Gesture-The Living Medium, 1, 2002. **Proceedings of the Gesture Conference**, Austin: University of Texas, 2002. p.1-10.

_____. Temporalité, séquentialité et multimodalité au fondement de l'organisation de l'interaction : le pointage comme pratique de prise du tour. In : FILLIETTAZ, L. (Org.). **Les modèles du discours face au concept d'action**, Genève: Cahiers de Linguistique Française, n.26, 2004.

_____. Using video for a sequential and multimodal analysis of social interaction: videotaping institutional telephone calls. **Forum Qualitative Sozial for schung / Forum: Qualitative Social Research**. Berlim, v.9, n.3, 2008. Disponível em: <<http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0803390>>. Acesso em: 02 out. 2015.

_____. Understanding as an embodied, situated and sequential achievement in interaction. **Journal of Pragmatics**, n.43, p.542-552, 2011.

_____. Garden Lessons: Embodied Action and Joint Attention in Extended Sequences. In: NASU, H.; WAKSLER, F. C. (Org.). **Interaction and Everyday Life: Phenomenological and Ethnomethodological Essays in Honor of George Psathas**. Lanham: Lexington Books, 2012. p.293-311.

_____. Coordinating mobile action in real time: The timely organization of directives in video games. In: HADDINGTON, P.; MONDADA, L.; NEVILLE, M. (Org.). **Interaction and Mobility: language and the body in motion**. Berlin: Walter de Gruyter & Co, 2013. p.300-342.

MORATO, E. M. (Org.). **A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas**. São Paulo: Cortez. 2013.

NORRIS, S. **Analyzing multimodal interaction: a methodological framework**. London: Routledge. 2004.

OCHS, E. Transcription as theory. In: OCHS, E.; SCHIEFFELIN, B. (Org.). **Developmental pragmatics**. New York: Academic Press, 1979. p.43-72.

OSTERMANN, A. C. A ordem interacional: a organização do fechamento de interações entre profissionais e clientes em instituições de combate à violência contra a mulher. **Alfa Revista de Linguística**, São Paulo: UNESP, n.46, p.39-54, 2002.

OSTERMANN, A. C., OLIVEIRA, M. C. L. **Você está entendendo? Contribuições dos estudos de fala-em-interação para a prática do teleatendimento**. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

PÁL PELBART, P. Inhuman Polyphony in the Theatre of Madness. **Afferall: A Journal of Art, Context and Enquiry**. Chicago, n.36, p.20-29. 2014.

PASQUIER, S. Le corps chez Goffman: quel statut du corps dans la réalité sociale; quelle réalité sociale au-delà du corps?, **Revue du MAUSS permanente**, 2008. Disponível em <<http://www.journaldumauss.net/?Le-corps-chez-Goffman>>. Acesso em: 28 set. 2015.

POLLOCK, K. Maintaining face in the presentation of depression: constraining the therapeutic potential of the consultation. **Health**, London, v.11, n.2, p.163-180, 2007.

POTTER, J. Discursive social psychology: from attitudes to evaluations. **European Review of Social Psychology**, n.9, p.2332-266, 1998.

SACKS, H. An initial investigation of the usability of conversational materials for doing sociology. In: SUDNOW, D. (Org.). **Studies in Social Interaction**. New York: Free Press, 1972. p.31-74.

_____. **Lectures on Conversation**. Cambridge: Blackwell, 1992.

SCHEGLOFF, E. A.; GAIL, J.; SACKS, H. The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. **Language**, Washington, n.53, p.361-382, 1977.

SILVEIRA, S. B; GAGO, P. C. Interação de fala em situação de conflito: papéis interacionais do(a) mediador(a) em um audiência de conciliação no PROCON. **Revista Intercâmbio**, n.14, 2005. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3936/2586>>. Acesso em: 01 out. 2015.

STIVERS, J.; SIDNELL, T. Introduction: multimodal interaction. **Semiotica**, Berlin/ New York, n.156 (1/4), p.1-20, 2005.

STIVERS, T.; ENFIELD, N. J.; BROWN, P.; ENGLERT, C.; HAYASHI, M.; HEINEMANN, T.; HOYMANN, G.; ROSSANO, F.; RUITER, J. P.; YOON, K-E.; LEVINSON, S. C. Universals and cultural variation in turn-taking in conversation. **PNAS-Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, n.106 (26), p.10587-10592, 2009.

STRECK, J., GOODWIN, C.; LeBARON, C. **Embodied Interaction: language and body in the material world**. New York: Cambridge University Press, 2011.

STREECK, J. Ecologies of gesture: Action and interaction. In: STREECK, J. (Org.). **New Adventures in Language and Interaction**. Amsterdam: John Benjamins, 2010. p.221-240.

TE MOLDER, H.; POTTER, J. (Org.). **Conversation and Cognition**. New York: Cambridge University Press, 2005.

TEN HAVE, P. **Doing conversation Analysis: a practical guide**. London: Sage Publications, 1999.

_____. Reflections on transcription. **Cahiers de praxématique**. Montpellier: Presses Universitaires de La Méditerranée, n.39, p.21-43, 2002.

TOLEDO, S. A. **Deligny, Fernand Œuvres**. Paris: L'Arachnéen, 2007.

TOMASELLO, M. **Origins of human communication**. Cambridge: MIT Press, 2008.

_____. **Why we cooperate**. Cambridge: MIT Press, 2009.

Recebido em dezembro de 2015

Aprovado em julho de 2016

DESEMPENHO PERCEPTIVO-AUDITIVO DE CRIANÇAS NA IDENTIFICAÇÃO DE CONTRASTES FÔNICOS

Larissa Cristina BERTI*

- **RESUMO:** O objetivo deste estudo foi investigar o desempenho perceptivo-auditivo de crianças na tarefa de identificação de contrastes fônicos do Português Brasileiro (doravante PB). A hipótese foi a de que a aquisição perceptivo-auditiva se desenvolve maneira gradual, obedecendo a uma ordem sistemática de aquisição. Quatro tarefas de identificação, usando o instrumento PerceFAL, foram realizadas com 66 crianças (de ambos os gêneros), entre 4- 5 anos de idade. A tarefa consistiu na apresentação do estímulo acústico, por meio de fones de ouvido, e na escolha da gravura correspondente à palavra apresentada, dentre duas possibilidades de gravuras dispostas na tela do computador. O tempo de apresentação do estímulo e o tempo de reação das crianças foram computados automaticamente pelo *software* PERCEVAL. O desempenho perceptivo-auditivo de crianças ocorreu de modo gradual e é dependente da classe fônica. A maior acurácia na identificação dos contrastes fônicos parece obedecer a seguinte ordem: vogais, sonorantes, oclusivas e fricativas. O tempo de reação das respostas corretas foi menor do que das respostas incorretas (exceto para a classe das vogais). A partir dos mapas perceptuais, pode-se verificar que, no interior da classe das vogais, o parâmetro ântero-posterior parece exercer um importante papel na saliência perceptual. Para a classe das obstruintes e sonorantes (nasais e líquidas), as pistas acústicas que marcam o vozeamento (no caso das obstruentes) e o modo de articulação (no caso das sonorantes) são mais robustas perceptualmente do que as pistas de ponto de articulação. Embora a percepção da fala não deva ser reduzida a uma mera interpretação sensorial, as pistas acústicas dos segmentos da fala exercem uma importante influência para a sua categorização.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Percepção de fala. Aquisição da linguagem. Fonética acústica. Português brasileiro.

Introdução

Durante o processo de aquisição fonético-fonológica de uma língua, pesquisadores comumente destacam o importante papel, não exclusivo, desempenhado pelas habilidades articulatórias e auditivas da criança, além da conexão sensorio-motora que subjaz esse processo (MUNSON et al., 2005; GATHERCOLE, 2006; HARDCASTLE et al., 2010; PANNETON; NEWMAN, 2011; como referências de estudos mais recentes).

* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Filosofia e Ciências – Departamento de Fonoaudiologia. Marília – SP – Brasil. 17525-900 – berti.larissa@gmail.com

Destaca-se, entretanto, que no contexto nacional os estudos desenvolvidos na área de aquisição fônica têm se voltado, fundamentalmente, para a investigação da produção de fala, ou seja, quando e de que modo as crianças atingem a produção alvo de sua língua (LAMPRECHT et al., 2004).

Não há, até onde nosso levantamento bibliográfico preliminar nos possibilitou chegar, estudos que discorram o processo de aquisição de contrastes fonológicos do ponto de vista da percepção.

Diferentemente, na literatura internacional, há registros de pesquisas sobre o domínio de contrastes fônicos por parte de crianças, sobretudo no tocante às habilidades de discriminação e identificação de tais contrastes desde o final da década de 1940, com um grande impulso nas décadas de 1970 e 1980.

Entendemos aqui, de acordo com Hazan e Barret (2000), que a tarefa de discriminação avalia a habilidade para perceber uma diferença entre dois sons, em que não é exigida do ouvinte a categorização dos sons em questão. Isto é, a comparação entre os sons é feita *in praesentia*.

No que diz respeito ao desenvolvimento perceptivo-auditivo de crianças, já está bem estabelecido na literatura internacional que recém-nascidos de apenas um mês de vida são capazes de discriminar não somente contrastes fônicos de sua língua nativa, como também contrastes fônicos de outras línguas (EIMAS et al., 1971; STREETER, 1976; TREHUB, 1976; EILERS; GAVIN; OLLER, 1982; MEHLER, 1985, para uma revisão mais detalhada).

Igualmente, também já está bem estabelecido na literatura que a habilidade das crianças em discriminar contrastes não nativos diminui rapidamente na primeira infância, em função de sua experiência linguística, concomitante ao aumento da acurácia na discriminação dos contrastes fônicos de sua língua (WERKER; POLKA, 1993, para uma revisão dos estudos que estabelecem esta observação). Ou seja, a capacidade de discriminação fônica das crianças degrada gradualmente na seguinte direção: discriminação de contrastes fônicos potenciais (tanto não nativos, quanto nativos) para a discriminação dos contrastes de sua língua nativa.

Em uma série de estudos, Werker e colaboradores (WERKER et al., 1981; WERKER; TEES, 1984a, b; WERKER; LALONDE, 1988; BEST; McROBERTS, 1989; BEST, 1994) demonstraram que o declínio da habilidade em discriminar contrastes não nativos ocorre durante o primeiro ano de vida da criança.

O que é particularmente fascinante nos resultados descritos nos estudos citados é que o declínio na capacidade perceptiva não parece ocorrer de maneira uniforme para todos os contrastes não nativos. Ou seja, os resultados experimentais indicam que a perda da sensibilidade para determinados contrastes ocorre antes da perda para outros contrastes. Este resultado possibilita-nos hipotetizar que o declínio de desempenho perceptivo-auditivo é gradual e ocorre em uma ordem sistemática.

Como possibilidades explicativas para essa degradação na discriminação dos contrastes fônicos não nativos, autores como Best e McRoberts (1989), Best (1993), Best (1994), além de Werker e Tees (2002), têm sugerido que esse declínio pode

estar refletindo o primeiro estágio da aquisição fonológica das crianças, embora não haja menção específica, por parte desses autores, sobre qual aspecto da fonologia em desenvolvimento poderia ser responsável por essa mudança no domínio perceptivo-auditivo.

Entretanto, do ponto de vista perceptivo-auditivo, para adquirir a fonologia de uma língua, a criança não somente deverá aprender a discriminar os padrões sonoros de sua língua, como também organizar, consistentemente, esses padrões sonoros em suas categorias fônicas apropriadas (HAZAN; BARRET, 2000). Esta última habilidade é referida na literatura de percepção de fala como sendo “categorização fônica” ou “identificação fônica”, em que se exige do ouvinte a categorização dos sons, isto é, a comparação é feita *in absentia*¹.

Quanto ao desenvolvimento da habilidade de identificação, pesquisadores têm demonstrado experimentalmente que a habilidade de crianças para identificar (ou categorizar) contrastes fonológicos de sua língua nativa se desenvolve não somente de maneira gradual, como também obedece a uma ordem sistemática de aquisição (SHVACHKIN, 1948; GARNICA, 1973; EDWARDS, 1974; BARTON, 1980; BROWN; MATTHEWS, 1993, 1997).

Em um estudo clássico, por exemplo, Shvachkin (1948) constatou que o desempenho de crianças falantes do russo para identificar determinados contrastes tende a ser melhor que outros, propondo, desse modo, uma ordem de aquisição perceptivo-auditiva, similar àquela descrita por Jakobson (1968)² no tocante à produção de fala. De acordo com aquele autor, as crianças passariam por dois grandes períodos no desenvolvimento perceptivo-auditivo: no primeiro ocorreria a distinção entre as vogais (discriminação e identificação) e no segundo, entre as consoantes. No segundo período, por sua vez, foi previsto o desenvolvimento de 11 estágios distintos, a saber: (1) distinção entre a presença x ausência de consoantes (ex: /ok/ x /bok/); (2) distinção entre sonorantes e o que o autor chamou de obstruintes articuladas (ex: /m/ x /b/); (3) distinção entre consoantes palatalizadas x não palatalizadas; (4) distinção entre as sonorantes (nasais x líquidas); (5) distinção entre sonorantes e o que o autor designou de obstruintes não articuladas (ex: /l/ x /x/); (6) distinção entre labiais e linguais; (7) distinção entre oclusivas e fricativas; (8) distinção entre coronais e dorsais; (9) distinção entre vozeadas e não vozeadas; (10) distinção entre sibilantes estridentes e não estridentes e, finalmente, (11) distinção entre as líquidas.

¹ Para um aprofundamento dos conceitos de discriminação e identificação auditiva, bem como das tarefas que avaliam tais habilidades, recomendamos a leitura do trabalho de Gerrits (2001).

² Jakobson (1968) estabelece como regra geral que o desenvolvimento fonológico, em termos de produção, procede de uma condição original indiferenciada em direção a uma maior diferenciação e separação. A primeira grande oposição ocorre entre as consoantes e as vogais, seguida da oposição oral vs. nasal tanto para as consoantes quanto para as vogais. Na sequência, há a distinção entre as labiais e dentais para as consoantes e a distinção entre vogais largas e estreitas, antecedendo a oposição entre as consoantes anteriores e posteriores. A presença das fricativas pressupõe a presença das oclusivas. Da mesma forma, a presença das africadas pressupõe a presença das fricativas. Vogais arredondadas surgem após vogais não-arredondadas. Consoantes posteriores emergem após a presença das consoantes anteriores, assim como consoantes sonoras ocorrem após as consoantes surdas. As líquidas são as últimas a surgirem, sendo que a distinção entre líquidas laterais e não laterais é de aquisição tardia nas línguas que as tiverem em seu inventário.

Estudos posteriores (EDWARDS, 1974; BARTON, 1980; BROWN; MATHEWS, 1993; HAZAN; BARRET, 2000; PARTER et al., 2004) têm sistematicamente reforçado três grandes tendências para a aquisição fônica, do ponto de vista perceptivo-auditivo, a saber: (a) crianças aos sete anos de idade não completaram o processo de percepção de contrastes fônicos; (b) a percepção fônica desenvolve-se gradualmente, geralmente com o avanço da produção; (c) a ordem de aquisição perceptiva tende para uma uniformidade entre as línguas do mundo, mas não é universal, ou seja, grandes tendências de diferenciações são comuns entre as línguas (como a distinção entre consoantes vs vogais, oral vs nasal), mas há divergências quanto ao surgimento das distinções entre labial vs dental vs dorsal ou mesmo entre oclusiva vs fricativas vs africadas.

Contudo, na medida em que as habilidades de discriminação e identificação fônica têm um papel bastante importante no processo de aquisição fônica, torna-se fundamental compreender como essas habilidades se modificam e se desenvolvem durante esse percurso.

Desse modo, o objetivo do presente estudo é o de investigar o desempenho perceptivo-auditivo de crianças na identificação de contrastes fônicos do PB. Especificamente, verificar-se-á: se uma determinada classe fônica apresenta maior ou menor dificuldade de identificação; e, no interior de cada classe, a similaridade/dissimilaridade entre os fonemas, propondo mapas perceptuais em função de cada classe fônica.

Baseando-se nos estudos existentes na literatura internacional, a hipótese que se pretende corroborar é a de que a aquisição perceptivo-auditiva se desenvolve de maneira gradual, de modo a obedecer a uma ordem sistemática de aquisição.

Esperam-se ganhos científicos tanto para o campo da Linguística quanto para o campo da Fonoaudiologia, tais como: (a) contribuição para a compreensão da aquisição e desenvolvimento da percepção auditiva em crianças com desenvolvimento típico de linguagem; (2) fornecimento de informações sobre a percepção auditiva dos contrastes fonológicos do PB; (3) contribuição para o estudo da relação entre produção e percepção da fala.

Método

Participantes

O estudo teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília), sob o protocolo de número 132/2010.

Foram coletados dados de 140 crianças entre 4 e 8 anos de idade. Os critérios de inclusão para a seleção da amostra foram: desenvolvimento típico de linguagem e ausência de alterações otológicas e/ou auditivas, confirmada por uma triagem auditiva prévia; enquanto o critério de exclusão foi a participação de cada criança nos quatro experimentos de identificação realizados.

Ao final, a amostra foi constituída por 66 crianças, de ambos os gêneros, entre 4 – 5 anos de idade. As crianças foram recrutadas de uma escola municipal de Educação Infantil da cidade de Marília-SP. Os responsáveis por todas as crianças incluídas na pesquisa permitiram, por escrito, sua participação a partir dos esclarecimentos contidos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que lhes foi apresentado.

Material

Utilizou-se o instrumento de identificação de contrastes fônicos – PerceFAL (BERTI, 2011) e o *software* PERCEVAL (Perception Evaluation Auditive & Visuelle) (ANDRÉ et al., 2009).

O PerceFAL é composto por um subconjunto de quatro experimentos: (a) PerceVog (que avalia a identificação entre vogais tônicas); (b) PerceOcl (que avalia a identificação entre oclusivas); (c) PerceFric (que avalia a identificação entre fricativas); (d) PerceSon (que avalia a identificação entre sonorantes).

Nesse instrumento estão envolvidas, preferencialmente, palavras dissilábicas paroxítonas, familiares às crianças, contendo os 19 fonemas consonantais do PB na posição acentuada.

A seleção das palavras foi realizada de acordo com os seguintes critérios: (1) contrastarem as seis oclusivas do PB, de modo a comporem pares mínimos de palavras; (2) serem passíveis de representação por meio de gravuras; (3) pertencerem ao vocabulário infantil; (4) pertencerem ao rol de palavras elencadas num estudo prévio (MOTA, 2001).

No PerceVog, avalia-se a identificação de vogais tônicas a partir de um conjunto de 42 pares contrastivos (por análise combinatória: 7 vogais tônicas x 6 outras vogais distintas); no PerceOcl, avalia-se a identificação entre os fonemas oclusivos, a partir de 30 pares mínimos (6 oclusivas x 5); no PerceFric, avalia-se a identificação entre as fricativas, considerando 30 pares contrastivos (6 fricativas x 5) e; finalmente, no PerceSon, avalia-se a identificação entre as sonorantes, a partir de 42 pares contrastivos (7 sonorantes (3 nasais e 4 líquidas) x 6).

Os Quadros (de 1 a 4), a seguir, apresentam os pares contrastivos selecionados para compor cada experimento proposto.

Quadro 1 – Pares mínimos de palavras envolvendo as vogais tônicas do PerceVog

Contraste entre as vogais	Pares Mínimos
/i/ - /e/	bico–beco
/i/ - /ɛ/	vila–vela
/i/ - /a/	pipa–papa
/i/ - /ɔ/	chique–choque
/i/ - /o/	figo–fogo
/i/ - /u/	lixo–luxo
/e/ - /ɛ/	feira–fera
/e/ - /a/	pera–para
/e/ - /ɔ/	feira–fora
/e/ - /o/	seco–soco
/e/ - /u/	seco–suco
/ɛ/ - /a/	berro–barro
/ɛ/ - /ɔ/	cheque–choque
/ɛ/ - /o/	beca–boca
/ɛ/ - /u/	fera–fura
/a/ - /ɔ/	bala–bola
/a/ - /o/	saco–soco
/a/ - /u/	lava–luva
/ɔ/ - /o/	toca–touca
/ɔ/ - /u/	coca–cuca
/o/ - /u/	soco–suco

Fonte: elaboração própria.

Quadro 2 – Pares mínimos de palavras envolvendo as oclusivas do PerceOcl

Contraste entre as oclusivas	Pares mínimos
/b/ x /t/	berço–terço
/b/ x /k/	bola–cola
/g/ x /b/	gola–bola
/b/ x /p/	bote–pote
/b/ x /d/	bucha–ducha
/d/ x /g/	danço–ganso
/g/ x /t/	guerra–terra
/p/ x /g/	pato–gato
/p/ x /d/	pente–dente
/p/ x /k/	porta–corta
/t/ x /d/	tia–dia
/t/ x /p/	torta–porta
/k/ x /g/	cola–gola
/k/ x /t/	couro–touro
/d/ x /f/	fada–faca

Fonte: elaboração própria.

Quadro 3 – Pares mínimos de palavras envolvendo as fricativas do PerceFric

Contrastes entre as Fricativas	Pares Mínimos
/f/-/v/	faca-vaca
/f/-/s/	fanta-santa
/f/-/z/	forro- zorro
/f/-/ʃ/	fora-chora
/f/-/ʒ/	faca-jaca
/v/-/s/	vela-sela
/v/-/z/	cavar-casar
/v/-/ʃ/	veia-cheia
/v/-/ʒ/	vaca-jaca
/s/-/z/	caçar-casar
/s/-/ʃ/	sapa-chapa
/s/-/ʒ/	selo-gelo
/z/-/ʃ/	rosa-rocha
/z/-/ʒ/	zangada-jangada
/ʃ/-/ʒ/	xis-giz

Fonte: elaboração própria.

Quadro 4 – Pares mínimos de palavras envolvendo as sonorantes do PerceSon

Contrastes entre as Sonorantes	Pares Mínimos
/m/-/n/	mata-nata
/m/-/ɲ/	uma-unha
/m/-/l/	mata-lata
/m/-/ʎ/	comer-colher
/m/-/r/	fumo-furo
/m/-/R/	mata-rata
/n/-/ɲ/	sono-sonho
/n/-/l/	nata-lata
/n/-/ʎ/	fina-filha
/n/-/r/	caneta-careta
/n/-/R/	nata-rata
/ɲ/-/l/	punho-pulo
/ɲ/-/ʎ/	pinha-pilha
/ɲ/-/r/	sonho-soro
/ɲ/-/R/	unha-urra
/l/-/ʎ/	vela-velha
/l/-/r/	pulo-puro
/l/-/R/	lata-rata
/ʎ/-/r/	alho-aro
/ʎ/-/R/	colher-correr
/r/-/R/	caro-carro

Fonte: elaboração própria.

Para a realização do teste de identificação, o PerceFAL contém: estímulos auditivos, correspondentes a arquivos de gravações em áudio de todas as palavras por um falante adulto típico; estímulos visuais, gravuras representativas de cada palavra; além de scripts³ para execução do experimento de identificação no *software* PERCEVAL.

Procedimento experimental

O procedimento experimental de percepção consistiu em um teste de identificação (também designada de tarefa de escolha forçada). O referido teste é composto por três etapas distintas: reconhecimento das palavras do experimento, fase treino e fase teste.

A etapa de reconhecimento consiste na apresentação dos inputs visual e auditivo às crianças a fim de averiguar o conhecimento (ou não) das mesmas em relação às palavras e/ou figuras utilizadas no experimento, uma vez que há palavras no instrumento cujas gravuras são fáceis (pato, gato, etc.), mas outras que podem suscitar dúvidas (como em unha, gola, etc.). Após a familiarização das crianças com os inputs do experimento, realiza-se uma sondagem, ou seja, uma verificação do conhecimento das palavras pelas crianças. Adota-se um critério de 80% de acerto para que as crianças sejam conduzidas à fase treino e ao teste perceptual propriamente dito.

A fase treino é realizada automaticamente pelo *software* com o intuito de garantir a compreensão da tarefa pelos participantes. Essa fase consiste na própria tarefa de identificação perceptual, mas os resultados obtidos não são computados. São aleatorizados os estímulos do experimento e selecionadas dez apresentações. Logo após, inicia-se a fase teste propriamente dita.

Para a tarefa de identificação, as crianças foram dispostas confortavelmente em frente à tela do computador (contendo o *software* PERCEVAL) com fones KOSS acoplados aos seus ouvidos, no interior de uma cabine acústica. As crianças, individualmente, escutaram (com apresentação binaural) uma das palavras do par mínimo, e em seguida, precisavam decidir e indicar qual era a gravura correspondente à palavra apresentada auditivamente, dentre as duas possibilidades de gravuras que eram dispostas na tela do computador. Por exemplo: apresentava-se auditivamente à criança a palavra “pote” e, logo em seguida, dispunham-se na tela do computador as gravuras correspondentes às palavras “pote” e “bote”, para que o participante decidisse e indicasse qual das gravuras correspondia ao estímulo auditivo apresentado. Tanto o tempo de apresentação dos estímulos auditivo e visual quanto o tempo de resposta foram controlados e mensurados automaticamente pelo *software* PERCEVAL.

A duração total de cada experimento foi de, aproximadamente, 15 minutos por criança. Embora os experimentos tenham sido realizados em diferentes dias para evitar exaustão por parte das crianças, sua finalização não ultrapassou o intervalo de uma semana.

³ A obtenção dos *scripts* dos experimentos de identificação pode ser solicitada à autora do trabalho no seguinte e-mail: berti.larissa@gmail.com.

Critérios de análise

Foram utilizados os seguintes critérios para análise: a) acurácia perceptivo-auditiva; b) tempo de reação dos erros e acertos; c) reconhecimento de padrões com o uso do escalonamento multidimensional e matriz de similaridade.

Resultados

Acurácia perceptivo-auditiva

Uma vez que um dos objetivos da análise proposta é detectar a acurácia perceptivo-auditiva na identificação dos contrastes fônicos do PB, ao invés de se analisar somente as porcentagens de respostas corretas, os dados foram transformados usando uma medida de sensibilidade designada de d' prime (MACMILLAN; CREELMAN, 1991). Esta medida de sensibilidade leva em conta os vieses de respostas inerentes aos sujeitos pelo ajuste entre o número de hits (respostas corretas, ou seja, escolha do estímulo “A” quando o estímulo apresentado é “A”) pelo número de falsos alarmes (respostas incorretas, escolha do estímulo “A”, quando o estímulo apresentado é “B”). O d' prime é calculado pela conversão da proporção de hits (H) e falsos alarmes (FA) para z-score e, em seguida, pela subtração de tais proporções ($d' = z(H) - z(FA)$).

Uma acurácia perfeita (ou seja, somente hits e nenhum falso alarme) teria um valor de d' prime infinito. No entanto, ajustam-se os valores de hits e falsos alarmes a uma proporção de $H=0,99$ e $FA=0,01$, obtendo-se um valor de acurácia quase perfeita de $d'=4,65$. Desse modo, quanto mais próximo o valor de d' prime for de 4,65, maior será a acurácia perceptivo-auditiva.

Na Tabela 1, a seguir, encontram-se discriminados os valores de d' prime em função das classes fônicas.

Tabela 1 – Acurácia perceptivo-auditiva em função da classe fônica

Classe fônica	Número de repostas (n° de pares contrastivos x 66 crianças)	% de respostas corretas	d' prime
Vogais	2.772	88,34 (2449/2772)	1,73
Sonorantes	2.772	87,01 (2412/2772)	1,56
Oclusivas	1980	84,04 (1664/1980)	1,43
Fricativas	1980	75 (1485/1980)	0,93

Fonte: elaboração própria.

Verifica-se que a acurácia perceptivo-auditiva das crianças foi dependente da classe fônica, obedecendo a seguinte ordem decrescente: vogais>sonorantes>oclusivas>fricativas. Os valores da acurácia (d' prime) variaram entre 1,73 a 0,93.

Tempo de reação dos erros e acertos

A Tabela 2, a seguir, apresenta a comparação entre o tempo médio de resposta dos acertos e erros por classe fônica.

Tabela 2 – Comparação entre o tempo de reação dos acertos e dos erros

Classe Fônica	Média do tempo de reação dos acertos (ms)	Média do tempo de reação dos erros (ms)	Teste T para amostras independentes
Vogais	2158,31 ($\pm 221,49$)	2243,83 ($\pm 455,80$)	$t=-1,34$, $p= 0,17$
Sonorantes	2171,17 ($\pm 251,99$)	2388,74 ($\pm 478,09$)	$t=-2,92$, $p= 0,00$
Oclusivas	2037,04 ($\pm 218,90$)	2200,90 ($\pm 543,34$)	$t=-6,45$, $p= 0,00$
Fricativas	2346,71 ($\pm 236,02$)	2411,51 ($\pm 346,39$)	$t=-2,10$, $p= 0,03$

Fonte: elaboração própria.

O tempo de reação refere-se ao tempo utilizado pelas crianças para tomada de decisão na tarefa de identificação. Uma vez que as tarefas de identificação foram realizadas no interior de quatro classes fônicas (vogais, sonorantes, oclusivas e fricativas), os tempos de reação dos erros e dos acertos foram comparados considerando cada classe individualmente e não a comparação entre as classes.

De acordo com a Tabela 2, nota-se que a média numérica do tempo de reação dos erros sempre foi superior à média numérica do tempo de reação dos acertos para todas as classes fônicas. Um teste T foi rodado para averiguar se a média de tempo de reação dos acertos era significativamente diferente da média de tempo de reação dos erros. Estabeleceu-se um alpha no valor de 0,05. Isso significa dizer que quando o valor de p for menor que 0,05, rejeita-se a hipótese nula (de que não há diferenças entre o tempo médio de acertos e erros) e assume-se a hipótese alternativa (de que há diferença entre o tempo médio de erros e acertos). Desse modo, a análise estatística inferencial mostrou que o tempo de reação dos acertos foi sempre inferior ao tempo de reação dos erros, exceto para a classe das vogais.

Um último passo foi verificar, no interior de cada classe, as similaridades e dissimilaridades entre os fonemas transformando-as em medidas de distância, tal como propõe Johnson (1991), para a criação de mapas perceptuais.

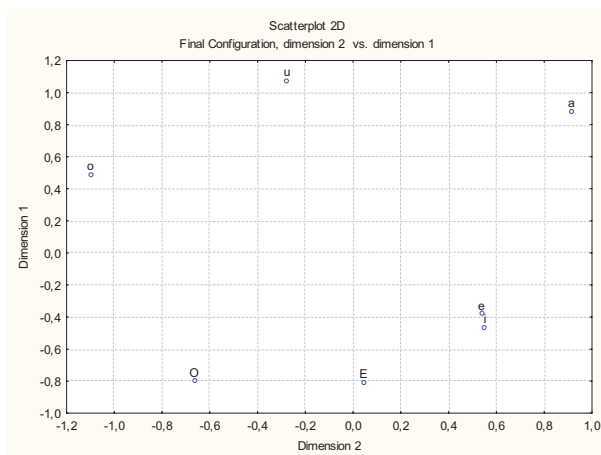
A partir das matrizes de confusão⁴ de cada classe fônica, geradas com base no padrão de resposta das crianças, realizou-se uma análise estatística exploratória (Escalonamento multidimensional e Matriz de similaridade) para verificar as similaridades/dissimilaridades entre os pares contrastivos investigados.

⁴ A matriz de confusão é uma forma notacional utilizada para catalogar quantitativamente e qualitativamente o padrão de resposta das crianças. Registram-se tantos os erros quanto os acertos cometidos pelas crianças. Destaca-se que esse tipo de registro propicia informações relativas aos contrastes com maior ou menor similaridade na tarefa de identificação, bem como aos padrões de erros mais recorrentes.

Baseando-se nos valores de similaridades de todos os pares contrastivos investigados, foram projetadas medidas de distância entre os pares, resultando em mapas perceptuais. Por exemplo, no interior da classe das fricativas, erros de identificação envolvendo o par /s/ vs /ʃ/ foram muito mais frequentes do que erros envolvendo o par /s/ vs /v/. Isso significa dizer que a frequência com que um som é confundido com o outro é um reflexo de sua similaridade. Então, as fricativas coronais desvozeadas tiveram uma maior similaridade para as crianças do que o par /s/ vs /v/. Ao projetar uma medida de distância a partir da similaridade apresentada entre os pares contrastivos, temos que a distância entre as fricativas coronais desvozeadas seria menor do que a distância entre /s/ e /v/.

A seguir, são dispostos os quatro mapas perceptuais de acordo com cada classe fônica investigada: vogais, oclusivas, fricativas e sonorantes.

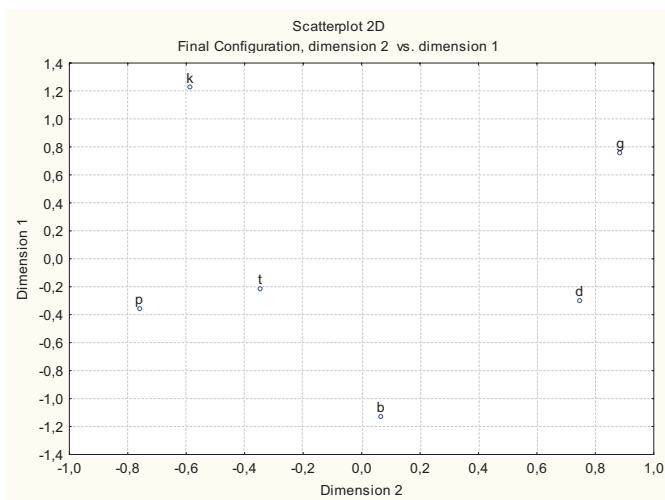
Figura 1 – Mapa perceptual das crianças relativo às vogais tônicas



Fonte: elaboração própria.

O mapa perceptual das crianças em relação à classe das vogais mostra uma distribuição não igualitária entre os fonemas vocálicos. Observa-se uma clara divisão entre os elementos vocálicos considerando o parâmetro ântero-posterior. As vogais anteriores estão concentradas no quadrante inferior à direita, as vogais posteriores estão dispostas na metade esquerda do mapa e a vogal central /a/ localiza-se no quadrante superior à direita. Além disso, nota-se que, entre as vogais anteriores, as vogais /e/ e /i/ apresentam uma pequena distância, refletindo a sua grande similaridade perceptual nas crianças.

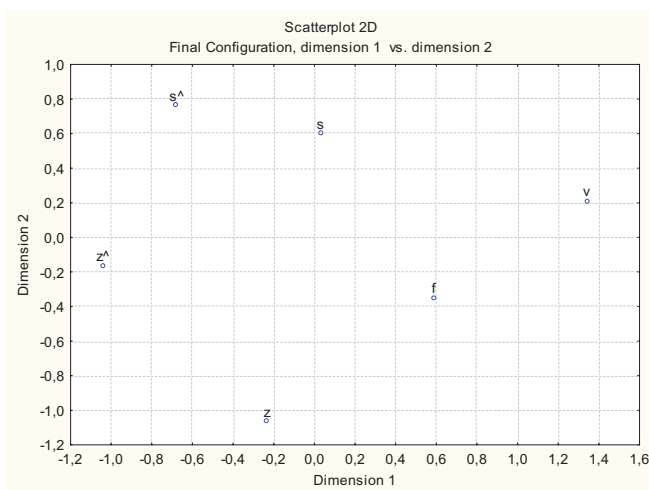
Figura 2 – Mapa perceptual das crianças relativo às oclusivas



Fonte: elaboração própria.

O mapa perceptual das crianças concernente às oclusivas demonstra uma evidente separação entre as oclusivas surdas (localizadas à esquerda do mapa) e as oclusivas sonoras (localizadas à direita do mapa). Adicionalmente, observa-se que, perceptualmente para as crianças, as oclusivas labiais e dentais estão mais próximas entre si comparativamente às oclusivas dentais e velares.

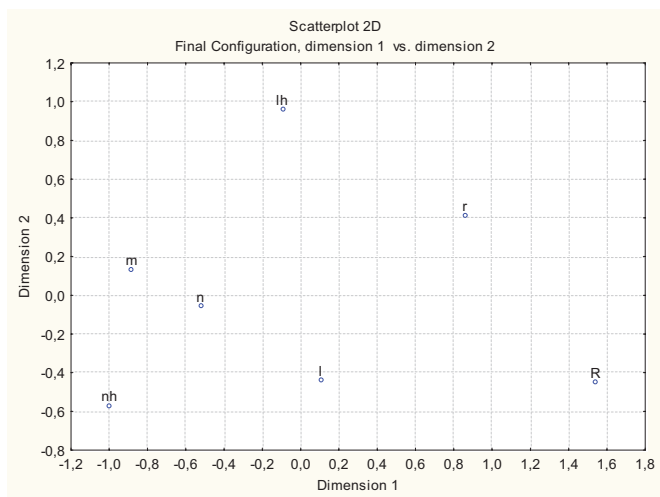
Figura 3 – Mapa perceptual das crianças relativo às fricativas



Fonte: elaboração própria.

O mapa perceptual das crianças em relação à classe das fricativas demonstra, embora de modo mais sutil que a classe das oclusivas, uma separação entre as fricativas sonoras (distribuídas mais nas extremidades do mapa) e as fricativas surdas (localizadas mais ao centro do mapa). Adicionalmente, as fricativas coronais apresentam uma menor distância entre si.

Figura 4 – Mapa perceptual das crianças relativo às sonorantes



Fonte: elaboração própria.

Finalmente, a partir do mapa perceptual das crianças no tocante às sonorantes, nota-se uma clara distinção entre a classe das nasais e das líquidas, já que as nasais se concentram no quadrante inferior esquerdo do mapa enquanto as líquidas se distribuem nos dois terços direito do mapa. Além disso, no interior de cada sub-classe, as nasais encontram-se mais próximas entre si, comparativamente à distribuição das líquidas.

Discussão

Acurácia perceptivo-auditiva

Destacam-se três aspectos dos resultados obtidos na acurácia perceptivo-auditiva. O primeiro refere-se ao valor da acurácia (d' prime) apresentado pelas crianças, variando de 0,93 a 1,73. Observa-se que as crianças da faixa etária estudada (4-5 anos) ainda não apresentam um domínio efetivo na identificação dos contrastes, já que todos os valores foram muito inferiores a 4,65 (valor de referência para uma acurácia perfeita).

O fato de as crianças de quatro a cinco anos não apresentarem um domínio efetivo da identificação fônica concorda com os achados descritos por Edwards

(1974) e Werker e Lalonde (1988), de que crianças aos sete anos de idade ainda não completaram o processo de percepção de contrastes fônicos, sugerindo que a finalização e a estabilização da percepção de contrastes fônicos ocorrem posteriormente a essa idade. Pode-se depreender deste resultado que é possível não somente pensar em um processo de aquisição fonológica do ponto de vista perceptivo-auditivo dependente da classe fônica, como também um processo que se desenvolve ao longo do desenvolvimento.

O segundo aspecto diz respeito a um domínio gradativo das classes fônicas, ou seja, do ponto de vista perceptivo o desempenho das crianças estaria de acordo com a seguinte ordem decrescente: vogais >sonorantes>oclusivas>fricativas.

Os resultados obtidos corroboram os descritos em estudos clássicos internacionais (SHVACHKIN, 1973; EDWARDS, 1974; BROWN, 1997; 2000; PATER; STAGER; WERKER, 2004), os quais prevêem não apenas uma aquisição perceptivo-auditiva gradual, como também uma hierarquia na aquisição.

Particularmente, as vogais são as primeiras a serem diferenciadas, seguida das consoantes. No interior da classe das consoantes, a distinção entre sonorantes x oclusivas antecede a distinção entre oclusivas x fricativas, tal como descrito em Shvachkin (1948).

Nota-se, interessantemente, que as classes fônicas com maior acurácia na tarefa de identificação, vogais e sonorantes, apresentam em comum um padrão formântico bem definido em sua estrutura acústica (KENT; READ, 1992). Esse padrão formântico caracteriza-se pelo reforçamento de frequências entre 300-3000 Hz. Esta faixa de frequência está contida na faixa de frequências beneficiada pelo ouvido humano, uma vez que esse conjunto de frequências recebe uma amplificação (estimada em torno de 10 - 12 dB) devido às características físicas e fisiológicas do ouvido (LOPES; CAMPOS, 1994; JOHNSON, 1991).

Por outro lado, a menor acurácia para a classe das fricativas, também reforça a importante interação entre as características acústicas e as características anátomo-fisiológicas do ouvido humano para a identificação fônica. Do ponto de vista acústico, as fricativas caracterizam-se pela presença de uma energia aperiódica distribuída no espectro de frequência de acordo com o comprimento da cavidade anterior resultante de sua produção. Mais especificamente, quanto menor o comprimento da cavidade anterior nas fricativas, mais altas serão as frequências de ressonância (KENT; READ, 1992). Em termos de sensibilidade do ouvido humano, frequências acima de 5000 Hz não recebem qualquer incremento, sendo, portanto, menos salientes comparativamente às frequências abaixo desse valor (JOHNSON, 1991).

Esses resultados, tomados juntos, sugerem a importância das características acústicas dos sons da fala para a sua categorização.

Finalmente, o terceiro aspecto refere-se a não correspondência com a ordem estabelecida em termos de aquisição oral. A classe das líquidas é a última a ser adquirida em termos de produção (JAKOBSON, 1968; LAMPRECHT et al., 2004). Nos dados perceptivos, embora as líquidas tenham sido tratadas conjuntamente com as nasais, no interior da classe das sonorantes, a classe das líquidas apresentou uma menor

porcentagem de erros (18,57% - 60/323) do que a classe das nasais (36,22% - 117/323). O desdobramento desse resultado mostra que, embora haja uma clara relação entre produção e percepção da fala, essa relação não é de natureza linear.

Em concordância com Casserly e Pisoni (2010), da mesma forma que a produção da fala não pode ser reduzida a uma mera execução motora, a percepção da fala também não pode ser reduzida a uma mera interpretação sensorial.

Tempo de reação dos erros e acertos

Considerando cada classe individualmente, o tempo de reação dos acertos foi sempre inferior ao tempo de reação dos erros, exceto para a classe das vogais.

Pisoni e Tash (1974) predizem a relação entre similaridade perceptiva e tempo de reação em experimentos perceptivos. Para os autores, quanto maior a diferença acústica entre dois pares de estímulos, mais rápida deveria ser a resposta dos sujeitos (menor o tempo de reação) e, ao contrário, quanto menor a diferença acústica entre os estímulos, maior seria o tempo utilizado pelos sujeitos para a tomada de decisão (maior tempo de reação).

Tomando como base a ideia de que o tempo de reação deva ser maior para segmentos semelhantes do que para segmentos diferentes, especulamos que os erros perceptivo-auditivos apresentados pelas crianças poderiam envolver justamente segmentos de maior semelhança, o que demandariam um maior tempo de reação por parte das crianças.

Pode-se, pois, depreender desses resultados que os contrastes fônicos consonantais que apresentaram erros na tarefa de identificação impõem maior similaridade perceptivo-auditiva, exigindo, conseqüentemente, maior tempo para a tomada de decisão, em termos de processamento psicolinguístico.

A exceção para as vogais justifica-se, possivelmente, pelas próprias características acústicas dessa classe sonora. Isto é, as vogais são segmentos sonoros de maior duração e energia acústica, além de apresentarem reforçamento de frequências (formantes) em uma faixa privilegiada pelo ouvido humano, favorecendo, possivelmente, a sua percepção (KENT; READ, 1992; JOHNSON, 1991). Assim sendo, presume-se que a similaridade no interior da classe das vogais seja menor do que a similaridade no interior da classe das consoantes.

Outra possibilidade interpretativa para o fato de o tempo de reação para os erros ser maior do que para os acertos diz respeito a não causalidade das respostas, conferindo a sua confiabilidade. Se os erros cometidos pelas crianças na tarefa de identificação tivessem ocorrido ao acaso, ou seja, se as crianças tivessem “chutado” uma resposta, certamente poder-se-ia encontrar um tempo de reação menor para os erros do que para os acertos.

Mapas perceptuais

O mapa perceptual das crianças relativo às vogais tônicas mostra uma distribuição não igualitária entre os fonemas vocálicos, o que reflete diferentes graus de similaridade perceptual dos elementos desta classe para as crianças. Adicionalmente, as vogais anteriores /e/ e /i/ foram as que apresentaram a menor distância entre si, demonstrando uma enorme similaridade perceptual para as crianças.

Diferentes graus de similaridade perceptivo-auditiva entre vogais têm sido reportados em estudos prévios (POLKA; WERKER, 1994; POLKA; BOHN, 1996; BERTI; ROQUE, 2013). A explicação dada por Polka e Bohn (1996) é a de que os estímulos, em um domínio perceptual, não são igualmente salientes. Para esses autores, as vogais periféricas funcionam como uma espécie de “ponto de ancoragem” na tarefa perceptivo-auditiva, designado pelos autores de “natural perceptual magnets”.

Os dados obtidos no desempenho perceptual das crianças em relação à classe das vogais vão ao encontro não somente da explicação dada por Polka e Bohn (1996), na medida em que podemos observar a presença das vogais extremas distribuídas mais periféricamente no mapa; como também parecem refletir a similaridade fonética presente nas vogais do PB. O fato de encontrarmos no PB o processo fonológico de alçamento vocálico envolvendo, justamente, as vogais médias (TENANI; SILVEIRA, 2008), evidencia que um fato da língua já é refletido na similaridade/dissimilaridade perceptual das crianças entre 4-5 anos.

Em relação aos resultados do mapa perceptual das crianças no tocante à classe das oclusivas e fricativas, dois aspectos podem ser destacados. O primeiro aspecto diz respeito à divisão entre as obstruintes sonoras e surdas, mais evidente no caso das oclusivas (já que há uma clara separação no mapa) e mais sutil no caso das fricativas (uma vez que as sonoras estão distribuídas nas extremidades e as surdas ao centro do mapa).

O segundo aspecto refere-se ao papel que as pistas fonéticas relativas ao ponto de articulação das obstruintes imprimem no desempenho perceptual das crianças. No caso das oclusivas, observa-se uma menor distância entre as oclusivas labiais e dentais do que entre as labiais vs velares e dentais vs velares, principalmente nas oclusivas surdas. No caso das fricativas, as fricativas coronais apresentam uma menor distância entre si.

Como possibilidade explicativa, hipotetiza-se que características fonéticas em relação ao ponto de articulação e ao vozeamento das obstruintes parecem imprimir um papel significativo no desempenho perceptual das crianças.

A distinção perceptual entre obstruintes surdas e sonoras também foi descrita em um estudo prévio (MILLER; NICELY, 1955). Os autores observaram que o vozeamento é a pista acústica mais robusta perceptualmente para os adultos falantes do inglês. Ou seja, pistas acústicas que marcam o vozeamento são mais salientes do que as pistas que marcam o ponto de articulação, por exemplo.

Ferreira-Silva e Pacheco (2011), em seu estudo sobre a percepção de contrastes fricativos, também destacaram a importância da pista vozeamento para a distintividade entre fricativas.

Em relação ao papel das pistas acústicas que marcam o ponto de articulação, embora os autores destaquem diferenças perceptuais em função do ponto de articulação das obstruintes, parece não haver um consenso sobre como essas diferenças se estabelecem perceptualmente em adultos (MILLER; NICELY, 1955; WANG; BILGER, 1973; WINTERS, 2000).

De acordo Miller e Nicely (1955), dentre os pontos de articulação das consoantes obstruintes, as coronais apresentam maior saliência perceptivo-auditiva. No entanto, para os autores não há diferenças substanciais entre as obstruintes labiais e velares em termos de saliência perceptivo-auditiva. Diferentemente, Wang e Bilger (1973) observaram que tanto as obstruintes labiais quanto as coronais apresentam, similarmente, alta saliência perceptivo-auditiva, enquanto as obstruintes velares apresentam menor saliência. Mais recentemente, Winters (2000) constatou que, de forma geral, as obstruintes labiais são tipicamente mais salientes enquanto ponto de articulação, enquanto as obstruintes velares são descritas como consoantes de menor saliência. Berti et al. (2012) descreveram que as oclusivas labiais e coronais apresentaram maior similaridade na percepção infantil comparativamente às oclusivas velares.

Os resultados perceptuais das crianças relativos às obstruintes se assemelham aos descritos por Wang e Bilger (1973), já que labiais (no caso das oclusivas) e coronais apresentaram uma menor distância entre si, sugerindo uma maior similaridade perceptivo-auditiva.

Mais uma vez, características fonéticas das obstruintes parecem imprimir um papel fundamental na percepção infantil.

Por último, no que se refere ao mapa perceptual das crianças relativo à classe das sonorantes observa-se uma clara distinção entre as nasais e as líquidas e, ainda, no interior de cada sub-classe as nasais apresentam-se mais próximas entre si do que as líquidas.

Uma possível interpretação pode ser atribuída, mais uma vez, ao papel das características fonéticas dos segmentos na percepção das crianças. O fato de haver uma clara divisão entre nasais e líquidas evidencia uma maior similaridade perceptual entre os elementos de uma mesma sub-classe. Acústicamente as nasais são caracterizadas pela presença de um formante nasal bem definido (KENT; READ, 1992) o que pode explicar tanto a separação das classes quanto a maior proximidade dos fonemas nasais entre si.

Esses resultados também corroboram as previsões de Borden et al. (1994) sobre as distintas saliências perceptuais de pistas acústicas, as quais interpretamos como sendo uma espécie de hierarquia perceptual. As pistas acústicas que marcam o modo de articulação parecem ser mais salientes do que as pistas acústicas que marcam o ponto de articulação, na medida em que observa-se no mapa uma divisão mais clara entre modos (nasais e líquidas) do que ponto de articulação.

Os resultados, tomados juntos, confirmam integralmente a hipótese do estudo de que haveria uma aquisição perceptivo-auditiva de contrastes do PB. Essa aquisição ocorre de modo gradual e obedece a uma ordem sistemática em que a noção de classe fônica desempenha um papel fundamental. Isso significa dizer que, de modo semelhante à aquisição fônica da produção, na aquisição perceptivo auditiva deve-se considerar as diferentes classes fônicas e, ainda, no interior de cada classe, deve-se levar a uma hierarquia interna, onde pistas que marcam o vozeamento e a distinção de modo são mais robustas do que pistas que marcam o ponto de articulação.

Alertamos como uma importante limitação desse estudo o fato de o instrumento utilizado depender de gravuras que não apresentam a mesma representabilidade e, ainda, cujas palavras não foram controladas em termos de frequência na língua, classe gramatical, contexto vocálico, etc., o que pode ter influenciado no desempenho perceptual das crianças.

Conclusões

O desempenho perceptivo-auditivo de crianças ocorre de modo gradual e é dependente da classe fônica. A identificação dos contrastes fônicos parece obedecer a seguinte ordem: vogais, sonorantes, oclusivas e fricativas.

A partir dos mapas perceptuais, pode-se verificar que, no interior da classe das vogais, o parâmetro ântero-posterior pode exercer um importante papel na saliência perceptual. Para a classe das obstruintes (fricativas e oclusivas) e sonorantes (nasais e líquidas), as pistas acústicas que marcam o vozeamento (no caso das obstruentes) e o modo de articulação (no caso das sonorantes) são mais robustas perceptualmente do que as pistas de ponto de articulação.

Finalmente, embora haja uma estreita relação entre produção e percepção de fala, não se pode afirmar que essa relação seja de natureza linear ou espelhada. Teorias e evidências experimentais precisam convergir para descobrir como a produção e a percepção de fala interagem no complexo ato da comunicação.

A investigação perceptivo-auditiva dos contrastes fônicos deverá ser ampliada considerando não apenas a extensão da faixa etária estudada, como também o desenvolvimento de estudos longitudinais.

BERTI, L. Children's perceptual auditory performance in identifying phonemic contrasts. *Alfa*, São Paulo, v.61, n.1, p.81-103, 2017.

- *ABSTRACT: This study aimed at investigating children's perceptual auditory performance in identifying phonemic contrast in Brazilian Portuguese (henceforth BP). The hypothesis is that the perceptual auditory acquisition develops in a gradual fashion, following a systematic acquisition order. We performed four identification tasks using the instrument PerceFAL with*

66 children (of both genders) between 4-5 years old. The task relied on the presentation of an acoustic stimulus, through earphones, and the choice of an image corresponding to the word shown, having two image possibilities available on the computer screen. We compared both the stimulus length of time and reaction time of children automatically through the aid of the software PERCEVAL. The children's perceptual auditory performance occurred gradually and depended on the phonemic class. A greater accuracy regarding the phonemic contrast identification seems to follow the sequence: vowels, sonorants, stops e fricatives. The reaction time for the correct answers was shorter than that of the incorrect answers (except for the vowel class). From the perceptual maps, we verified that, within the vowel class, the anterior-posterior parameter plays an important role in perceptual salience. For the obstruents and sonorants (nasal and liquid), the acoustic cues that characterize voicing (in the case of obstruents) and the articulation mode (in the case of sonorants) are perceptually more robust than the cues from the point of articulation. Although speech perception should not be reduced to a mere sensory interpretation, the acoustic cues of speech segments exert influence on their categorization.

- **KEYWORDS:** Speech perception. Language Acquisition. Acoustic Phonetic. Brazilian Portuguese.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, C.; GHIO, A.; CAVÉ, C.; TESTON, B. **PERCEVAL**: Perception Evaluation Auditive & Visuelle (v. 5.0.30) (Programa de computador). Aix-en-Provence, 2009. Disponível em: <<http://www.lpl-aix.fr/~lpldev/perceval/>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

BARTON, D. Phonemic perception in children. In: YENI-KOMSHIAN, G.; KAVANAGH, J.; FERGUSON, C. Ferguson (Ed.). **Child Phonology**, v.2. New York: Academic Press, 1980. p.97-116.

BERTI, L. C. Instrumento de Avaliação da Percepção da Fala – PERCEVAL. In: **I Simpósio Internacional do Grupo de Pesquisa Avaliação da Fala e da Linguagem – Perspectivas Interdisciplinares em Fonoaudiologia**, 2011. Marília: UNESP, 2011.

BERTI, L. C.; FALAVIGNA, A. E.; SANTOS, J. B.; OLIVEIRA, R. A. Desempenho perceptivo-auditivo de crianças na identificação de contrastes fonológicos entre as oclusivas. **J. Soc. Bras. Fonoaudiol.**, São Paulo, v.24, n.4, p.348-354, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S2179-64912012000400010>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

BERTI, L. C.; ROQUE L. M. R. Desempenho perceptivo-auditivo de crianças na identificação de contrastes fonológicos entre as vogais tônicas. **CoDAS**, São Paulo, v.25, n.26, p.534-541, 2013.

BEST, C. Emergence of language-specific constraints in perception of non-native speech: A window on early phonological development. In: BOYSSON-BARDIES, B.

et al. (Ed.). **Developmental Neurocognition: Speech and Face Processing in the First Year of Life**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993. p.289-304.

_____. The emergence of native-language phonological influence in infants: A perceptual assimilation model. In: NUSBAUM, H.; GOODMAN, J.; HOWARD, C. (Ed.). **The Transition from Speech Sounds to Spoken Words: The Development of Speech Perception**. Cambridge, MA: MIT Press, 1994. p.167-224.

BEST, C.; McROBERTS, G. Phonological influences in infants' discrimination of two non-native speech contrasts. **Paper presented at the Society for Research in Child Development**, Kansas City, Kansas, 1989.

BORDEN, G. J.; HARRIS, K. S.; RAPHAEL, L. J. **Speech science primer: Physiology, acoustics and perception of speech**. 3. ed. Baltimore: Lippincott Williams & Wilkins, 1994.

BROWN, C.; MATTHEWS, J. The acquisition of segmental structure. In: MATTHEWS, J.; WHITE, L. (Ed.). **McGill Working Papers in Linguistics**, Special Issue on Language Acquisition, v.9. Montreal: McGill University, Department of Linguistics, 1993. p.46-76.

BROWN, C.; MATTHEWS, J. The role of feature geometry in the development of phonemic contrasts. In: HANNAHS, S. J.; YOUNG-SCHOLTEN, M. (Ed.). **Generative Studies in the Acquisition of Phonology**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1997. p.67-112.

BROWN, C. The interrelation between speech perception and phonological acquisition from infant to adult. In: ARCHIBALD, J. (Ed.). **Second language grammars**. Oxford, England: Blackwell, 2000. p.4-63.

CASSERLY, E.; PISONI, D. B. **Speech perception & production**. Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science, Hoboken, v.1, n.5, p.629-647, 2010.

EDWARDS, M. Perception and production in child phonology: The testing of four hypotheses. **Journal of Child Language**, Cambridge, n.2, p.205-219, 1974.

EILERS, R.; GAVIN, W.; OLLER, D. Cross-linguistic perception in infancy: early effects of linguistic experience. **Journal of Child Language**, Cambridge, n.9, p.289-302, 1982.

EIMAS, P.; SIQUELAND, E.; JUSCZYK, P.; VIGORITO, J. Speech perception in infants. **Science**, Washington, v.171, p.303-306, 1971.

FERREIRA-SILVA, A.; PACHECO, V. Evidências da relação entre duração segmental e percepção de fricativas surdas e sonoras em ataque silábico. **Confluência**, Rio de Janeiro, n.37/38, p.180-200, 2011.

- GARNICA, O. The development of phonemic speech perception. In: MOORE, T. (Ed.). **Cognitive Development and the Acquisition of Language**. New York: Academic Press, 1973. p.215-222.
- GATHERCOLE, S. Nonword repetition and word learning: The nature of the relationship. **Applied Psycholinguistics**, Cambridge, n.27, p.513-543, 2006.
- GERRITS, E. The categorisation of speech sounds by adults and children: a study of the categorical perception hypothesis and the developmental weighting of acoustic speech cues. 126 f. Tese (Doutorado) – Utrecht University, Utrecht, 2001.
- HARDCASTLE, W. J.; LAVER, J.; GIBBON, F. E. (Ed.). **The Handbook of Phonetic Sciences**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 2010.
- HAZAN, V.; BARRETT, S. The development of phoneme categorisation in children aged 6 to 12 years. **Journal of Phonetics**, London, n.28, p.377-396, 2000.
- JAKOBSON, R. **Child language, aphasia and phonological universals**. The Hague: Mouton, 1968.
- JOHNSON, K. **Acoustic and auditory phonetics**. London: Blackwell, 1997.
- KENT, R. D.; READ, C. **The Acoustic Analysis of Speech**. San Diego, California: Singular Publishing Group, Inc., 1992.
- LAMPRECHT, R. R. et al. **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para a terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LOPES, O.; CAMPOS, C. H. **Tratado de Otorrinolaringologia**. São Paulo: Editora Roca, 1994.
- MACMILLAN, N. A.; CREELMAN, C. D. **Detection theory: A user's guide**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- MEHLER, J. Language related dispositions in early infancy. In: MEHLER, J.; FOX, R. (Ed.). **Neonate Cognition: Beyond the Blooming, Buzzing Confusion**. Hillside, NJ: Erlbaum, 1985.
- MILLER, G. A.; NICELY, P. E. An analysis of perceptual confusions among some English consonants. **Journal of the Acoustical Society of America**, Melville, n.27, p.338-352, 1955.
- MOTA, H. B. Pares mínimos: os contrastes do português brasileiro. **Pró-Fono**, Barueri, n.13, p.98-106, 2001.
- MUNSON, B.; EDWARDS, J.; BECKMAN, M. E. Relationships between nonword repetition accuracy and other measures of linguistic development in children with phonological disorders. **Journal of Speech, Language, and Hearing Research**, Rockville, n.48, p.61-78, 2005.

PANNETON, R.; NEWMAN, R. Development of Speech Perception. In: WENER, L.; FAY, R.; POPPER, A. N. (Ed.). **Human Auditory Development**. New York, USA: Springer New York Dordrecht Heidelberg London, 2011. p.197-222.

PATER, J.; STAGER, C; WERKER, J. The Perceptual Acquisition of Phonological Contrasts. **Language**, Washington, n.80, p.384-402, 2004.

PISONI, D. B.; TASH, J. Reaction times to comparisons within and across phonetic categories. **Perception & Psychophysics**, Austin, n.15, v.2, p.285-290, 1974.

POLKA, L.; WERKER, J. F. Developmental changes in perception of nonnative vowel contrasts. **Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance**, Washington, n.20, v.2, p.421-435, 1994.

POLKA, L.; BOHN, O. S. A cross-language comparison of vowel perception in English-learning and German-learning infants. **The Journal of the Acoustical Society of America (JASA)**, Melville, n.100, p.577-592, 1996.

SHVACHKIN, N. Kh. The development of phonemic speech perception in early childhood. Traduzido por E. Dernbach e republicado em 1973. In: FERGUSON, C.; SLOBIN, D. (Ed.). **Studies of Child Language Development**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1948. p.91-127.

STREETER, L. Language perception of 2-month-old infants shows effects of both innate mechanisms and experience. **Nature**, London, v.259, p.39-41, 1976.

TREHUB, S. The discrimination of foreign speech contrasts by infants and adults. **Child Development**, Ann Arbor, v.47, p.466-472, 1976.

TENANI, L.; SILVEIRA, A. A. M. D. O acento das vogais médias na variedade culta do noroeste paulista. **ALFA: Revista de Linguística**, v.52(2), p.467-464, 2008.

WANG, M. D.; BILGER, R. C. Consonant confusion in noise: a study of perceptual features. **The Journal of the Acoustical Society of America (JASA)**, Melville, v.54, p.1248-1266, 1973.

WERKER, J.; GILBERT, J.; HUMPHREY, K.; TEES, R. Developmental aspects of crosslanguage speech perception. **Child Development**, Ann Arbor, v.52, p.349-353, 1981.

WERKER, J.; TEES, R. Cross-language speech perception: Evidence for perceptual reorganization during the first year of life. **Infant Behavior and Development**, Amsterdam, v.7, p.49-63, 1984a.

_____. Phonemic and phonetic factors in adult cross-language speech perception. **The Journal of the Acoustical Society of America (JASA)**, Melville, v.75, p.1866-1878, 1984b.

_____. Cross-language speech perception: Evidence for perceptual reorganization during the first year of life. **Infant Behavior & Development**, Amsterdam, v.25, p.121-133, 2002.

WERKER, J.; LALONDE, C. Cross-language speech perception: Initial capabilities and developmental change. **Developmental Psychology**, Washington, v.24, p.672-683, 1988.

WERKER, J.; POLKA, L. Developmental change in speech perception: New challenges and new directions. **Journal of Phonetics**, London, v.21, p.83-101, 1993.

WINTERS, S. Turning phonology inside out: testing the relative salience of audio and visual cues for place of articulation. In: LEVINE, R.; MILLER-OCKHUIZEN, A.; GONSALVEZ, A. J. (Ed.). **Ohio State Working Papers in Linguistics**, n.53, p.168-199, 2000.

Recebido em junho de 2015

Aprovado em agosto de 2016

METODOLOGIA PARA ELABORAÇÃO DE DICIONÁRIO ANALÓGICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Michelle Machado de Oliveira VILARINHO*

- RESUMO: O tema desta pesquisa se insere na linha de pesquisa Léxico e Terminologia, desenvolvida no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm), da Universidade de Brasília. O objeto de estudo é o dicionário analógico, entendido como um repertório lexicográfico de caráter onomasiológico, no qual os lexemas são organizados partindo das ideias ou dos conceitos para chegar às unidades lexicais. O objetivo principal desta pesquisa é a criação de uma proposta de Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa (DIALP). O público-alvo principal da obra é o aprendiz de Português do Brasil como Segunda Língua (PBSL). A seleção dos lexemas para compor os verbetes se baseia na aplicação da Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos de Kleiber (1990) e da Semântica de *Frames* de Fillmore (1977) e na reformulação dos verbetes do Dicionário Analógico da Língua Portuguesa de Azevedo (2010). Para elaborar o modelo de dicionário postulado, adotamos a proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários de Faulstich (2001) e aplicamos a proposta de Vilarinho (2013). A realização desta pesquisa contribui para o desenvolvimento tecnológico do Brasil, uma vez que não há registro de outra obra que tenha atingido satisfatoriamente os objetivos que este projeto se propõe a alcançar.
- PALAVRAS-CHAVE: Dicionário analógico. Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos. Semântica de *Frames*. Relações Semânticas.

Introdução

Esta pesquisa se insere na linha de pesquisa Léxico e Terminologia do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB) e foi desenvolvida no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm) do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) da UnB. A presente pesquisa consiste na ampliação da proposta apresentada por Vilarinho (2013), bem como na apresentação dos resultados parciais do projeto “Dicionário Analógico Informatizado de Língua Portuguesa”, apoiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF). O objetivo principal desta pesquisa é a criação de uma proposta de Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa (DIALP), cujo público-alvo principal da obra é o aprendiz de Português como Segunda Língua (PBSL), como estrangeiros, índios e surdos.

* UnB – Universidade de Brasília. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Brasília – DF – Brasil. 70910-900 – michelleprofessora@gmail.com

O objeto de estudo é o dicionário analógico (ideológico), definido como “[...] repertório lexicográfico, de caráter onomasiológico, no qual os lexemas são organizados em ordem sistemática, com base nas ideias ou nos conceitos para chegar às unidades lexicais”, conforme Oliveira (2010, p.35). Esse tipo de dicionário leva o consulente ao agrupamento de lexemas afins, de modo que, em caso de desconhecimento lexical ou esquecimento do significante, o lexema desejado pode ser encontrado. Por exemplo, no caso de o consulente desconhecer ou se esquecer da expressão utilizada para designar o profissional que planeja e elabora um projeto de construção e reforma, ele pode ir até o verbete ‘profissão’ com o objetivo de descobrir ou relembrar o lexema ‘arquiteto(a)’, que veicula a ideia em questão. Podemos observar que o dicionário de língua comum não possibilita que o consulente percorra o caminho onomasiológico desse modo.

Gaudin e Guespin (2000, p.71) declaram que

[...] o dicionário analógico prefigura o sistema analógico por sua organização ao redor de uma palavra “marcando a ideia comum a todas as palavras que se referem a ela”. A organização é então nocional. Não se trata de um sistema de remissão de palavras a palavras, mas sim de uma organização por parentescos de sentido na qual é desenhada uma prefiguração dos campos lexicais.¹

O dicionário analógico é constituído por categorização e por verbetes. A categorização rege a organização dos verbetes e é ordenada por campos lexicais. Cada categoria e subcategoria compõe um verbete. Após a apresentação da categorização, os verbetes são organizados em ordem alfabética, de modo que os lexemas afins da palavra-entrada são registrados com base nas relações semânticas (hiperonímia, hiponímia, holonímia, meronímia, sinonímia e conceito conexo, as quais serão explicadas posteriormente).

O modelo de dicionário analógico proposto por Vilarinho (2013) é tomado como o ponto de partida para elaboração de verbetes para composição do Dicionário Analógico Informatizado de Língua Portuguesa (DIALP), a fim de fornecer aos consulentes o léxico do português do Brasil, visando difundir a nossa cultura e a nossa língua.

O processo de globalização diminui as fronteiras entre os povos, que cada vez mais precisam se comunicar em um ambiente multilíngue. Em meio a esse cenário linguístico, a Língua Portuguesa está entre as dez línguas mais faladas no mundo. Para que o léxico dessa língua esteja bem sistematizado, há necessidade de maior desenvolvimento da Lexicografia, que pode ser aperfeiçoada por meio da aplicação das teorias linguísticas e dos recursos tecnológicos provenientes da Linguística Computacional.

O Brasil está inserido nas relações internacionais por meio dos blocos econômicos e de eventos esportivos. Assim sendo, possui um relevante papel político-linguístico

¹ Trecho original: “le dictionnaire analogique préfigure le système analogique par son organisation auto ur d’un mot « marquant l’idée commune à tous les mots dont il est question ». L’organisation est donc notionnelle. Il ne s’agit pas d’un système de renvois de mots à mots mais d’une organisation par apparentements de sens dans laquelle se dessine comme une préfiguration des champs sémantiques”.

no contexto de um novo mapa de interação social no panorama da intercomunicação entre os povos. Nesse contexto, nosso país possui um espaço favorável para o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa (OLIVEIRA; FAULSTICH, 2009, p.201). Para que esse ensino se concretize, o dicionário funciona como um instrumento indispensável. Esse repertório lexicográfico “[...] constitui uma organização sistêmica do léxico, uma descrição do léxico de uma língua”, como afirma Biderman (2001, p.131).

Os dicionários informatizados podem conter recursos computacionais que disponibilizam mais ferramentas para ampliar o conteúdo dos repertórios lexicográficos. No entanto, Duran e Xatara (2007, p.210) constatam que “embora os dicionários informatizados tenham se tornado comuns, na maioria das vezes, ainda imitam o leiaute dos dicionários impressos.” Os dicionários informatizados brasileiros ainda apresentam estruturas simples ao serem comparados com obras de língua francesa e de língua inglesa. Segundo Vieira e Lima (2001, p. 10), “há muita pesquisa e trabalhos realizados principalmente para o Inglês, Espanhol, Alemão, Francês e Japonês. Encontramos, porém, carência de pesquisas, ferramentas, recursos linguísticos e humanos para tratar computacionalmente a Língua Portuguesa.”

Perante esse panorama lexicográfico, pretendemos contribuir para o desenvolvimento de um dicionário de Língua Portuguesa mais coerente e completo em formato informatizado. Mediante a prática docente em disciplinas da área de Léxico e Terminologia do curso de Licenciatura em Letras PBSL, identificamos a falta de dicionários monolíngues voltados para o ensino de Português como Segunda Língua (L2). Para preencher parte dessa lacuna lexicográfica, propomos a elaboração do DIALP, cujo público-alvo principal o aprendiz de português como L2.

Como o dicionário analógico apresenta agrupamentos de ideias semelhantes, este tipo de obra é uma ferramenta de auxílio no ensino de PBSL, já que oferece um leque de palavras para que o aprendiz percorra verbetes até localizar o que necessita empregar em contexto. No entanto, para que o consulente possa conhecer o significado de cada lexema, o nosso modelo de dicionário analógico apresenta, além da parte analógica, a parte alfabética. A parte analógica disponibiliza a palavra-entrada definida para que o consulente compreenda o significado e apresenta os lexemas relacionados semanticamente à entrada. A parte alfabética, por sua vez, oferece os lexemas organizados alfabeticamente, como em um dicionário de língua comum; entretanto, os verbetes foram elaborados com foco no ensino de PBSL.

As analogias

Com o objetivo de organizar o dicionário analógico, é necessário determinar as analogias, a fim de estruturar os verbetes. Como a mente humana capta identidade de relações de modo subjetivo, delimitamos como as analogias devem ser estabelecidas, para que não se tornem excessivamente abrangentes.

Neste contexto, é válido acrescentar as ideias de Gaudin e Guespin (2000, p.195), quando afirmam que

[...] graças à analogia, podemos então enumerar um grande número de informações a partir da palavra-entrada. No entanto, não poderíamos aumentar a extensão dessas informações até uma enumeração que tomasse um caráter enciclopédico. [...] De fato, a analogia permanece estreitamente limitada às relações discursivas realizadas na língua, e tem um valor cultural para uma comunidade de língua. [...] Não poderíamos relacioná-la apenas pela sua inserção na cultura.²

Assim, as analogias agrupam um conjunto de palavras que possuem afinidades, que são delimitadas pelos aspectos culturais. Há lexemas registrados nos verbetes por causa das inferências lexicais feitas com base em informações enciclopédicas. Assim sendo, no modelo de dicionário analógico, as analogias se dão por relações semânticas ou por inferências lexicais.

Cada língua tem autonomia para criar as inferências lexicais, uma vez que o conhecimento de mundo não é o mesmo entre os falantes de comunidades linguísticas diferentes. Nesse sentido, concordamos com Cabrera e Filho (2007, p.14), que declaram que

[...] duas coisas ou relações poderiam ter o mesmo nome, ou terem nomes equivalentes em diferentes línguas e terem sentidos totalmente diferentes, o que permitiria inferências lexicais em certas línguas e não em outras. As instituições correspondentes poderiam ser profundamente diferentes de uma língua para outra.

O método de criação do DIALP pode ser usado para elaboração de dicionário analógico em outras línguas, desde que sejam realizadas as adaptações necessárias, tendo em vista que as analogias do modelo nem sempre se aplicarão a outras línguas, devido ao modo como cada sociedade interpreta e associa as coisas do mundo.

Assim sendo, no âmbito desta obra, analogia é “[...] semelhança, e, principalmente, identidade de relações, já que os lexemas estão ligados por conexões de caráter semântico em torno de uma ideia central” (OLIVEIRA, 2010, p.36).

Ressaltamos que o dicionário analógico não tem relação com o significado de analógico da área de informática, para a qual analógico é “forma de medida ou representação de grandezas na qual um sensor ou indicador acompanha de forma contínua, sem hiatos nem lacunas, a variação da grandeza que está sendo medida ou representada”, conforme Houaiss (2009).

Na próxima seção, detalhamos os procedimentos metodológicos seguidos na pesquisa.

² Trecho original: “[...] grâce à l’analogie, on peut donc recenser un grand nombre d’informations à partir du mot-vedette. Cependant, on ne saurait accroître l’étendue de ces informations jusqu’à un recensement qui prendrait un caractère encyclopédique.[...] En effet, l’analogie reste étroitement limitée aux relations discursives reçues en langue, et possède une valeur culturelle pour une communauté de langue. [...] On ne pourra l’approcher que par son insertion dans la culture”.

Metodologia

A pesquisa é de cunho qualitativo e descritivo. Utilizamos o método descritivo-analítico, com vistas a elaborar paradigmas lexicográficos que satisfaçam às necessidades científicas e linguísticas brasileiras.

A fim de decidir os lexemas que comporão a nomenclatura do dicionário, nós nos baseamos na leitura do dicionário Analógico da Língua Portuguesa de Azevedo (2010) e na reformulação de seus verbetes. Essa obra foi escolhida, uma vez que é o mais atual dicionário analógico de Língua Portuguesa. A primeira edição, datada de 1950, estava esgotada. Em 2010, a editora Lexikon republicou a obra, que é facilmente encontrada nas livrarias. Optamos por reformular os verbetes da obra do Azevedo (2010) em razão da recolha louvável de lexemas que a obra apresenta. Como a proposta lexicográfica do dicionário de Azevedo (2010) é direcionada a consulentes de Português como Língua Materna, foi necessária uma reformulação do modo de apresentação da obra para o público-alvo de aprendizes de Português como Segunda Língua. Excluímos dos verbetes os lexemas que não são empregados no português contemporâneo e acrescentamos os que julgamos que são empregados atualmente. O critério adotado para tal julgamento foi que a definição do lexema tenha relação semântica com a palavra-entrada. Para realizar a análise, seguiremos o percurso subsequente:

- i. seleção dos verbetes que abrangem os campos temáticos delimitados;
- ii. organização em ordem alfabética dos lexemas encontrados nos verbetes selecionados;
- iii. consulta da definição e da marca de uso de cada lexema do dicionário Analógico da Língua Portuguesa de Azevedo (2010) no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (DEHLP) (2009) e no Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (NDA) (2010). Como essas obras são contemporâneas, servem de base para a identificação das definições e da nomenclatura da Língua Portuguesa usada atualmente.

Após a seleção dos lexemas da obra de Azevedo (2010) a compor a nomenclatura do DIALP, foi necessário acrescentar lexemas para que os verbetes pudessem abarcar o campo lexical de modo completo. Assim, para a inserção de novos lexemas, os critérios adotados foram o nosso conhecimento enciclopédico e a consulta ao Aulete Digital de Lexikon (2010), ao DEHLP (2009), ao Glossário de Terminologias do Vestuário de Cruz (2013) e ao Word Routes de Cambridge (2007). Tanto o Aulete Digital (2010) quanto o DEHLP (2009) foram adotados por serem obras lexicográficas de ampla divulgação e qualidade. O Glossário de Cruz (2013) foi selecionado por ter sido uma obra produzida no Centro Lexterm, e que apresenta recolha lexical do campo lexical “vestuário” do DIALP. Extraímos do glossário apenas os lexemas do léxico comum. O Word Routes de Cambridge (2007) foi consultado por ser organizado por campos

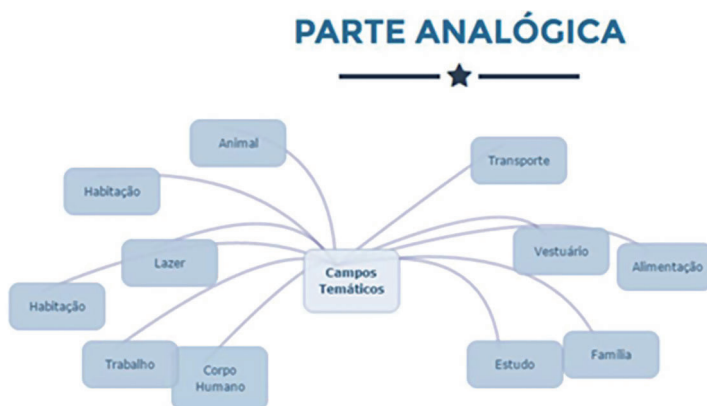
lexicais e por relações semânticas. Assim, foi possível ter acesso à obra organizada sistematicamente como o DIALP.

O DIALP foi construído em programa computacional, que possibilita buscas de caráter semasiológico e onomasiológico, já que o DIALP possui as partes alfabética e sistêmica. A parte alfabética apresenta a estrutura de um dicionário eletrônico de língua comum. Assim, o consulente tem acesso às definições. Os verbetes dessa parte correspondem a todos os lexemas da parte analógica da obra e são constituídos por: +palavra-entrada, +informação gramatical, +definição, ±fonte da definição, ±remissiva, ±contexto, ±fraseologia.

A inovação da pesquisa está na parte analógica, que é sistêmica. Nessa parte, os lexemas são organizados de forma analógica. Os verbetes são compostos por: +palavra-entrada, +informação gramatical, +definição, +relações lexicais (hiperônimo, hipônimo, sinônimo, antônimo, holônimo, hipônimo e conceito conexo), ±marcas de uso, ±contexto, ±remissões, +verbos analógicos. A palavra-entrada e os lexemas das relações lexicais são apresentados em ordem alfabética.

A parte analógica é estruturada em formato de mapa mental, para exibir os campos lexicais, conforme a figura ilustra.

Figura 1 – Campos lexicais do DIALP



Fonte: <http://www.dicionarioonlineanalogo.com.br/campos-tematicos/analogica>

O layout com os campos temáticos é a tela de apresentação da parte analógica. Por meio *plugin* feito em *javascript*, o layout é apresentado de forma interativa, o que possibilita os movimentos na tela. Os campos temáticos disponibilizados no dicionário são: alimentação, animal, corpo humano, estudo, família, habitação, lazer, meio ambiente, trabalho, transporte e vestuário. Entendemos que esses campos abrangem o léxico básico que o público-alvo da obra poderá consultar.

Delimitamos esses temas após a leitura dos campos lexicais da obra Cambridge Word Routes (2007, p.vii), que “agrupa palavras e expressões de significado semelhante

sob cabeçalhos que informam o leitor a respeito de um determinado campo lexical”. Entendemos campos lexicais como

[...] um paradigma lexical formado pela articulação e distribuição de um contínuo de conteúdo lexical por diversas unidades existentes na língua (palavras) e que se opõem entre si por meio de simples traços de conteúdo. Isto é, o campo lexical compreende um conjunto de unidades léxicas que dividem entre si uma zona comum de significação com base em oposições imediatas (VILELA, 1979, p.60).

Desse modo, o campo lexical é formado pelo conjunto de lexemas que possuem traços comuns e distintivos. Os traços comuns resultam de os lexemas pertencerem à mesma categoria. Os traços distintivos registram as características específicas dos objetos ou serem descritos.

Além disso, consultamos a obra *Português Fundamental*, de Nascimento (1984), que foi resultado da pesquisa quantitativa e qualitativa feita pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, a fim de apurar os lexemas usados pelos falantes do português europeu. Nessa obra, são delimitados os centros de interesses dos aprendizes de português como L2 ou como Língua Estrangeira (LE). Essa pesquisa contribuiu com nosso modelo de dicionário por identificar os campos lexicais do Português. Entendemos como campos lexicais os centros de interesses, que são, a saber

[...] o corpo humano; o vestuário; estabelecimento de ensino (pessoas e coisas); saúde e doença (excluindo nomes de doenças); higiene pessoal; desportos; refeições; alimentos e bebidas; cozinha e objetos que vão à mesa; meios de transporte; viagens; a cidade; aldeia e trabalhos de campo; a casa e os móveis da casa; a família e a vida familiar; a vida sentimental; o correio; meios de informação; casas comerciais; profissões e ofícios; a arte.

A fim de verificar o modo de categorização dos campos lexicais, consultamos o *Dicionário Visual 3 em 1* (2011), de Dorling Kindersley Limited. Essa obra contempla as línguas inglesa, francesa e portuguesa, e disponibiliza o léxico organizado em ordem sistêmica. Portanto, após a leitura dos campos lexicais das obras mencionadas, delimitamos os campos lexicais do novo modelo de dicionário analógico de língua portuguesa.

O programa computacional apresenta as partes da obra interligadas por meio de hiperlinks, de modo que, se o consulente clicar em qualquer lexema do verbete da parte analógica, é direcionado ao verbete da parte alfabética.

Para estruturar os verbetes, aplicamos a proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários, de Faulstich (2001), a qual serviu de base para elaboração das fichas lexicográficas da parte alfabética. A ficha lexicográfica da parte

analógica foi baseada na proposta de Oliveira (2010). Os modelos de fichas da parte alfabética e da parte sistêmica podem ser observados, respectivamente, nos quadros que se seguem.

Quadro 1 – Ficha Lexicográfica de verbete da parte alfabética

entrada	
categoria gramatical	
gênero	
variante(s)	
área	
definição	
fonte de definição	
abreviatura da fonte da definição	
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
remissões	
hiperônimo	
nota(s)	
autor	
redator	
data	

Fonte: Faulstich (2001, com adaptações).

Quadro 2 – Ficha lexicográfica de verbete da parte analógica

entrada		
categoria gramatical		
gênero		
definição		
fonte da definição		
substantivo	sinônimo	
	hiperônimo	
	merônimo	
	holônimo	
	conceito conexo	
verbo		

Fonte: Oliveira (2010, p.28, com adaptações).

De acordo com Faulstich (2010, p.181), no verbete, “o contexto é um fragmento de texto no qual o lexema aparece registrado, transcrito com o fim de demonstrar como é usado [...]”. Os contextos, nesta pesquisa, são extraídos do *Sketch Engine*. Conforme Kilgarriff et al. (2014), “o Sketch Engine é uma ferramenta de corpus de ponta, amplamente usada em lexicografia, que oferece corpora disponíveis para uso, bem como ferramentas para que os usuários construam e realizem o upload e instalação de seus próprios corpora.”³ Essa ferramenta de corpus possibilita fazer pesquisas para que tenhamos acesso à língua em uso. A contextualização baseada em corpora foi selecionada para que seja relevado o uso da língua. Além disso, em obras lexicográficas, a inserção de contextos que podem reproduzir estereótipos ou quase não contribuem com a compreensão do significado do lexema deve ser evitada. As abonações selecionadas visaram complementar a significação, bem como apresentar traços culturais brasileiros.

No âmbito desta pesquisa, variantes são “[...] formas concorrentes com a entrada, [...] correspondem a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente”, segundo Faulstich (2001).

A parte analógica é inovadora e, por isso, é necessário detalhá-la. Como os substantivos são separados por relações semânticas, explicaremos cada uma delas. As relações semânticas na ficha lexicográfica são registradas por meio de abreviaturas. A relação de sinonímia, por exemplo, “é identidade de significação”, conforme Ilari e Geraldi (1943, p.42). Essa relação se estabelece quando existe ligação entre lexemas que possuem identidade de significado em contextos em que um lexema pode ser substituído por outro. No verbe *vestimenta*, ocorreremos verbos *vestir* e *trajar* que podem ser sinônimos em determinado contexto. Destarte, nem sempre os sinônimos são perfeitos, pois a substituição de sinônimos pode causar alteração de significado, dependendo do contexto.

As relações de hiperonímia e hiponímia correspondem à inclusão de significado, de modo que o significado do hipônimo está incluso no hiperônimo. Assim sendo, existe relação de hierarquia, que representa a subordinação entre o subordinado (hipônimo) e o subordinante (hiperônimo). O hiperônimo é o lexema mais alto na hierarquia, posto que o significado de um lexema hiperonímico inclui o significado de um lexema hiponímico (FAULSTICH, 1995, p.287). No verbe *veículo*, que é um hiperônimo, há vários hipônimos, como: *bicicleta*, *carro*, *carro de mão*, *carroça*, *trenó*, entre outros. Podemos notar que os hipônimos são membros da mesma categoria do hiperônimo.

A relação de holonímia e meronímia representa a relação hierárquica parte e todo. De acordo com Gaudin e Guespin (2000, p.141), essas relações “estabelece entre os signos a relação que a linguagem designa entre os referentes. Para indicar a característica linguística dessa relação, nós a chamamos de holônimo para o todo e merônimo para

³ Trecho original: “the Sketch Engine is a leading corpus tool, widely used in lexicography. Now, at 10 years old, it is mature software. The Sketch Engine website offers many ready-to-use corpora, and tools for users to build, upload and install their own corpora”.

a parte.⁴ Esses autores (id.; ibid.) estabelecem 5 tipos de relações de holonímia e meronímia, que são

- 1) Objeto/elemento: a parte cumpre uma função no conjunto, a parte é inseparável do conjunto, o nome de parte não é autônomo.
- 2) Conjunto/membro: a reunião dos membros forma um conjunto não necessariamente homogêneo, mas cada membro é separável.
- 3) Massa/porção: a massa é constituída pelo conjunto das porções, as quais são todas homogêneas e possuem as mesmas propriedades que o conjunto.
- 4) Objeto/constituente: o constituinte entra na composição de seu holônimo; e é inseparável deste, mas o objeto e o constituinte não são homogêneos.
- 5) Atividade/fase: a fase cumpre uma função no âmbito de um processo temporal.⁵

No que se segue, exemplificamos cada um dos tipos de holonímia e meronímia. No verbete *partes do corpo humano*, há registro da relação objeto/elemento, uma vez que são registrados os elementos que constituem o objeto *cabeça*, por exemplo. Para esse objeto, aparecem os lexemas *sincipúcio, crânio, pericrânio, mesófrío, olho, testa, orelha, rosto, boca, língua*, entre outros (AZEVEDO, 2010, p.177-178). Assim, para o funcionamento do corpo humano, cada uma das partes da cabeça exerce uma função, de modo que esses elementos não são separáveis do objeto para que o corpo tenha o funcionamento perfeito. No verbete *vegetal*, os lexemas *floresta e árvore* são, respectivamente, conjunto e membro, o conjunto de árvores forma floresta e nem toda árvore é igual, logo não são homogêneas.

A relação massa/porção pode ser verificada com os lexemas *flocos de neve e neve* do verbete *frio*. Os flocos de neves são porções da massa, que é a neve.

Os exemplos de objeto e de constituinte podem ser encontrados no verbete *doçura*. Por exemplo, *bala* é uma guloseima feita com o ingrediente *açúcar*; que é o constituinte, posto que a bala e o açúcar não se separam; no entanto, o açúcar pode ser usado para fazer outro tipo de doce que não seja bala.

Quanto à relação atividade/fase, o ano é constituído por meses, e os meses são as fases da atividade ano. Os meses são constituídos por dias, então dias são fases do mês. No verbete *tempo*, há os lexemas *ano, dia e mês*. O primeiro exemplifica a relação de atividade. Os dois últimos ilustram a relação das fases da atividade.

⁴ Trecho original: “*établisent entre les signes des relations qui sont celles que le langage dessine entre les référents. Pour indiquer le caractère linguistique de cette relation, on parle d’holonyme pour le tout et de méronyme pour la partie.*”

⁵ Trecho original: “1) *Objet/élément: la partie remplit une fonction dans un ensemble, la partie est inséparable de l’ensemble, le nom de partie n’est pas autonome.*
2) *Ensemble/membre: La réunion des membres forme un ensemble non nécessairement homogène, mais chaque membre est séparable.*
3) *Masse/portion: la masse est constituée de l’ensemble des portions, lesquelles sont toutes homogènes et possèdent les mêmes propriétés que l’ensemble.*
4) *Objet/constituant: Le constituant entre dans la composition de son holonyme; il en est inséparable, mais l’objet et le constituant ne sont pas homogènes.*
5) *Activité/phase: La phase remplit une fonction au sein d’un processus temporel.*”

Depois da explicação da relação de meronímia e holonímia, focamos na discussão da relação associativa, que é mais abstrata do que as demais. Por isso, a delimitamos de forma criteriosa. A relação associativa é constituída pelo conceito conexo, entendido como lexema “[...] justaposto em um mesmo plano hierárquico, que se encontra em coordenação de significados, e o conteúdo semântico é de mesmo valor” (FAULSTICH, 1995, p.287). Além disso, o conceito conexo provém de relação associativa, visto que as “[...] unidades lexicais pertencem à mesma esfera de domínio, mas não são nem hiponímicas, nem equivalentes, nem opositivos. O significado de um remete, por analogia, ao outro” (FAULSTICH, 1993, p.94). Concluímos que o critério norteador da relação associativa do dicionário analógico são as inferências lexicais feitas na mente do falante de uma língua.

Cabrera e Filho (2007, p.14) postulam que as inferências lexicais não se baseiam em inferências formais que utilizam símbolos da lógica. As inferências lexicais são “[...] inferências que parecem válidas em virtude de certas conexões entre termos, embora sua forma não seja amparada por nenhum setor da lógica moderna, clássica ou não-clássica.” Desse modo, essas inferências “[...] têm apoio de nossas intuições nativas” (ib., ibid., p.20) e são feitas do modo como o raciocínio se processa.

As deduções que o falante de uma língua faz para estabelecer conexões entre lexemas diferentes ocorrem em virtude das inferências lexicais. Assim sendo, “[...] a existência de inferências lexicais parece evidente em qualquer linguagem que contenha termos, com os quais se possam representar predicados” (ib., ibid., p.19). As conexões estabelecidas não são só provenientes de relações com o significado, mas surgem também de informações enciclopédicas, as quais partem “[...] de manejos ‘pragmáticos’ em contato com o mundo” (ib., ibid., p.21). Desse modo, entendemos por inferência lexical o processo cognitivo de interpretar predicados da língua por meio da identificação de conexões entre os significados de lexemas ou por intermédio de informação enciclopédica do conhecimento de mundo da sociedade.

Como exemplo disso, os lexemas que possuem relação associativa com o verbete *transporte* são os conceitos conexos: *aceleração, ambulância, atropelamento, batida, colisão, condução, deslocamento, locomoção, mobilidade, movimentação, navegação, velocidade, voo, tráfego, trânsito, viagem, viatura, caminhoneiro, carroceiro, ciclista, condutor, motorista, motociclista e taxista*.

Os conceitos conexos possuem relação de coordenação com a palavra-entrada *transporte* por meio da analogia. É possível analisarmos a ligação que os conceitos conexos têm com as entidades do significado ao observar a relação entre os lexemas *aceleração* e *transporte*. Este significa veículo para locomoção de passageiros ou de cargas. Aquele lexema significa processo de aumento de velocidade. A identidade de relação entre essas significações é que, como o transporte serve para locomoção, tal locomoção pode ser feita de modo que envolva o processo de aumento de velocidade. Assim sendo, fizemos inferência lexical para perceber o liame entre os lexemas, visto que há relação entre as entidades do significado dos dois lexemas.

Outro exemplo da identidade de relação entre os lexemas é o liame entre *transporte* e os conceitos conexos, a saber: *caminhoneiro, carroceiro, ciclista, condutor, motociclista, motorista e taxista*. Esses lexemas se referem aos seres humanos que dirigem algum tipo de veículo, remetendo, conseqüentemente, ao significado de *transporte*.

A relação associativa pode ser dividida em subclasses, com a finalidade de agrupar os conceitos com mais proximidade semântica. Para cada verbete do dicionário analógico, é necessário delimitar as subclasses de conceito conexo, de modo que cada subclasse seja uma acepção. Um exemplo dessas subclasses é *local e profissão*, conforme pode ser observado na Figura 4.

Teorias Linguísticas aplicadas

A proposta do dicionário se baseia nas Teorias Linguísticas da Semântica Cognitiva, a saber: a Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos e a Semântica de *Frames*. A palavra-entrada é a família, e as palavras são os membros da família, que compõem o mesmo verbete por terem, pelo menos, um traço comum que serve de associação com outro referente também pertencente à família.

A Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos é um modelo que prevê, mas não exige, que os membros de uma mesma categoria tenham traços em comum. Para justificar a falta de exigência de traços em comum, Schlyter (1982, p.12 apud KLEIBER, 1990, p.156) afirma que “existem poucas propriedades, talvez nenhuma, que são comuns a todos os indivíduos periféricos, existe apenas uma semelhança de família ou semelhanças com o protótipo.”⁶

O conceito de ar de família é essencial nessa teoria, o qual

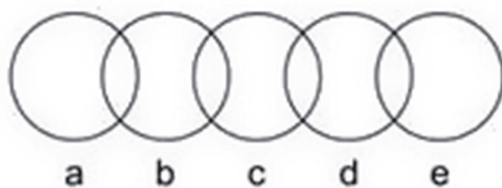
[...] caracteriza um conjunto de similaridades entre diferentes ocorrências de uma mesma família. A questão crucial é, no entanto, a de se ver quais são essas semelhanças: são propriedades que não necessariamente precisam ser compartilhadas por todos os membros, mas que são encontradas ao menos em dois membros.⁷ (KLEIBER, 1990, p.157-158).

Assim, ar de família é a propriedade que justifica o fato de os membros de uma classe serem ligados uns aos outros, sem ter uma propriedade comum que defina a categoria. A ideia de semelhança de família foi proposta inicialmente por Wittgenstein (1953). Com base nesse conceito, os elementos relacionam as categorias de forma lateral e não central, conforme o esquema de Givón (1986 apud KLEIBER, 1990, p.160) a seguir.

⁶ Trecho original: “il y a peu de propriétés, peut-être aucune, qui sont communes à tous les individus périphériques, il n’y a qu’une famille ressemblance ou des ressemblances avec le prototype”.

⁷ Trecho original: “caractérise un ensemble de similarités entre différentes occurrences d’une même famille. La question cruciale est cependant de voir quelles sont ces ressemblances : ce sont des propriétés qui n’ont pas besoin d’être partagées par tous les membres, mais que l’on retrouve au moins chez deux membres.”

Figura 2 – Representação dos efeitos de prototipicidade



Fonte: Kleiber (1990, p.160).

Não é necessário existir propriedade comum entre os objetos de uma série qualquer, como tinha de ocorrer na versão padrão. Assim, “[...] uma semelhança de família pode então consistir num conjunto de referentes A, B, C, D, E unidos entre si por relações de tipo associativo: AB BC CD DE que justificam uma denominação comum.”⁸ (KLEIBER, 1990, p.159).

Notemos que a categorização é justificada pelas relações de associação entre os diferentes referentes, não por uma relação comum a todos referentes. Para haver semelhança de família, não precisa haver uma propriedade compartilhada entre todos os membros, mas alguma propriedade comum deve ser encontrada em pelo menos dois membros (id., ibid., p.157-159).

Com relação à Semântica de *Frames*, Fillmore, professor americano da Universidade da Califórnia, ao postular a teoria no final da década de 70, “[...] parte da hipótese de que o aparato conceptual humano é constituído não por conceitos isolados, mas por conjuntos conceptuais internamente estruturados” (SILVA, 1999, p.20).

Os conceitos norteadores da Semântica de *Frames* são cena, esquema e *frame*. Cena refere-se às “[...] experiências do mundo real, ações, objetos, percepções e memórias pessoais”, segundo Fillmore (1975, p.82). *Frame* “[...] refere-se às unidades linguísticas associadas com cenas cognitivas, [...] pressupõem o entendimento bastante completo da natureza do evento ou atividade.”⁹ (id., ibid., p.78-79). A cena pode ativar o *frame* e vice-versa. *Frames* são associados na memória a outros *frames*, assim como cenas são relacionadas com outras cenas (id., 1977b, p.127).

Esquema se refere a “[...] estruturas conceituais ou frameworks que estão ligadas entre si na categorização de ações, instituições e objetos encontrados em conjuntos de contraste, objetos prototípicos, entre outros.”¹⁰ (id., ibid.). Faulstich (2010, p.192), ao interpretar as ideias de Fillmore, declara que

⁸ Trecho original: “une ressemblance de famille peut donc consister en un ensemble de référents A, B, C, D, E unis entre eux par des relations de type associatif: AB BC CD DE qui justifient une appellation commune.”

⁹ Trecho original: “refers to the linguistic units associated with a cognitive scene, [...] they presuppose a fairly complete understanding of the nature of the total transaction or activity.”

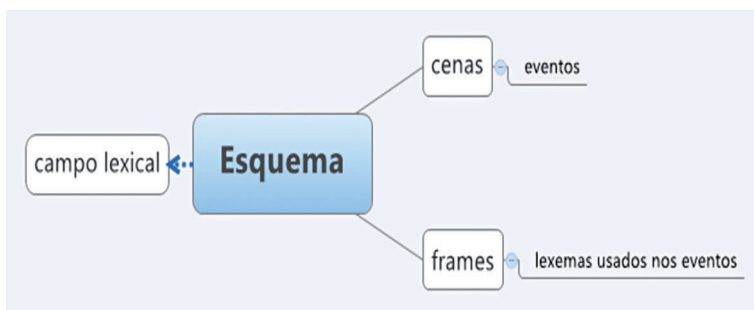
¹⁰ Trecho original: “conceptual structures or frameworks that are linked together in the categorization of actions, institutions and objects found in sets of contrast, object prototypes, among others.”

[...] a noção de esquema é equivalente à de um quadro de ação ou de um contexto maior, dentro do qual cada item lexical tem uma significação própria. Esse quadro se organiza, por consequência, a partir de um conjunto de noções ou de pistas que se tornam necessárias para a caracterização de um acontecimento, como, por exemplo, uma mensagem publicitária.

Segundo Fillmore (1977a, p.77), “o estudo da semântica é o estudo das cenas cognitivas que são criadas ou ativadas por enunciados.”¹¹ O autor exemplifica essa afirmação ao mencionar que “toda vez que o falante usa qualquer um dos verbos relacionados ao evento comercial, por exemplo, a cena inteira do evento é ativada, mas a palavra específica escolhida impõe à cena uma perspectiva particular.”¹² Nesse contexto, alguém que ouve e entende cada enunciado tem em mente a cena, envolvendo todos os aspectos necessários do evento. Os significados se relativizam em cenas. As palavras relacionadas à cena são os *frames*. O conjunto de *frames* desse evento dá origem ao esquema.

No contexto das analogias estabelecidas no dicionário analógico, é possível aplicar a Semântica de *Frames*. As cenas representadas em eventos selecionam *frames*, que são os lexemas relacionados ao evento. A cena e os *frames* formam o esquema, constituído por campo lexical, como interpretamos na figura seguinte.

Figura 3 – Representação da aplicação da Semântica de *Frames*



Fonte: Vilarinho (2013, p.86).

Diante do exposto, acreditamos que o público-alvo de dicionários analógicos precisa ter acesso às palavras que o auxiliarão a construir cena e esquema de campos lexicais. Assim sendo, as analogias a serem estabelecidas não podem ser restritivas nem

¹¹ Trecho original: “the study of semantics is the study of the cognitive scenes that area created or activated by utterances.”

¹² Trecho original: “whenever a speaker uses any of the verbs related to the commercial event, for example, the entire scene of the commercial event is brought into play – is “activated” – but the particular word chosen imposes on this scene a particular perspective.”

excessivas. Em vista disso, ao selecionarmos as palavras para compor cada verbete, adotamos como critério a inclusão de palavras que possibilitem ao falante construir enunciados para cenas, usando esquemas concretizados por meio dos *frames*. Nos casos dos verbos analógicos, consideramos os *frames* que podem ocorrer nas cenas. Os estudos de Fillmore nos auxiliam a incluir os verbos analógicos que geralmente são empregados em eventos de comunicação da língua.

Para ilustrar essa configuração, segue o verbete *vestuário* do léxico do vestuário, formado, por exemplo, pelos lexemas *traje*, *roupa*, *veste*, *vestuário*, entre outros. A categoria *vestuário* forma a família. O conjunto de semelhanças entre os diferentes entes de uma mesma família é chamado de ar de família, que consiste nos traços semânticos comuns entre os membros da mesma família. As palavras denotam uma série de objetos, de modo que é necessário e suficiente que cada membro da categoria possua ao menos uma propriedade em comum com outro membro da categoria. Isso significa que *calça* compartilha com *blusa* pelo menos uma característica; *blusa* compartilha uma propriedade com *casaco*, *casaco* compartilha uma propriedade com *saia* e assim por diante. A seguir, há a representação do verbete *vestuário* do dicionário analógico com aplicação da Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos.

Figura 4 – Verbetes do dicionário analógico com aplicação da Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos



Fonte: Vilarinho (2013, com adaptações).

Ao analisar os conceitos da Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos e da Semântica de *frames*, percebemos semelhanças entre essas teorias para serem aplicadas ao verbete de dicionário analógico. Como exemplo disso, notamos que o verbete *vestuário* agrupa um conjunto de lexemas, que forma um campo lexical, constituindo o esquema. O esquema envolve cenas, que, ao serem concretizadas, ativam lexemas. O falante pode produzir enunciado, como, por exemplo: “A modelo vestiu o casaco da moda”. No enunciado, a cena é motivada pela ação exercida pela agente que é a modelo. Os lexemas *modelo*, *vestiu*, *casaco*, *moda* são os *frames*, os quais geram o esquema da cena. Quando se tem a cena, há a seleção de *frames*, que cria o esquema.

Apresentação da obra

Como não há registro de outra obra que tenha atingido satisfatoriamente os objetivos que este projeto se propõe a alcançar, e o resultado do projeto será disponibilizado de forma informatizada, a realização desta pesquisa contribuirá para o desenvolvimento tecnológico do nosso país. Além disso, o DIALP é uma inovação, já que não existem dicionários analógicos de Língua Portuguesa para os aprendizes de PBSL. Desse modo, o dicionário a ser elaborado fornecerá ao aprendiz de português do Brasil como Segunda Língua uma ferramenta que o ajude a desenvolver competências linguísticas para se comunicar no ambiente de imersão de português do Brasil como Segunda Língua.

O conteúdo do DIALP destina-se a:

- i. aprendizes de português como L2, visto que a organização analógica pode conduzi-los até o lexema desejado;
- ii. elaboradores de exercícios de aprendizagem do léxico da língua, de palavras cruzadas, de jogos de palavras, já que esses profissionais consultam conjuntos de unidades linguísticas afins;
- iii. professores, alunos, conferencistas e redatores que precisam de um leque de opções de palavras na produção oral e escrita e que estão em busca de ampliação de vocabulário;
- iv. compositores, poetas, escritores, tradutores, jornalistas, que procuram arranjos de palavras com significados relacionados;
- v. lexicógrafos, dicionaristas, terminólogos e terminógrafos que necessitam identificar os campos nocionais, semânticos, léxicos, associativos e as relações lexicais para estabelecerem redes de remissões nos dicionários, glossários, léxicos e vocabulários; e
- vi. pesquisadores, indexadores, documentalistas e curiosos que almejam fazer consultas de caráter onomasiológico e que queiram ver o modo como as palavras de uma língua podem ser categorizadas de maneira sistêmica.

O DIALP está disponível no site www.dicionarioonlineanalogico.com.br, que possibilita o acesso de forma dinâmica e contínua. Os verbetes apresentados foram

elaborados pelos formandos do curso de Licenciatura em Letras Português do Brasil como Segunda Língua, mediante a aplicação da metodologia descrita. Os alunos confeccionaram os verbetes na disciplina *Projeto de Curso: Elaboração de Multimeios* como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no bojo do projeto “Aplicação dos percursos metodológicos da Lexicologia, da Lexicografia, da Terminologia e da Terminografia para sistematização de lexemas e de termos”, coordenado pela Prof.^a Michelle Machado de O. Vilarinho.

Até o momento, há sete verbetes da parte analógica, os quais regem a criação dos verbetes da parte alfabética. Na parte alfabética, existem 205 verbetes. A pesquisa ainda está em desenvolvimento; por isso, mais verbetes serão criados em ambas as partes da obra lexicográfica. Os lexemas acrescentados à nomenclatura do DIALP, mas que não foram recolhidos da obra de Azevedo (2010), estão destacados com sublinhado. A categoria gramatical e o gênero são abreviados nos verbetes. Ademais, a remissiva por meio da abreviatura *cf.* remete à parte analógica da obra.

A seguir, apresentamos os verbetes *alimentação*, *estudo*, *família*, *lazer*, *trabalho*, *transporte*, *vestuário* da parte analógica.

Figura 5 – Verbetes *alimentação*

alimentação s.f. 1 abastecimento com substâncias para nutrição.	
substantivo	<p>Sinônimo alimento, iguaria, manutenção, rango, sustentação, sustento.</p> <p>Conceito conexo (utensílio doméstico) <u>bateria de cozinha</u>, <u>colher</u>, <u>escorredor</u>, <u>espremedor</u>, <u>faca</u>, <u>fôrma</u>, <u>frigideira</u>, <u>garfo</u>, <u>louça</u>, <u>panela</u>, <u>prato</u>, <u>rolo</u>, <u>saladeira</u>, <u>salseira</u>, <u>talher</u>, <u>travessa</u>, <u>tigela</u>, <u>trincho</u>, <u>vasilha</u>.</p> <p>Conceito conexo (refeição) almoço, café da manhã, ceia, colação, consoado, <u>fast-food</u>, jantar, lanche, sobremesa.</p> <p>Conceito conexo (profissão) <u>atendente</u>, <u>confeiteiro</u>, <u>cozinheiro</u>, <u>garçom</u>, <u>garçonete</u>, <u>nutricionista</u>, <u>padeiro</u>.</p> <p>Conceito conexo (lugar) <u>bar</u>, <u>cafeteria</u>, <u>cantina</u>, <u>churrascaria</u>, <u>confeitaria</u>, <u>copa</u>, <u>cozinha</u>, <u>espaço gourmet</u>, <u>feira</u>, <u>lancheonete</u>, <u>padaria</u>, <u>pizzaria</u>, <u>restaurante</u>, <u>sorveteria</u>, <u>supermercado</u>.</p> <p>Conceito conexo alimento, apetite, bulimia, cardápio, <u>chef</u>, churrasco, comes e bebes, comestíveis, comilança, comilão, deglutição, degustação, dieta, desjejum, gastronomia, gastrônomo, gula, gulodice, guloseima, guloso, indigestão, ingestão, <u>mãit</u>, mantimentos, mastigação, menu, pitêu, quitute, rapa, recheio, subsistência, sustança, trituração, voracidade.</p>
	<p>Remissões (VILARINHO, 2013)</p> <p><i>cf.</i> acompanhamentos; <i>cf.</i> bebida; <i>cf.</i> condimento e tempero; <i>cf.</i> entrada; <i>cf.</i> grão; <i>cf.</i> fruta; <i>cf.</i> legume e verdura; <i>cf.</i> massas; <i>cf.</i> prato principal; <i>cf.</i> sobremesa</p>
verbo	<p>abarrota, absorver, alimentar, almoçar, amamentar, beber, ceiar, chupar, comer, comer um boi, consumir, dar de beber, dar uma dentada, deglutir, degustar, desjejuar, devorar, digerir, empanurrar, empanzinar, encher, encher o bucho, engolir, engordar, ingerir, fartar, jantar, lambear, lanchar, manter, mascar, matar a fome/sede, lambiscar, mastigar, merendar morder, nutrir, por à boca, provar, papar, petiscar, provar, quebrar o jejum, rangar, regar, saborear, saciar, satisfazer, sustentar, tomar, triturar.</p>

Fonte: Linhares e Vilarinho (2016, p.261-262).

Figura 6 – Verbetes *estudo*

<p>estudo <i>s.f.</i> 1 processo de exercer atividades de aprendizagem e de conhecimento para compreender algo que se desconhece ou de que se tem pouco conhecimento; 2 conhecimento adquirido pela aplicação da inteligência; 3 trabalho que precede a execução de uma obra artística ou científica; 4 investigação artística ou científica sobre determinado assunto; 5 observação, exame minucioso de algo; análise (Houaiss, adapt.).</p>	
<p>substantivo</p>	<p>conceito conexo (atividade) <u>dissertação</u>, <u>ensaio</u>, <u>esboço</u>, <u>estágio</u>, <u>fichamento</u>, <u>lição</u>, <u>monografia</u>, <u>relatório</u>, <u>resenha</u>, <u>resumo</u>, <u>portfólio</u>, <u>prova</u>, <u>sabatina</u>, <u>seminário</u>, <u>tese</u>, <u>tarifa de casa</u>.</p> <p>conceito conexo (evento) curso, palestra, seminário.</p> <p>conceito conexo (exposição) aula, instrução.</p> <p>conceito conexo (disciplinas da educação básica) <u>artes</u>, <u>biologia</u>, <u>educação física</u>, <u>ensino religioso</u>, <u>filosofia</u>, <u>física</u>, <u>geografia</u>, <u>história</u>, <u>língua espanhola</u>, <u>língua inglesa</u>, <u>língua portuguesa</u>, <u>matemática</u>, <u>química</u>, <u>sociologia</u>.</p> <p>conceito conexo (instituição) academia, colégio, conservatório, <u>creche</u>, <u>educandário</u>, <u>escola</u>, <u>escola-modelo</u>, <u>externato</u>, <u>faculdade</u>, <u>ginásio</u>, <u>instituto</u>, <u>internato</u>, <u>jardim de infância</u>, <u>maternal</u>, <u>universidade</u>, <u>escola</u>.</p> <p>conceito conexo (local) anfiteatro, classe, plataforma, púlpito, tablado, tribuna, <u>laboratório</u>, <u>sala de aula</u>.</p> <p>conceito conexo (móvel/objeto) <u>apagador</u>, <u>cadeira</u>, <u>carteira</u>, <u>giz</u>, <u>lousa</u>, <u>livro</u>, <u>material</u>, <u>pinel</u>, <u>púlpito</u>, <u>quadro</u>.</p> <p>conceito conexo (nível de escolaridade) doutorado, <u>educação básica</u>, <u>educação infantil</u>, <u>ensino fundamental</u>, <u>ensino médio</u>, <u>ensino superior</u>, <u>graduação</u>, <u>mestrado</u>, <u>pós-graduação</u>.</p> <p>conceito conexo (pessoa/grupo de pessoas) <u>aluno</u>, <u>congregação</u>, <u>discente</u>, <u>discipulado</u>, <u>docente</u>, <u>estudante</u>, <u>internado</u>, <u>mestrança</u>, <u>professorado</u>, <u>professor</u>, <u>universitário</u>.</p> <p>conceito conexo (procedimento) adiantamento, aproveitamento, matrícula.</p> <p>conceito conexo (processo) <u>admissão</u>, <u>aprendizado</u>, <u>aprendizagem</u>, <u>ensino</u>, <u>extensão</u>, <u>investigação</u>, <u>orientação</u>, <u>pensamento</u>, <u>progresso</u>, <u>regência</u>, <u>reflexão</u>, <u>revisão</u>, <u>análise</u>, <u>pesquisa</u>.</p> <p>conceito conexo <u>aptidão</u>, <u>cátedra</u>, <u>ciência</u>, <u>cognição</u>, <u>cultura</u>, <u>disciplina</u>, <u>docência</u>, <u>erudição</u>, <u>habilidade</u>, <u>leitura</u>, <u>livre docência</u>, <u>magistério</u>, <u>noviciado</u>, <u>postulado</u>, <u>pré-vestibular</u>, <u>matéria</u>, <u>vestibular</u>.</p>
<p>verbo</p>	<p>adquirir, <u>analisar</u>, <u>anotar</u>, <u>aplicar</u>, <u>aprender</u>, <u>aprimorar</u>, <u>aprofundar</u>, <u>assimilar</u>, <u>armazenar</u>, <u>colher</u>, <u>compreender</u>, <u>cursar</u>, <u>decorar</u>, <u>dedicar</u>, <u>defender</u>, <u>diplomar</u>, <u>dissertar</u>, <u>educar</u>, <u>ensaiar</u>, <u>ensinar</u>, <u>entender</u>, <u>escrever</u>, <u>estar</u>, <u>estudar</u>, <u>explicar</u>, <u>fazer</u>, <u>folhear</u>, <u>formar</u>, <u>frequentar</u>, <u>graduar</u>, <u>instruir</u>, <u>ler</u>, <u>matricular</u>, <u>obter</u>, <u>orientar</u>, <u>passar</u>, <u>pensar</u>, <u>pesquisar</u>, <u>pós-graduar</u>, <u>preparar</u>, <u>progredir</u>, <u>receber</u>, <u>refletir</u>, <u>repassar</u>, <u>revisar</u>, <u>saber</u>, <u>ser</u>, <u>soletrar</u>.</p>

Fonte: Peres e Vilarinho (2016, p.163-164).

Figura 7 – Verbetes *família*

<p>família <i>s.f.</i> 1 grupo de pessoas ligadas por laços sanguíneos, casamento, união estável, afinidade ou adoção, cuja função é cuidar uns dos outros.</p>	
<p>substantivo</p>	<p>Sinônimo parentela; parente.</p> <p>Merônimo <u>adúltero</u>, <u>afilhado</u>, <u>amante</u>, avô, avó, bastardo, bisavô, bisavó, bisneto, <u>comadre</u>, <u>compadre</u>, <u>cunhado(a)</u>, <u>enteado</u>, <u>esposa</u>, <u>filho</u>, <u>gêmeos</u>, <u>genro</u>, <u>irmã</u>, <u>irmão</u>, <u>irmão caçula</u>, <u>irmão de criação</u>, <u>irmão de leite</u>, <u>irmão do meio</u>, <u>irmão gêmeo</u>, <u>irmão mais velho</u>, <u>madrasta</u>, <u>madrinha</u>, <u>mãe</u>, <u>mãe de aluguel</u>, <u>mãe de leite</u>, <u>mãe solteira</u>, <u>marido</u>, <u>meio irmão</u>, <u>neto</u>, <u>nora</u>, <u>órfão</u>, <u>padrasto</u>, <u>padrinho</u>, <u>pai</u>, <u>pai biológico</u>, <u>pai de criação</u>, <u>pai de família</u>, <u>pai solteiro</u>, <u>pais</u>, <u>parente</u>, <u>primo</u>, <u>primo-irmão</u>, <u>primo-segundo</u>, <u>sobrinho</u>, <u>sogra</u>, <u>sogro</u>, <u>tetraneto</u>, <u>tetravô</u>, <u>tia</u>, <u>tia-avó</u>, <u>tio</u>, <u>tio-avó</u>, <u>trineto</u>, <u>trisavô</u>.</p> <p>Variante <u>mamãe</u>, <u>papai</u>, <u>titio(a)</u>, <u>vô</u>, <u>vô</u>, <u>vovô</u>, <u>vovô</u>.</p> <p>Conceito conexo <u>adulterino</u>, <u>ancestrais</u>, <u>ancestralidade</u>, <u>antepassado</u>, <u>árvore genealógica</u>, <u>ascendência</u>, <u>ascendente</u>, <u>casamento</u>, <u>casta</u>, <u>consaguinidade</u>, <u>descendência</u>, <u>divórcio</u>, <u>estirpe</u>, <u>filiação</u>, <u>fraternidade</u>, <u>genearca</u>, <u>genitor</u>, <u>herdeiro</u>, <u>linhagem</u>, <u>maternidade</u>, <u>nepostismo</u>, <u>parentesco</u>, <u>paternidade</u>, <u>patriarca</u>, <u>primogênito</u>, <u>raça</u>, <u>sangue</u>, <u>sanguinidade</u>, <u>separação</u>, <u>tribo</u>, <u>unigênito</u>.</p> <p>Conceito conexo (lugar) <u>casa</u>, <u>lar</u>.</p>
<p>verbo</p>	<p><u>adotar</u>, <u>amamentar</u>, <u>apadrinhar</u>, <u>batizar</u>, <u>criar</u>, <u>cuidar</u>, <u>descender</u>, <u>educar</u>, <u>filiar</u>, <u>ser da família de</u>, <u>ser do mesmo sangue de alguém</u>, <u>ser parente</u>.</p>

Fonte: Carvalho (2014).¹³

Figura 8 – Verbetes *lazer*

<p>lazer <i>s.m.</i> 1 tempo que sobra do horário de trabalho e/ou do cumprimento de obrigações, utilizado para fazer atividades que causam alegria e satisfação. (Adaptado do Houaiss)</p>	
<p>substantivo</p>	<p>Sinônimo <u>descanso</u>, <u>diversão</u>, <u>divertimento</u>.</p> <p>Conceito conexo <u>acampamento</u>, <u>brinco</u>, <u>camping</u>, <u>distração</u>, <u>entretém</u>, <u>entretenimento</u>, <u>entretimento</u>, <u>espairecimento</u>, <u>excursão</u>, <u>farra</u>, <u>feriado</u>, <u>férias</u>, <u>folga</u>, <u>folguedo</u>, <u>passatempo</u>, <u>passaieiro</u>, <u>piquenique</u>, <u>ponto facultativo</u>, <u>recreação</u>, <u>recreio</u>, <u>repouso</u>, <u>solaz</u>, <u>suetto</u>, <u>turismo</u>.</p> <p>Conceito conexo (lugar) <u>academia</u>, <u>campo de futebol</u>, <u>cinema</u>, <u>clube</u>, <u>estádio</u>, <u>feira</u>, <u>jardim zoológico</u>, <u>parque</u>, <u>praça</u>, <u>praia</u>, <u>teatro</u>, <u>quadra</u>, <u>shopping</u>.</p>
<p>remissões</p>	<p><i>cf.</i> <u>brincadeira</u>, <i>cf.</i> <u>brinquedo</u>, <i>cf.</i> <u>jogo</u>, <i>cf.</i> <u>esporte</u>, <i>cf.</i> <u>música</u>, <i>cf.</i> <u>evento</u>, <i>cf.</i> <u>filme</u>.</p>
<p>verbo</p>	<p><u>alegrar-se</u>, <u>aproveitar</u>, <u>bailar</u>, <u>batucar</u>, <u>brincar</u>, <u>curtir</u>, <u>dançar</u>, <u>descansar</u>, <u>desenfadar-se</u>, <u>desentediado</u>, <u>dispor do seu tempo</u>, <u>distrair-se</u>, <u>divertir</u>, <u>dormir à sombra dos louros</u>, <u>empinar um papagaio</u>, <u>entregar-se as distrações</u>, <u>entreter</u>, <u>entreter-se</u>, <u>esbaldar-se</u>, <u>espairecer</u>, <u>estar em férias</u>, <u>farrear</u>, <u>fazer arraial</u>, <u>fazer</u>, <u>avenida</u>, <u>feriar</u>, <u>folgar</u>, <u>folgarar</u>, <u>foliar</u>, <u>garotar</u>, <u>garrir</u>, <u>jardinar</u>, <u>jogar</u>, <u>jogar entruído</u>, <u>matar o tempo</u>, <u>passar a vida alegre e folgada</u>, <u>passaieiro</u>, <u>pimpar</u>, <u>pintar e bordar</u>, <u>pintar o sete</u>, <u>polcar</u>, <u>recrear</u>, <u>recrear-se</u>, <u>refocilar-se</u>, <u>relaxar</u>, <u>repimpar-se</u>, <u>repousar</u>, <u>saltar</u>, <u>sambar</u>, <u>sapatear</u>, <u>sossegar</u>, <u>ter férias</u>, <u>ter o seu tempo livre</u>, <u>ter/dar folga</u>, <u>tomar férias</u>, <u>traquinar</u>, <u>trebelhar</u>, <u>tripudiar</u>, <u>valsar</u>.</p>

Fonte: Lima (2014).¹⁴

¹³ Verbetes elaborado por Rebeca de Almeida Carvalho no TCC “Campo lexical família: verbetes do Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa”, no período letivo 2/2014.

¹⁴ Verbetes elaborado por Fernanda Souza de Lima no TCC “Proposta de verbetes para a composição do campo lexical “lazer” do Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa”, no período letivo 2/2014.

Figura 9 – Verbetes *trabalho*

<p>trabalho <i>s.m.</i> 1 ocupação, esforço físico e/ou mental a fim de alcançar determinado objetivo. 2 atividade remunerada ou não.</p> <p>substantivo</p>	<p>Sinônimo emprego, negócio, ocupação, ofício, quefazer, serviço, trabalho.</p> <p>Conceito conexo (transação) crédito, débito, <u>DOC</u>, <u>empréstimo</u>, financiamento, investimento, operação, <u>parcelamento</u>, <u>TED</u>, <u>transferência</u>.</p> <p>Conceito conexo (níveis de formação) aperfeiçoamento, especialização, <u>graduação</u>.</p> <p>Conceito conexo (local) campo, comércio, departamento, divisão, empresa, <u>escritório</u>, esfera, indústria, loja, lugar, mercadoria, ministério, posto, repartição, setor, venda.</p> <p>Conceito conexo (estratégia empresarial) marketing, <u>merchandising</u>, otimização, <u>publicidade</u>.</p> <p>Conceito conexo (método de trabalho) automação, informatização, reciclagem.</p> <p>Conceito conexo (característica profissionais) ambição, cuidado, <u>competência</u>, competitividade, <u>comprometimento</u>, dinâmica, <u>entusiasmo</u>, especialidade, operosidade, participação, <u>pontualidade</u>, sujeição, tática.</p> <p>Conceito conexo (estratégia operacional) agenda, balanço, cronograma, <u>gráfico</u>, orçamento, organização, organograma, planejamento, planilha.</p> <p>Conceito conexo (atribuição) dever, <u>dom</u>, encargo, encomenda, função, <u>habilidade</u>, incumbência, ministério, missão, obra, obrigação, papel, plano, posição, posto, projeto, <u>propensão</u>, <u>vocação</u>.</p> <p>Conceito conexo (profissão) administrador, advogado, agente de viagens, agricultor, agrônomo, alfaiate, analista de sistemas, antropólogo, arquiteto, artista, artista plástico, ator, barbeiro, biólogo, carpinteiro, cientista político, cineasta, chapeleiro, comunicador social, contador, costureira, dentista, desenhista industrial, designer, diarista, economista, editor, eletricitista, enfermeiro, engenheiro, escritor, esportista, estilista, fabricante, fabricante, farmacêutico, filólogo, físico, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, gráfico, historiador, joalheiro, jornalista, juiz, lenhador, lexicógrafo, maquinista, marceneiro, marinho, matemático, mecânico, médico, militar, mineiro, motorista, músico, nutricionista, operador, operário, ourives, paisagista, pedagogo, piloto, programador, professor, promotor, psicanalista, psicólogo, publicitário, químico, relojoeiro, sapateiro, serralheiro, sociólogo, tecelão, técnico, urbanista, veterinário.</p> <p>Conceito conexo 8 arte, carreira, comissão, custeio, custo, déficit, especialidade, <u>estipêndio</u>, estímulo, estratégia, estruturação, exercício, incentivo, logística, <u>lucratividade</u>, lucro, metodologia, mercadoria, ônus, <u>orçamento</u>, <u>ordenado</u>, prática, profissão, <u>provento</u>, ramo, rentabilidade, tarefa, tirocínio.</p>
	<p>verbo</p> <p><i>administrar, advogar, agenciar, analisar, aperfeiçoar, aplicar, arquitetar, assumir, atuar, clinicar, conduzir/efetuar/ fazer, costurar, cuidar, dedicar, desempenhar, desenhar, destinar, dirigir, editar, empenhar, empreender, empregar, encarregar, ensinar, entrar, entregar, envolver, escrever, especializar, estabelecer, estar, exercer, fabricar, funcionalizar, gastar, gerenciar, incumbir, lexicografar, medicar, ocupar, operar, pilotar, programar, realizar, reciclar, responsabilizar, sacrificar, seguir, ser, servir, suportar, negociar, ter/possuir/desfrutar, tomar, trabalhar, tratar.</i></p>

Fonte: Nóbrega e Vilarinho (2016, p.181-182).

Figura 10 – Verbete *transporte*

transporte <i>s.m.</i> 1 veículo utilizado para locomoção de passageiros ou cargas.	
substantivo	<p>Hipônimo <u>automóvel</u>, avião, barco, <u>bicicleta</u>, bote, <u>bonde</u>, <u>caminhonete</u>, <u>camioneta</u>, <u>caminhão</u>, <u>caminhão-trator</u>, canoa, carro, <u>carro-de-mão</u>, <u>carroça</u>, <u>ciclomotor</u>, <u>charrete</u>, metrô, <u>micro-ônibus</u>, <u>motocicleta</u>, <u>motoneta</u>, <u>mototáxi</u>, navio, <u>ônibus</u>, <u>quadriciclo</u>, <u>reboque</u>, riquixá, <u>semi-reboque</u>, submarino, táxi, trator, trem, trem-bala, trenó, <u>triciclo</u>. <u>Veículo Leve sobre Pneus (VLP)</u>, <u>Veículo Leve sobre Trilhos (VLT)</u>.</p> <p>Merônimo acelerador, amortecedor, banco, buzina, cabine, capô, cinto de segurança, embreagem, escapamento, hélice, farol, freio, limpador de para-brisas, macaco, marcha, painel, motor, para-choque, para-brisa pedal, pisca-alerta, placa, para-choque, porta-mala, pneu, porta, radiador, retrovisor, roda, teto, triângulo, vagão, vela, vidro, volante.</p> <p>Conceito conexo (profissional) 1 caminhoneiro, carroceiro, ciclista, condutor, motociclista, motorista, taxista.</p> <p>Conceito conexo 2 aceleração, ambulância, atropelamento, batida, colisão, condução, deslocamento, locomoção, mobilidade, movimentação, navegação, sinalização, velocidade, voo, tráfego, trânsito, viagem, viatura.</p>
verbo	acelerar, afundar, atropelar, aumentar, bater, colidir, correr, deslizar, deslocar, diminuir, frear, mover, transportar, quebrar, voar.

Fonte: Vilarinho (2013, p.167).

Figura 11 – Verbete *vestuário*

vestuário <i>s.m.</i> 1 peça de roupa que serve para cobrir qualquer parte do corpo humano.	
substantivo	<p>Sinônimo indumentária, indumento, traje, roupa, vestes, vestimenta.</p> <p>Hipônimo v. <u>accessório</u>, agasalho, anágua, <u>baby look</u>, <u>balonné</u>, bata, bermuda, biquíni, bolero, blazer, blusa, burca, calcinha, calça, v. calçado, calção, camisa, camiseta, <u>camisete</u>, camisola, capa, capa de chuva, capacete, casaco, <u>cigarrete</u>, cinta, colete, combinação, cueca, espartilho, farda, fio-dental, fraque, jaleco, jaqueta, <u>jardineira</u>, <u>legging</u>, <u>lingerie</u>, <u>longuete</u>, <u>macacão</u>, <u>macaquinho</u>, maiô, <u>moletom</u>, paletó, pantalonas, pijama, pulôver, robe, roupão, saia, <u>salopete</u>, segunda pele, <u>short</u>, <u>smoking</u>, sobretudo, suéter, sunga, sutiã, tanga, terminho, terno, túnica, uniforme, vestido.</p> <p>Merônimo <u>alça</u>, <u>algodão</u>, <u>aplicação</u>, <u>barra</u>, <u>botão</u>, <u>capuz</u>, <u>cós</u>, <u>couro</u>, colarinho, <u>forro</u>, <u>jeans</u>, <u>malha</u>, manga.</p> <p>Conceito conexo (lugar) 1 <u>brechó</u>, butique, loja.</p> <p>Conceito conexo (lugar) 2 guarda-roupa, provador, vestiário.</p> <p>Conceito conexo (profissional) 3 alfaiate, costureiro, <u>designer</u>, <u>editor de moda</u>, <u>estilista</u>, <u>figurinista</u>, <u>modelista</u>, <u>produtor</u>.</p> <p>Conceito conexo 4 <u>coleção</u>, costura, corte, <u>griffe</u>, <u>elegância</u>, <u>estilo</u>, <u>moda</u>, <u>mostruário</u>, <u>trapo</u>.</p>
verbo	<u>agasalhar</u> , <u>ajustar</u> , <u>aprontar</u> , <u>arrematar</u> , arrumar, <u>colocar</u> , <u>cortar</u> , <u>costurar</u> , <u>engravar</u> , estar com, <u>experimentar</u> , <u>fardar</u> , <u>fantasiar</u> , <u>lavar</u> , <u>manchar</u> , <u>modelar</u> , <u>molhar</u> , <u>passar</u> , <u>provar</u> , <u>rasgar</u> , <u>secar</u> , <u>tirar</u> , vestir, uniformizar, usar.

Fonte: Vilarinho (2013, p.168-169).

Para elaboração das definições da parte alfabética, quando possível, adotamos o modelo ‘o que é’ + ‘para que serve’, que é a definição pragmática, segundo proposto por Faulstich (2014, p.382). A primeira pergunta é respondida com o hiperônimo. A segunda pergunta é respondida com a funcionalidade. A adaptação desse modelo é

feita com base nas especificidades do lexema a ser definido, conforme detalhado no quadro subsequente:

Quadro 3 – Modelo de definição

Campo	Modelo de definição	Verbetes
alimentação	+ hiperônimo (profissional ou indivíduo), ± área de atuação (culinária e saúde), + função + hiperônimo (estabelecimento comercial), + função	churrascaria ¹⁵ <i>s.f.</i> 1. restaurante cujo prato principal é o churrasco, que geralmente é servido em rodízios. “ <i>Para completar, o rodízio da churrascaria terá um preço especial para quem participar do evento, apenas R\$25,00 por pessoa.</i> ” (PF ¹⁶ , 2014) Cf. alimentação (parte analógica)
estudo	+ descrição do nível de escolaridade, + função	doutorado ¹⁷ <i>s.m.</i> 1. o grau/graduação de doutor. 2. curso de pós-graduação <i>stricto sensu</i> de mais elevada titulação no Brasil, para obtenção do título de doutor, o que torna o profissional especializado em área de conhecimento. “O ex-bolsista do programa Ciência sem Fronteiras (CsF) [...] concluiu o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química da Universidade Federal do Ceará (UFC).” (CAPES) ¹⁸ . [No curso de doutorado, o estudante precisa defender a tese, que deve ser original, resultante de pesquisa acadêmica. Se for aprovado no exame de defesa da tese, obterá o diploma de doutor. A duração mínima para o doutorado são 2 anos, mas o tempo regulamentar do curso são 48 meses (4 anos). Após o doutorado, o profissional pode realizar estágio pós-doutorado (denomina-se o profissional como PhD). Para esse estágio, não há nova titulação. (MEC, CAPES, adaptado por APP)].

¹⁵ Verbetes elaborado por Linhares e Vilarinho (2016, p.263).

¹⁶ A abreviação refere-se ao acesso ao Portal Fluminense. Disponível: <<http://portalfluminense.com.br/futebol/16/09/2014/fluminense-oferecera-para-cada-socio-um-ingresso-gratuito-para-jogo-com-o-vitoria/14083/>>. Acesso em: 30 set. 2014.

¹⁷ Verbetes elaborado por Amanda Pereira Peres.

¹⁸ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/7441-bolsista-do-ciencia-sem-fronteiras-recebe-duplo-diploma-de-doutorado>>. Acesso em: 06 abr. 2015.

Campo	Modelo de definição	Verbetes
família	+ descrição do parentesco, ± função	marido ¹⁹ <i>s.m.</i> Homem casado em relação à pessoa a quem se uniu cuja função é proteger a família. “ <i>O marido ou esposa é herdeiro havendo ou não filhos ou pais do falecido</i> ” (GOG ²⁰ , 2014). Cf. Família (parte analógica).
vestuário	+peça do vestuário (hiperônimo), ± masculina ou feminina, +características (parte do corpo coberta)	pijama ²¹ <i>s.m.</i> 1. peça do vestuário usada para dormir, composta de blusa e short, ou blusa ou calça. “ <i>O pai vestia o pijama depois do jantar e se deitava com os filhos para contar histórias</i> ”. (CB ²² , 2016). Cf. vestuário (parte analógica)
transporte	+veículo, +tipo de propulsão (propulsão humana; tração animal; motor a combustível; motor à eletricidade; motor à força motriz) ±quantidade de rodas (1 roda; 2 rodas; 3 rodas; 4 rodas; mais de 4 rodas), +meio de deslocamento (sobre trilho, via, água, ar, gelo ou neve) +especificidade de uso (para transporte de carga, de passageiro ou para uso agrícola ou de terraplenagem)	ônibus ²³ <i>s.m.</i> 1. veículo motorizado, movido por combustível, com quatro rodas, usado na locomoção por via, para transporte coletivo de passageiros. “ <i>Há ônibus que percorrem toda a ilha, passam em média a cada três minutos e despejam os passageiros no centro da cidade</i> ” (CB, 2016). Cf. transporte (parte analógica).
trabalho	+ hiperônimo, + função	arquiteto ²⁴ <i>s.m.</i> 1. profissional que planeja e elabora projeto de construção e reforma. <i>O projeto da reforma é do arquiteto paulistano Jorge Elias</i> (CB, 2016). Cf. Profissão (parte analógica).

Fonte: Vilarinho (2017).²⁵

¹⁹ Verbetes elaborado por Rebeca Carvalho.

²⁰ A abreviação se refere ao jornal Gazeta On-line Globo. Disponível: <http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2013/03/cbn_vitoria/artigos/1417143-como-fica-o-direito-de-heranca-e-a-igualdade-entre-os-filhos-na-hora-de-herdar-um-imovel.html>. Acesso em: 28 set. 2014.

²¹ Verbetes elaborado por Vilarinho (2017) para fins desta pesquisa.

²² A abreviação é referente ao Corpus Brasileiro, disponível em: <<http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CBRAS>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

²³ Verbetes elaborado por Vilarinho (2017) para fins desta pesquisa.

²⁴ Verbetes elaborado por Nóbrega e Vilarinho (2016, p.184).

²⁵ Quadro feito para fins desta pesquisa.

A adoção desse modelo de definição serve para padronizar os verbetes que pertencem à mesma categoria. Contudo, nem sempre é possível seguir este modelo. De todo modo, houve esforço para a explicitação da categorização, por meio do hiperônimo, e da funcionalidade do objeto ou ser definido.

Considerações Finais

Em síntese, com base na aplicação da Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos de Kleiber (1990), da Semântica de Frames de Fillmore (1977) e na reformulação dos verbetes do Dicionário analógico da língua portuguesa de Azevedo (2010), foi possível apresentar o modelo do DIALP. As propostas metodológicas para a elaboração de léxicos, dicionários e glossários de Faulstich (2001) e de Vilarinho (2013) foram adotadas como percurso para o desenvolvimento da pesquisa. Ademais, o modelo de definição pragmática de Faulstich (2014, p.382) foi empregado para redigir as definições.

Uma vez que o Brasil possui função relevante no cenário internacional, há contexto favorável para o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa. Assim sendo, o produto apresentado disseminará a Língua Portuguesa e a cultura brasileira, já que a descrição do léxico revela traços culturais.

Tendo em vista que o Distrito Federal possui diversas embaixadas, e que há estrangeiros que vivem em Brasília, além de haver no país refugiados, comerciantes, trabalhadores de ONGs, missionários, padres aprendizes de PBSL, o resultado do projeto fornecerá ferramenta que os ajude a desenvolver competências linguísticas para se comunicar no ambiente de imersão de português do Brasil como L2.

Agradecimentos

Agradecemos ao apoio financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF).

VILARINHO, M. A methodology for elaborating a Portuguese analogical dictionary. *Alfa*, São Paulo, v.61, n.1, p.105-131, 2017.

- *ABSTRACT: The topic of this work is part of a line of research known as Lexicon and Terminology, developed at the Center of Terminological and Lexical Studies (LexTerm Center), at the University of Brasília. The object of study is the analogical dictionary, understood as a lexicographic repertoire, onomasiological in nature, in which lexemes are organized from ideas or concepts to lexical units. The main objective of this research is to present a proposal for a Portuguese Informatized Analogical Dictionary (DIALP, following the Portuguese spelling). The main target audience of the dictionary is the learner of Brazilian Portuguese as a Second Language (PBSL). The selection of lexemes to compose the entries is guided by*

Kleiber's (1990) Extended Version of Prototype Theory, Fillmore's (1977) Semantic of Frames, as well as on the reformulation of entries from Azevedo's (2010) analogical Dictionary of the Portuguese language. In order to elaborate the model for the proposed dictionary, we have adopted the methodological principles for the elaboration of lexicons, dictionaries and glossaries, as postulated by Faulstich (2001), and we also applied Author's (2013) proposal. This research contributes to promote Brazil's technological development, since no previous work has appropriately reached the goals set by the present study.

- **KEYWORDS:** *Analogical Dictionary. Extended Version of the Prototypes. Frame Semantics. Semantic Relations.*

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, F. F. dos S. **Dicionário Analógico da Língua Portuguesa: ideias afins/thesaurus**. 2. ed. atual. e revista. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, terminologia(as)**. 2. ed. Campo grande: Ed. UFMS, 2001. p.131-144.

CABRERA, J.; S. FILHO, O. L. da. **Inferências lexicais e interpretação de redes de predicados**. Brasília: Universidade de Brasília, Finatec, 2007.

CAMBRIDGE word routes: inglês-português. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DORLING KINDERSLEY LIMITED. **Dicionário Visual 3 em 1**. São Paulo: Blucher, 2011.

DURAN, M. S.; XATARA, C. Lexicografia Pedagógica: atores e interfaces. DELTA. **Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v.23, p.203-222. 2007.

FAULSTICH, E. Análise operacional de esquemas contextuais: o campo lexical e a moldura. **Acta Semiotica et Linguística**, v.15, p.191-200, 2010.

_____. Características conceituais que distinguem o que é e para que serve nas definições de terminologias científica e técnica. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. In: ISQUERDO, A. N.; CORNO, G. O. M. D. (Org.). Campo Grande: UFMS, 2014. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/90ae49_ea6188a1ff4c49979e390534a5d4ea35.pdf>. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. **Proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários**. Brasília: [s.n.], 2001. Disponível em: <http://canaluniversitario.desenvolvimento.gov.br/monografias/doc/met_can_uni.zip>. Acesso em: 1 jun. 2012.

_____. Redes de remissões em um glossário técnico. In: MACIEL, A. M. B. **Cadernos do IL**. Porto Alegre: UFRGS, 1993. p.91-97.

_____. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ci. Inf.** Brasília, v.24, n.3, p.281-288. set.-dez. 1995.

KLEIBER, G. **La sémantique du prototype: catégories et sens lexical.** Press Paris: Universitaire de France, 1990.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio.** 7. ed. Versão 7.0. Dicionário eletrônico. Curitiba: Positivo, 2010. 1 CD-ROM.

FILLMORE, C. J. Scenes and frames semantics. In: SHIBATANI, M. I.; THOMPSON, S. **Essays in Semantics and Pragmatics: In Honor of Charles J. Fillmore.** Amsterdam: John Benjamins publishing company, 1975.

_____. The case for case reopened. In: COLE, P.; SADOCK, J. M. (Ed). **Syntax and Semantics: grammatical relations.** Academic Press Inc, 1977a.

_____. Topics in Lexical Semantics. In: COLE, R. **Current issues in Linguistics Theory.** Bloomington: Indiana University Press, 1977b.

GAUDIN, F.; GUESPIN, L. **Initiation à la lexicologie française: de la néologie aux dictionnaires.** Bruxelas: Éditions Duculot, 2000.

CRUZ, C. L. da S. **Glossário de Terminologias do Vestuário.** Brasília: IFB, 2013.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.** Versão 3.0. São Paulo: Objetiva, 2009.

ILARI, R.; GERALDI, J. W. **Semântica.** São Paulo: Ática, 1943.

KILGARRIFF, A. et al. The Sketch Engine: ten years on. **Lexicography,** 2014.

LEXIKON. **Aulete Digital.** Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

LINHARES, M. I.; VILARINHO, M. M. de O. Organização do Campo Lexical ‘Alimentação’ para Elaboração de Verbetes de Dicionário Analógico. **Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades (UnB),** v.6, p.250-267, 2016.

NASCIMENTO, M. F. B. do.; MARQUES, M. L. G.; CRUZ, M. L. S. **Português Fundamental: Métodos e Documentos.** 2 vols. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1984.

NOBREGA, A. C. M.; VILARINHO, M. M. de O. Campo lexical trabalho: verbetes do Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa. **Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades (UnB),** v.6, p.172–189, 2016.

OLIVEIRA, M. M. de. **Confluência entre dicionário analógico e tesouro documentário como modelo de dicionário analógico.** 243 f. Dissertação (Mestrado em

Letras) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6511>. Acesso em: 23 fev. 2016.

OLIVEIRA, M. M. de; FAULSTICH, E. Política linguística: formação histórica e influência do português do Brasil no mundo atual. **Miscelânea**, Assis (On-line), v.5, p.190-204, 2009.

PERES, P. A.; VILARINHO, M. M. de O. Redação de verbetes do campo lexical “estudo” para compor dicionário analógico. **Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades (UnB)**, v.6, p.153-171, 2016.

SILVA, A. S. da. **A Semântica de deixar**: uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica lexical. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

VIEIRA, R.; LIMA, V. L. S. de. **JAIA/Linguística Computacional**: Princípios e Aplicações. 2001.

VILARINHO, M. M. de O. **Proposta de dicionário informatizado analógico de língua portuguesa**. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

VILELA, V. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

WITTGENSTEIN, L. Investigações Filosóficas. In: _____. **Os Pensadores**: Wittgenstein. São Paulo: Abril Cultural e Industrial, 1953.

Recebido em março de 2016

Aprovado em agosto de 2016

PALAVRA MÍNIMA EM PORTUGUÊS EUROPEU: A ORALIZAÇÃO DE ABREVIACÕES

João VELOSO*

- RESUMO: Entre as restrições fonológicas a que qualquer cadeia fonética está obrigatoriamente sujeita para poder ser aceite como uma palavra da língua conta-se a Condição de Minimalidade (CM), que impõe uma quantidade mínima de material fonológico que deve ser contido por qualquer palavra. A CM costuma ser medida em termos de peso silábico ou de extensão silábica. Sendo discutível se se trata de uma restrição verdadeiramente universal, estudos anteriores relativos ao português têm-se dividido quanto à sua operacionalidade na fonologia desta língua. Neste estudo, avaliaremos a funcionalidade da CM na constituição do léxico do português através da oralização de abreviações, assumida como um processo produtivo em português. A partir de um estudo empírico realizado com um grupo de falantes nativos do português europeu contemporâneo (PEC), propomos (i) que a CM seja uma condição fonológica operacional nesta língua e (ii) que o critério a que ela obedece em PEC seja um critério de ordem puramente linear e segmental. De acordo com a proposta aqui apresentada, respeitam a CM em PEC cadeias com três ou mais segmentos, independentemente do peso silábico ou da extensão silábica.
- PALAVRAS-CHAVE: Condição de Minimalidade. Peso silábico. Palavra. Restrições de Palavridade. Boa Formação.

Introdução

A palavra, como sabemos, é uma das unidades linguísticas de mais difícil definição. Parte importante das dificuldades inerentes à sua definição reside, em primeiro lugar, na falta de critérios formais, objetivos e universais que possibilitem uma identificação clara do conceito e uma divisão de enunciados mais extensos em unidades unanimemente reconhecidas como “palavras”; a esta lacuna acresce a falta de critérios adicionais que nos permitam ainda distinguir e categorizar intrinsecamente, com base em critérios linguisticamente válidos, vários tipos de unidades significativas, como os afixos, as formas clíticas e os grupos clíticos, entre outras. Estudos diversos, oriundos de diferentes épocas e escolas teóricas do pensamento linguístico e focados em línguas

* FLUP/CLUP – Universidade do Porto. Faculdade de Letras – Centro de Linguística. Porto – Portugal. jveloso@letras.up.pt

tipologicamente muito diferentes, têm discutido, em maior ou menor profundidade, esta dificuldade quanto à definição desta unidade tão básica e, ao mesmo tempo, tão *paradoxal* (na medida em que tal dificuldade em consensualizarmos uma definição *técnica* de *palavra*, partilhada o mais transversalmente possível por linguistas originários de diferentes correntes teóricas, contrasta fortemente com a fácil intuíbilidade dessa mesma unidade no conhecimento implícito dos falantes). Exemplos de reflexões mais alargadas sobre as dificuldades que rodeiam uma definição linguisticamente satisfatória da palavra, algumas versando esta mesma contradição entre tais dificuldades e a aparente facilidade com que os falantes leigos intuem esta unidade, podem ser encontrados numa vasta literatura, de que aqui salientamos, a título ilustrativo, estudos como, entre outros, Jones (1931), Krámský (1969), Juilland; Roceric (1972), Halle (1973), Aronoff (1976), Bisol (2000; 2004; 2007), Julien (2006), Rosa (2006), Veloso (2009; 2010; 2016), Haspelmath (2011; 2012a,b), Ferreira (2012), Villalva (2012), Mendes (2013), Ulrich (2013), Elordieta (2014) ou Ibarretxe-Antuñano; Mendívil-Giró (2014).

Entre os requisitos frequentemente invocados como um critério fundamental para se definir a palavra, encontramos a *Condição de Minimalidade* (CM): numa dada língua, uma cadeia fonética será uma boa candidata ao estatuto de *palavra* se e só se, entre outras exigências, contiver um material fonológico mínimo, abaixo do qual não são admitidas unidades classificáveis como palavras (vejam-se, por exemplo, a síntese e a revisão encontradas em MCCARTHY; PRINCE, 1995, p.321-322). Será sobre a CM que nos debruçaremos de forma quase exclusiva no presente estudo.

Em reflexões anteriores sobre o tema (p. ex.: MCCARTHY; PRINCE, 1995, p.320 e seguintes), tem sido discutida a possibilidade de a CM não ser universal: em certas línguas, esta condição poderá não constituir um pré-requisito obrigatório para se reconhecer o estatuto de palavra a uma unidade portadora de significado; por outro lado, a parametrização da CM em cada gramática particular – isto é, a definição de qual o material fonológico mínimo que constitui uma palavra numa dada língua – poderá ainda, segundo múltiplas abordagens (cf., novamente, a discussão em MCCARTHY; PRINCE, 1995, p.320 e seguintes) apresentar variações importantes quando comparamos línguas diferentes.

Relativamente ao português, estudos precedentes oscilam entre a posição que defende que a CM não constitui uma restrição fonológica obrigatória para as palavras da língua e a que, em sentido oposto, postula uma parametrização da CM a que todas as palavras devem obedecer categoricamente:

Em línguas como o Português (na variedade brasileira ou europeia), a possibilidade de encontrarmos palavras como *pé*, *mi* ou *nu*, levou autores como Bisol (2000) e Vigário (2003) a considerar que tal restrição [Restrição de Palavra Mínima] não se encontra operativa nessa língua. Contudo, Vigário (2003, p.159) não deixa de notar que, tendo em conta a lista do *Português Fundamental* [...] que inclui cerca de sete mil formas flexionadas, apenas 138 palavras (lexicais) são monossilábicas,

e destas apenas 28 constituídas por sílaba aberta. Tais baixos valores conduzem Booij (2004) a contrapor que o Português é de facto sensível a restrições de minimalidade, mas que existe um reduzido número de palavras que a violam.

(.....)

Os resultados [do nosso próprio estudo] mostram que a proporção das palavras monomoraicas/monossilábicas em relação aos restantes formatos de palavra é muito maior do que a revelada [por estudos anteriores] [...]. O efectivo uso de formas monomoraicas/monossilábicas aponta, assim, para que *a palavra prosódica no Português (Europeu) não seja de facto sensível a restrições de tamanho mínimo.*”

(VIGÁRIO, MARTINS; FROTA, 2005, p.903, itálico nosso)

Constitui objetivo central do presente trabalho a recolha de evidências que nos permitam uma melhor análise de duas questões específicas e estreitamente inter-relacionadas: **será a CM uma restrição fonológica funcional em português e, se sim, como será ela parametrizada nesta língua?**

A nossa análise cingir-se-á ao português europeu (PE)¹ e apoiar-se-á numa metodologia já seguida em estudos anteriores: a oralização de abreviações ora como siglas, ora como acrónimos.

Usaremos, ao longo do trabalho, os termos “abreviação” e “abreviações” para nos referirmos ao processo e aos produtos de criação de cadeias fonéticas com valor equivalente ao de palavras dicionarizadas, obedecendo a um dos dois processos seguintes² (que não esgotam, em português, todos os processos de abreviação disponíveis):³

(i) *acronímia*: conversão de uma expressão longa numa expressão menos extensa (=“acrónimo”) a partir da combinação de parcelas morfológicamente imotivadas das diversas palavras que compõem a expressão original, dando-se origem a uma cadeia fonética semelhante a uma palavra fonológica (ω) da língua, na medida em que tal cadeia respeita as condições fonotáticas desta e acolhe informação de natureza fonológica,

¹ Por esta razão, recorreremos exclusivamente a siglas e acrónimos correntes na variedade europeia do português e todas as transcrições fonéticas apresentadas tomarão por referência a norma padrão do português europeu contemporâneo (PEC).

² Tendo presente que as abreviações, por um lado, são funcionalmente equivalentes às expressões mais longas que substituem e, por outro lado, que adquirem as propriedades essenciais que caracterizam as palavras morfossintáticas da língua (vd. exemplos e explicações no texto), acabando por ganhar, num elevado número de casos, uma circulação expandida e um significado relativamente bem fixado na comunidade linguística (sendo algumas delas, até, objeto de dicionarização), as abreviações de uso corrente serão aqui assumidas, em termos de processamento, como verdadeiras entradas do léxico mental de cada falante. A representação lexical das abreviações estará, naturalmente, sujeita à extrema variabilidade registada sempre que se toma em consideração e se procede à comparação entre léxicos individuais. A este propósito, cf. ainda Correia; emos (2005, p.45-46).

³ Vejam-se, entre outros, os trabalhos de Araújo (2002), Correia; Lemos (2005, p.44 e seguintes), Villalva (2008, p.52 e seguintes, 58 e seguintes) e Pereira (2013) para descrições mais pormenorizadas dos processos de abreviação (e outros processos não concatenativos) em português e para uma discussão mais elaborada acerca do lugar que estes processos ocupam (ou não) no âmbito dos processos de formação de palavras e, por conseguinte, acerca da propriedade com que tais processos podem ser considerados processos verdadeiramente *morfológicos* na língua.

morfológica, sintática e semântica (acento, categoria lexical, índice temático, morfemas flexionais, género gramatical, significado, etc.). Exemplo: “*Organização das Nações Unidas*” → “*ONU*”=[ɔ'nu]₀—Nome_Feminino;

(ii) *siglação*: conversão de uma expressão longa numa expressão menos extensa (=“sigla”) a partir da soletração das letras iniciais de cada palavra lexical que compõe essa expressão, de modo a criar-se um grupo de palavra fonológica (VIGÁRIO;FERNANDES-SVARTMAN, 2010), normalmente equivalente a uma só palavra morfossintática (com todos os atributos desta: género gramatical, categoria lexical, etc.). Exemplo: “*Movimento Democrático das Mulheres*” → “*MDM*”=[['ɛmi]₀['de]₀['ɛmi]₀]_{GPF_Nome_Masculino}.

Na segunda parte do artigo, devotada à apresentação de um estudo de natureza empírica, observaremos o comportamento linguístico de um grupo de sujeitos falantes nativos de PE perante este tipo de cadeias específicas candidatas ao estatuto de palavras na sua língua.

Um grupo de sujeitos falantes nativos monolingues do PE será então confrontado com uma lista de cadeias gráficas⁴ apresentadas como abreviações e inseridas numa série de frases portadoras, sendo-lhes pedido que leiam tal lista. Procuraremos, desta forma, encontrar pistas que nos forneçam informações relevantes acerca do processamento linguístico destes estímulos que, por sua vez, nos conduzam a indícios esclarecedores de como são representadas as condições obrigatoriamente respeitadas pelas palavras da língua – em particular, e se se verificar a sua operacionalidade em PE, a CM – no conhecimento fonológico implícito dos falantes. Para esta opção metodológica, inspirámo-nos sobretudo na via exploratória que é seguida por Plénat (1993) para a investigação da mesma questão relativamente ao francês.

Partindo de todos estes pressupostos e questões basilares, o artigo desenvolver-se-á, subsequentemente, da seguinte forma:

- na secção 2, procederemos a uma revisão de alguns pontos teóricos e descritivos relativos à Condição de Minimalidade e a outras restrições fonológicas, quer a um nível geral, quer analisando a sua relevância mais particularizada para a descrição fonológica do português;

- de seguida (secção 3), discutiremos a relevância da principal metodologia seguida no estudo empírico – a oralização de abreviações – para a avaliação da Condição de Minimalidade, em interação com outras condições fonológicas, enquanto restrição determinante da boa formação das palavras;

- um estudo empírico, baseado numa tarefa experimental com dados e informantes do português europeu contemporâneo, será apresentado na secção 4 do trabalho, que finalizará com um apartado dedicado às observações finais (secção 5).

⁴ Conforme referido por alguns autores como os citados na nota 3, em línguas dotadas de sistemas de escrita alfabética fortemente codificados, como é o caso do português, estes processos de abreviação assentam frequentemente nas representações gráficas das palavras e das expressões mais extensas em que elas se combinam para formarem o respetivo *input*.

Restrições fonológicas a que estão obrigatoriamente sujeitas as palavras da língua

Como afirmámos na Introdução, o levantamento exaustivo e a definição rigorosa dos critérios exclusivamente linguísticos que nos permitam uma definição, identificação e delimitação de palavras enquanto unidades linguísticas, mesmo nas línguas flexionais como o português, constitui um desafio que tem suscitado respostas divergentes.

Trabalhos como os acima citados a este mesmo respeito têm tentado, entre outros objetivos, identificar as condições de palavridade (seguindo aqui a tradução portuguesa encontrada, p. ex., em Ulrich (2013), para *aswordhood conditions* de que nos falamos, entre outros, ARONOFF; FUDEMAN, 2005, p.36-38), graças às quais se torna possível, pelo menos em parte, atribuir ou negar a determinadas cadeias fonéticas o estatuto de palavra numa dada língua.

As condições de palavridade, com efeito, repartem-se pelos vários domínios centrais da gramática (fonologia, morfologia e sintaxe, nomeadamente). Neste trabalho, contudo, e conforme já foi referido, não nos ocuparemos de todas essas dimensões dos pré-requisitos para a legitimação da palavra, pois concentrar-nos-emos de forma muito deliberada e atenta, conforme anunciámos mais acima, na *Condição de Minimalidade*.

A Condição de Minimalidade: formulação geral

De acordo com o já exposto, a CM é a restrição fonológica que, em interação com outras, impõe uma quantidade mínima de material fonológico para que uma cadeia fonética possa ser admitida como uma palavra da língua. Sendo passível de parametrização particular em cada língua, assumimos à partida, como formulação geral da CM válida para um grande conjunto de línguas do mundo, a generalização encontrada em (1),⁵ baseada em McCarthy e Prince, 1995, p.321-322).⁶

(1). Formulação genérica da CONDIÇÃO DE MINIMALIDADE (McCARTHY; PRINCE, 1995, p.321-322)

(1a). Nas **línguas COM oposições quantitativas**: a palavra mínima deve conter pelo menos uma sílaba pesada.

(1b). Nas **línguas SEM oposições quantitativas**: a palavra mínima deve conter pelo menos duas sílabas.

⁵ Esta formulação – apresentada, no nosso texto e em diversas outras fontes, como genérica – não recebe o consenso de todos os autores, naturalmente. Vigário, Martins e Frota (2005), p. ex., contam-se entre aqueles que a problematizam.

⁶ Trecho original: “*In quantity-sensitive languages, which distinguish syllable weight, the minimal word is bimoraic; in quantity-insensitive languages, all syllables are presumptively monomoraic, and so the minimal word is disyllabic.*” (McCARTHY; PRINCE, 1995, p.321-322).

A Condição de Minimalidade em português

Na presente secção, passaremos à discussão da questão específica de como a CM é respeitada (ou não) pela fonologia do PE.

Sendo o português uma língua sem oposições quantitativas, esperar-se-ia, de acordo com o postulado de McCarthy e Prince (1995) referido em (1) (vd. (1b)), que todas as palavras da língua correspondessem, no mínimo, a duas sílabas.

O léxico contemporâneo do PE admite, contudo, um número não absolutamente desprezível de palavras monossilábicas. Além de um elevado número de formas clíticas,⁷ dispomos em PE de várias palavras lexicais monossilábicas, conforme exemplificado no Quadro 1. Por razões que mais à frente se tornarão mais claras, as palavras do Quadro 1 encontram-se divididas entre aquelas que correspondem a monossílabos *leves* (com rima não ramificada) e as que são constituídas por monossílabos *pesados* (com rima ramificada, de acordo com as diversas possibilidades prosódicas e morfológicas admitidas nas três colunas da direita do próprio quadro).

Quadro 1 – Exemplos de palavras monossilábicas em português⁸

Monossílabos <i>leves</i>	Monossílabos <i>pesados</i>		
	Núcleo ramificado	Coda segmentalmente preenchida	Núcleo ramificado + Coda segmentalmente preenchida (/S/ lexical)
<i>é pá</i>	<i>rei</i>	<i>três</i>	<i>dois</i>
<i>pé sé</i>	<i>pau</i>	<i>mal</i>	<i>pois</i>
<i>dó pó</i>	<i>boi</i>	<i>mar</i>	
<i>ré há</i>	<i>mau</i>	<i>cal</i>	
<i>mi fé</i>	<i>sei</i>	<i>cor</i>	
<i>fá dá</i>	<i>sou</i>	<i>faz</i>	
<i>lá cá</i>	<i>teu</i>	<i>par</i>	
<i>si tu</i>	<i>céu</i>	<i>ter</i>	
<i>nu</i>	<i>nau</i>	<i>sul</i>	
	<i>lei</i>	<i>sal</i>	

Fonte: elaboração própria.

⁷ O estatuto especial dos clíticos enquanto verdadeiras “palavras” tem sido objeto de discussão em inúmeros estudos relativos ao português e a outras línguas. Vejam-se, entre outros, os seguintes trabalhos, abrangendo um número considerável de línguas: Vigário (1998; 2003; 2007); Nespór (1999); Van Oostendorp (1999); Van Riemsdijk (Org., 1999); Vogel (1999); Ennaji (2000); Sadiqi (2000); Gerlach; Grijzenhout (Org., 2000); Bisol (2004); Nespór; Vogel (2007); Gori (2007); Ferreira (2012); Veloso (2012; 2013; 2016). Dada a sua especificidade, e devido à necessidade de circunscrevermos o objeto de estudo do presente trabalho, não nos ocuparemos aqui dos clíticos nem da sua relação com a CM em português.

⁸ OBS.: 1. Incluímos neste quadro como “palavras” formas verbais e nominais flexionadas. 2. Não são incluídas, nos exemplos com coda segmentalmente preenchida, formas nominais flexionadas no plural, em que a fricativa final não é lexical. 3. Assumimos os ditongos decrescentes como casos de núcleo ramificado. 4. Não são contempladas em nenhum ponto deste estudo palavras monossilábicas com núcleo preenchido por vogal foneticamente nasalizada.

A um primeiro olhar, estes exemplos poderiam levar-nos a concluir que o PE caberia no conjunto das línguas em que a CM, tal como formulada em McCarthy e Prince (1995) (vd. (1)), não faz parte das restrições fonotáticas nem das condições de palavridade da língua. Com efeito, e sempre de acordo com este argumento, o PE, por ser uma língua sem oposições de quantidade, não deveria admitir como palavras quaisquer cadeias fonéticas com menos de duas sílabas. Este é mesmo o principal argumento encontrado em diversos autores para negarem a validade da CM em português, conforme resumido na citação de Vigário, Martins e Frota (2005) acima reproduzida.⁹

Nesta aparente contradição e conflito de interpretações fonológicas reside um dos pontos de partida da problematização que pretendemos empreender no presente estudo.

Peso silábico e palavridade em português

Em nossa opinião, uma avaliação mais completa da importância da CM na fonologia do português requer um exame mais aprofundado a dimensões que não podem reduzir-se exclusivamente ao número mínimo de sílabas da palavra. Por essa razão, dedicaremos de seguida alguma atenção à questão específica do peso silábico e da sua relação com a palavridade em português, devido à relação que esta propriedade fonológica estabelece com a CM, de acordo com a formulação desta última que encontramos em (1) e com as próprias considerações de McCarthy e Prince (1995) acerca da distinção entre os dois tipos de línguas aí considerados.¹⁰

A importância do peso silábico em português será aqui examinada a partir de alguns argumentos relacionados com dois fenómenos distintos nesta língua: a atribuição do acento de palavra e a evolução histórica de certos étimos latinos que deram origem, em português medieval (PM), quase invariavelmente a palavras coincidentes com monossílabos pesados.

Peso silábico e acento de palavra

Tradicionalmente, as descrições fonológicas do português tendem a considerar o peso silábico como um fator negligenciável em domínios em que, noutras línguas, ele desempenha um papel importante, nomeadamente no tocante à atribuição de acento de palavra. Descrições como Pereira (1999), Roca (1999), Mateus e D'Andrade (2000) e

⁹ Alguns autores, referidos no mesmo estudo que acabamos de citar, alegam a escassez de exemplos desta natureza – que corresponderiam, assim, a casos *excepcionais* e *marcados* – para defenderem, contudo, que a CM faz parte das condições de palavridade do português. É esta, por exemplo, a posição de Booij (2004), conforme exposto na citação de Vigário, Martins e Frota (2005) reproduzida na Introdução.

¹⁰ Ver citação na nota 6.

Mateus et al. (2003), por exemplo, apresentam-nos o acento de palavra do português como exclusivamente regido por fatores de natureza morfológica: nomes e verbos obedecem a regras acentuais distintas e, dentro de cada uma destas classes, o acento é descrito tomando por referência determinados morfemas ou segmentos da cadeia morfológica morfossintaticamente determinados. Esta constitui, como já dissemos, a explicação do acento de palavra mais consensual entre os linguistas que se ocupam da descrição fonológica do PE.

Tal interpretação deve ser confrontada, porém, com alguns argumentos que nos são oferecidos por explicações não inteiramente compatíveis com as que acabamos de referir e que não excluem por completo a interferência, precisamente, do peso silábico na atribuição do acento de palavra. Explicações como as Brandão de Carvalho (1988; 1989; 2011) ou Wetzels (2007), por exemplo, enfatizam a incoerência de proparoxítonos com penúltima sílaba pesada ou a preponderância estatística de oxítonos com última sílaba pesada, entre outros, como argumentos que demonstram a natureza também *fonológica* do acento e a sua sensibilidade ao peso silábico, também em português e de forma muito particular nas classes dos nomes e dos adjetivos. Assim, tornar-se-ia mais difícil enquadrar categoricamente o português no conjunto das línguas cuja fonologia não admite a operacionalidade do peso silábico, critério a que McCarthy e Prince (1995) conferem bastante importância na distinção linguística proposta em (1).

Peso silábico e palavras coincidentes com monossílabos pesados no português medieval

O segundo argumento em que nos apoiaremos para atribuir importância ao peso silábico na fonologia do português será colhido em dados da diacronia. No português medieval (PM), encontramos um número não desprezível de exemplos de palavras monossilábicas formadas por uma sílaba pesada. Os Quadros 2 e 3 reúnem alguns exemplos desse tipo de palavras. Torna-se interessante verificar que, em parte, muitos destes monossílabos descendem de palavras que já no latim original correspondiam a monossílabos pesados também (ver exemplos do Quadro 2). Na nossa perspectiva, mais interessante se torna, porém, registrar que noutros casos – como os exemplificados no Quadro 3 – o monossílabo pesado não é a forma etimológica encontrada em latim, pelo que a sua presença em PM não pode ser explicada simplesmente como um caso de herança fonológica direta. Nestes exemplos, é atestada inclusivamente a conservação – ou mesmo a *inserção* – de algumas estruturas fonológicas que se extinguíram noutras palavras, como a nasalidade final (perdida já no próprio latim vulgar: considerem-se, respetivamente, os exemplos das evoluções *cum*>*com* e *sic*>*sim*) ou a lateral intervocálica latina, ante evoluções como *sale*>*sal* e *sole*>*sol*. Uma explicação plausível para esta conservação reside, a nosso ver, na necessidade de o PM ter de respeitar, obrigatoriamente, uma CM que o impediria de ter palavras formadas por menos do que

uma sílaba pesada,¹¹ o que nos autoriza a propor a seguinte restrição de minimalidade para o PM,¹² levando-nos a supor que a restrição de (1a) fosse operacional nesta fase da evolução histórica do português:

(2). Condição de Minimalidade em Português Medieval

PM: $\{\omega \geq \sigma_H\}$

Quadro 2 – Palavras do português medieval correspondentes a monossílabos pesados descendentes de monossílabos pesados latinos, hipoteticamente mantidos como tais para satisfação da Condição de Minimalidade |PM: $\{\omega \geq \sigma_H\}$ |

Lat. <i>sum</i> > PM <i>sam</i>
Lat. <i>cum</i> > PM <i>com</i>
Lat. <i>non</i> > PM <i>nom</i>
Lat. <i>sic</i> > PM <i>sim</i>

Fonte: elaboração própria.

Quadro 3 – Palavras do português medieval correspondentes a monossílabos pesados não descendentes de monossílabos pesados latinos, possivelmente formados enquanto tais para satisfação da Condição de Minimalidade | PM: $\{\omega \geq \sigma_H\}$ |

Lat. <i>patrem</i> > PM <i>pae</i>
Lat. <i>matrem</i> > PM <i>mãi</i>
Lat. <i>finem</i> > PM <i>fim</i>
Lat. <i>bene</i> > PM <i>bem</i>
Lat. <i>salem</i> > PM <i>sal</i>
Lat. <i>solem</i> > PM <i>sol</i>

Fonte: elaboração própria.

¹¹ Vários são os autores que tomam nota da manutenção da nasalidade final dos monossílabos latinos na passagem não só ao português como também a outras línguas românicas, embora sem relacionarem explicitamente este dado histórico com a Condição de Minimalidade. Vejam-se, a título de exemplo: Williams (1938, p.101), Nunes (1956, p.108-109, 146-147), Lausberg (1963, p.227-228) e Silva (2008, p.514, 518-519). A ideia de relacionar esta regularidade histórica com a Condição de Minimalidade surgiu-nos em diálogo informal com a Prof^a Doutora Ana Maria Brito, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

¹² A CM aqui proposta para o PM não corresponde exatamente à CM *genérica* formulada em (1) que, como dissemos, pressupõe uma grande variabilidade de parametrização de língua para língua. Os dados (quer sincrónicos, quer diacrónicos) relativos ao peso silábico revistos na presente secção do texto deixam por explicar a ocorrência, ainda que quantitativamente pouco representativa, de palavras monossilábicas correspondentes a monossílabos leves (ver exemplos da primeira coluna do Quadro 1), assim como não explicam um conjunto importante de palavras que já noutro ponto do texto excluímos do âmbito do presente estudo: os clíticos monossilábicos. Relativamente às palavras lexicais monossilábicas de tipo σ_L exemplificadas no Quadro 1, que também não constituem um tópico central e isolado deste estudo, limitar-nos-emos a sublinhar, de momento, que, segundo interpretações como as de Brandão de Carvalho (2011, p.59), a título de exemplo, elas correspondem a palavras com núcleos vocálicos coincidentes com índices de sonoridade mais elevados (i. é, com maiores graus de abertura), o que lhes conferiria um peso intrínseco maior do que o tradicionalmente associado a σ_L . Neste artigo, não aprofundaremos muito mais a discussão deste tópico, embora a ele voltemos mais adiante.

Outras restrições fonotáticas associadas à boa formação de palavras em português

Nas secções anteriores, foi concedido um destaque especial à CM, bem como ao peso silábico, como critérios de palavridade em PE, pela especial relação que tais restrições estabelecem com o foco central do estudo aqui apresentado.

Contudo, conforme posto em destaque por inúmeros estudos que se têm dedicado à natureza, definição e delimitação da palavra enquanto unidade linguística (cf., entre outros, ELORDIETA, 2014 ou VELOSO, 2016), outras restrições fonológicas se aplicam a esta mesma unidade. Delas trataremos seguidamente, dando destaque aos aspetos que se nos afigurem mais relevantes para a continuação do estudo.

Começaremos por sumariar em (3) as principais restrições fonológicas que, em línguas como o português, uma palavra morfológica deverá obrigatoriamente respeitar.

(3). Restrições fonológicas obrigatoriamente respeitadas pelas cadeias fonéticas admissíveis como palavras morfológicas em português.

(3a). Possuem um e só um acento principal, regido pelas regras de atribuição de acento de palavra (Exceção: Palavras Clíticas).

(3b). Obedecem às regras de combinação fonotática da língua, não violando o Princípio de Preservação da Estrutura (KIPARSKY, 1985).

Relativamente à restrição fonológica formulada em (3a), lembraremos, neste instante, que a atribuição de acento é, justamente, um dos processos fonológicos que tomam a palavra como domínio de aplicação, contribuindo, por conseguinte, quer para a identificação e delimitação desta unidade, quer para a distinção entre *palavras fonológicas* (dotadas obrigatoriamente de um e só um acento), *palavras clíticas* (intrinsecamente desprovidas de acento) e compostos prosódicos mais extensos e mais complexos, como o *grupo clítico* (formado mais do que uma palavra morfológica mas dotado de um e só um acento principal, de acordo com as discussões, relativas ao português, desenvolvidas por Vigário (1998; 2003; 2007; 2010), Bisol (2000; 2004; 2007), Veloso (2012; 2013) e outros) ou o *grupo de palavra prosódica* (correspondente ao agrupamento de várias palavras fonológicas e clíticos numa unidade acentual mais longa e complexa, de acordo, por exemplo., com a proposta de Vigário; Fernandes-Svartman, 2010).

Em relação às regras fonotáticas combinatórias referidas em (3b), sublinhamos neste momento que as cadeias candidatas ao estatuto de palavra em PE deverão ainda obedecer a um conjunto delimitado de restrições atinentes à seleção e combinação dos segmentos fonológicos. Tais restrições são, fundamentalmente, as que se encontram implicadas pelo Algoritmo de Silabificação de Mateus; D'Andrade (2000, p.60-64), que impõe, designadamente as restrições resumidas em (4).

(4). Principais restrições fonotáticas específicas do português europeu contemporâneo (*ap.*, principalmente, MATEUS; D'ANDRADE, 2000, p.60-64)

(4a). *A posição de núcleo silábico cabe exclusivamente a segmentos vocoides* (com a criação excepcional de “núcleos vazios” perante estruturas lineares que não respeitem os princípios métricos explicitados no parágrafo seguinte).

(4b). *Os ataques ramificados obedecem estritamente ao Princípio de Sonoridade e à Condição de Semelhança.*

(4c). *O preenchimento segmental ou autosegmental da coda silábica é altamente restrito* (podendo esta restritividade sofrer enfraquecimento no limite direito da palavra, segundo Veloso, 2010): inexistência de codas ramificadas; limitação das consoantes que podem ocorrer segmentalmente em coda silábica ao subconjunto restrito formado por/r l ([ʃ]) S/¹³.

A importância da oralização de abreviações para a avaliação da Condição de Minimalidade

Nesta secção, procuraremos fundamentar a opção pela metodologia da *oralização de abreviações* como via para avaliarmos a importância da CM como uma das condições de palavridade do português. Trata-se, como afirmámos já na Introdução, da metodologia seguida com o mesmo propósito por Plénat (1993) relativamente ao francês e será a metodologia em que nos apoiaremos, no estudo empírico apresentado na secção 4, para avaliarmos da eventual pertinência da CM no PEC.

Para esta fundamentação, retomaremos e desenvolveremos, no quadro 4, algumas informações já adiantadas na Introdução, relativas às duas principais possibilidades de oralização de abreviações em português – siglação e acronímia –, com recurso a exemplos correntes no PE. Os casos da coluna A desse quadro excluem, logo à partida, a possibilidade de acronimização, uma vez que apresentam violações drásticas das regras fonotáticas do português como as sumariadas em (4): por exemplo, não apresentando núcleos vocoides, a divisão sucessiva das correspondentes cadeias fonéticas em sílabas bem formadas – logo, em palavras de tipo *acronímico*¹⁴ – torna-se impossível, tornando desde logo irrelevante a aplicação ou não da CM na sua oralização como palavras da língua. Por esta razão, excluímos da continuação do presente estudo casos como os da coluna A do Quadro 4.

¹³ Trata-se da fricativa coronal subespecificada (sem especificação de vozeamento e ponto de articulação – por isso transcrita com letra maiúscula do alfabeto latino, segundo as convenções da fonologia estruturalista para os arqúfonemas e da f. autosegmental para os segmentos subespecificados).

¹⁴ Ver os argumentos sumariados na nota 2 para a aceitação dos acrónimos como casos particulares de palavras fonológicas da língua.

Os exemplos das colunas B e C desse mesmo quadro correspondem a uma situação diferente: em ambos os casos, é respeitada a exigência de núcleos preenchidos por vocoide, o que, à partida, tornaria possível a produção de todos os exemplos como acrónimos. O que se verifica, porém – e aqui reside uma interrogação de partida muito importante para o nosso estudo – é que, apesar disso, nem todas as cadeias das colunas B e C do Quadro 4 são oralizadas correntemente em PE como acrónimos: são-no os casos da coluna C, mas não os da coluna B, relativamente aos quais, *apesar da disponibilidade da produção acronimizante, prevalece a siglação*. Assim, *o respeito pela restrição fonotática que obriga à existência de núcleos silábicos preenchidos por vocoide parece corresponder a uma condição necessária – mas não suficiente – para a produção de acrónimos*. Esta constatação torna mais necessária a investigação acerca de outras restrições fonológicas envolvidas na palavridade em PEC. Não ignorando que fatores de natureza rítmica possam também estar implicados nos processos de formação de “novas palavras” – conforme tem sido posto em destaque por estudos anteriores relativos às variedades brasileira (ARAÚJO, 2002; CHACON, 2004; TENANI, 2004; CUNHA, 2012) e europeia (FERREIRA, 2012) da língua, a partir de dados de escrita infantil, hipocorização e outras modalidades de truncamento –, o nosso foco, no presente estudo, centrar-se-á unicamente na questão da satisfação da CM apresentada por tais cadeias.

Saliente-se ainda que, nos casos da coluna C do Quadro 4, reunimos num subgrupo específico (C2) um conjunto de exemplos que, apesar de respeitarem a restrição de obrigatoriedade de núcleos silábicos vocoides (ver (4a)), não respeitam, contudo, outras restrições fonotáticas do PE, já que apresentam potenciais codas silábicas preenchidas por consoantes obstruintes ou soantes impedidas pela fonologia da língua de ocorrerem nessa posição prosódica. Encontram-se nesta situação os casos apresentados como exemplos no próprio quadro (FENPROE, [fɛn'prɔf]; REN, [ˈrɛn]). A formação deste tipo especial de acrónimos tem merecido a atenção de estudos como os de Pereira (2013, p.485 e seguintes), por exemplo, e pode ser explicada pelo facto de a frequente queda de vogal átona final em PEC permitir a ocorrência, ao nível fonético, de tais codas “irregulares” – o que levaria à sua aceitação (porventura como um indício de fonologização em curso das mesmas?) pelos falantes da língua na produção de acrónimos como os agrupados em C2, no Quadro 4. Tal como os casos da coluna A do mesmo quadro, porém, estes exemplos encontram-se excluídos da continuação do presente estudo, por apresentarem especificidades que só poderiam ser aprofundadas depois de um melhor esclarecimento das questões de âmbito mais geral tratadas como tópicos centrais da presente investigação.

Quadro 4 – Siglação e acronimização de abreviações correntes em português europeu¹⁵

ABREVIACÕES		
Inadmissíveis enquanto palavras da língua por NÃO respeitarem a obrigatoriedade de um núcleo silábico preenchido por vocoide	Admissíveis enquanto palavras da língua por respeitarem as principais restrições fonotáticas do PE	
A: SIGLAÇÃO	B: SIGLAÇÃO	C: ACRONIMIZAÇÃO
FCT (=Fundação para a Ciência e a Tecnologia) : [ˈɛfɨˈsɛˈtɛ]; *[fkt] CGTP (=Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses) : [ˈsɛˈʒɛˈtɛˈpɛ]; *[kgtp]	BE (=Bloco de Esquerda) : [ˈbɛˈɛ] SU (=Serviço de Urgência) : [ˈɛsɨˈu] (ou [ˈɛˈsju])	C1: Sem qualquer violação das regras fonotáticas BES (=Banco Espírito Santo) : [ˈbɛʃ] NATO (=“North Atlantic Treaty Organization”) : [ˈnatu] C2: Com soante ou obstruinte normalmente não admitida em Coda mas ocorrendo excepcionalmente nesta posição FEN <u>PRO</u> F (=Federação Nacional dos Professores) : [fɛnˈprɔf] R <u>EN</u> (=Rede Elétrica Nacional) : [ˈrɛn]

Fonte: elaboração própria.

Partindo de todos estes dados, julgamos admissível que os sujeitos falantes, quando solicitados a ler cadeias gráficas apresentadas como abreviações, poderão seguir um de dois caminhos distintos:

- **Opção 1.** O falante reconhece a cadeia como uma abreviação corrente na sua língua (como acontecerá, a título de exemplo, com as abreviações encontradas no Quadro 4 relativamente aos falantes nativos do PEC). De certa forma, estas abreviações correspondem a palavras já lexicalizadas na língua e o seu processamento faz-se como o de qualquer outra palavra presente no repertório lexical do falante, dotada de uma representação fonológica armazenada no seu léxico mental (altamente variável de falante para falante, como já foi antes referido), ativada no momento do processamento

¹⁵ OBS.: 1. Todos os acrónimos registados neste quadro conhecem uso corrente em PE. Como tal – e dentro da variabilidade inerente à formação do léxico individual dos falantes (vd. supra) –, são equiparáveis a entradas lexicais junto de um grande número de falantes nativos da língua. 2. Nas transcrições fonéticas apresentadas neste quadro (e noutros pontos do próprio texto), não sendo nossa intenção problematizar a natureza prosódica das unidades representadas, assumimos que cada sigla combina, no seu interior, mais do que uma unidade acentual, não distinguindo acento principal de acento secundário nem colocando a possibilidade de as siglas corresponderem a unidades como o grupo de palavra fonológica (hipótese a que é feita referência no texto). 3. Assumimos que cada acrónimo corresponde a uma e só uma palavra fonológica (dotada, como tal, de um e só um acento principal).

da cadeia fonética. A principal via ativada pelo locutor na oralização destas cadeias escritas é, assim, a via do seu **conhecimento lexical** (aqui concebido como o conjunto armazenado de informações linguísticas respeitantes a todas as entradas do “dicionário mental” individual, naquelas incluídas as informações respeitantes ao formato fónico de tais entradas);

- **Opção 2.** Se a abreviação não for conhecida do falante, este deve ativar outros recursos do seu conhecimento linguístico implícito, nomeadamente o seu conhecimento fonológico (CF). Excluindo aqui casos como os da coluna A do Quadro 4 – que nunca poderiam ser oralizadas como acrónimos, pelas razões já expostas –, assumimos que tais abreviações poderão ser lidas como acrónimos OU como siglas em função da ativação de restrições como a CM, que será a principal responsável, no CF dos falantes, pela avaliação da palavridade das cadeias fonéticas apresentadas a processamento.

A opção 2 prevê que as duas oralizações em competição (siglação vs. acronímia) não sejam selecionadas aleatoriamente. Tal como Plénat (1993) propõe para o francês, admitiremos que a minimalidade é o fator que determina a escolha de uma ou de outra e será este o ponto de partida para o nosso estudo empírico, do qual não excluiremos, porém, a possível interferência de outras variáveis fonológicas.

Em reforço deste nosso ponto de vista inicial, parece-nos merecedora de especial atenção a comparação entre os dois termos de um dos pares encontrados no Quadro 4. Com efeito, confrontando a oralização corrente de “BE” (σ_L) como uma sigla ($=[{}^lbe^l\varepsilon]$) com a de uma outra abreviação que difere dessa apenas num único segmento e no peso silábico – “BES” (σ_H) –, oralizada como acrónimo ($=[{}^lbej]$), poderíamos inferir que o peso silábico será, efetivamente, o principal responsável pela preferência dos falantes do PEC pela conversão de abreviações em acrónimos – ou seja, em palavras fonológicas: estas só emergirão perante abreviações com um peso silábico correspondente a σ_H . Esta inferência, por sua vez, poderia levar-nos a pensar, concomitantemente, que a restrição (2) acima proposta para o PM permaneceria de certa forma ainda válida para o PEC também, porventura contrariando a posição de McCarthy; Prince (1995) expressa em (1) que limita a importância do peso silábico para a CM apenas às línguas com oposições quantitativas.

Procederemos à avaliação criteriosa destas questões de partida no estudo empírico que passamos a apresentar.

Estudo empírico

Observações preliminares

Por forma a analisarmos o processamento linguístico das cadeias fonéticas candidatas ao estatuto de palavras e assim colhermos evidência sobre o papel da CM em português, desenvolvemos o estudo experimental que passamos a apresentar.

A tarefa experimental solicitada a um conjunto de falantes nativos monolíngues de PE consistiu em ler 88 abreviações propositadamente forjadas para este estudo e, por conseguinte, não pré-existentes em português, tanto quanto nos era dado saber. Passaremos a designar estas formas como “*pseudoabreviações*”. Optámos por usar estímulos não correntes na língua a fim de se cancelar qualquer possível interferência do conhecimento lexical prévio dos falantes (no qual poderiam estar armazenadas as representações fonológicas de abreviações de certa forma *já lexicalizadas*, como as exemplificadas no Quadro 4). Por outras palavras, quisemos que os sujeitos seguissem obrigatoriamente as vias de processamento apresentadas pela Opção 2 explicitada na secção 3 do estudo, isto é, que nas suas oralizações fosse ativado única e exclusivamente o seu *conhecimento fonológico*. Foi nosso entendimento que só essa tentativa de se isolar esta via de processamento destas cadeias gráficas de outras possíveis vias determinantes da sua oralização nos poderia fornecer pistas minimamente seguras acerca do papel eventualmente desempenhado pela CM, bem como acerca de outras restrições fonológicas admitidas pelo CF dos falantes, no processamento de cadeias fonéticas candidatas ao estatuto de palavras em PE.

Hipóteses

Para o presente estudo empírico, e com base na revisão teórica que empreendemos nas secções 1, 2 e 3, formulámos as seguintes hipóteses.

(5). Hipóteses Experimentais:

Hipótese A: Monossílabos que correspondam a uma sílaba pesada (e que respeitem as regras fonotáticas da língua), quando apresentados como abreviações gráficas, serão oralizados como ACRÓNIMOS.

Hipótese B: Monossílabos que correspondam a uma sílaba leve, quando apresentados como abreviações gráficas, serão oralizados como SIGLAS.

Hipótese C: Dissílabos ou trissílabos, quando apresentados como abreviações gráficas, serão sempre oralizados como ACRÓNIMOS.

As Hipóteses A e B, relativas ao processamento de estímulos monossilábicos, fundamentam-se sobretudo nos dados relativos aos exemplos do Quadro 4 e à discussão que deles fizemos principalmente na secção 3.

Quanto à Hipótese C, relativa ao processamento de estímulos com extensão igual ou superior a duas sílabas, encontra o seu fundamento na formulação da CM de McCarthy e Prince (1995) reproduzida em (1b).

Método

Sujeitos

Os sujeitos do estudo foram 12 adultos, falantes nativos monolíngues do português europeu contemporâneo, provenientes, na sua maioria, das normas dialetais setentrionais. Todos eles são estudantes de pré-graduação da Universidade do Porto e participaram no estudo de forma gratuita e voluntária. Nenhum dos sujeitos foi previamente informado dos objetivos e das questões específicas envolvidas neste estudo. 8 sujeitos são do sexo feminino, 4 do sexo masculino. A idade dos sujeitos varia dos 18 aos 60 anos, com uma média etária de 38 anos (DP=16,06).

Material linguístico e procedimento

Material linguístico

As pseudoabreviações em estudo foram inseridas num conjunto de 130 frases portadoras com uma estrutura sintática e lexical fixa em que a única variação presente se encontrava no ponto da cadeia frásica em que eram introduzidas formas abreviadas: em 88 destas frases, estas formas correspondiam às pseudoabreviações já mencionadas; nas 42 frases restantes, foram introduzidas abreviações com uso corrente em PE. Em todas as frases, atribuiu-se (no caso das pseudoabreviações) ou explicitou-se (no caso das abreviações correntes) o género gramatical de cada estrutura a processar; esta encontrava-se sempre inserida como núcleo de um sintagma nominal em que o género é dado pelo artigo definido antes da abreviação nominalizada.

A estrutura da frase portadora é apresentada em (6).

(6). Estrutura das frases portadoras incluídas no material linguístico do estudo empírico

O Presidente d(x) [Z] ABREVIACÃO/PSEUDOABREVIACÃO demitiu-se.

(x=artigo definido singular, masculino ou feminino)

([Z]=palavra ou expressão que, em algumas frases, foi inserida por motivos de plausibilidade semântica)¹⁶

A lista completa dos estímulos dados a ler aos sujeitos é a que se encontra em (7). A ordem pela qual os estímulos são aí apresentados corresponde à ordem pela qual as frases foram apresentadas a cada sujeito e foi obtida aleatoriamente na fase de preparação do material experimental.

¹⁶ Exemplo: “O Presidente da Comissão da CREL demitiu-se.”

Através da inserção, no material linguístico do teste, de abreviações e pseudoabreviações, pretendeu-se potenciar um efeito distrator que de certa forma induzisse o leitor a oralizar cada abreviação/pseudoabreviação como sigla ou como acrónimo de acordo com as instruções geradas perante cada caso pelo seu conhecimento lexical (no caso das abreviações) ou pelo seu conhecimento fonológico implícito (no caso das pseudoabreviações), levando-o a processar cada estímulo de forma individualizada e não de acordo com um padrão geral aplicado uniformemente a todos os estímulos incluídos no *corpus*.

Como já foi afirmado, cada sujeito foi assim confrontado com um conjunto de 130 frases; destas, 88 continham cadeias gráficas correspondentes a pseudoabreviações. As restantes 42 frases continham abreviações correntes no léxico do PEC a que os sujeitos da população estavam expostos – por conseguinte, com alguma probabilidade de serem conhecidas de pelo menos uma parte significativa dos informantes.¹⁷ Destas 42 – nas quais se encontram cadeias que respeitam as condições fonotáticas da língua e cadeias que as violam –, 23 são normalmente produzidas como siglas, enquanto que 19 são habitualmente realizadas como acrónimos.

Quanto às 88 pseudoabreviações encontradas no conjunto total dos estímulos apresentados aos sujeitos, todas respeitavam integralmente as regras fonotáticas da língua (tais quais as encontradas em (3) e (4)). Dito de outro modo: as pseudoabreviações (sobre as quais incidirá unicamente a análise de resultados) correspondiam aos casos exemplificados nas colunas B e C1 do Quadro 4 (foram, portanto, excluídos os casos, mais discutíveis, das colunas A e C2 do mesmo quadro).

Na nossa análise de resultados, foram tidos em conta unicamente, conforme dissemos já, os dados obtidos na leitura das pseudoabreviações. Na transcrição do material linguístico que apresentamos em (7), tais pseudoabreviações são as que se encontram nas frases sublinhadas – embora, naturalmente, no material distribuído aos participantes não fosse feita qualquer distinção gráfica entre frases com abreviações correntes e frases com pseudoabreviações, nem tivessem sido dadas quaisquer outras pistas conducentes a uma tal diferenciação.

¹⁷ Devido à já mencionada variabilidade entre léxicos individuais, torna-se muito difícil determinar com exatidão quais as abreviações correntes que integram ou não o léxico de todos os sujeitos testados. Da mesma forma, não podemos excluir que algumas das pseudoabreviações cunhadas propositadamente para o estudo não possam corresponder a casos de abreviações representadas no léxico de alguns dos sujeitos (no caso, meramente hipotético, de poderem corresponder, p. ex., a pequenas instituições ou empresas de âmbito mais local e que fossem familiares a algum ou alguns sujeitos). Ou seja: não é definitivamente possível fazer coincidir a nossa classificação *a priori* de cada estímulo como abreviação ou pseudoabreviação com a representação e o modo de processamento que ele detém junto de cada falante. Para a elaboração da lista dos estímulos apresentada em (7), baseámo-nos fortemente no nosso conhecimento intuitivo da língua. Para cada abreviação assumida como corrente na língua, procurámos pelo menos uma atestação na imprensa, na internet ou em dicionários gerais do português. Todas as pseudoabreviações foram propositadamente cunhadas para o estudo pelo autor, com base nas variáveis fonológicas que pretendíamos testar, tendo sido verificada a sua não atestação nas mesmas fontes.

Quadro 5 – Lista dos estímulos apresentados aos participantes¹⁸

<p>1 - O Presidente da RDIS demitiu-se. 2 - <u>O Presidente do RU demitiu-se.</u> 3 - <u>O Presidente do Instituto EUPA demitiu-se.</u> 4 - <u>O Presidente da UISMA demitiu-se.</u> 5 - O Presidente do BPN demitiu-se. 6 - O Presidente da SPA demitiu-se. 7 - <u>O Presidente da FAS demitiu-se.</u> 8 - O Presidente do PSD demitiu-se. 9 - O Presidente da UEFA demitiu-se. 10 - O Presidente do SITAVA demitiu-se. 11 - O Presidente da Comissão da VCI demitiu-se. 12 - <u>O Presidente da FAIMA demitiu-se.</u> 13 - <u>O Presidente do BLO demitiu-se.</u> 14 - O Presidente do SINDEPO demitiu-se. 15 - <u>O Presidente do CLAUS demitiu-se.</u> 16 - O Presidente da UGT demitiu-se. 17 - <u>O Presidente da AU demitiu-se.</u> 18 - <u>O Presidente do CRAITA demitiu-se.</u> 19 - O Presidente da Direcção da CREL demitiu-se. 20 - <u>O Presidente do GATE demitiu-se.</u> 21 - O Presidente da FAP demitiu-se. 22 - <u>O Presidente da FLEUDO demitiu-se.</u> 23 - O Presidente da FNE demitiu-se. 24 - <u>O Presidente do EUS demitiu-se.</u> 25 - O Presidente da CGTP demitiu-se. 26 - <u>O Presidente da CLAUSBA demitiu-se.</u> 27 - O Presidente da CIP demitiu-se. 28 - O Presidente do BE demitiu-se. 29 - <u>O Presidente do BLUR demitiu-se.</u> 30 - O Presidente do CDUP demitiu-se. 31 - <u>O Presidente do GRALCO demitiu-se.</u> 32 - <u>O Presidente do CEUNA demitiu-se.</u> 33 - <u>O Presidente da CIL demitiu-se.</u> 34 - O Presidente da EI demitiu-se. 35 - O Presidente da ULMI demitiu-se. 36 - O Presidente da CLAUPA demitiu-se. 37 - <u>O Presidente da EISTI demitiu-se.</u> 38 - O Presidente da CDU demitiu-se. 39 - <u>O Presidente da CRAI demitiu-se.</u> 40 - O Presidente da FEUP demitiu-se.</p>	<p>41 - O Presidente da ONU demitiu-se. 42 - O Presidente da RTP demitiu-se. 43 - O Presidente do PS demitiu-se. 44 - <u>O Presidente do SOUGA demitiu-se.</u> 45 - O Presidente da AIP demitiu-se. 46 - <u>O Presidente do GA demitiu-se.</u> 47 - <u>O Presidente do GREL demitiu-se.</u> 48 - <u>O Presidente do LAIRA demitiu-se.</u> 49 - O Presidente da NATO demitiu-se. 50 - O Presidente da CCVM demitiu-se. 51 - <u>O Presidente do PRICA demitiu-se.</u> 52 - O Presidente da Comissão do SIGARRA demitiu-se. 53 - <u>O Presidente do FLEU demitiu-se.</u> 54 - <u>O Presidente da CO demitiu-se.</u> 55 - <u>O Presidente da CLARCO demitiu-se.</u> 56 - <u>O Presidente da ARCI demitiu-se.</u> 57 - <u>O Presidente da FE demitiu-se.</u> 58 - <u>O Presidente da FIBA demitiu-se.</u> 59 - <u>O Presidente do COIS demitiu-se.</u> 60 - <u>O Presidente da UNIVA demitiu-se.</u> 61 - <u>O Presidente do CLA demitiu-se.</u> 62 - O Presidente da APE demitiu-se. 63 - <u>O Presidente da BLURMA demitiu-se.</u> 64 - <u>O Presidente da AUPE demitiu-se.</u> 65 - O Presidente do GROISMI demitiu-se. 66 - O Presidente da GIU demitiu-se. 67 - O Presidente da ECOFIN demitiu-se. 68 - <u>O Presidente da UIS demitiu-se.</u> 69 - <u>O Presidente do GREMA demitiu-se.</u> 70 - <u>O Presidente da AUSPA demitiu-se.</u> 71 - <u>O Presidente da AICA demitiu-se.</u> 72 - O Presidente da Fiscalização do IVA demitiu-se. 73 - <u>O Presidente do BLOLI demitiu-se.</u> 74 - <u>O Presidente da FAUSPA demitiu-se.</u> 75 - <u>O Presidente do IR demitiu-se.</u> 76 - <u>O Presidente do SEI demitiu-se.</u> 77 - <u>O Presidente da ASPO demitiu-se.</u> 78 - O Presidente do BES demitiu-se. 79 - <u>O Presidente da FEU demitiu-se.</u> 80 - <u>O Presidente do FRISPE demitiu-se.</u> 81 - O Presidente da UP demitiu-se.</p>
---	---

¹⁸ OBS.: Na lista aqui apresentada, ocorrem em sublinhado as frases que integram as pseudoabreviações sobre que incidirá a nossa subsequente análise de resultados. No material distribuído aos participantes, não era feita, naturalmente, qualquer distinção grafo-visual entre frases portadoras de abreviações e frases portadoras de pseudoabreviações.

82 - <u>O Presidente da FREIS demitiu-se.</u>	106 - <u>O Presidente da TERPE demitiu-se.</u>
83 - <u>O Presidente do PRI demitiu-se.</u>	107 - <u>O Presidente do GALVE demitiu-se.</u>
84 - <u>O Presidente da OITI demitiu-se.</u>	108 - <u>O Presidente do LITE demitiu-se.</u>
85 - <u>O Presidente do SIR demitiu-se.</u>	109 - <u>O Presidente do PRUI demitiu-se.</u>
86 - <u>O Presidente do REISTA demitiu-se.</u>	110 - <u>O Presidente do GOISPA demitiu-se.</u>
87 - <u>O Presidente da ESPE demitiu-se.</u>	111 - <u>O Presidente do PRUILE demitiu-se.</u>
88 - <u>O Presidente da FLEUSTA demitiu-se.</u>	112 - <u>O Presidente da FREISPO demitiu-se.</u>
89 - <u>O Presidente da GNR demitiu-se.</u>	113 - <u>O Presidente da Comissão da IVG demitiu-se.</u>
90 - <u>O Presidente da OL demitiu-se.</u>	114 - <u>O Presidente da AS demitiu-se.</u>
91 - <u>O Presidente do CESP demitiu-se.</u>	115 - <u>O Presidente da FUIS demitiu-se.</u>
92 - <u>O Presidente da FIFA demitiu-se.</u>	116 - <u>O Presidente do GEUS demitiu-se.</u>
93 - <u>O Presidente da OU demitiu-se.</u>	117 - <u>O Presidente da AUS demitiu-se.</u>
94 - <u>O Presidente da PAC demitiu-se.</u>	118 - <u>O Presidente da FRIS demitiu-se.</u>
95 - <u>O Presidente do PRU demitiu-se.</u>	119 - <u>O Presidente do CLADA demitiu-se.</u>
96 - <u>O Presidente do Instituto da CRIL demitiu-se.</u>	120 - <u>O Presidente do NEFA demitiu-se.</u>
97 - <u>O Presidente da DAUS demitiu-se.</u>	121 - <u>O Presidente do SASU demitiu-se.</u>
98 - <u>O Presidente da AL demitiu-se.</u>	122 - <u>O Presidente do OISCI demitiu-se.</u>
99 - <u>O Presidente da AI demitiu-se.</u>	123 - <u>O Presidente da RAI demitiu-se.</u>
100 - <u>O Presidente da CLAU demitiu-se.</u>	124 - <u>O Presidente da SORPI demitiu-se.</u>
101 - <u>O Presidente do Gabinete do IRS demitiu-se.</u>	125 - <u>O Presidente da PT demitiu-se.</u>
102 - <u>O Presidente do OIS demitiu-se.</u>	126 - <u>O Presidente da PLAIS demitiu-se.</u>
103 - <u>O Presidente da URSS demitiu-se.</u>	127 - <u>O Presidente da FER demitiu-se.</u>
104 - <u>O Presidente da FAUSTE demitiu-se.</u>	128 - <u>O Presidente do GROUS demitiu-se.</u>
105 - <u>O Presidente da FENPROF demitiu-se.</u>	129 - <u>O Presidente da PSP demitiu-se.</u>
	130 - <u>O Presidente do PLAR demitiu-se.</u>

Fonte: elaboração própria.

As 88 pseudoabreviações constantes das frases com dados a observar apresentam variação quanto ao peso silábico, se monossilábicas, à estrutura silábica (controlada somente na primeira sílaba, no caso dos estímulos com duas ou mais sílabas) e à extensão em número de sílabas. No que diz respeito à estrutura silábica, tentámos que todos os tipos silábicos não marcados do PE estivessem representados no material linguístico, fosse como a única sílaba das pseudoabreviações monossilábicas, fosse como a primeira sílaba (em princípio, tónica) das pseudoabreviações com duas ou mais sílabas, tendo sido excluídas desta posição, na construção do *corpus*, todas as estruturas suscetíveis de nasalização vocálica. Relativamente à extensão silábica, as pseudoabreviações foram controladas por forma a obtermos um subconjunto de abreviações monossilábicas e um subconjunto de abreviações com duas ou mais sílabas, por forma a podermos testar, neste estudo, a validade de (1b) para o PE. Foram assumidos como estímulos (potencialmente) monossilábicos todos aqueles cuja representação gráfica conduziisse à produção de um só núcleo silábico preenchido por vocoide (\cong uma só vogal gráfica), e como estímulos com duas ou mais sílabas aqueles cujas representações gráficas contivessem mais do que um grafema vocálico suscetível de fonetização como núcleo silábico (\cong duas ou mais vogais gráficas).

Desta forma, procurámos reunir dados que nos permitissem observar de modo mais direto as variáveis *peso silábico* (na sua relação com a CM), explicitamente contemplada nas Hipóteses A e B, e *extensão em número de sílabas* (igualmente associada à CM), prevista pela Hipótese C.

Assim, e de acordo com estas 3 variáveis, as 88 pseudoabreviações incluídas no material linguístico do estudo repartem-se da seguinte forma (vide Quadro 6).

Quadro 6 – Repartição das 88 pseudoabreviações do material linguístico do estudo de acordo com as variáveis PESO SILÁBICO, ESTRUTURA SILÁBICA e EXTENSÃO EM NÚMERO DE SÍLABAS

PESO SILÁBICO (considerando somente as pseudoabreviações monossilábicas e a primeira sílaba das pseudoabreviações com duas ou mais sílabas)	ESTRUTURA SILÁBICA ¹⁹ (considerando somente as pseudoabreviações monossilábicas e a primeira sílaba das pseudoabreviações com duas ou mais sílabas)	EXTENSÃO EM NÚMERO DE SÍLABAS
Sílabas pesadas: 20 Sílabas leves: 68	V: 2 CV: 9 VC: 6 VG: 8 VS: 1 VGS: 7 CVC: 6 CVG: 7 CVS: 2 CVGS: 8 CCV: 9 CCVC: 6 CCVS: 2 CCVG: 7 CCVGS: 8	Monossílabos: 40 Dissílabos/Trissílabos: 48

Fonte: elaboração própria.

Metodologia

Cada sujeito foi testado individualmente, numa sala silenciosa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

As frases foram apresentadas em folhas A4, impressas em tipo Times New Roman, 14 pontos, com espaçamento duplo. Cada abreviação encontrava-se escrita em maiúsculas, sem pontos a separar as várias letras. As frases estavam numeradas sequencialmente, de 1 a 130, em numeração árabe.

¹⁹ C=Consoante (contóide); V=Vogal (vocoide); G=Glide; S=Fricativa Coronal (graficamente=<S>).

Foi pedido aos sujeitos que lessem as frases naturalmente. Todos foram informados de que as frases teriam invariavelmente a mesma estrutura, que lhes foi explicitamente apresentada antes do início da sessão de teste. Nesta fase de instruções, foi dito a cada participante que cada frase iria variar apenas num ponto fixo da cadeia de palavras, a seguir a “Presidente de”; foi-lhes então dito que, nesse ponto da cadeia frásica, seriam apresentadas diferentes “abreviaturas”.²⁰ Solicitou-se-lhes que, quando reconhecessem essa abreviatura, a lessem de acordo com o conhecimento que tinham dela. Cada participante foi ainda avisado de que provavelmente muitas das abreviaturas seriam desconhecidas, por designarem, segundo a informação então prestada, pequenas empresas ou instituições pouco difundidas junto do público em geral. Os informantes receberam a indicação de que, perante abreviaturas que desconheciam, deveriam lê-las conforme lhes parecesse mais adequado em termos de pronúncia. No início de cada sessão, nesta fase de instruções prévias, era ainda dada uma breve explicação e exemplificação da diferença entre as duas principais formas de “ler” uma abreviatura: como siglas ou como acrónimos (sem se recorrer, necessariamente, a esta terminologia explícita). Durante a leitura do material linguístico, foi permitido que os participantes fizessem pausas quando lhes parecesse necessário. Cada sessão individual durou cerca de 15 minutos, aproximadamente. As produções das abreviações apresentadas pelos informantes em cada teste eram imediatamente registadas em transcrição fonética pelo experimentador à medida que se desenvolvia cada sessão de recolha de dados.

Resultados

A Tabela 1 mostra os resultados obtidos para cada tipo silábico inserido em pseudoabreviação monossilábica e dissilábica/trissilábica.

Cada célula da tabela representa o número médio de produções (acompanhado do respetivo desvio-padrão) das 88 pseudoabreviações, nesta população, quer como siglas, quer como acrónimos, tendo sido calculados os valores médios de cada um destes dois tipos de oralização para cada tipo silábico a partir das 1056 oralizações recolhidas (=88 pseudoabreviações X 12 informantes). Os dois tipos de resposta são estatisticamente comparados em separado, para os monossílabos e para os dissílabos/trissílabos, perante cada tipo silábico considerando-se o total das respostas apresentadas pela população. A tabela apresenta somente os dados relativamente aos quais foi possível estabelecer comparação estatística através do teste de T-Student e, no caso das pseudoabreviações com duas ou mais sílabas, tem em conta somente a estrutura e as respostas obtidas relativamente à primeira sílaba.

²⁰ Nas instruções dadas aos participantes, foi utilizado o termo “abreviatura” em vez de “abreviação”, por aquele ser mais corrente, no vocabulário comum, do que este, e também porque, sendo os estímulos apresentados em forma escrita, o termo “abreviatura” (que designa um artifício gráfico, e não propriamente um processo de inovação lexical) nos pareceu, neste contexto, mais adequado.

Tabela 1 – Média (e DP) do número de respostas e comparações (Teste de T-Student) para cada tipo silábico, em pseudoabreviações monossilábicas e com duas ou mais sílabas (considerando, para estes últimos, somente a primeira sílaba para a categorização quanto ao tipo silábico e ao peso silábico)²¹

	MONOSSÍLABOS			DISSÍLABOS/TRISSÍLABOS		
	Sigla: Média (Desvio- Padrão)	Acrônimo: Média (Desvio- Padrão)	T-Student	Sigla: Média (Desvio- Padrão)	Acrônimo: Média (Desvio- Padrão)	T-Student
SÍLABAS LEVES						
CV	2,67 (1,56)	1,33 (1,56)	t(11)=1,483, n.s.	0,17 (0,39)	3,83 (0,39)	t(11)=- 16,316, p<0,000 **
CCV	1,33 (1,37)	2,58 (1,50)	t(11)=-1,512, n.s.	0,08 (0,29)	3,92 (0,29)	t(11)=- 23,000, p<0,000 **
SÍLABAS PESADAS						
VC	3,58 (0,90)	0,42 (0,90)	t(11)=6,092, p<0,000 **	0,75 (0,75)	3,25 (0,75)	t(11)=- 5,745, p<0,000 **
VG	3 (1,54)	1 (1,54)	t(11)=2,253, p<0,05 *	1,25 (1,36)	2,75 (1,36)	t(11)=- 1,915, n.s.
VGS	2,33 (1,37)	1,58 (1,37)	t(11)=0,950, n.s.	1 (1,28)	2,92 (1,24)	t(11)=- 2,653, p<0,05 *
CVC	0,83 (0,83)	3,17 (0,83)	t(11)=-4,841, p<0,000 **	0,17 (0,58)	3,83 (0,58)	t(11)=- 11,000, p<0,000 **
CVG	0,5 (0,67)	3,42 (0,67)	t(11)=-7,705, p<0,000 **	0,25 (0,87)	3,75 (0,87)	t(11)=- 7,000, p<0,000 **

²¹ Níveis de significância (a negrito): * p<0,05; ** p<0,005

OBS.: A tabela inclui somente os dados que permitiram comparação estatística baseada no teste de T-Student.

CVGS	0,75 (0,62)	3,25 (0,62)	t(11)=-6,966, p<0,000 **	0,17 (0,58)	3,83 (0,58)	t(11)=- 11,000, p<0,000 **
CCVC	0,25 (0,45)	3,75 (0,45)	t(11)=-13,404, p<0,000 **	0,42 (1,16)	3,58 (1,16)	t(11)=- 4,710, p<0,005 **
CCVG	0,33 (0,65)	3,67 (0,65)	t(11)=-8,864, p<0,000 **	0,33 (1,15)	3,58 (1,16)	t(11)=- 4,892, p<0,000 **
CCVGS	0,25 (0,45)	3,75 (0,45)	t(11)=-13,404, p<0,000 **	0,25 (0,87)	3,75 (0,87)	t(11)=- 7,000, p<0,000 **

Fonte: elaboração própria.

Discussão

Estímulos monossilábicos

De acordo com as Hipóteses A e B, esperar-se-ia que as sílabas leves (CV e CCV) obtivessem um maior número de respostas de tipo *sigla* do que as sílabas pesadas, relativamente às quais era esperado um maior número de oralizações de tipo *acrónimo*.

Os resultados que encontramos na Tabela 1 não parecem, contudo, muito conclusivos quanto a essa previsão inicial:

- os monossílabos CV ($=\sigma_L$) foram, de facto, maioritariamente fonetizados como siglas, mas a diferença entre esse tipo de resposta e as respostas de tipo *acrónimo* não se revelaram estatisticamente significativas;

- por outro lado, os monossílabos CCV (igualmente leves) foram articulados por um elevado número de sujeitos como acrónimos, contrariamente à Hipótese B, ainda que a diferença entre os dois tipos de resposta também não tivesse sido, neste caso, estatisticamente significativa;

- por fim, sublinhemos que a comparação entre os dois tipos de resposta (*sigla* vs. *acrónimo*) só é não significativa com sílabas leves e quando confrontados os resultados obtidos perante a estrutura silábica VGS: perante os restantes tipos silábicos ($=\sigma_H$), os resultados mostraram sempre uma clara preferência por um dos dois tipos de resposta.

Esta preferência, prosseguindo na observação exclusivamente das respostas obtidas no processamento de estímulos monossilábicos, é a seguinte:

- nas sílabas (pesadas) VC, VG e VGS (neste último caso, sem que as diferenças entre as oralizações dos dois tipos sejam estatisticamente significativas), *sigla* predomina estatisticamente sobre *acrônimo* (o que não está de acordo com a Hipótese A);

- nas sílabas (também pesadas) CVC, CVG, CVGS, CCVC, CCVG e CCVGS, *acrônimo* predomina estatisticamente sobre *sigla*, o que poderia, em sentido contrário, ser aqui interpretado como uma confirmação dessa mesma hipótese.

Continuando a restringir a nossa observação aos estímulos monossilábicos somente, devemos ainda sublinhar que o tipo silábico que obtém a quantidade mais elevada de oralizações como *siglas* é o tipo VC, uma *sílabas pesada* – que, de acordo com a Hipótese A, deveria suscitar um número superior de oralizações acronimizantes.

Estímulos dissilábicos e trissilábicos

Quanto aos dissílabos e trissílabos, note-se que a estratégia seguida na maior parte das fonetizações dos sujeitos é a acronímia (vide Tabela 1), o que parece confirmar a Hipótese C deste estudo. Para cada tipo silábico, o número médio de fonetizações de tipo *acrônimo* é sempre estatisticamente mais elevado do que as fonetizações de tipo *sigla* (com a única exceção do dissílabo em que $\{\sigma_1=VG\}$, que regista também maiores fonetizações em acronímia, embora a diferença destas para as fonetizações como *sigla* não seja estatisticamente significativa).

Em nossa opinião, estes resultados necessitam de algum aprofundamento futuro: mais dados, obtidos com um número maior de sujeitos, trar-nos-iam uma imagem mais nítida das variáveis em jogo.

Não obstante, podemos tecer alguns comentários mais gerais. Em primeiro lugar, podemos dizer que o efeito do peso silábico não parece ser inteiramente claro e determinante quando toca a avaliar bons e maus candidatos ao estatuto de palavra em português europeu: monossílabos pesados são frequentemente articulados como *siglas* (ver resultados com monossílabos CV e VG, por exemplo), o que não é inteiramente elucidativo quanto a uma desejável confirmação/refutação da Hipótese A. Por outro lado, monossílabos leves não mostraram uma tendência sistematicamente clara quanto à sua produção como *siglas*, ao invés do que era previsto pela Hipótese B: em CV predomina, com efeito, a oralização como *sigla*, mas tal não se verifica em CCV. Nas comparações entre os dois tipos de resposta, os resultados obtidos não foram estatisticamente significativos.

Assim, e numa primeira observação de confronto dos resultados com as hipóteses experimentais, a única de tais hipóteses que nos parece de alguma forma confirmada é a Hipótese C, já que, perante estímulos com duas ou mais sílabas, os sujeitos do estudo mostram uma clara preferência pela produção de *acrônimos* em vez da de *siglas*.

Em face desta primeira observação – que não autoriza uma refutação ou confirmação clara das Hipóteses A e B, legitimando contudo uma aceitação minimamente segura da Hipótese C –, poderíamos, neste momento, ver neste aspeto particular do comportamento dos sujeitos do estudo uma evidência empírica bastante interessante em favor da proposta de McCarthy; Prince (1995) tal como encontrada em (1b), segundo a qual, nas línguas sem oposições quantitativas (como é o caso do PE), a CM se rege pelo número de sílabas da palavra e não pelo peso silábico.

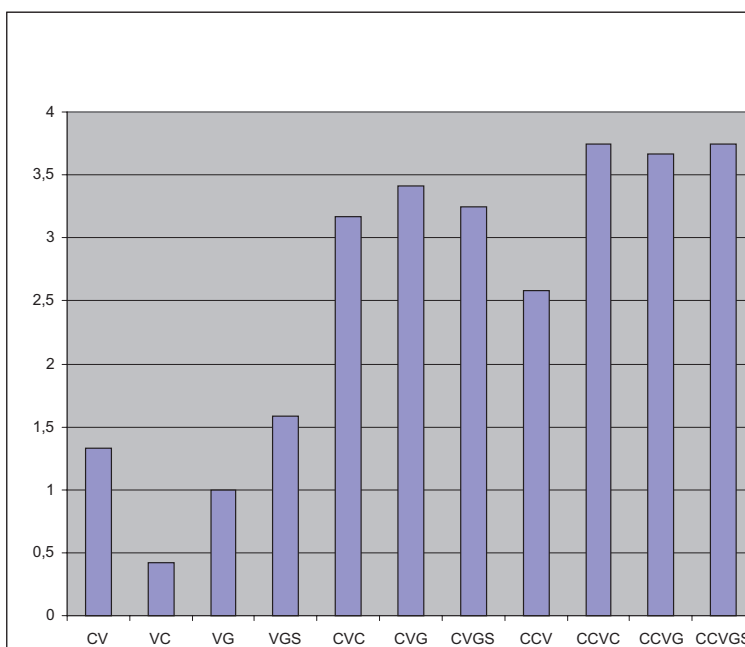
No entanto, esta primeira avaliação deve ainda ser completada por uma análise mais atenta de alguns aspetos particulares dos nossos dados, procurando dar uma resposta mais cabal ao processamento dos estímulos monossilábicos, não suficientemente concordantes com a revisão teórica nem com as hipóteses desenvolvidas e apresentadas anteriormente. Entre tais dados, um aspeto que nos parece particularmente digno de nota e que emerge dessa mesma observação mais cuidadosa dos resultados é o que passamos a explicitar.

Referimo-nos à regularidade, muito interessante e muito sugestiva, relativamente a um possível efeito da extensão mínima da palavra potencial em PE – *medida, contudo, em número de segmentos (e não em peso silábico ou em número de sílabas)* – e que explicaria de forma minimamente sistemática e regular a preferência, relativamente a estímulos monossilábicos, por um dos dois tipos de oralização contemplados pela pesquisa efetuada. Os dados deste estudo permitem-nos observar que *o CF dos sujeitos falantes nativos do PE conduz preferencialmente a uma oralização como acrónimos de cadeias fonéticas com três ou mais segmentos (independentemente de se distribuírem por uma ou duas sílabas e do peso silábico associado à ramificação de uma rima única), e a uma oralização preferencial como siglas de cadeias fonéticas com apenas dois segmentos, independentemente de estas cadeias darem origem a sílabas leves ou pesadas*. De acordo com a interpretação aqui proposta, é nesta restrição – de carácter eminentemente linear – que residirá a explicação para que estímulos como “BLO” e “PRU”, p. ex., correspondentes a monossílabos leves, tenham recolhido um maior número de realizações como acrónimos do que como siglas (tendo sido lidos maioritariamente como [blo] e [pru], respetivamente), ao contrário do que era previsto pela Hipótese B, e que, correspondentemente, estímulos como “AU” e “EI”, correspondentes a monossílabos pesados, tenham sido mais frequentemente oralizados como siglas ([^la'u], [^le'i]) do que como acrónimos, ao contrário do previsto pela Hipótese A.

A Figura 1, que de seguida apresentamos, contemplando as respostas obtidas somente perante as 40 pseudoabreviações monossilábicas contidas no material linguístico processado pelos sujeitos experimentais, ilustra, a nosso ver, o incremento do número de oralizações como acrónimos à medida que aumenta o número de segmentos na ordem linear dos estímulos apresentados: estímulos com dois segmentos (CV, VC, VG) apresentam médias de produção como acrónimos sempre inferiores a 1,5 produções no total das recolhas obtidas; estímulos com três ou mais segmentos apresentam valores deste índice muito superiores (mesmo no caso do único tipo silábico

correspondente a sílaba leve dentro deste segundo conjunto: CCV, embora apresente um número médio de oralizações acronimizantes menor relativamente a outros estímulos com três ou mais segmentos, apresenta valores desta modalidade de produção muito superiores aos registados para os monossílabos, leves ou pesados, constituídos por apenas dois segmentos).

Figura 1 – Número médio de respostas de oralizações das pseudoabreviações *monossilábicas* como **acrónimos**



Fonte: elaboração própria.

Poder-se-ia assim postular uma Condição de Minimalidade muito própria e específica do PEC, diretamente relacionada com o número de segmentos da palavra e não com o peso silábico, tal como propomos em (8).

(8). Condição de Minimalidade em Português Europeu Contemporâneo
 PEC: {ExtPMínSg≥3}
 ExtPMínSg=Extensão Mínima da Palavra Medida em Número de Segmentos

Esta restrição, resumidamente e conforme expusemos nos parágrafos antecedentes, fornecer-nos-ia explicações a nosso ver minimamente satisfatórias para resultados do estudo como os seguintes:

- 1 - Os dissílabos e trissílabos são fonetizados, com grande regularidade, como acrónimos e não como siglas (conforme já previsto pela própria Hipótese C e admitido pela formulação da CM de McCarthy; Prince (1995) encontrada em (1b));
- 2 - Os monossílabos formados por dois segmentos apenas, independentemente do peso silábico, são preferencialmente produzidos como siglas (vd. Tabela 1 e Figura 1);
- 3 - Os monossílabos com três ou mais segmentos são maioritariamente produzidos como acrónimos, independentemente também do peso silábico (*ibidem*).

Uma formulação como a que acabamos de propor não explica cabalmente, é certo, a presença de palavras constituídas por uma só sílaba leve no léxico do PEC, como as exemplificadas na primeira coluna do quadro 1. Com efeito, perante as considerações atrás reunidas, podemos legitimamente perguntar-nos como é que, desrespeitando a restrição proposta em (8), elas são aceites, ainda assim, como palavras da língua. Não esquecendo que uma tarefa tão simples e circunscrita como a oralização de acrónimos não pode ter a pretensão de explicar de modo inteiramente categórico e definitivo uma questão tão fulcral da fonologia do português – cuja investigação carece de desenvolvimento com recurso a outras metodologias e a outros estudos, naturalmente –, reservaremos um comentário sucinto a este tipo de casos.

Em primeiro lugar, recordaremos que tais palavras correspondem – conforme é sublinhado por autores que citámos anteriormente a respeito da mesma questão – a um número relativamente reduzido de palavras do léxico do português, podendo ser explicadas, de uma forma um tanto simplificada, mas em concordância com posições como as de Vigário (2003) e Booij (2004), por exemplo como *exceções* à CM na língua.

Por outro lado, torna-se interessante verificar que muitas destas palavras descendem historicamente de dissílabos latinos ou medievais (originalmente em concordância com (2) ou mesmo com (8), portanto), resultando frequentemente da contração de vogais heterossilábicas, como sucede nos casos de *mala*>*maa*>*má*, *fede*>*fee*>*fé*, *pala*>*paa*>*pá*, *pede*>*pee*>*pé*, *nudu*>*nuu*>*nu*, *dolu*>*doo*>*dó*, *solum*>*soo*>*só* (etimologias confirmadas em MACHADO, 1977).

Aceitando explicações como a de Brandão de Carvalho (1988; 2011), a manutenção de um grau de sonoridade vocálica mais elevada na sílaba – tornando-a, p. ex., imune a fenómenos de redução vocálica (em formas como *pegada* ([pe'gadə], *[pi'gadə]), p. ex.) – seria um resquício desse peso silábico não inteiramente perdido e hipoteticamente conservado, até certo ponto, nas correspondentes formas subjacentes destes vocábulos. Como tal, não seria de excluir, teoricamente, que estes monossílabos pudessem preservar, na sua forma subjacente, uma estrutura abstrata que mantivesse o peso silábico (exemplos: *pé*=/pe/_{σH}, *má*=/ma/_{σH} – com peso silábico (σ_H) salvaguardado pela maior sonoridade vocálica, de acordo com Brandão de Carvalho, 2011, p.59) ou mesmo a presença de três segmentos (*nu*=/nuu/, *dó*=/dɔɔ/), recuperáveis em derivações morfológicas como *desnudo*, *dolorido*, etc. Uma conjectura como esta tornaria estas palavras mais compatíveis com as diversas interpretações da CM analisadas no presente estudo, evitando-se desse modo o recurso de certa forma *ad hoc* ao seu carácter

excepcional. No entanto, reiteramos que estas palavras correspondem, conforme foi afirmado anteriormente, a casos particulares que não foram devidamente aprofundados neste estudo.

Conclusões finais

Com base nos dados coligidos e discutidos no presente estudo e tendo presentes as limitações apontadas, julgamos ser possível extrair algumas observações finais que pretendem dar resposta às hipóteses de partida do estudo empírico, bem como às restantes questões de investigação que foram sendo levantadas ao longo do nosso trabalho.

Uma primeira conclusão consiste na defesa de que *o PEC conhece, de facto, uma restrição de minimalidade* a que a quase totalidade das suas entradas lexicais está sujeita.

Contrariamente ao entendimento mais corrente acerca da parametrização da CM nesta e noutras línguas, porém, e segundo os dados e os argumentos avançados no presente artigo, a CM em PEC não é explicitamente definida ou parametrizada nem em termos de peso silábico, nem de número mínimo de sílabas: no estágio atual da língua, a CM parece ser condicionada essencialmente por um parâmetro de natureza linear e independente desses dois – o número de segmentos da palavra. Propomos, neste trabalho e em face dos resultados obtidos e analisados, que em PEC são boas candidatas ao estatuto de palavra as cadeias fonéticas com três ou mais segmentos, independentemente do peso silábico e do número de sílabas que correspondam a tais combinações. O comportamento dos nossos sujeitos experimentais perante a oralização de candidatos a palavras como as pseudoabreviações em teste de leitura mostram uma tendência com um mínimo de robustez estatística para que possamos aceitar, em nosso entender, tal proposta. Como sublinhámos em diversas passagens do texto, esta proposta de CM para o português constitui uma perspetiva de certa forma original, mormente por se afastar do entendimento mais geral que relaciona a CM com o peso silábico e/ou com o número de sílabas das palavras, conforme diversos autores e conforme as formulações mais correntes desta restrição fonológica (como a de McCarthy e Prince (1995) – vd. (1)).

Uma outra conclusão a que nos parece possível chegar no final deste estudo sugere-nos que, como muitas outras propriedades fonológicas da gramática, também a parametrização da CM parece estar sujeita à variação diacrónica. A proposta de uma CM como a que defendemos para o PEC ($\{ExtPM_{\text{MinSg}} \geq 3\}$ – vd. (8)) não será a mesma que considerámos porventura produtiva em PM ($\{\omega \geq \sigma_H\}$ – vd. (2)), muito mais sensível ao peso silábico.

Torna-se necessário realçar, nestas observações finais, que a aparente desvalorização do peso silábico como critério central para a CM do PEC não pressupõe, da nossa parte, a defesa da sua irrelevância para a fonologia do português europeu. A conclusão

de que ele parece, *no estágio atual da língua*, pouco produtivo em termos de fixação da CM prende-se unicamente com a verificação de que os monossílabos com um mínimo de três segmentos, sejam leves (com ataque ramificado e rima não ramificada, como “BLO”, “PRI” ou “CLA”) ou pesados (com rima ramificada, como “EUS” ou “OIS”), são preferencialmente produzidos como acrônimos, estabelecendo um contraste com o processamento de monossílabos formados por apenas dois segmentos, preferencialmente oralizados como siglas (também independentemente do seu peso silábico). A outros níveis, como a atribuição do acento, p. ex., os argumentos em favor do peso silábico como propriedade fonológica produtiva parecem-nos, à luz dos argumentos revistos de forma muito genérica em 2.2.1 (e de acordo com propostas como as de Brandão de Carvalho (1988; 1989; 2011) ou Wetzels (2007)), totalmente justificados – embora esta questão não tenha constituído sequer objeto de estudo e reflexão no presente trabalho.

Quatro questões mais específicas que, a nosso ver, ficam por explorar mais profundamente ou mesmo por sujeitar a investigação no presente estudo são as que passamos a enumerar, terminando assim o texto do artigo com um conjunto de tópicos para desenvolvimento futuro. O estudo mais avisado de cada uma destas questões ter-nos-ia exigido a adoção de questões e métodos de pesquisa muito particulares e especificamente desenhados para cada qual, que só depois de uma abordagem mais global às questões de partida que nos moveram no presente estudo nos pareceria possível prosseguir. Por essa razão, não foi concedido especial destaque ou o necessário aprofundamento aos casos seguintes:

- processamento de pseudoabreviações que pudessem apresentar um comportamento prosódico semelhante ao dos clíticos;

- palavras correspondentes a monossílabos leves constituídos à superfície por dois segmentos apenas (aparentemente abaixo, portanto, de qualquer CM, medida pelos parâmetros mais consensualmente adotados para esta restrição ou pelo que é proposto no presente estudo), para as quais levantámos algumas pistas de exploração futura no final da secção de discussão de resultados mas que carecem de aprofundamento futuro;

- oralização das cadeias fonéticas que, embora respeitando alguma parte importante das principais restrições fonotáticas do português, violam parcialmente algumas dessas regras, designadamente a ocorrência em coda silábica de segmentos em princípio excluídos dessa posição prosódica. Referimo-nos aos casos como os do conjunto C2 da coluna C do Quadro 4 (FENPROF, REN, p. ex.);

- oralização de pseudoabreviações potencialmente terminadas em segmento nasal, que deliberadamente excluímos do *corpus*, tal como fizemos notar em passagens anteriores do texto.

VELOSO, J. The minimal word in European Portuguese: the oralization of abbreviated forms. *Alfa*, São Paulo, v.61, n.1, p.133-168, 2017.

- *ABSTRACT: The phonological constraints that define which phonetic chains are eligible to become a word in a given language generally include a Minimality Condition (MC). MC imposes a minimum of phonological substance that must be included by any single word of the language. Traditionally, CM is measured in terms of syllable weight or syllabic extension of the word. It has been much debated whether MC corresponds to a truly universal constraint; as for Portuguese, previous studies have been conflicting between the acceptance and the refusal of its operationality in the phonology of the language. In this study, we will assess the functionality of MC for the building of Portuguese lexical entries by means of observing the oralization of abbreviations. This is assumed here as a word-productive process in Portuguese. Based upon an experimental study with a group of native speakers of Contemporary European Portuguese (CEP), we conclude (i) that MC is an operative constraint in the phonology of Portuguese, and (ii) that its defining criterion is purely linear and segmental. According to our proposal, MC is respected in CEP when a phonetic chain contains a minimum of three segments, regardless of syllable weight and syllabic extension.*
- *KEYWORDS: Minimality Condition. Syllable Weight. Word. Wordiness Constraints. Well-formedness.*

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. Truncamento e Reduplicação no Português Brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.2, p.61-90, 2002.

ARONOFF, M. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1976.

ARONOFF, M.; FUEDEMAN, K. *What is Morphology?* Malden MA: Blackwell, 2005.

BISOL, L. O Clítico e o seu Status Prosódico. *Revista de Estudos de Linguagem*, Belo Horizonte, v.9, n.1, p.5-30, 2000.

_____. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *DELTA*, São Paulo, v.20, p.59-70, 2004.

_____. A palavra fonológica pós-lexical. In: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M. C. (Org.). *A Palavra. Forma e Sentido*. Campinas: Pontes, 2007. p.13-22.

BOOIJ, G. The morphology-phonology interface in European Portuguese. Review article of M. Vigário, The Prosodic Word in European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v.3, n.1, p.175-182, 2004.

BRANDÃO DE CARVALHO, J. Réduction vocalique, quantité et accentuation: pour une explication structurale de la divergence entre portugais lusitanien et portugais brésilien. **Boletim de Filologia**, Lisboa, v.XXXII, p.5-26, 1988.

_____. Phonological conditions on Portuguese clitic placement: on syntactic evidence for stress and rhythmical patterns. **Linguistics**, Berlin, v.27, p.405-436, 1989.

_____. Contrastive hierarchies, privative features, and Portuguese vowels. **Linguística**, Porto, v.6, n.1, p.51-66, 2011.

CHACON, L. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações prosódicas não-convencionais. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.39, n.3, p.223-232, 2004.

CORREIA, M.; LEMOS, L. S. P. **Inovação lexical em português**. Lisboa: Colibri/Associação de Professores de Português, 2005.

CUNHA, A. P. As segmentações não convencionais da escrita inicial: um estudo sobre o troqueu silábico e a sua relação com o ritmo linguístico do PB e do PE. **Linguística**, Porto, v.7, n.1, p.45-63, 2012.

ELORDIETA, G. The Word in Phonology. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; MENDÍVIL-GIRÓ, J.-L. (Org.). **To be or not to be a Word. New Reflections on the Definition of Word**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2014. p.6-65.

ENNAJI, M. Aspects of cliticization in Arabic. In: ENNAJI, M. (Org.). **La variation linguistique: des faits aux théories**. Fès: Université Sidi Mohamed Ben Abdellah/Faculté des lettres et des sciences humaines, 2000. p.98-118.

FERREIRA, M. L. S. **Contributos para uma definição de palavra fonológica**. 211 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2012.

GERLACH, B.; GRIJZENHOUT, J. (Org.). **Clitics in phonology: morphology and syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

GORI, B. **La grammatica dei clitici portoghesi**. Firenze: Firenze University Press, 2007.

HALLE, M. Prolegomena to a theory of word formation. **Linguistic Inquiry**, Cambridge MA, v.4, n.1, p.3-16, 1973.

HASPELMATH, M. The indeterminacy of word segmentation and the nature of morphology and syntax. **Folia Linguistica**, Berlin, v.45, n.1, p.31-80, 2011.

_____. How to compare major word-classes across the world's languages. In: GRAF, T. et al. (Org.). **Theories of everything: in honor of Edward Keenan**. UCLA Working Papers in Linguistics 17. Los Angeles CA: UCLA, 2012a. p.109-130.

_____. Escaping ethnocentrism in the study of word-class universals. **Theoretical Linguistics**, Berlin, v.38, n.1-2, p.91-102, 2012b.

IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; MENDÍVIL-GIRÓ, J.-L. Introduction. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; MENDÍVIL-GIRÓ, J.-L. (Org.). **To be or not to be a Word. New Reflections on the Definition of Word**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2014. p.1-5.

JONES, D. The 'word' as a phonetic entity. *Le Maître Phonétique*, Bourg-La-Reine, v.36, p.60-65, 1931. Reproduzido in: JONES, W. E.; LAVER, J. (Org.). **Phonetics in Linguistics. A Book of Readings**. London: Longman, 1973. p.154-158.

JUILLAND, A.; ROCERIC, A. **The linguistic concept of word**: Analytic bibliography. The Hague: Mouton, 1972. Cit. por HASPELMATH, M. The indeterminacy of word segmentation and the nature of morphology and syntax. **Folia Linguistica**, Berlin, v.45, n.1, p.31-80, 2011.

JULIEN, M. Word. In: BROWN, K. et al. (Org.). **Encyclopedia of Language and Linguistics**. 2. ed. Amsterdam: Elsevier, 2006. v.13, p.617-624.

KIPARSKY, P. Some Consequences of Lexical Phonology. **Phonology Yearbook**, Cambridge, v.2, p.82-136, 1985.

KRÁMSKÝ, J. **The Word as a Linguistic Entity**. The Hague: Mouton, 1969.

LAUSBERG, H. **Linguística Românica**. 2. ed. Tradução de Marion Ehrhardt e Maria Luísa Schemann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981 [1963].

MACHADO, J. P. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H.; FROTA, S.; MATOS, G.; OLIVEIRA, F.; VIGÁRIO, M.; VILLALVA, A. **Gramática da Língua Portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MATEUS, M. H.; D'ANDRADE, E. **The Phonology of Portuguese**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MCCARTHY, J. J.; PRINCE, A. S. Prosodic Morphology. In: GOLDSMITH, J. A. (Org.). **The Handbook of Phonological Theory**. Cambridge, MA: Blackwell, 1995. p.318-366.

MENDES, A. Processos de gramaticalização. In: PAIVA RAPOSO, E. B. et al. (Org.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. v.I, p.249-293.

NESPOR, M. The phonology of clitic groups. In: VAN RIEMSDIJK, H. (Org.). **Clitics in the languages of Europe**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999. p.865-887.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic Phonology. With a new foreword.** Berlin: Mouton De Gruyter, 2007.

NUNES, J. J. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e Morfologia.** 5. ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1956.

PEREIRA, M. I. P. **O acento de palavra em português. Uma análise métrica.** 286 f. Dissertação (Doutoramento em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1999.

_____. Processos de construção não concatenativa. In: RIO-TORTO, G. et al. **Gramática Derivacional do Português.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. p.463-491.

PLÉNAT, M. Observations sur le mot minimal français. L'oralisation des sigles. In: LAKS, B.; PLÉNAT, M. (Org.). **De natura sonorum. Essais de phonologie.** Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 1993. p.143-172.

ROCA, I. M. Stress in the Romance languages. In: VAN DER HULST, H. (Org.). **Word Prosodic Systems in the Languages of Europe.** Berlin: Mouton De Gruyter, 1999. p.659-811.

_____. **Introdução à Morfologia.** São Paulo: Contexto, 2006.

SADIQI, F. Issues in Berber cliticization. In: ENNAJI, M. (Org.). **La variation linguistique: des faits aux théories.** Fès: Université Sidi Mohamed Ben Abdellah/ Faculté des lettres et des sciences humaines, 2000. p.119-151.

SILVA, R. V. M. e. **O Português Arcaico. Uma Aproximação.** 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008.

TENANI, L. Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas. **Letras de Hoje,** Porto Alegre, v.39, n.3, p.233-244, 2004.

ULRICH, C. W. **A noção de palavridade na concepção de falantes do português brasileiro.** 101 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

VAN OOSTENDORP, M. Italian s-voicing and the structure of the phonological word. In: HANNAHS, S. J.; DAVENPORT, M. (Org.). **Issues in phonological structure.** Amsterdam: John Benjamins, 1999. p.195-212.

VAN RIEMSDIJK, H. (Org.). **Clitics in the languages of Europe.** Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.

VELOSO, J. Découpage de continuums phonétiques en mots: Critères formels vs. indices substantiels. In: CROUZET, O.; TIFRIT, A.; ANGOUJARD, J.-P. (Org.).

Actes des 6.èmes Journées d'Études Linguistiques. Nantes: Université de Nantes, 2009. p.85-90.

_____. Rimes/VGNS/en position finale de mot en portugais: Une contrainte «sensible au mot». In: ILIESCU, M.; SILLER-RUNGGALDIER, H. M.; DANLER, P. (Ed.). **Actes du XXVe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes.** Berlin: De Gruyter, 2010. v.II, p.231-240.

_____. Unidades acentuais proproparoxytonas e grupos clíticos em Português. In: COSTA, A.; DUARTE, I. (Org.). **Nada na linguagem lhe é estranho.** Homenagem. Isabel Hub Faria. Porto: Afrontamento, 2012. p.471-483.

_____. Prosodisation des complexes « mot phonologique+clitique(s) » : groupes accentuels proproparoxytons et groupes clitiques en portugais. In : TIFRIT, A. (Dir.). **Phonologie, morphologie, syntaxe.** Mélanges offerts à Jean-Pierre Angoujard. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013. p.233-244.

_____. **Verba Manent. A palavra como unidade pertinente para a descrição linguística do português e de outras línguas flexionais.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

VIGÁRIO, M. Elisão da vogal não-recuada final e a palavra prosódica no português europeu. In: XIII ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 1997. **Actas.** Lisboa: APL/Colibri, 1998. p.359-376.

_____. **The Prosodic Word in European Portuguese.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

_____. O lugar do Grupo Clítico e da Palavra Prosódica Composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: XXII ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 2006. **Textos Seleccionados.** Lisboa: APL/Colibri, 2007. p.673-688.

_____. Prosodic structure between the Prosodic Word and the Phonological Phrase: recursive nodes or an independent domain? **The Linguistic Review,** Berlin, v.27, n.4, p.485-530, 2010.

VIGÁRIO, M.; FERNANDES-SVARTMAN, F. A atribuição tonal em compostos no Português do Brasil. In: BRITO, A. M.; SILVA, F.; VELOSO, J.; FIÉIS, A. (Org.). **XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados.** Porto: Associação Portuguesa de Linguística, 2010. p.769-786.

VIGÁRIO, M.; MARTINS, F.; FROTA, S. Frequências no Português Europeu: a ferramenta FreP. In: DUARTE, I.; LEIRIA, I. (Org.). **Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística.** Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2005. p.897-908.

VILLALVA, A. **Morfologia do Português.** Lisboa: Universidade Aberta, 2008.

_____. Palavras, que as há. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.20, n.2, p.125-139, 2012.

VOGEL, I. Subminimal constituents in prosodic phonology. In: HANNAHS, S. J.; DAVENPORT, M. (Org.). **Issues in phonological structure**. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p.249-267.

WETZELS, L. Primary Stress in Brazilian Portuguese and the Quantity Parameter. **Journal of Portuguese Linguistics**, Lisboa, v.5/6, p.9-58, 2007.

WILLIAMS, E. B. **Do Latim ao Português. Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa**. Tradução de A. Houaiss. 3.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975 [1938].

Anexo 1

Principais abreviaturas e símbolos utilizados no texto

C = Consoante/Contoide	PM = Português Medieval
CF = Conhecimento Fonológico	S = Fricativa Coronal Sub-Especificada
CM = Condição de Minimalidade	V = Vogal/Vocoide
DP = Desvio-Padrão	σ_H = Sílabas Pesadas
ExtPMínSg = Extensão Mínima da Palavra	σ_L = Sílabas Leves
Medida em Número de Segmentos	ω = Palavra Fonológica
G = Glide	
GPF = Grupo de Palavra Fonológica	
Lat. = Latim	
PE = Português Europeu	
PEC = Português Europeu Contemporâneo	

Fonte: elaboração própria.

Recebido em setembro de 2015

Aprovado em novembro de 2015

O VOCALISMO ÁTONO NA HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Juliana Simões FONTE*

- RESUMO: No português europeu atual, a regra de alçamento (elevação) de vogal média atua em todos os contextos átonos, sejam eles pretônicos (*p[i]gar, t[u]car*) ou postônicos (*núm[i]r[u], árv[u]r[i], pel[i], pel[u]*). Já entre as variedades do português brasileiro atual, essa regra costuma ser geral apenas para as vogais em posição postônica final e sem travamento silábico (*pel[i], pel[u]*); no contexto pretônico, a elevação da vogal média, nos falares brasileiros em curso, é uma regra variável, geralmente condicionada por contextos fonético-fonológicos específicos (*p[i]dido, c[u]stume, [i]scola, [i]mprego, d[i]sconto*). Com o intuito de investigar o processo de elevação de vogal média átona ao longo da história da língua portuguesa, este trabalho expõe e compara dados dos séculos XIII, XV e XVI que apontam a atuação da regra de alçamento entre as vogais pretônicas e postônicas de então. Esses dados, obtidos por Fonte (2010 a,b; 2014) a partir da observação da grafia empregada nas *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X, no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende e em *Os Lusíadas* de Camões, sugerem que, até o século XVI, pelo menos, o alçamento de vogal média era uma regra variável, bastante comum entre as vogais pretônicas, mas ainda incipiente entre as vogais postônicas finais.
- PALAVRAS-CHAVE: Vogais átonas. Alçamento vocálico. Variação. História da língua portuguesa.

Introdução

O objetivo deste trabalho é investigar a atuação da regra de alçamento (elevação) entre as vogais átonas do português antigo, a partir da análise da grafia empregada para representar as vogais pretônicas e postônicas finais em textos poéticos dos séculos XIII, XV e XVI.

Segundo Mateus e d'Andrade (2000), no português europeu (PE) atual, a produção das vogais átonas (pretônicas e postônicas), em geral, é baseada em uma regra de elevação e recuo, que reduz o sistema fonológico de sete vogais (/i, e, ε, a, ɔ, o, u/), na posição acentuada, para quatro vogais, nas posições não acentuadas: [i, i, e, u].

* Pós-doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa. UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Linguística. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – jujufonte@yahoo.com.br

No PE, de acordo com os autores referidos, essa regra é geral, aplicada em todos os contextos átonos (ex.: *p[ɐ]gar, p[i]gar, t[u]car, cér[i]bro, pér[u]la, leit[i], jur[u]*), com pouquíssimas exceções lexicalmente marcadas (ex.: *p[a]deira, cr[ɛ]dor, end[e]usar; c[ɔ]rar, s[o]ltar, sensív[ɛ]l*).

Já o PB atual, na maior parte de suas variedades, apresenta sistemas vocálicos diferentes conforme a posição da vogal átona: se antes (pretônica) ou depois (postônica) da sílaba acentuada. Segundo Câmara Jr. (2007 [1970]), isso ocorre em virtude de uma perda gradual de traços distintivos de abertura (neutralização)¹ que acompanha o grau de enfraquecimento das sílabas do PB atual: tônicas > pretônicas > postônicas. De acordo com o autor, uma primeira neutralização, entre vogais médias abertas (/ɛ, ɔ/) e fechadas (/e, o/), reduz o sistema fonológico constituído de sete vogais (/i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/), na posição tônica, para cinco vogais (/i, e, a, o, u/), na posição pretônica. No contexto postônico final (o menos proeminente de todos), ocorre uma neutralização, segundo o estudioso, entre vogais médias (/e, o/) e altas (/i, u/), e o sistema fica reduzido a apenas três fonemas (/i, a, u/).²

No PB atual, portanto, de acordo com essa proposta de Câmara Jr. (2007[1970]), as vogais médias fechadas ([e,o]) mantêm-se na posição pretônica (ex.: *pegar, morar*) e, embora sejam comuns, no nível fonético, casos de alçamento³ de vogal média pretônica nas variedades brasileiras (ex.: *p[i]dido, c[u]stume, [i]scola, [i]mprego, d[i]sconto*), a regra de elevação da vogal átona só costuma ser geral, no Brasil, na posição postônica final (ex.: *pel[i], pel[u]*).⁴

¹ Cabe esclarecer que se trata de uma neutralização da oposição, ou seja, da distinção entre vogais, e não de uma supressão de vogais, na passagem de um sistema (tônico) para outros (átonos). É por isso que os subsistemas átonos propostos por Câmara Jr. (2007 [1970]) também comportam, como veremos mais adiante, as variações do PB atual (inclusive aquelas entre vogais médias abertas e fechadas, na posição pretônica).

² Na posição postônica não-final, de acordo com Câmara Jr. (2007 [1970]), o sistema vocálico do PB atual é constituído de quatro fonemas: /i, e, a, u/. Ao propor esse sistema, Câmara Jr. (2007 [1970]) admite, pois, a neutralização, em favor de /u/, apenas entre as vogais posteriores. Na série das vogais anteriores, segundo o autor, a neutralização não se aplica, no PB atual (variedade culta do Rio de Janeiro), e ocorrem as duas pronúncias ([e] e [i]). Desse modo, Câmara Jr. (2007 [1970], p.44), embora reconheça que é “difícil encontrar pares mínimos opositivos” entre [e] e [i] postônicos não-finais, no PB atual, inclui as duas vogais no quadro fonológico da língua, com a justificativa de que é pouco comum uma pronúncia com vogal postônica alçada para um vocábulo como *número*, por exemplo. Bisol (2003), por seu turno, tomando como base pronúncias do Sul do Brasil (dados estatísticos de Vieira, 2002) e fundamentada na Fonologia Autossegmental (Modelo de Geometria de Traços, de Clements e Hume, 1995), defende que o PB atual apresenta apenas dois subsistemas para as vogais átonas (e não três, como propunha Câmara Jr., 2007 [1970]): um constituído de cinco vogais, na posição pretônica, e outro constituído de três, na posição átona final. No contexto postônico não-final, segundo a interpretação de Bisol (2003), há uma flutuação entre esses dois subsistemas (o de cinco e o de três vogais). Este artigo, dedicado ao estudo das vogais átonas do português antigo, concorda com a proposta de Bisol (2003) e privilegia, nas páginas que se seguem, as posições que representam, genuinamente, esses dois subsistemas átonos do PB atual, ou seja, a posição pretônica e a postônica final.

³ É importante observar que também ocorrem, em algumas variedades do PB atual, casos de abaixamento da vogal média pretônica (ex.: *R[ɛ]cife, s[ɔ]taque*). Este artigo, contudo, não abordará esse processo, já que seu objetivo é estudar os casos de alçamento na história da língua, e não os casos de abaixamento.

⁴ Bisol (2003), embora reconheça que há apenas três fonemas, no quadro de vogais átonas finais do PB atual, observa que a pronúncia alçada ([i] e [u]) não é categórica em todas as variedades brasileiras. Essa afirmação da autora também está fundamentada nos dados de Vieira (2002), que revelam uma resistência à aplicação da regra de alçamento, especialmente entre as vogais anteriores, em alguns falares do Sul do país (em Curitiba, por exemplo, dos 100 casos analisados, o alçamento foi verificado em apenas 37). A partir desses dados, a autora conclui que a elevação das

Observando essas diferenças entre o vocalismo átono europeu e brasileiro, no quadro atual da língua, alguns estudiosos consideraram a hipótese de a generalização da regra de alçamento, entre as vogais átonas do PE atual, ser relativamente recente: posterior ao século XVI, muito provavelmente, já que não foi transplantada para o Brasil, junto com as embarcações portuguesas que para cá vieram, a partir de 1500.

Essa hipótese sugere, pois, que o PB atual, pelo menos no diz respeito ao vocalismo átono, estaria mais próximo do português antigo do que o PE atual, já que a regra de alçamento, no Brasil, ainda é variável em determinados contextos não acentuados. Para Marquilhas (2003), essa regra de alçamento teria se generalizado, no PE, primeiro entre as vogais postônicas finais, exatamente como ocorre no PB atual, para depois ser difundida para as demais posições átonas.

Fonte (2010a,b; 2014), com o intuito de estudar o sistema vocálico (tônico, pretônico e postônico) do português antigo, mapeou e analisou as rimas e a grafia de textos poéticos remanescentes do galego-português (século XIII), do português médio (século XV) e do português moderno (século XVI). Particularmente em relação às vogais átonas, a autora, a partir da observação, no *corpus* estudado, das grafias envolvendo vogais médias e altas, em sílabas pretônicas e postônicas, obteve resultados que questionam, de certa forma, essa proposta de Marquilhas (2003), uma vez que sugerem que a regra de alçamento vocálico, até o século XVI, pelo menos, era muito mais comum entre as vogais pretônicas da língua do que entre as vogais postônicas, em geral.

Cabe observar que Teyssier (1994 [1980]), em estudos dedicados ao vocalismo átono do português, já havia atentado para o fato de não haver, antes do século XVIII, evidências de alçamento de vogal postônica final na história da língua portuguesa. Os dados de Fonte (2010a,b; 2014), portanto, ao mesmo tempo em que contestam a hipótese de Marquilhas (2003), confirmam o testemunho de Teyssier (1994 [1980]).

Diante do exposto, o objetivo do presente estudo é apresentar os dados obtidos por Fonte (2010a,b; 2014), com o intuito de: *i.* difundir os resultados dessa pesquisa que traz informações relevantes sobre a pronúncia de um período passado da língua portuguesa, que não deixou registros orais; e *ii.* aprofundar a discussão iniciada pela autora, ampliando as reflexões sobre os prováveis motivos que teriam levado a regra de alçamento, em um determinado momento da história da língua, a assumir maior força entre as vogais postônicas finais (no caso das variedades brasileiras), a ponto de generalizar-se nesse contexto que, segundo os dados históricos, até o século XVI, pelo menos, não era o mais favorável à aplicação da regra.

Como não havia, no português antigo, um sistema ortográfico ditado por lei, são comuns, em textos remanescentes desse período, variações gráficas na representação de uma mesma palavra (ex.: *egreja, eigreja, igreja*). Valendo-se desse recurso, Fonte (2010a,b; 2014) buscou, num *corpus* poético formado pelas *Cantigas de Santa Maria* (século XIII), de Afonso X, pelo *Cancioneiro Geral* (século XV e início do século XVI),

átonas finais, apesar de ser, na maior parte das variedades brasileiras, uma regra geral, em algumas regiões do Brasil, apresenta-se como uma regra variável, em vias de generalização.

de Garcia de Resende, e por *Os Lusíadas* (século XVI), de Camões, todas as variações gráficas entre vogais médias e altas, nas sílabas não acentuadas (ex.: *pedido* ~ *pidido*, *costumes* ~ *custumes*; *sangue* ~ *sanguí*). Além disso, a autora também mapeou, no *corpus* referido, todas as representações gráficas (inclusive as invariáveis), para as vogais átonas médias e altas, que fossem diferentes da ortografia atual (ex.: *pipino*, *pulicia*).

É certo que não se podem interpretar dados de escrita como uma representação fiel da fala, já que não cabe à escrita desempenhar o papel da transcrição fonética. Por outro lado, sabendo que faltava, nos séculos XIII, XV e XVI, o jugo das normas ortográficas, não parece ousado dizer que os escribas e compositores da época tinham uma maior liberdade para representar, na escrita, certas particularidades da fala, como o alçamento de vogal média em sílabas átonas, por exemplo.

Baseada nesses argumentos, Fonte (2010a,b; 2014) interpretou as representações gráficas das *Cantigas de Santa Maria*, do *Cancioneiro Geral* e de *Os Lusíadas* como pistas dos falares dos séculos XIII, XV e XVI.

Sobre o *corpus* adotado pela pesquisadora, pode-se dizer que é composto por obras representativas de diferentes fases da história da língua portuguesa (cf. CASTRO, 2008). As *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o rei Sábio de Leão e Castela, foram escritas em galego-português, na segunda metade do século XIII, e constituem um testemunho importante da primeira fase (a trovadoresca) do português arcaico (PA). Já o *Cancioneiro Geral* (1516), de Garcia de Resende, que reúne poemas escritos ao longo do século XV e início do XVI, por cerca de 300 poetas, representa, no *corpus* de Fonte (2014), a segunda fase do PA (também conhecida como português médio), período em que teria ocorrido a separação entre o falar galego, particular ao extremo norte da Península Ibérica (Galícia), e o falar português propriamente dito. Por fim, a obra épica de Camões, *Os Lusíadas* (1572), composta por 10 cantos e 1102 estrofes, pode ser considerada uma representante genuína do português moderno, não apenas por figurar como o ícone do Renascentismo em Portugal, mas também (e sobretudo!) pelo seu papel decisivo na história da língua portuguesa, exercendo influência significativa na caracterização do português padrão, inclusive no que diz respeito à criação de nossa ortografia (cf. SOUZA, 2009).

Nas seções a seguir, estão apresentados e discutidos os resultados obtidos por Fonte (2010a,b; 2014) a partir da observação da grafia empregada nessas três obras poéticas para representar as vogais átonas dos séculos XIII, XV e XVI.

As vogais pretônicas nos séculos XIII, XV e XVI

Já vimos que, no PE atual, o sistema fonológico átono (pretônico e postônico), em virtude da atuação de uma regra de elevação e recuo, não contempla as vogais médias (exceto em alguns poucos casos, marcados no léxico).

Já no PB atual, embora o sistema fonológico contemple, no contexto pretônico, as vogais médias fechadas (/i, e, a, o, u/), estudos variacionistas, desenvolvidos em

diferentes regiões do país, revelam que é comum, nas variedades brasileiras, a realização de /e/ e /o/ pretônicos como [i] e [u], respectivamente.

De acordo com tais estudos, o processo de harmonia vocálica, caracterizado pela influência da vogal alta (/i/ ou /u/) da sílaba tônica, é um dos principais responsáveis pela elevação da vogal média pretônica, no PB atual (ex.: *p[i]dido*, *s[i]guro*, *p[u]lícia*, *c[u]stume*). Além disso, as pesquisas também apontam que determinadas consoantes, por meio do chamado processo de redução vocálica, podem condicionar o alçamento da vogal média pretônica, nas variedades brasileiras. Consoantes velares, por exemplo, são frequentemente citadas, nos estudos dedicados ao tema, como um gatilho da elevação de vogais pretônicas, tanto na série anterior (ex.: *p[i]queno*), quanto na posterior (ex.: *c[u]lher*). Particularmente em relação à vogal posterior (/o/), os estudiosos também costumam atribuir a elevação da vogal pretônica à influência das consoantes labiais adjacentes (ex.: *b[u]neca*, *m[u]leque*). Para a vogal anterior (/e/), as consoantes coronais (ex.: *c[i]roulas*) são indicadas como um gatilho recorrente do processo. Ainda entre as vogais anteriores, o alçamento também costuma ser categórico, nas variedades brasileiras, em início de palavra, sobretudo em sílabas travadas por sibilante (ex.: *[i]scola*, *[i]special*) ou nasal (ex.: *[i]mprego*, *[i]nsino*), em encontros vocálicos (ex.: *bob[i]ar*, *g[i]lada*) e na sílaba inicial *des-* (ex.: *d[i]saparecer*, *d[i]sconto*).

Talvez seja o caso de dizer que a elevação da vogal média pretônica, nos falares brasileiros de hoje, pode ser atribuída, na grande maioria dos casos, à assimilação ao traço dos segmentos adjacentes, sejam eles vogais ou consoantes. No caso das vogais, por exemplo, o alçamento pode ser justificado a partir da assimilação aos traços de abertura da vogal alta presente na sílaba contígua. Em relação às consoantes, a influência das labiais e das velares (dorsais), entre as vogais posteriores, e das coronais, na série das anteriores, justifica-se pelo fato de, em termos fonéticos, [u] ser mais labial e dorsal do que [o] e, da mesma forma, [i] ser mais coronal do que [e].

Por outro lado, é importante ressaltar que, em algumas variedades brasileiras, o alçamento da vogal média anterior, que não apresenta os traços [dorsal] e [labial], também pode ocorrer diante de consoante dorsal ou labial. Bisol (2009) mostra, por exemplo, dados de Porto Alegre, no Sul do Brasil, em que a consoante labial da sílaba subsequente condicionou o alçamento de /e/, mas não influenciou a pronúncia de /o/, contrariando, pois, as expectativas. Nesses casos, portanto, o processo não poderia ser justificado a partir do compartilhamento de traços.

Essas e outras incongruências levam Bisol (2009, p.79) a propor que a harmonia vocálica seja um típico processo assimilatório, em variação estável, ao passo que a redução vocálica, ainda incipiente nas variedades do PB atual, apresentaria todas as características de um autêntico caso de neutralização, na medida em que “trabalha na direção a mudar um subsistema de cinco vogais para três vogais, como fez no português europeu”. Para a autora, a harmonização vocálica, por ser um processo mais ou menos regular, condicionado por contexto fonético-fonológico específico, pode ser enquadrada nos pressupostos neogramáticos. A redução vocálica, por seu turno, estaria mais associada a um processo de difusão lexical.

Segundo a proposta de Bisol (2009), a harmonização vocálica aproxima-se da abordagem neogramática porque o alçamento da vogal pretônica tende a ser categórico, nas variedades brasileiras, diante de vogal alta na sílaba (tônica ou átona) adjacente. Já a redução vocálica, segundo Bisol (2009), não depende de um contexto fonético-fonológico específico e, além disso, vai sendo difundida paulatinamente na língua, de modo a incorporar novos itens lexicais.

É preciso ter em mente, todavia, que o alçamento da vogal pretônica, nos dois casos, é uma regra variável, no PB atual. Assim, mesmo a harmonização vocálica pode não ocorrer, em determinadas situações.

Com o intuito de obter pistas sobre a atuação da regra de alçamento, no português antigo, Fonte (2010a,b; 2014) buscou, na escrita das *Cantigas de Santa Maria*, do *Cancioneiro Geral* e de *Os Lusíadas*, vestígios das pronúncias de antanho.

O procedimento metodológico adotado pela autora, conforme já mencionado neste artigo, consiste no mapeamento de todas as variações gráficas, nos *corpora* referidos, entre <e> e <i>, e <o> e <u>, pretônicos. Além dos casos de variação, também foram contemplados, nos estudos de Fonte (2010a,b; 2014), todos os dados que apresentaram, para as vogais pretônicas médias e altas, uma grafia invariável diferente da atual.⁵

Após o levantamento dos dados, Fonte (2010a,b; 2014) organizou-os segundo o contexto fonético-fonológico envolvido no suposto alçamento da vogal média pretônica. Tendo em conta os contextos favorecedores do alçamento, no PB atual, a autora levou em consideração, nessa organização dos dados, os seguintes critérios:

- a influência da vogal alta (/i/ ou /u/) da sílaba tônica (processo de harmonia vocálica);
- a assimilação ao timbre da vogal alta (/i/ ou /u/) presente na sílaba átona, imediatamente seguinte à vogal pretônica-alvo;
- a influência da consoante adjacente (processo de redução vocálica).

⁵ Cabe observar que, entre as muitas grafias (invariáveis ou não) diferentes da atual (oficial), registradas por Fonte (2010a,b; 2014), na representação das vogais pretônicas do português antigo, havia: *i.* casos em que essa vogal pretônica, na atual ortografia da língua, é representada por <e> ou <o> (ex.: *pipino, pulícia*); e *ii.* casos em que essa vogal pretônica é representada por <i> ou <u> (ex.: *fegura, vezinho, fogir, somir*). Ao consultar a etimologia das palavras com grafia diferente da atual, Fonte (2010a,b; 2014) constatou que, entre os casos em que a vogal pretônica, no português de hoje, é alta, mas foi representada, no português antigo, por uma vogal média, essa vogal média, em alguns dados, era etimológica (ex.: *fegura* < *figūram, fogir* < *fūgēre*); em outros, não (*vezinho* < *vicinus, somir* < *sūmēre*). Esses dados grafados com vogal alta, no português atual, mas registrados com vogal média etimológica, nos *corpora* analisados por Fonte (2010a,b; 2014), foram interpretados pela autora como casos de mudança, na história da língua, em que a variante fonética (ex.: *figura, fugir*), com vogal alta resultante da aplicação da regra de alçamento, substituiu, nos sistemas fonológico e ortográfico do português, a variante com vogal média etimológica (ex. *fegura, fogir*). Já os dados grafados com vogal média não etimológica, nos textos poéticos do passado, foram interpretados por Fonte (2010a,b; 2014) como uma espécie de hipercorreção: diante de uma variação fonética recorrente, entre as vogais pretônicas de então, quem grafou <e> ou <o> (ex.: *vezinho, somir*), em lugar de <i> ou <u> etimológico (ex.: *vizinho, sumir*), teria acreditado que registrava a variante etimológica, e não a fonética. O presente artigo, para não exceder os limites que lhe cabem, vai priorizar apenas os dados de Fonte (2010a,b; 2014) que foram grafados, nos *corpora* referidos, com <i> ou <u> (pretônico) em lugar de <e> ou <o> etimológico e que não sofreram mudança ao longo da história da língua, ou seja, os casos de variação que ainda persistem em muitas variedades do PB atual (ex. *pipino, pulícia*).

Particularmente em relação ao processo de redução vocálica, tomando como base os pontos de articulação das consoantes (Ponto de C), propostos pelo modelo de Geometria de Traços de Clements e Hume (1995), os dados foram organizados a partir dos traços *coronal*, *dorsal* e *labial* das consoantes adjacentes à vogal pretônica-alvo. Vale lembrar que apresentam o traço [coronal] consoantes dentais, alveolares, palato-alveolares e palatais.⁶ O traço [labial], conforme o próprio nome indica, é partilhado por consoantes bilabiais e labiodentais. Por fim, o traço [dorsal] está presente em consoantes velares.

Além disso, Fonte (2010a,b; 2014) também levou em consideração, na organização dos dados, os casos de variação envolvendo a vogal pretônica anterior em início de palavra. Ainda para as vogais anteriores ([e] e [i]), também mereceram a atenção da autora os dados iniciados pela sílaba átona *des-* (prefixo ou não).

Vejam os resultados alcançados por Fonte (2010a,b; 2014) nos itens a seguir, referentes a cada um dos *corpora* consultados.

O alçamento da vogal média pretônica na grafia das *Cantigas de Santa Maria*

Nas 420 *Cantigas de Santa Maria*, que correspondem à vertente religiosa da lírica trovadoresca, Fonte (2010a,b; 2014) encontrou casos de variação gráfica entre vogais pretônicas médias e altas que foram interpretados, pela autora, como indícios de variação fonética, envolvendo alçamento vocálico, no português do século XIII.

Cabe observar que os contextos fonético-fonológicos envolvidos na variação identificada por Fonte (2010a,b; 2014), para o galego-português, são equivalentes aos contextos responsáveis pelo alçamento de vogal média pretônica nas variedades do PB atual.

Um dos contextos mais recorrentes entre os casos de variação mapeados por Fonte (2010a,b; 2014), nas *Cantigas de Santa Maria*, foi o de vogal alta na sílaba tônica. Os exemplos a seguir mostram a atuação do processo de harmonização vocálica no alçamento de vogais pretônicas anteriores (01) e posteriores (02) do galego-português:⁷

⁶ Os estudiosos geralmente incluem as consoantes palatais entre os segmentos que apresentam o traço [coronal] (cf. MATZENAUER, 2005, p.22), embora Chomsky e Halle não tenham atribuído esse traço aos sons palatais.

⁷ Nesta seção, os dados, em cada uma das listas de exemplos, estão organizados da seguinte forma: primeiro os verbos, em ordem alfabética, e, depois, os não-verbos, também em ordem alfabética.

(01)

comedir
(CSM 115, 126, 143, 154, 295, 401)

comidir
(CSM 423)

consentir
(CSM 14, 64)

consintir
(CSM 281)

ferir
(CSM 12, 31, 35, 47, 239)

firir
(CSM 31 *To*, 59 *To*, 63 *To*)

pedir
(CSM 21, 22, 44, 64, 98)

pidir
(CSM 44 *To*, 98 *To*, 401)

repentir “arrepender-se”
(CSM 10, 94, 204, 390)

repintir
(CSM 98 *To*)

crerezia “clerezia”
(CSM 11, 115, 125, 208, 253, 405)

crerizia
(CSM 66, 285)

eregia “heresia”
(CSM 15 *T*, 18)

erigia
(CSM 15 *E*, *To*)

ferida
(CSM 15, 22, 28, 35, 38, 84, 141, 159)

firida
(CSM 28 *To*, 63 *To*, 84 *To*)

meniņa
(CSM 79, 84, 94, 122, 132,
133, 180 *T*, 195, 378)

minina
(CSM 180, 317, 285, 321)

meniņo
(CSM 4, 5, 6, 21, 23, 53 *T*,
138 *T*, 215, 269, 378)

minino
(CSM 53, 115, 149, 323, 393, 403, 406)

(02)

descobrir
(CSM 93, 97, 115, 131, 149, 151,
159, 299, 316, 404, 405, 410)

descubrir
(CSM 316 *F*)

nozir “prejudicar”
(CSM 109, 134, 193)

nuzir
(CSM 5, 190)

As variações arroladas em (01) e (02) podem ser justificadas pela assimilação ao traço de abertura da vogal alta da sílaba tônica adjacente à vogal pretônica-alvo.

Conforme se pode observar, essa vogal alta da sílaba tônica é, nos dois casos, anterior (/i/), e não posterior (/u/). De acordo com Bisol (2013), /i/ também é mais produtivo do que /u/ nos casos de alçamento de vogal média pretônica do PB atual, já que, segundo a autora, a vogal alta anterior é responsável pela elevação tanto de /e/, quanto de /o/, nos falares brasileiros, ao passo que /u/ é mais ativo na elevação de /o/. Nesse ponto, portanto, pode-se dizer que há uma semelhança entre os dados do século XIII e os dados do PB atual, já que os exemplos anteriores mostraram a influência de /i/ no alçamento tanto de /e/, quanto de /o/, no período trovadoresco, mas não trouxeram nenhum caso de elevação de vogal média condicionado pela vogal alta posterior (/u/).

A vogal alta anterior, quando presente na sílaba átona adjacente, também condicionou o alçamento de vogal média pretônica:

(03)

arcediāgo
(CSM 202 F, 204)

arcidiāgo
(CSM 202)

avezimao “infeliz”
(CSM 346)

avizimao
(CSM 127, 329)

nemigalla “nada”
(CSM 65, 95, 117, 132, 178)

nimigalla
(CSM 65 To, 75 E, To; 253 E)

pepion “antiga moeda de Castela”
(CSM 85 T, 102, 145, 305)

pipion
(CSM 85 E)

petiçon “petição”
(CSM 146, 265, 305, 386, 401)

pitiçon
(CSM 146 T, 401 To)

preguiçoso
(CSM 37, 69, 171)

priguiçoso
(CSM 363)

Nesses casos, o alçamento também pode ser justificado pelo espriamento do nó de abertura da vogal alta da sílaba imediatamente seguinte à vogal pretônica-alvo. Com base em dados do PB atual, Bisol (1981) afirma que a tonicidade da vogal alta, no processo de harmonia vocálica, é relevante, mas não é determinante. Segundo a autora, nas variedades do Sul do Brasil, por exemplo, há casos de harmonização vocálica condicionados pela vogal alta da sílaba átona seguinte (ex.: *perdigão*, *procissão*). Observando os dados acima apresentados, pode-se dizer que esse princípio também vale para os casos de harmonização vocálica do galego-português, já que a vogal alta da sílaba átona também desencadeou o alçamento entre as vogais pretônicas do século XIII.

Os segmentos consonantais também parecem ter influenciado alguns dos casos de alçamento vocálico documentados por Fonte (2010a,b; 2014) nas cantigas afonsinas. Os

exemplos (04) e (05) a seguir, dedicados, respectivamente, às vogais médias anteriores e posteriores, evidenciam essa influência da consoante adjacente em variações do século XIII:

(04)

pennor “penhor”
(CSM 25, 62, 305, 369)

pinnor
(CSM 62 T, To)

(05)

jogar
(CSM 6, 42, 136, 154, 156, 163, 254, 401)

jugar
(CSM 174 E)

coberto
(CSM 28, 69, 154, 208, 318, 406)

cuberto
(CSM 65, 208 F)

ençoberto
(CSM 401 To)

encuberto
(CSM 194, 401)

Na variação indicada em (04), a consoante palatal ([ɲ]) sucede a vogal média alçada. Nesse caso, se levarmos em consideração o fato de [i], do ponto de vista fonético, ser mais coronal do que [e], o alçamento pode ser justificado pelo espriamento do traço [coronal] (da consoante palatal) para a vogal pretônica (anterior) da sílaba precedente.

Com relação aos dados apontados em (05), as consoantes envolvidas no processo de redução são todas velares (/k, g/). Nesses casos, não seria difícil justificar o alçamento da vogal pretônica a partir da assimilação ao traço [dorsal] da consoante adjacente, considerando que [u], do ponto de vista fonético, é mais dorsal do que [o].

Em síntese, a observação dos casos de variação gráfica apresentados ao longo desta subseção permite-nos a conclusão de que havia, no século XIII, alçamento de vogal média pretônica e que, nesse período, a regra era condicionada, fundamentalmente, pela assimilação ao traço da vogal alta (tônica ou átona) da sílaba adjacente.

O alçamento da vogal média pretônica na grafia do *Cancioneiro Geral*

Após um século e meio de lírica trovadoresca, a poesia desapareceu dos registros portugueses até o século XVI, quando Garcia de Resende decidiu reunir, em seu *Cancioneiro Geral*, publicado pela primeira vez em 1516, os textos poéticos produzidos ao longo do século XV e início do século XVI. Não fosse essa iniciativa de Resende, também não teríamos, hoje, muito provavelmente (como não temos para o século XIV), qualquer documento que atestasse a produção poética de Portugal, no século XV.

Como Fonte (2014) pretendia obter um quadro fonológico das vogais portuguesas a partir da observação de sucessivas épocas da língua, começando pela primeira (a trovadoresca), após analisar o emprego das vogais nas cantigas medievais religiosas, a autora adotou como *corpus* a próxima obra poética, no eixo cronológico da poesia portuguesa: o *Cancioneiro* de Resende.

Nos dados do século XV e início do século XVI, como nos do século XIII, Fonte (2014) também identificou vestígios de alçamento de vogal média pretônica. Contudo, os casos de variação gráfica ou de grafia invariável diferente da atual, na representação das vogais pretônicas médias e altas, no *Cancioneiro Geral*, foram mais numerosos do que aqueles registrados nas cantigas afonsinas. Por outro lado, embora a quantidade de casos tenha aumentado, em relação ao *corpus* do período anterior, a regra de alçamento continua justificável, na maior parte dos dados, pela influência do segmento adjacente à vogal pretônica alvo.

A vogal alta da sílaba tônica continua, na segunda fase do PA, um contexto recorrente entre os casos de elevação de vogal média pretônica, segundo apontam os dados de Fonte (2014). Nos exemplos arrolados a seguir, vogais altas anteriores (06) e posteriores (07) estão presentes na sílaba tônica que sucede a vogal pretônica (anterior) alçada:⁸

(06)

espedio
(p.48, III)

espidio
(p.90, III)

pedir
(p.149, I; p.371, 458, II; p.77, 288, 314, III;
p.28, 71, 85, 86, 112, 159, 203, 221, 236,
245, 256, 286, 311, 313, 327, 336, IV)

pidir
(p.235, 299, 301, 305, II; 178, IV)

queria
(p.141, 143, 144, I; p.458, II; p.87, 213, 231,
313, 348, III; p.105, 115, 137, 138, 158, 176,
192, 229, 235, 243, 249, 290, 303, 318, IV)

quiria
(p.214, 245, II)

⁸ Como ocorrem, nos dados do português médio e do português moderno, muitas grafias invariáveis (além das variáveis) diferentes da atual, os exemplos desta e da próxima seção foram organizados também segundo esse critério da variação: após apartadas as diferentes categorias gramaticais (verbo e não-verbo), foram separados, dentro de cada categoria, os dados variantes, que aparecem primeiro, dos dados invariantes, que aparecem por último. Essa organização vale para todos os exemplos apresentados nesta e na próxima seção, exceto para os casos de redução vocálica, cuja divisão, conforme será visto mais adiante, levará em consideração, além dos critérios já referidos, o tipo de consoante evolvida (coronal, labial ou dorsal) e sua posição em relação à vogal (antes ou depois).

seguir
(p.74, 76, 92, 94, 154, I; p.311, 390, 398, II;
p.161, 212, III; p.18, 30, 54, 70, 124, 136,
151, 218, 287, IV)

sentir
(p.75, 77, 80, 84, 105, 132, 141, 143, 145,
150, I; p.63, 68, 170, 174, 234, 248, 350,
357, 373, 412, 417, 448, 463, 468, II; p.7, 13,
42, 58, 63, 114, 117, 123, 124, 131, 144, 149,
164, 183, 193, 211, 290, 301, 352, III; p.3,
12, 15, 16, 36, 42, 58, 82, 87, 92, 95, 105,
113, 117, 122, 130, 143, 147, 233, 236, 245,
253, 290, 297, 302, 319, 321, IV)

servir
(p.14, 80, 81, 85, 92, 93, 121, 141, 143, I; p.
417, II; p. 163, 176, 191, 213, 277, 287, 290,
304, III; p.26, 34, 81, 84, 86, 117, 119, 124,
130, 156, 159, 192, 230, 234, 236, 245, 248,
256, 264, 279, 285, 287, 292, 294, 299, 301,
321, 327, IV)

escriu (p.305, II)

escriua (p.416, II)

impidir (p.416, II)

repiu (p.50, II)

enliços
(p.214, I)

esprito
(p.63, 268, 272, 405, II; p.108,
111, 151, 172, 336, IV)

fantasia
(p.19, 303, 383, 401, 436, I; p.56, 144, 174,
177, 221, 235, 238, 318, 325, 333, 344, 367,
410, 418, 443, 451, 454, 472, II; p.14, 118,
122, 147, 160, 169, 231, 232, 241, 255, III;
p.6, 21, 57, 91, 129, 213, 243, 294, 336, IV)

medida
(p.18, 27, 46, 300, 325, 339, IV)

siguir
(p.487, I; 243, II; 88, 91, 100, III)

sintir
(p.180, I; p.65, 68, 131, 170, 211, 223, 228,
235, 244, 245, 256, 346, II)

sirvir
(p.488, I)

inliço
(p.214, I)

Isprito
(p.211, IV)

fantasia
(p.156, IV)

midida
(p.211, II)

menina
(p.78, 302, IV)

mininas
(p.128, III)

mentira
(p.67, 205, 298, 435, I; 17, 52, 452, 454, II;
p.3, 24, III; p.136, 335, IV)

mintiras
(p.203, III; p.104, IV)

metido
(p.62, 88, I; p.413, II; p.4,
355, 381, III; p.179, IV)

mitido
(p.270, II)

mezquinho
(p.215, III; p.163, 276, IV)
mezquinhos
(p.204, I)

mizquinho
(p.272, I)

pedido
(p.95, I; p.347, III)

pidido
(p.272, II)

pedidos
(p.161, I; p.51, IV)

pididos
(p.222, IV)

sentidos
(p.154, I; p.245, 246, II; p.63, 99, III;
p.46, 246, 253, 255, IV)

sintidos
(p.210, II)

biliz “beliz” (p.222, IV)

bixigas (p.179, I)

mindigo (p.214, IV)

pipino (p.309, II)

repitida (p.219, II)

siguinte (p.301, II)

(07)

mesura
(p.184, I; p.233, 260, IV)

misura
(p.320, I)

progenitura
(p.355, II)

proginitura
(p.378, II)

vestiduras
(p.101, III)

vistidura
(p.365, III)

Para a vogal pretônica posterior, também foram registrados, no *Cancioneiro* de Resende, casos de alçamento envolvendo a vogal alta, anterior (08) e posterior (09), da sílaba acentuada:

(08)

encobrir
(p.81, 152, 429, I; p.50, 412, 436,
438, II; p.11, 21, 131, 158, 163, 167,
III; p.12, 28, 52, 249, 295, IV)

encubrir
(p.183, III; p.96, IV)

chuvia (p.424, II)

pussiir (p.324, I)

corisco
(p.209, II)

curiscos
(p.220, 317, I)

focinho
(p.212, 258, I)

fucinhos
(p.220, III)

durido (p.250, II)

lijunjaria “lisonjaria” (p.237, II)

pulicia (p.209, I)

assuvios (p.106, I)

(09)

cobertura
(p.183, 259, I)

cubertura
(p.239, III)

costumes
(p.79, III)

custumes
(p.283, 391, II; p.120, IV)

doçuras
(p.318, 357, II)

duçura
(p.310, 315, 359, I; p.16, II;
p.270, III; p.191, IV)
duçuras
(p.85, I; p.26, 120, III)

fortuna
(p.169, 322, 323, 324, 350, 422, I; p.215,
227, 253, 266, 391, 430, 437, II; p.4, 6, 12,
68, 89, 186, III; p.54, 106, 252, 302, IV)

furtuna
(p.76, II; p.182, 252, IV)

monturo
(p.208, I)

munuro
(p.309, II)

budum (p.309, II)

apustura “compostura” (p.251, II)

cumpustura (p.133, I)

rebuludo (p.337, IV)

Conforme se pode observar, nos casos de harmonização vocálica do português médio, diferentemente do que fora constatado para o galego-português, tanto a vogal alta anterior (/i/) quanto a vogal alta posterior (/u/) atuaram como gatilho do processo.

Na sílaba átona, a vogal alta anterior favorece, nos dados do *Cancioneiro Geral*, de acordo com Fonte (2014), a elevação da vogal média também anterior (10); e a vogal alta posterior influencia o açamento da vogal média posterior (11):

(10)

competidor
(p.155, III)

compitidor
(p.24, II)

mentirosos
(p.76, III)

mintiroso
(p.410, II)

nemigalha
(p.306, 435, 473, I; p.34, 38, II; p.32,
214, 288, III; p.90, 170, IV)

nimigalha
(p.193, IV)

sentimento
(p.93, 101, I; p.36, III)

sintimento
(p.234, II)
sintimentos
(p.246, II;)

cirimonia (p.218, II)

cirmonias (p.429, II)

dilicada (p.191, IV)

dirivados (p.212, I)

livianas (p.446, II)

livindade (p.63, III)

mixilhão (p.473, I)

mixilhoa (p.201, III)

persiguidores (p.240, II)

anticiparam (p.70, III)

entrísticer (p.107, IV)

vivirá (p.271, I)

vivirei (p.79, 339, II; p.93, 119, IV)

vivireis (p.85, III)

(11)

<i>pro<u>cu</u>rar</i> (p.68, I)	<i>pr<u>uc</u>urar</i> (p.40, I)
<i>acu<u>st</u>umar</i> (p.101, III)	
<i>cu<u>st</u>umar</i> (p.402, III; p.266, IV)	
<i>co<u>g</u>umelos</i> (p.337, IV)	<i>cu<u>g</u>umelo</i> (p.273, IV)
<i>co<u>st</u>umado</i> (p.389, III)	<i>acu<u>st</u>umado</i> (p.128, II)
<i>po<u>rt</u>ugueses</i> (p.198, II)	<i>pu<u>rt</u>ugues</i> (p.235, III)
<i>acu<u>st</u>umada</i> (p.191, IV)	
<i>cu<u>m</u>unal</i> (p.124, III)	
<i>cu<u>st</u>ureiro</i> (p.45, II)	
<i>cu<u>st</u>ureiros</i> (p.222, III)	
<i>cu<u>st</u>umada</i> (p.236, II)	
<i>desacu<u>st</u>umada</i> (p.128, II)	

É importante observar, com relação aos dados apresentados em (10) e (11), que, em muitos desses exemplos, o acentamento da vogal média pretônica pode estar descendendo de outros paradigmas (verbais ou nominais), como no caso de *m[i]ntiroso*, *comp[i]tidor*, *s[i]ntimento* e *pers[i]guidores*, entre as vogais anteriores, em que o acentamento pode estar associado à pronúncia dessas vogais (também acentadas) nas formas verbais *m[i]ntir*, *comp[i]tir*, *s[i]ntir* e *pers[i]guir* (todas com vogal alta na sílaba tônica), ou no caso de *pr[u]curar*, *ac[u]stumar* e derivados, entre as vogais posteriores, em que a vogal pretônica alta pode ser um resquício do acentamento em formas nominais como *pr[u]cura* e *c[u]stume* (também com vogal alta na sílaba acentuada).

Em início absoluto de palavra, a vogal média anterior acentada, na grafia do *Cancioneiro Geral*, em sílabas travadas por nasal (12) ou sibilante (13):

(12)

<i>en<u>v</u>idar</i> (p.315, III; p.284, IV)	<i>in<u>v</u>idar</i> (p.336, III)
<i>in<u>s</u>inar</i> (p.364, I)	
<i>in<u>o</u>rme</i> (p.266, II)	
<i>in<u>o</u>rmes</i> (p.332, I)	
<i>in<u>i</u>minencia</i> “eminência” (p.59, III)	

(13)

istenso “extenso” (p.267, II)

isame “exame” (p.207, I)

Fonte (2014) também registrou um caso de variação gráfica, no *Cancioneiro Geral*, envolvendo a vogal pretônica anterior do prefixo *des-*:

(14)

desfavores

(p.106, 122, 124, 153, I; p.82, 122, 161, IV)

disfavores

(p.99, 106, I)

Por fim, as consoantes adjacentes revelaram-se um contexto expressivo entre os dados do português médio: o número de casos de alçamento de vogal média associados ao processo de redução vocálica, nos dados do século XV e início do século XVI, é consideravelmente maior do que aquele registrado nas cantigas do século XIII. Nos exemplos arrolados em (15) e (16) a seguir, os segmentos consonantais estão envolvidos nos casos de alçamento de vogais pretônicas anteriores e posteriores, respectivamente:⁹

(15)

ensandecer

(p.20, I; 174, III; p.59, 297, IV)

ensandicer

(p.31, I)

bocijar (p.71, I)

divera (p.13, 185, II; 104, III)

sequer

(p.24, 308, 400, I; 19, 88, II)

siquer

(p.202, III)

caçireiro (*carcereiro*) (p.99, IV)

liam (p.318, II; p.398, III; p.169, IV)

lião (p.376, 380, 382, 387, 388, 389, 467, II)

lioa (p.282, III; p.331, IV)

⁹ Conforme mencionado anteriormente neste artigo, a organização dos exemplos referentes ao processo de redução vocálica, nesta e na próxima seção, levou em consideração, antes de tudo, o tipo de consoante envolvida (coronal, labial ou dorsal) e a posição dessa consoante, em relação à vogal alçada. O primeiro passo foi separar os exemplos segundo o tipo de consoante e listá-los de acordo com a seguinte ordem: coronal, labial e dorsal. Em seguida, dentro de cada grupo, os dados foram divididos segundo a posição da consoante em relação à vogal pretônica alçada: em primeiro lugar, estão arrolados os exemplos com consoante precedente à vogal; depois, aparecem os exemplos em que a consoante está na sílaba seguinte à vogal alçada. Feita essa divisão, a organização passa a seguir os mesmos critérios adotados para os demais exemplos apresentados nesta seção: verbos e não-verbos, palavras variáveis e invariáveis e, por último, ordem alfabética.

*l*ĩões (p.302, 378, 379, 381, I)

*l*ĩões (p.334, IV)

*l*ĩões (p.327, I)

*l*ĩões (p.150, IV)

*l*ionado (p.84, IV)

*mel*hor

(p.161, 324, 470, I; p.140, 195, 196, 228, 354, 419, 421, 422, 429, II; p.24, 29, 189, 237, 272, III; p.7, 8, 13, 286, 289, 296, 309, 327, 331, IV)

*mil*hor

(p.21, 34, 63, 105, 124, 125, 141, 169, 174, 181, 182, 190, 205, 221, 280, 282, 285, 367, 380, 382, 391, 417, 418, 424, 426, 472, 473, 488, 489, I; p.12, 39, 53, 79, 149, 170, 186, 187, 190, 192, 218, 244, 247, 267, 312, 329, 346, 350, 356, 459, 472, II; p.26, 51, 90, 103, 108, 118, 129, 137, 143, 151, 164, 169, 174, 177, 178, 206, 217, 236, 251, 281, 294, 314, 318, 326, 351, 359, 368, 384, 392, III; p.11, 31, 91, 94, 101, 102, 103, 123, 136, 167, 169, 225, 242, 243, 280, 296, IV)

*mel*hores

(p.150, 461, 469, I)

*mil*hores

(p.174, I; p. 314, II; p. 356, III)

*ren*deiro

(p.370, II; p. 377, III)

*rin*deiros

(p.233, III)

*bi*souro (p.338, IV)

*Mar*ichal (p.29, 259, III)

*nin*hũ (p.376, III)

*pin*eira “peneira” (p.435, I)

*pir*nalta (p.366, III)

(16)

*jo*elhos

(p.493, I)

*ju*elhos

(p.35, II)

*f*ogueira

(p.382-83, III)

*f*ugueiras

(p.330, I)

*mu*ela (p.110, 198, III)

*p*umar (p.294, I)

coitado
(p.104, 146, I)

cuitado
(p.200, II)

cuberta (p.174, 192, 271, I; p.224, III)
cubertas (p.345, I; p.32, 247, 397, II)
cuberto (p.167, 347, I; p.42, 249, 406, II)
cubeertos (p.275, IV)
cubertos (p.332, II; p.97, III)
descuberta (p.371, 385, I; 326, 438, II; p.45, IV)
descubertas (p.345, 405, I; p.217, II; p.74, III)
descuberto (p.81, 213, 400, I; p.136, 436, 461, II; p.361, III; p.12, 52, 153, IV)
descubertos (p.332, II)
encuberta (p.350, 371, I; p.150, II; p.59, IV)
encubertas (p.153, I; p.136, 146, II)
encuberto (p.143, 286, 296, I; p.189, II)
encubertos (p.326, II; p.18, III; p.114, IV)
regurosos “rigoroso” (p.419, I)
jugar “jogar” (p.149, 150, 169, 170, 297, 303, I; 452, II; p.18, 78, 329, III; p.3, 172, IV)
jugatar (p.301, I)
juguetar (p.382, III)
jugador (p.18, III)
jugadores (p.311, I)
juguetador (p.298, I)
juguetas (p.83, IV)

Os exemplos indicados em (15) mostram casos de alçamento de vogal média anterior, na sílaba pretônica. Em todos esses dados, a vogal pretônica alçada está precedida ou seguida de uma consoante coronal, que pode ter condicionado a aplicação da regra de alçamento.

Já os exemplos apontados em (16) evidenciam a recorrência das consoantes labiais e dorsais entre os diversos casos de alçamento de vogal média posterior, na sílaba pretônica. Esses casos poderiam ser justificados pela assimilação aos traços [labial] e [dorsal] dessas consoantes, considerando, mais uma vez, que [u], em termos fonéticos, é mais labial e também mais dorsal do que [o]. Entre todos esses dados, apenas a variação *joelhos* ~ *juelhos* não poderia ser justificada a partir de assimilação ao traço da consoante (palatal) adjacente, já que vogais posteriores não apresentam o traço [coronal]. Poderíamos, por outro lado, associar a elevação da vogal média pretônica ao fato de as consoantes palatais (assim como as velares) serem produzidas num

ponto mais alto da cavidade oral. O problema, no entanto, é que essa assimilação não poderia ser representada pelo Modelo de Geometria de Traços, que não contempla o traço de abertura dos segmentos consonantais. O contexto “encontro vocálico” também poderia ser evocado para justificar a elevação da vogal média pretônica, já que esse contexto também é produtivo entre os casos de alçamento do PB atual. Ainda assim, não poderíamos dizer que se trata de um caso de assimilação. São, portanto, casos como esse que sustentam a proposta de Bisol (2009), também já apresentada neste artigo, de que o processo de redução vocálica estaria mais associado à neutralização do que à assimilação.

Enfim, diante do que foi apresentado ao longo desta seção, pode-se dizer que o alçamento vocálico, no português médio, era condicionado por ambos os processos: harmonia e redução. O que se constata, ao comparar os resultados da primeira e da segunda fase do PA, é que houve um aumento, nessa passagem do galego-português para o português médio, dos casos de alçamento envolvendo a atuação de contextos consonantais, que se mostraram, entre os dados do século XV e início do século XVI, tão expressivos quanto aqueles envolvendo a vogal alta da sílaba (tônica ou átona) adjacente. Embora a maioria desses casos possa ser justificada pela assimilação aos traços das consoantes envolvidas, acreditamos, como Bisol (2009), que o processo de redução vocálica, diferentemente do processo de harmonização, está mais próximo de uma regra de neutralização, que trabalha no sentido de reduzir o sistema de cinco para três vogais, do que de uma regra de assimilação de traços. E a comparação entre os dados dos dois períodos até aqui estudados parece sugerir justamente uma progressão desse trabalho de redução do sistema vocálico pretônico na história da língua, na medida em que houve, conforme já mencionado, um aumento significativo, na passagem de um período para o outro, dos casos de alçamento de vogal média pretônica diante de um segmento consonantal.

O alçamento da vogal média pretônica na grafia de *Os Lusíadas*

Para fornecer os dados do português moderno, Fonte (2014) escolheu a obra-prima de Camões, um clássico da Literatura portuguesa e ícone do Renascimento em Portugal: *Os Lusíadas*.

Esse terceiro momento, no eixo cronológico da história do português, também traz evidências da atuação da regra de alçamento entre as vogais médias pretônicas de então. E os contextos fonético-fonológicos envolvidos nos casos documentados por Fonte (2014), na obra épica de Camões, são semelhantes àqueles registrados para os períodos anteriores.

Novamente, a vogal alta da sílaba tônica mostrou-se um contexto recorrente entre os casos de alçamento de vogal média pretônica anterior e posterior. Nos dados apresentados em (17), há uma vogal alta anterior na sílaba acentuada seguinte à vogal pretônica (alçada) também anterior:

(17)

<i>sentir</i> (I-15; II-15, 66; III-65, 66, 141; IV-14, 29, 36; V-58, VI-31, 36; VIII-35, 58; IX-48; X-12, 33, 36, 48)	<i>sintir</i> (V-52)
	<i>difirir</i> (I-30; VIII-80)
<i>devida</i> (I-56)	<i>divido</i> (III-1; VI-55)
<i>embebidos</i> (X-24)	<i>embibidos</i> (V-90)
<i>perigo</i> (I-43; II-14, 27, 28, 30, 44; III-21; IV-8, 29, 80, 101; V-43; VII-2, 39; VIII-48, 85)	<i>pirigos</i> (VIII-89)
<i>Sevilha</i> (III-75; VIII-24)	<i>Sivilha</i> (IV-46)
	<i>gingivas</i> (V-81)
	<i>minina</i> (III-134; IV-3)
	<i>minino</i> (II-36, 43; III-125; IV-92; IX-30, 35)
	<i>niquicia</i> “nequícia” (VIII-65)
	<i>Apinino</i> “Apenino” (III-15)
	<i>Cyfisia</i> “cefisio” (IX-60)
	<i>Cizimbra</i> “Sesimbra” (III-65)
	<i>Hircinia</i> “Hercinia” (III-11)

Entre os casos de acentamento de vogal média posterior, documentados por Fonte (2014) na grafia de *Os Lusíadas*, a vogal alta, anterior (18) e posterior (19), da sílaba acentuada também se mostrou um contexto relevante:

(18)

<i>descobrir</i> (I-43, 103; IV-6; V-4, 44; VIII-70, 71, 72; IX-40, 69, 86; X-52, 140)	<i>descubrir</i> (V-25; VI-26)
<i>sorrir</i> (V-35)	<i>surrir</i> (IX-70)
	<i>cuprir</i> (II-15; VII-37)
	<i>engulir</i> (VI-97)

cobiça
(VII-2, 11; VIII-59, 77; IX-93)

cubiça
(III-32; IV-95; X-55, 58, 145)

homicida
(X-115)

humicidas
(III-136)

insuffridas (V-43)
insufribil (I-65)

(19)

costume
(I-45; II-81, 94, 110; III-13, 96; IV-65; V-2,
98; VII-15, 41, 44, 58, 66; X-91)

custume
(V-1; VIII-42; X-68, 139)

Os exemplos apontados em (18) e (19) mostram a atuação do processo de harmonia vocálica nos casos de alçamento de vogal média pretônica do português moderno. Nesses exemplos, a vogal alta anterior (/i/), presente na sílaba tônica, condicionou o alçamento tanto da vogal pretônica anterior (ex.: *sintir*) quanto da vogal pretônica posterior (ex.: *surrir*). Em contrapartida, a vogal tônica posterior (/u/) influenciou o alçamento apenas da vogal pretônica também posterior (*custume*).

Vimos anteriormente, neste artigo, que Bisol (2013), com base em dados do PB atual, demonstra que, como gatilho de alçamento de vogal média pretônica, /i/ costuma ser mais produtivo do que /u/. De acordo com a autora, isso acontece por razões fundamentalmente articulatórias, já que, segundo o esquema de vogais cardeais, postulado por Jones (1957), /i/ é a vogal mais alta do sistema vocálico, estando um pouco acima de /u/. É por isso que, para Bisol (2013, p.54),

[...] uma vogal alta posterior exerce pouca força atrativa sobre /e/, pois mudar /e/ para /i/ significa criar uma articulação mais alta do que a própria vogal /u/, o condicionador. Isso explica por que *veludo* e *bermuda*, por exemplo, tendem a preservar a vogal da base, enquanto *pepino~pipino* e *bonito~bunito* tendem a alterá-la.

Isso também explica a maior atuação da vogal alta anterior, em relação à vogal alta posterior, nos casos de alçamento vocálico do século XVI.

Na sílaba não acentuada, a vogal alta anterior também influenciou, segundo Fonte (2014), o alçamento da vogal média pretônica anterior (20) e posterior (21), nos dados do português moderno:

(20)

<i>derivar</i> (X-99)	<i>dirivar</i> (III-21; IV-8; IX-54; X-67)
<i>viverão</i> (II-103; VI-78)	<i>vivirão</i> (II-105)
<i>mentirosas</i> (I-11)	<i>mintirosa</i> (IX-44)
<i>díclinada</i> (II-98) <i>misilhões</i> “mexilhão” (VI-17)	

(21)

<i>cobiçoso</i> (III-76; IV-44, 81; VIII-96; IX-72)	<i>cubiçosos</i> (IX-66)
<i>descobridor</i> (VIII-37, 57)	<i>descubridores</i> (IX-1)
<i>cubiçadas</i> (II-80) <i>ruciada</i> “rociada” (IX-62)	

Já a vogal alta posterior, de acordo com Fonte (2014), condicionou, na sílaba átona, a elevação da vogal média pretônica também posterior, como indicam os dados a seguir, oriundos dos versos de Camões:

(22)

<i>costumar</i> (I-18, 58; II-20; III-4)	<i>custumar</i> (X-122)
<i>costumado</i> (II-57; III-93; IV-45)	<i>custumado</i> (IV-93)
<i>costumada</i> (II-18; III-81; IV-56)	

Os exemplos apresentados em (21) e (22) também confirmam a maior influência da vogal alta anterior (/i/) do que da vogal alta posterior (/u/), nos casos de alçamento de vogal média pretônica condicionados pela assimilação ao traço da vogal alta adjacente. Em todos esses exemplos, conforme já observado, a vogal alta desencadeadora do processo está na sílaba átona seguinte à vogal pretônica-alvo. Em alguns desses dados, no entanto, o alçamento pode ter derivado de outros paradigmas dessas formas verbais e nominais, em que a vogal alta esteja presente na sílaba tônica (ex.: *mentir* > *mintiroso*;

cubiça > *cubiçoso*, *cubiçado*; *descubrir* > *descubridor*; *rucio* > *ruciado*; *custume* > *custumar*, *custumado*).

Em início absoluto de palavra, a vogal pretônica anterior alçou, na grafia documentada em *Os Lusíadas*, nas sílabas travadas por consoante nasal:

(23)

enfiar
(VI-98)

infiar
(VI-87)

ensinar
(I-71, 97; II-78; III-1)

insinar
(I-53; II-70; III-120, 140; VI-33; VII-37;
VIII-79; IX-27; X-83, 84, 109, 112, 118)

incurtar (IX-20)

engenho
(I-2, 4; III-13, 14; IV-102; V-17, 98; VII-82;
VIII-2, 71, 89; X-9, 19, 80, 82, 110, 145,
154)

ingenho
(V-98)

infiado (I-37; II-49)

Por fim, o processo de redução vocálica também se mostrou relevante nos casos de alçamento de vogal média pretônica, anterior (24) e posterior (25), documentados por Fonte (2014) nos versos de Camões:

(24)

bocijar (VI-39)

leoneses
(VIII-9)

liones
(III-70, 89; IV-8)

cigueira (V-54)

lião (I-68; III-129; IV-34, 80; X-43, 69, 147)

Lião (III-19, 70; VI-56)

liao (IV-36; V-12)

melhormente
(IX-12)

milhor
(I-77; II-46; III-18; IV-103; V-34, 35;
VI-40; VII-16; VIII-52, 85; IX-8, 10,
12, 58, 93; X-95, 97, 114, 121)

pelouros
(X-35, 38)

piçouro
(I-67; VI-98; X-31, 43, 147)

(25)

*cu*berto (I-19, 105; VI-18, 39; X-63)
*descu*berta (IV-63; IX-65)
*descu*berto (I-105; II-30; V-14, 32, 65; VI-9, 50, 86; VIII-56, 86)
*encu*berta (VIII-55; X-69)
*regu*roso (III-137)
*rigu*rosos (III-125)
*rigu*rosas (X-149)

Analogamente ao que foi observado para os dados do português médio, o processo de redução vocálica, nos casos de alçamento de vogal média pretônica do português moderno, também envolve a presença de consoantes coronais, entre as vogais pretônicas anteriores, e de consoantes dorsais (velares), entre as vogais pretônicas posteriores. A elevação da vogal, portanto, também nesses dados, poderia ser justificada pela assimilação aos traços das consoantes adjacentes, já que vogais anteriores apresentam o traço [coronal], e vogais posteriores apresentam o traço [dorsal]. Contudo, conforme já mencionado neste artigo, acreditamos, como Bisol (2009), que o processo de redução vocálica, embora em alguns casos permita uma interpretação com base na assimilação de traços contíguos, parece funcionar muito mais como uma regra de neutralização do que como um processo meramente assimilatório. Os dados do português moderno, como os do português médio (respeitadas as devidas proporções, já que a obra de Camões é menor, em termos de extensão, do que o *Cancioneiro* de Resende), sustentam a hipótese de que o processo de redução vocálica vinha sendo difundido aos poucos no léxico e, como uma legítima regra de neutralização, que visa reduzir o sistema, ia incorporando cada vez mais contextos sensíveis à regra de alçamento, até torna-se geral, no PE, embora permaneça, nas diferentes variedades do PB atual, como uma regra variável.

Em síntese, diante do que foi apresentado ao longo desta seção, pode-se dizer que Fonte (2010a,b; 2014), ao analisar a grafia adotada nas *Cantigas de Santa Maria*, no *Cancioneiro Geral* e em *Os Lusíadas*, obteve pistas significativas a respeito das pronúncias das vogais pretônicas do galego-português, do português médio e do português moderno.

Nas três obras analisadas, a autora encontrou dados suficientes para caracterizar o alçamento da vogal média pretônica, nos séculos XIII, XV e XVI, como uma regra variável. No caso do século XIII, os resultados alcançados por Fonte (2010a,b; 2014) apontam a atuação de uma regra variável e condicionada, sobretudo, por assimilação ao traço da vogal alta da sílaba (tônica ou átona) adjacente. Para os séculos XV e XVI, entretanto, os dados da autora sugerem que essa regra de alçamento, embora ainda variável, já abarcava novos contextos fonético-fonológicos.

Ao comparar os dados provenientes das três obras estudadas por Fonte (2010a,b; 2014), é possível constatar um aumento, na passagem do galego-português para o português médio, dos casos de elevação de vogal média pretônica associados ao

processo de redução vocálica. É como se a comparação dos dados estivesse sugerindo uma gradual difusão, no léxico, da regra de alçamento - até tornar-se, posteriormente, uma regra geral (em Portugal, mas não no Brasil).

Seguindo a proposta de Bisol (2009) anteriormente citada neste artigo, podem-se interpretar os casos de harmonia vocálica, apresentados ao longo desta seção, como um legítimo processo de assimilação, e os casos de redução vocálica, como uma autêntica regra de neutralização, sendo difundida, pouco a pouco, ao longo dos séculos, a novos itens lexicais da língua.

As vogais postônicas nos séculos XIII, XV e XVI

Conforme observado anteriormente neste trabalho, no português (europeu e brasileiro) atual, o sistema fonológico constituído de sete vogais, na posição tônica, sofre uma redução significativa na posição átona final,¹⁰ em função de uma neutralização entre vogais médias e altas. É importante notar que, nessa neutralização, foi favorecida a pronúncia com vogal alçada, tanto no Brasil ([i], [u]), quanto em Portugal ([i], [i], [u]), embora a representação ortográfica da língua privilegie as vogais médias (ex. *pele*, *pelo*). Isso quer dizer que o processo de alçamento entre as vogais postônicas finais do português, ao contrário do que foi observado para as vogais pretônicas da língua, é uma regra geral, condicionada pela posição do acento, não apenas no PE, mas também no PB atual (pelo menos, na grande maioria das variedades).

Para investigar o processo de alçamento entre as vogais postônicas do português antigo, Fonte (2010a,b; 2014) adotou a mesma metodologia empregada para o estudo das vogais pretônicas, ou seja, o mapeamento, nas *Cantigas de Santa Maria*, no *Cancioneiro Geral* e em *Os Lusíadas*, de todas as representações gráficas envolvendo vogais médias e altas nas sílabas postônicas. Em seguida, a autora buscou, entre os dados mapeados, casos em que uma vogal alta (<i> ou <u>) estava representando, na grafia (variável ou não) dos *corpora* referidos, uma vogal que, no português atual, é representada pelo grafema <e> ou <o> (ex.: *quasi*).

Conforme já observado na introdução deste estudo, os indícios de alçamento de vogal postônica final, nos séculos XIII, XV e XVI, foram menores do que aqueles documentados por Fonte (2010a,b; 2014) para as vogais pretônicas do mesmo período. Nos três *corpora* referidos, a autora encontrou raros vestígios de alçamento de vogal átona final – e todos eles envolviam apenas a vogal média anterior (<e>).

¹⁰ Conforme já mencionado neste artigo, no contexto postônico não-final, assim como no pretônico, o alçamento de vogal média é uma regra variável, nos falares do PB atual. Como o subsistema postônico não-final, no PB atual, corresponde a uma flutuação entre os subsistemas pretônico e átono final - e também porque o vocalismo átono brasileiro e europeu só coincide no contexto postônico final - este artigo vai contemplar, para as vogais postônicas, apenas os dados de Fonte (2010a,b; 2014) referentes à posição átona final (e sem travamento silábico).

Nas *Cantigas de Santa Maria*, Fonte (2010a,b; 2014) registrou alguns casos de variação gráfica entre vogais médias e altas na sílaba postônica final de formas verbais do século XIII:

(26)

dixe (CSM 55, 125, 144, 233, 238)

diste (CSM 105)

feziste (CSM 6, 14, 32, 75, 84)

ouve (CSM 1, 2, 4, 5, 7)

ouviste (CSM 241, 350, 420, 422)

dixi (CSM 196)

disti (CSM 40)

fezisti (CSM 40)

ouvi (CSM 25, 38)

ouvisti (CSM 40)

Entre as formas nominais documentadas nas cantigas afonsinas, Fonte (2010a,b; 2014) encontrou apenas um caso de variação gráfica envolvendo a vogal da sílaba postônica final:

(27)

sangue (CSM 38 *T To*, 73, 104, 133, 149)

sangui (CSM 38 *E*, 101, 104, 154, 222)

No *Cancioneiro* de Resende, os indícios de alçamento de vogal átona final foram ainda menores do que aqueles encontrados nos versos afonsinos:

(28)

<i>quase</i> (p.203, IV)	<i>dizi</i> (p.97, III)	<i>quasi</i> (p.227, 230, 234, 284, 334, 427, I; p.7, 217, 248, 397, 400, 401, 405, 471, II; p.1, 65, 80, 96, 216, 255, 316, 379, III)
-----------------------------	-------------------------	---

Por último, em *Os Lusíadas*, Fonte (2014) também não encontrou muitos casos de alçamento de vogal média, na sílaba átona final:

(29)

Tigre (IV-64)

Tigris (X-102)

quasi (I-10, 77, 79; II-63; III-20)

Os dados apresentados nesta seção revelam, pois, que, nas três obras analisadas por Fonte (2010a,b; 2014), há um predomínio, na posição átona final, dos grafemas <e> e <o> para representar as vogais anteriores e posteriores, respectivamente. Diante dessa constatação, somos levados a acreditar que o alçamento da vogal postônica final, embora

pudesse ocorrer, no galego-português, no português médio e no início do português moderno, não era, ao que tudo indica, preponderante, na língua, até a segunda metade do século XVI, pelo menos.

Pode-se dizer, portanto, que os resultados obtidos por Fonte (2010a,b; 2014) confirmam o testemunho de Teyssier (1994 [1980]) de que não há evidências, antes do século XVIII, de generalização da regra de alçamento entre as vogais postônicas da língua portuguesa.

Por outro lado, embora os dados de Fonte (2010a,b; 2014) não nos autorizem a afirmar que, nos séculos XIII, XV e XVI, a pronúncia das vogais postônicas finais era semelhante à atual, também não podemos descartar a hipótese de a grafia do português antigo ter sido, em relação às vogais pretônicas de então, mais conservadora na representação das vogais postônicas. Mais do que isso, esse predomínio das grafias com vogal média, nos *corpora* considerados, pode estar indicando que um padrão de escrita fixou-se mais facilmente entre as vogais postônicas do que entre as pretônicas, e que havia, portanto, uma convenção geral em representar todas as vogais átonas finais por <e> e <o>. No caso das vogais posteriores, há ainda o argumento baseado em questões morfológicas para justificar a escassez do grafema <u>, nos dados apontados por Fonte (2010a,b; 2014), já que <o> átono final também representa o morfema marcador de gênero, no português. Contudo, sabendo que as regras de escrita, na época, não eram oficiais e que os falantes dispunham de uma maior liberdade para representar traços da fala na escrita, é de se estranhar o fato de haver tão poucos dados denunciando uma suposta pronúncia predominante [i] e [u], na sílaba átona final de antanho.

Considerações finais

Os dados apresentados ao longo deste artigo, obtidos por Fonte (2010a,b; 2014) a partir da observação da grafia empregada nas *Cantigas de Santa Maria*, no *Cancioneiro Geral* e em *Os Lusíadas*, por fornecerem pistas sobre a pronúncia das vogais átonas do português antigo, proporcionam uma reflexão interessante acerca da propagação da regra de alçamento entre as vogais pretônicas e postônicas da língua, no decorrer da história.

Vimos, no presente artigo, que, no PE atual, o alçamento da vogal média é uma regra geral tanto na sílaba pretônica, quanto na sílaba postônica. Em contrapartida, no PB atual, o alçamento vocálico é uma regra geral entre as vogais postônicas finais, e uma regra (ainda) variável, entre as vogais pretônicas. Observando apenas o quadro atual da língua, poderíamos supor que, historicamente, a regra de alçamento difundiu-se, primeiro, entre as vogais postônicas do português e, depois, estendeu-se para as vogais pretônicas (e é justamente essa a hipótese de Marquilhas, 2003, já mencionada na introdução deste artigo).

Os dados de Fonte (2010a,b; 2014), todavia, sugerem que, até o século XVI, pelo menos, o alçamento de vogal média era muito mais comum entre as vogais pretônicas do português do que entre as vogais postônicas.

Esses dados, que contrariam a expectativa gerada pela atual Fonologia da língua, não apenas indicam que a supremacia da regra de alçamento entre as vogais postônicas, em relação às vogais pretônicas, é recente, na história do português, como também permitem a constatação de que essa suposta transposição da regra teria sido ocasionada, ao que tudo indica, por aspectos de cunho prosódico.

Dito de outro modo, esse provável avanço da prevalência do alçamento na sílaba postônica em detrimento da pretônica, nas variedades brasileiras, explica-se em função do ritmo: a vogal da sílaba átona final é mais breve do que a vogal da sílaba pretônica, no PB atual, e isso teria favorecido a generalização da regra, primeiro, entre as postônicas finais.

No caso do PE atual, por haver uma equivalência no ritmo das vogais átonas em geral, a duração da vogal da sílaba pretônica é bastante próxima da duração da vogal da sílaba postônica - o que justifica a aplicação de uma mesma regra (elevação e recuo) para todas as átonas.

Enfim, o que os dados de Fonte (2010a,b; 2014) nos permitem concluir é que, até a segunda metade do século XVI, pelo menos, o alçamento de vogal média átona ainda era uma regra variável, na língua portuguesa, e atuava mais entre as vogais pretônicas do que entre as vogais postônicas finais.

Esse quadro geral não corresponde, portanto, ao que se verifica, hoje, em termos de vogais átonas, nem no PB, nem no PE, uma vez que, nas duas variedades, a regra de alçamento já não é variável para as vogais postônicas finais e, no caso do PE, também não é para as vogais pretônicas. Nesse sentido, a hipótese de estudos anteriores de que as pronúncias brasileiras em curso estariam mais próximas das antigas pronúncias do português vale apenas para as vogais pretônicas (e não para o sistema vocálico em geral), conforme mostraram os dados apresentados ao longo deste artigo.

FONTE, J. The unstressed vocalism in the history of the Portuguese. *Alfa*, São Paulo, v.61, n.1, p.169-199, 2017.

- *ABSTRACT: In the current European Portuguese, the mid vowel raising operates in all unstressed contexts: pretonics (p[i]gar, t[u]car) and posttonics (núm[i]r[u], árv[u]r[i], pel[i], pel[u]). In the case of the varieties of the current Brazilian Portuguese, this rule is usually general only for the vowels in unstressed final open syllables (pel[i], pel[u]); in the pretonic context, the mid vowel raising, in the current Brazilian dialects, it is a variable rule, commonly conditioned by specific phonetic-phonological contexts (p[i]dido, c[u]stume, [i]scola, [i]mprego, d[i]sconto). In order to investigate the process of unstressed mid vowel raising throughout the history of the Portuguese language, this work presents and compares data from centuries XIII, XV and XVI that suggest the application of the raising rule in pretonic and posttonic vowels of those periods. These data, obtained by Fonte (2010a,b, 2014) through the observation of the written in the Cantigas de Santa Maria by Alfonso X, in the Cancioneiro Geral by Garcia de Resende and in Os Lusíadas by Camões, suggest that, until the sixteenth*

century, at least, the mid vowel raising was a variable rule, quite common among the pretonic vowels, but still incipient among the final posttonic vowels.

- **KEYWORDS:** *Unstressed vowels. Vowel raising. Variation. History of Portuguese.*

REFERÊNCIAS

BISOL, L. A neutralização das átonas. **Revista Letras**, Curitiba, n.61, esp., p.273-283, 2003.

_____. O Alçamento da pretônica sem motivação aparente. In.: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Org.). **Português do Sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2009. p.73-92.

_____. Harmonização vocálica: efeito parcial e total. **Organon**, Porto Alegre, v.28, n.54, p.49-61, jan.-jun. 2013.

CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2007 [1970].

CASTRO, I. **Introdução à história do português**. 2. ed. Lisboa: Edições Colibri, 2008.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The Internal Structure of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.). **Handbook of Phonological Theory**. Oxford: Blackwell, 1995. p.245-306.

FONTE, J. S. **O sistema vocálico do Português Arcaico visto a partir das Cantigas de Santa Maria**. 351 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010a.

_____. **Rumores da escrita, vestígios do passado: uma interpretação fonológica das vogais do português arcaico por meio da poesia medieval**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010b.

_____. **As vogais na diacronia do português: uma interpretação fonológica de três momentos da história da língua**. 236 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

JONES, D. **An outline of English phonetics**. 8. ed. Cambridge: Heffer & Sons, 1957.

MARQUILHAS, R. Mudança analógica e elevação das vogais pretônicas. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. **Razões e Emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003. v.2, p.7-18.

MATEUS, M. H. M.; d'ANDRADE, E. **The Phonology of Portuguese**. Oxford: Oxford University, 2000.

MATZENAUER, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p.11-73.

SOUZA, N. de. **Um estudo da ortografia da obra *Os Lusíadas* (1572) de Luís de Camões**. 431 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. 6. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1994 [1980].

VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.127-159.

Recebido em maio de 2016

Aprovado em dezembro de 2016

CLAVIS SINICA: BREVE HISTÓRIA DA LONGA BATALHA PELO SISTEMA DE ESCRITA CHINESA NO OCIDENTE ENTRE OS SÉCULOS XVI E XIX¹

Cristiano Mahaut de Barros BARRETO*

- RESUMO: Este artigo tem por objetivo expor uma breve história das ideias na Europa, entre 1550 e 1900, sobre a língua falada e escrita na China. Seguindo o partido teórico do historicismo moderado de Sylvain Auroux (2004), sugerimos como fio condutor os discursos na disputa pela natureza da escrita chinesa: ideográfica ou fonográfica. Recusando-nos a tomar partido de uma ou outra alternativa, mostramos que este debate se desenvolve em torno de questões revisitadas ao longo destes mais de três séculos e que os estudos publicados pelos europeus encontram-se profundamente enraizados em seu contexto cultural, social e ideológico de produção. O status precário da escrita na história das ideias linguísticas se sobressai e aponta para o papel protagonista da escrita chinesa nas concepções de escrita desenvolvidas no ocidente, em particular sobre suas possibilidades representativas. Propomos, por fim, que os debates sobre o tema hoje reproduzem muitas das questões exploradas ao longo desta história, cuja resolução permanece ainda longe de um consenso.
- PALAVRAS-CHAVE: História das Ideias Linguísticas. Chinês. Europa. Escrita.

Introdução

A escrita chinesa sempre exerceu um fascínio no ocidente por sua beleza e exotismo. Embora inicialmente pareça ser formado por um conjunto impossivelmente complexo de centenas ou mesmo milhares de pequenos “desenhos” aleatórios, o sistema da escrita chinesa (*hànzì* 漢字, “caracteres chineses”) é dotado de uma intrincada estrutura que organiza espacialmente os componentes gráficos dos sinógrafos. Os caracteres são “construídos” a partir de um repertório limitado da ordem de uma dezena de traços (ponto, traço vertical, traço horizontal, com “gancho” na ponta, etc.), que são combinados em *caracteres simples* (*dútǐzì* 独体字, literalmente “caracteres de corpo único”) indecomponíveis (exceto pelos traços que o formam²), da ordem de algumas

* UFF – Universidade Federal Fluminense – Instituto de Letras – Niterói – RJ - Brasil. 24220-900 – cristianombb@gmail.com

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (152017/2016-0).

² Isto significa que as partes gráficas (os traços) dos caracteres simples não compõem outros caracteres, apenas unidades gráficas sem importe semântico ou fonético.

centenas. Estes caracteres simples poderão ser usados em pareamentos de dois ou mais para formarem *caracteres complexos* (*hétǐzì* 合体字, literalmente “caracteres de corpo juntado”) e podem ter um claro importe icônico, algum tipo de indicação semântica estilizada ou simbólica e/ou uma indicação mais ou menos precisa acerca de sua pronúncia. É sobre a natureza e organização destes componentes gráficos e suas combinações em caracteres simples e complexos que se debruça o debate sobre a escrita chinesa entre sinólogos e curiosos pela China há mais de 500 anos.

O interesse da própria China pela organização de sua escrita remonta pelo menos a seu primeiro dicionário formal, o *Ēryǎ* 爾雅, datado entre os séculos V e I a.C. (BOTTÉRO, 2011, p.41; AUROUX, 1995a, p.435). Uma obra ainda mais fundamental foi compilada por volta de 123 d.C. por *Xǔ Shèn* 許慎 (c. 58 d.C. – c. 147 d.C.), o *Shuōwén Jiězì* 說文解字 que serviu de modelo para os futuros dicionários da China. O *Shuōwén* foi a primeira obra a propor uma classificação dos caracteres chineses em seis categorias³ e ordená-los de acordo com seus *radicais* (*bùshǒu* 部首, lit. “primeira parte”), uma lista de 540 componentes de caracteres – posteriormente esta lista diminuiu e o padrão atual mais disseminado conta com 214 radicais – cada um com uma alusão semântica. Os trabalhos lexicais tradicionais na China utilizaram os radicais de base semântica como guias classificatórios, exceto naqueles trabalhos com uma preocupação particular sobre os sons da(s) língua(s) chinesa(s).⁴

A escrita chinesa não só impressiona no seu aspecto visual, mas também por sua longa história que apresenta uma notável estabilidade diacrônica a partir da dinastia *Qín* 秦 (221-206 a.C.), quando foi reformada durante o reino do imperador *Qín Shihuang* 秦始皇. O estilo que foi então padronizado da dinastia *Hàn* 漢 (206 a.C.-220 d.C.), após o fim dos *Qín*, chamou-se *lishū* 隸書, ou “escrita clerical”, e já era empregado nos *Qín* em certas funções especiais. Desde então os caracteres chineses apresentaram uma variação basicamente caligráfica e mantiveram uma extraordinária constância estrutural. Uma consequência fundamental da reforma dos *Qín* para os estudos sobre a escrita chinesa está ligada ao “apagamento” da grande inconsistência e falta de regularidade nos usos e desenhos dos caracteres antes de sua reformulação, o que acabou tornando-se uma impressionante barreira que dificulta até hoje o deciframento dos textos pré-*Qín*.⁵

O presente artigo aborda a longa e complexa história dos pontos de vista do Ocidente⁶ sobre língua chinesa falada e escrita – especialmente essa última – desde as

³ As categorias são: 1) 象形 *xiàngxín*, pictogramas, lit. “aparece na forma”; 2) 指示 *zhǐshì*, caracteres indicativos, lit. “indicar e mostrar”; 3) 會意 *huìyì*, caracteres associativos, lit. “juntar o significado”; 4) 形聲 *xíngshēng*, caracteres formados de um radical e um elemento fonético, lit. “aparência e som”; 5) 轉注 *zhuǎnzhù*, caracteres derivativos, lit. “mover e concentrar”; e 6) 假借 *jiǎjiè*, caracteres emprestados, lit. “emprestar e tomar emprestado.”

⁴ Para mais detalhes da emergência dos estudos fonológicos na China, veja-se Elman (1982), Lepshy (1994), Auroux (1995), e Wang (2010).

⁵ Para introduções sobre a escrita chinesa, veja-se Wendan (2009), Alleton (2010) ou Barros Barreto (2011).

⁶ O termo “ocidente” usado no presente artigo não significa qualquer intenção em minimizar ou essencializar as vidas, histórias e culturas de nenhuma das regiões correspondentes às áreas de influência das línguas Indo-Europeias e da cultura chinesa no extremo-oriental. Historicamente há uma forte tendência dos estudiosos na Europa em ver a China como uma entidade monolítica, o mesmo se aplicando à própria Europa e o “mundo ocidental.” Para maiores

expedições jesuítas após as últimas décadas do século XVI até o nascer do século XX. Uma das noções mais populares nos trabalhos europeus sobre a língua chinesa durante os séculos XVII e XVIII foi a chamada *clavis sinica*, a “chave” para uma decifração mais rápida e direta da escrita chinesa. O conhecimento da *clavis* possibilitaria um aprendizado muito mais rápido dos caracteres chineses e conseqüentemente de sua língua. Seu princípio estava inicialmente baseado na possibilidade de uma língua universal e do chinês como seu candidato *par excellence*, seja porque intimamente relacionada como a língua primitiva original – antecedendo à confusão pós-Babel, – seja através do conceito de *caractere real*, que prescrevia a possibilidade de uma “escrita [que] represente não meras letras, mas também coisas e ideias” (MUNGELLO, 2013, p.100).⁷ Os princípios da *clavis sinica* e do *caractere real* foram apoiados por um certo igualitarismo e relativismo característico do Racionalismo europeu que pré-datou o desenvolvimento do eurocentrismo e da superioridade cultural e tecnológica na Europa, mostrando alguma abertura às ideias chinesas, ainda que para servir às motivações europeias (LEE, 1991, p.49). Gradualmente, ao longo dos séculos XVIII e XIX a ideia da *clavis sinica* evoluiu de uma chave para o aprendizado rápido da escrita e língua falada chinesas para constituir-se na gramática do chinês – momento em que a escrita progressivamente perde espaço nos estudos “sérios” da sinologia.

Trata-se de um tema muito vasto e complexo, aqui abordado de forma introdutória, direcionado pelo objetivo primário de apresentar uma história dos questionamentos sobre o status da escrita chinesa em relação à sua fala, destacando a recorrência dos padrões argumentativos que, ainda que dentro de um contexto histórico pré-moderno, terão profunda influência sobre a formação do pensamento ocidental sobre a China, sua escrita e fala até os tempos atuais.

Observamos também que o status da escrita dentro dos estudos da linguagem sempre nos pareceu precário. Os estudos ocidentais calcados na visão de origem grega representacionista da linguagem – o signo linguístico significa ideias ou as coisas do mundo⁸ – em geral tomam a escrita como representação visível da fala sonora, uma sub-ferramenta parasiticamente dependente de discurso falado. Esta abordagem convencionou-se chamar aqui da *teoria foneticista da escrita* ou, de uma maneira mais sucinta, *foneticismo*. Em linhas bem gerais, a escrita “ideal” propõe-se ser aquela que oferece de maneira mais transparente possível através de seus grafemas a pronúncia que é relevante à fala, esta sim objeto primário de interesse da linguística.⁹

Por outro lado, como já observado, a língua falada e escrita da China sempre cativou a imaginação do Ocidente. Uma vez que este sistema de escrita consiste no único atualmente em uso disseminado que parece utilizar caracteres semanticamente

informações, veja-se Nancy (1997, p.6), Norman (1988, p.16), Zhang (1998), Casacchia (*In AUROUX*, 1995) e Porter (2001).

⁷ Todas as citações do presente artigo foram traduzidas pelo autor.

⁸ O *locus classicus* desta visão é a breve passagem 16a3 no tratado *Da Interpretatione* de Aristóteles.

⁹ Para maiores detalhes, veja-se Barros Barreto (2011).

informados – e esta é a questão ao redor da qual se digladiam os estudiosos da escrita chinesa, – ele torna-se objeto de especial interesse para a gramatologia ocidental¹⁰ e se apresenta como um desafio para a teoria foneticista da escrita. O chinês, portanto, oferece a possibilidade de afigurar-se um “cisne negro”, que poderia, teoricamente, falsificar o partido foneticista da escrita, pelo menos em suas versões mais extremadas, abrindo assim espaço para uma *visão semanticista da escrita*.

A discussão sobre a representação fonética ou semântica na escrita não está restrita ao chinês. Embora existam outros exemplos de sistemas de escrita que tenham um componente semântico, como as escritas suméria e asteca e sistemas mistos, como as escritas egípcia e maia, o chinês, devido à sua milenar história, oferece um retrato muito mais rico dos contextos históricos de utilização. Adicionalmente, os caracteres chineses (em chinês e em japonês) podem ser observados em uso, aplicando técnicas contemporâneas de análise de escrita e leitura. Finalmente, seu uso para diversas línguas tipologicamente muito diversas, como o próprio japonês e o coreano, torna mais complexa a sua aplicação.

O debate sobre se a escrita chinesa representaria principalmente os sons da(s) língua(s) chinesa(s) ou mais diretamente o seu significado permanece em curso e está longe de atingir um consenso. Esta discussão muitas vezes coloca sinólogos de um lado e linguistas do outro e seus resultados podem ter implicações importantes para a teoria da escrita e até mesmo para a teoria linguística.

O presente artigo toma o partido teórico historicista moderado de Sylvain Auroux (2004) e assume como pressuposto que o que se escreveu no Ocidente sobre a China foi motivado por seus contextos ideológicos e histórico-sociais específicos e precisa ser levado em consideração na formação das representações ocidentais sobre a escrita chinesa na Europa e Américas. A alteridade do olho ocidental oferece, por um lado, a oportunidade de se pensar a cultura chinesa do ponto de vista do “estrangeiro” e, por outro, o ensejo de um vislumbre sobre os preconceitos etnocêntricos em suas ambições universalistas. Adicionalmente, com base em Auroux, devemos reconhecer que nossas interpretações atuais sofrem a influência de nossa história e da consolidação de pontos de vistas e teses que se solidificaram na formação de nosso senso-comum.

O aumento radical da importância da China no cenário econômico – mas também político e cultural – mundial tem gerado paralelamente um aumento recente no Ocidente do interesse em discussões teóricas sobre sistema de escrita chinesa.¹¹ Entretanto trata-se de um olhar “menos para o seu desenvolvimento histórico do que uma crítica metadiscursiva de certos conceitos do sistema da escrita chinesa” (LURIE, 2006, p.251). O presente artigo, ao contrário, segue autores como Porter (2001), Lurie (2006)

¹⁰ O termo “gramatologia” tem várias acepções e seu uso por Derrida no texto homônimo de 1967 é particularmente influente. Neste artigo ele está sendo empregado de uma maneira mais geral como “estudo dos sistema de escrita no mundo.” Como nos informa Daniels (1990), foi I. G. Gelb que primeiro usou este termo no seu prestigioso *Study of Writing* de 1952.

¹¹ Veja-se, por exemplo, Alleton (1997, 2008), Mair (2002), Galambos (2006), Bottéro e Djamouri (2006), Wendan (2009) e Branner et al. (2011).

e Zhiqun (2008) ao favorecer o ponto de vista histórico. Suas metas principais são: 1) apresentar um breve panorama histórico dos textos no Ocidente sobre a língua falada e escrita chinesa entre os séculos de XVI e XIX; 2) dar evidência da continuidade das perguntas e pressupostos teóricos subjacentes a essa discussão, que se mantém até hoje, embora se configurem em um discurso totalmente diferente e; 3) mostrar a íntima relação entre o momento histórico-cultural na Europa e suas representações sobre a China, em particular as visões sobre a escrita chinesa e seu papel naquela língua.

A escrita chinesa como solução para a escrita ideal

As impressões sobre a China na Europa passaram por constantes e radicais correções de rumo desde que o conhecimento sobre os chineses e seu país se disseminou no continente a partir da expansão marítima comercial europeia no século XVI. A China foi admirada por sua milenar história, escala, enormes realizações culturais e humanas e pela própria extensão de seus domínios. Por outro lado, sua civilização foi também frequentemente vista como aquela associada a um império retrógrado, impermeável às ideias modernas, tomado por uma visão obscurantista de mundo em desarmonia com o iluminismo que tomava conta da Europa. No centro deste debate encontrava-se a absoluta alteridade de seu idioma e escrita.¹²

Os jesuítas foram os primeiros europeus no século XVI que trouxeram relatos da vida e dos costumes chineses à medida que, motivados por seus anseios proselitistas, tentaram compatibilizar crenças cristãs e confucionistas, procurando assimilar conceitos e valores ocidentais à língua chinesa e cruzar as aparentemente intransponíveis sendas que cortavam a floresta alienígena dos caracteres chineses. Embora estas tentativas, em última instância tivessem encontrado a derrota,

[a] história das primeiras reações ocidentais à escrita chinesa [...] revelou um longo e quase compulsivo desejo em interpretá-la como uma impossível forma pura de significação e sistematizar sua notação na procura incansável por uma ordem originária transcendente. (PORTER, 2001, p.9)

Enquanto o latim na Europa seguia inexoravelmente em direção ao ocaso, a escrita chinesa se mostrou candidata a um novo modelo potencial de estabilidade e de “significado universal”, para ser admirada em seu contraste com a imprevisibilidade das novas línguas vernáculas europeias. Destarte, historiadores europeus voltaram-se para a imensa tarefa que tinha o objetivo de encaixar a visão de mundo chinesa na ordem universal do Ocidente cristão (RAMSEY, 2001, p.483).

¹² Desde sua “redescoberta” no século XVI e XVII a escrita chinesa foi muitas vezes chamada de “hieroglífica” devido aos paralelos pictóricos que os estudiosos europeus percebiam em relação à escrita do Egito Antigo. Os dois sistemas de escrita foram portanto frequentemente estudados em conjunto. Para maiores detalhes, veja-se Hudson (1994), Aroux (1995), Lepschy (2014a,b).

A *ideografia* – o conceito de que a escrita poderia representar as ideias sem a mediação do discurso – pode ser lida neste quadro, “como a domesticação do signo estrangeiro, processo pelo qual o ininteligível torna-se legível e interpretado dentro de uma matriz de significados mais familiar [...]” (PORTER, 2001, p.20). Os caracteres chineses ofereceram-se como sinais de “ideias”, conceitos transcendentais e universais, que viabilizariam a possibilidade de uma tradução e comunicação interlingual perfeita. Seria a solução definitiva para os problemas identificados por autores como Francis Bacon e John Locke, a eliminação dos “nomes mal definidos” e do “abuso de palavras” através da identificação natural do signo linguístico oferecido pelo *caractere real*, em flagrante contraste com o arbitrário do signo linguístico ocidental aristotélico.¹³ Na busca de autores como Locke, Wilkins e Leibniz pela “linguagem perfeita”, “a língua chinesa atraiu muita atenção, [para] além do pequeno círculo de missionários e viajantes associados à China” (TONG, 2007, p.502). Os ideogramas chineses mostravam para os olhos europeus sua direta e perene relação com os conceitos transcendentais por eles representados, mesmo que a chave desta relação – a lendária *clavis sinica* – permanecesse um mistério para os estudiosos europeus.

O entendimento ocidental sobre a escrita chinesa foi, portanto, basicamente marcado por duas forças opostas: primeiramente, pesaram os mitos da ideografia total e da tradutibilidade perfeita, de origem tão antiga e imersa na névoa do tempo ao ponto que sua solução (chave) estaria perdida e necessitava ser resgatada. Posteriormente – particularmente a partir do século XVIII – à ideografia opôs-se o desejo de inserção da escrita chinesa no quadro da representação linguística universalista do discurso através da escrita.

Com o passar do tempo, rotulada pelo signo do “mito”, a ideografia chinesa tornou-se cada vez mais uma anacronia para o racionalismo dos tempos modernos que aos poucos superava a influência das soluções herméticas, cuja influência decairia expressivamente após o século XVIII. Assim tornou-se o novo trabalho de linguistas e sinólogos após o século XIX, e principalmente no século XX, a erradicação desta “mácula retrógrada” nos estudos linguísticos e culturais sobre a China.

O ocidente e a língua chinesa nos séculos XIII-XVII

As motivações elencadas na seção anterior irão direcionar boa parte das especulações na Europa sobre a língua e escrita chinesas, que principiaram com os primeiros contatos de europeus com a China após a Antiguidade Clássica. Esta longa tradição de trabalhos escritos por ocidentais e publicados na Europa e na própria China iniciou-se com os relatos de viajantes do século XIII e XIV durante o Império Mongol, com nomes como o dos franciscanos Giovanni del Carpine (c. 1240) e William de Rubruck (1253) e o

¹³ Sobre a procura pelo *caractere real* na Europa após o século XVIII, veja-se Hudson (1994), Lepschy (1994b) e Harris e Taylor (1997).

famoso Marco Polo (c. 1300). Estes autores, entretanto, lidaram muito brevemente com a questão da escrita chinesa (AUROUX, 1995b, p.300). Com a derrocada dos Mongóis e a fundação da dinastia *Ming* 明, os cristãos foram expulsos da China em 1369, adiando por quase 200 anos novos contatos e troca de conhecimento entre leste e oeste.

A partir das últimas décadas do século XVI diversos missionários europeus, desta vez liderados pela ordem jesuíta, retornaram à China e escreveram importantes tratados sobre aquela civilização, onde a questão da escrita e da língua falada chinesas finalmente começou a ser abordada em algum detalhe. É nesta época, de uma intensa exploração ultramarina europeia que se estenderá pelos séculos seguintes, que foram editadas cada vez mais compilações das línguas faladas e escritas do mundo conhecido e a escrita chinesa gradativamente assumiu um papel mais proeminente.

O primeiro livro mencionado com algumas referências mais detalhadas sobre a escrita chinesa foi publicado em 1569 por Gaspar da Cruz (1520-1570), *Tractado em que se co[n]tam muyto por este[n]so as cousas de China...* (UNGER, 1990; DeFRANCIS, 1984), escassos seis anos após a chegada dos primeiros jesuítas em Macau (WITEK, 2001). Menos de duas décadas depois em 1585, o espanhol Juan González de Mendoza (1545-1618) escreveu seu grande livro, *Historia de las cosas de mas notáveis, ritos y costumbres, del gran Reyno Dela China*. Mendoza foi um monge agostiniano que transmitiu histórias contadas por sacerdotes espanhóis e portugueses no Oriente e na China. Até 1600 seu livro teve 46 edições em sete idiomas europeus e muitos o consideram o primeiro livro desde Marco Polo sobre a China a alcançar um público amplo na Europa, onde os “leitores europeus encontraram caracteres chineses reais pela primeira vez” (PORTER, 2001, p.35). Mendoza dedicou o capítulo XIII aos caracteres chineses, de onde foi retirado o trecho a seguir:

[a escrita chinesa] não tem número de letras, do mesmo modo que nós, senão que tudo o que se escreve é através de figuras, e eles o aprendem ao longo de muito tempo e com grande dificuldade, porque quase cada palavra tem seu caractere [...] usam-se mais de seis mil caracteres diferentes, que eles sinalizam com grande presteza [...] É uma língua que se entende melhor escrita do que falada, como a hebraica, devido aos traços com os quais significa um caractere diferente de outro, o qual falando não se pode distinguir tão facilmente. [...] É coisa admirável que, embora se falem naquele reino muitas línguas, e umas diferentes das outras, se entendem todos geralmente por escrito, mesmo que não se entendam falando [...] (MENDOZA, 1585, p.104-105)

Este trecho já aponta três propriedades recorrentes fundamentais da escrita: 1) a escrita chinesa é de difícil aprendizagem e poucos atingem sua maestria; 2) a escrita tem primazia sobre a língua falada (ou seja, a língua é melhor compreendida quando escrita do que falada devido a sua alta homofonia) e; 3) através da escrita chinesa povos que falam línguas diferentes mas compartilham este sistema de escrita podem

entender uns aos outros. Estes atributos retornarão, de uma forma ou outra, na maioria dos livros sobre a China nos séculos subsequentes.¹⁴

Trinta anos após a publicação de Mendoza, em 1615, será editado o segundo livro que, junto àquele de Mendoza, consolidará a representação inicial da língua e dos costumes chineses junto aos europeus nos próximos duzentos anos (PORTER, 2001, p.36). Naquele ano Nicolas Trigault (1577-1628) publicou uma longa e detalhada versão dos diários de Matteo Ricci (1552-1610) sobre a China na obra intitulada *De Christiana expeditione apud Sinas suscepta ab Societate Jesu*, que trará à Europa pela primeira vez um conhecimento mais rigoroso e aprofundado sobre o país e seu idioma:

A chegada do livro de Trigault em 1615 pegou a Europa de surpresa. Ela reabriu a porta para a China, que foi aberta pela primeira vez por Marco Polo, três séculos antes, e então fechada para um público incrédulo, que recebeu a maior parte de suas narrativas fabulosas como contos cativantes de um viajante caprichoso. (GALLAGHER, 1953, xvii)

A primeira edição de 1615 foi seguida nos dez anos seguintes de diversas reedições, em latim, francês, alemão, espanhol, italiano e inglês. O exame dos manuscritos atribuídos a Ricci e seu superior Michelle Ruggieri levou a descoberta em 1934 de um dicionário português-chinês em 189 fôlios, com a mais antiga romanização conhecida dos sons chineses no que foi, provavelmente, o primeiro dicionário bilíngue europeu-chinês, escrito na década de 1580 (WITEK, 2001), evidenciando a profundidade do conhecimento dos dois italianos sobre a língua e escrita chinesas. Infelizmente o dicionário não foi publicado contemporaneamente na Europa no livro de Trigault e assim teve influência limitada no conhecimento europeu sobre a língua chinesa àquela época.

As obras dos jesuítas baseados em Macau caracterizaram o início da “primeira fase” do processo de aprendizado na Europa sobre a China, marcada por impressões sobre uma escrita chinesa que aparece cada vez mais adequada aos desejos europeus em corrigir os “erros” das línguas naturais. A Europa foi influenciada pela publicação em 1660 da *Grammaire générale et raisonnée* em Port-Royal e pelos trabalhos publicados na Inglaterra que promoviam a procura pela língua universal e pelo *caractere real* da escrita, de autores como Francis Bacon (*The Advancement of Learning*, 1605), Cave Beck (*The Universal Character*, 1657), George Dalgarno (*Ars Signorum*, 1661), John Wilkins (*An Essay towards a Real Character, and a Philosophical Language*, 1668), Francis Lodowick (*Of an Universall Real Character*, 1686) até John Locke (*An Essay Concerning Human Understanding*, 1689)¹⁵ (PORTER, 2001; HARRIS; TAYLOR,

¹⁴ O livro de Mendoza e também a edição *Historia natural y moral de las Indias* de José de Acosta de 1590 terão uma influência direta sobre Francis Bacon (1561-1626) quando da publicação do seu prestigioso *The Advancement of Learning* em 1605. Em uma importante passagem (livro 6, capítulo 1) Bacon recorre à escrita chinesa para questionar a ideia tradicional de origem grega da escrita como representação da fala, supondo que a escrita chinesa possa ser um possível candidato para um *caractere real*, forma universal de comunicação entre os povos de diferentes línguas.

¹⁵ O trabalho de Locke sob certos aspectos sinaliza o começo do fim da procura pelo ideal da pureza linguística quando o autor admite que as incorreções da linguagem são inevitáveis. Para Locke o mito da linguagem perfeita era devido à

1997; LEPSCHY, 2014a,b; AUROUX 1995a,b). Para estes autores, a língua ideal (e idealizada) é aquela que deve ser antiga, simples, geral, modesta, com vitalidade e brevidade (RAMSEY, 2001). Estes traços foram frequentemente associados no século XVII à língua falada e escrita na China.

Como argumentarão os estudiosos sobre a China do período, a ideografia chinesa apresentou-se como a alternativa ideal contra o cenário imprevisível das formas vernaculares que brotaram e rapidamente se expandiram na Europa. Ao mesmo tempo, a alternativa sínica oferecia uma aparente relação direta e inquebrável entre as palavras (escrita) e seus significados. E como último ponto a seu favor, as elites letradas na China sempre pareceram aos europeus bem-sucedidas na manutenção da pureza da sua linguagem literária, algo que não estava acontecendo na Europa (PORTER, 2001).

Meio século após o livro editado por Trigault, em 1667, será publicado um dos livros mais marcantes para as representações europeias sobre a China: *China Monumentis, qua sacris qua profanis, nec non variis naturae e artis Spectaculis, aliarumque rerum memorabilium argumentis illustrata*, comumente conhecido como *China Illustrata*, do alemão Athanasius Kircher (1601/2–1680). Embora Kircher – um estudioso jesuíta baseado em Roma com especial interesse na decifração de escritas antigas – nunca tenha visitado a China, ele foi o primeiro a iniciar na Europa a discussão sobre as origens da cultura chinesa e da linguagem (SZCZESNIAK, 1952, p.21). Sua obra angariou enorme prestígio e sua sugestão de vincular a origem chinesa e egípcia foi defendida por alguns pensadores até o século XIX e uniu por muito tempo a escrita chinesa e aquela do Egito antigo sob o rótulo comum de “escrita hieroglífica”.¹⁶

Outra influente obra na discussão na Europa sobre a origem da língua chinesa foi *An historical essay endeavoring a probability that the language of the Empire of China is the primitive language*, do arquiteto inglês John Webb, publicada em 1669, considerada por alguns autores como o primeiro tratado específico sobre a língua chinesa de grande difusão na Europa (PORTER, 2001; AUROUX, 1995b, MUNGELLO, 1985). Webb (1669) desenvolveu sua longa discussão sobre as origens da linguagem com base nas escrituras sagradas baseando-se em muitas referências ao trabalho de Kircher. Para o autor inglês, a intacta e perfeita língua chinesa estava por trás da imensa fortuna e milenar história de sua civilização: “porque a China possuía uma língua primitiva, sua sociedade nunca perdeu o domínio sobre a natureza” (RAMSEY, 2001, p.488-489). Sua influência no pensamento europeu sobre a China foi profunda uma vez que Webb “resolve” o problema da acomodação da escrita chinesa preservada desde os tempos de Adão e Eva – e portanto antecedendo e sobrevivendo ao colapso de Babel – colocando-a dentro de uma narrativa bíblica revisada. O autor supôs que Noé tivesse construído sua

equivocada noção de que a linguagem se referia às coisas do mundo, quando na verdade as línguas seriam motivadas pelas ideias subjetivas que cada um tem sobre o mundo (LOCKE, 1690[1894]; HARRIS; TAYLOR, 1997; PORTER, 2001). Todavia, como veremos, o projeto da escrita chinesa como alternativa para esta ligação natural (e não arbitrária) permanecerá ainda vivo muitas décadas após Locke.

¹⁶ Para uma leitura crítica sobre o impacto da obra de Kircher, veja Szczesniak (1952), Hudson (1994), Porter (2001) e Lepschy (2014).

arca na própria China e que, após o dilúvio, ele e sua família tivessem voltado para aquelas terras. A língua chinesa teria escapado da confusão causada pela queda da torre de Babel devido à distância geográfica de seu povo e continuaria a preservar traços da língua primitiva da humanidade (VAN KLEY, 1971; RAMSEY, 2001).

O orientalista e teólogo Andreas Müller (1630-1694), também inspirado pela *China Illustrata* de Athanasius, publicou um curto anúncio em 1674 intitulado *Inventum Brandenburgicum sive Andreae Mulleri Greiffenhagi, Praepositi Berlinensis, Proposito super Clave sua Sinica* que se tornou renomado por ser a primeira obra a formular o problema da *clavis sinica*. Frustrado por não conseguir o que considerava suficiente remuneração pelos seus esforços, Müller se recusou a revelar a sua “chave” e acabou queimando seus escritos sobre o assunto pouco antes de morrer (PORTER, 2001, MUNGELLO, 1985). O trabalho de Müller foi seguido por Christian Mentzel (1622-1701) que em 1685 publicou *Sylloge minutiarum lexicis latino-sinici-characteristici*, considerado o primeiro léxico chinês publicado na Europa.

As bases do conhecimento construído sobre a linguagem e da escrita chinesa no século XVII afetarão profundamente os estudos ocidentais sobre a China até pelo menos o século XIX e alguns de seus conceitos serão mantidos praticamente inalterados. Porter (2001) propõe três pontos de vista que serviram como base para a preservação da fantasia ocidental sobre a legitimidade linguística do chinês: 1) o momento de origem de uma língua legítima é aquele que associa com autoridade o sentido às suas palavras, e quanto mais antiga a origem, maior é esta autoridade; 2) o sentido autêntico é aquele revestido pela imutabilidade, com resistência excepcional contra as forças mutantes da história; 3) o nexó de causalidade entre a autoridade e a imutabilidade de tal língua é o seu código interno, que no caso do chinês é solucionado pela *clavis sinica*. O reconhecimento de que o chinês teria uma privilegiada legitimidade sobre as outras línguas teve seu pico com Joseph de Prémare – como veremos na seção seguinte – já no início do século XVIII e cinquenta anos depois do livro de Webb.

Entretanto, as mudanças políticas e culturais na Europa, a evolução das ideias linguísticas e o progressivo conhecimento sobre a escrita e fala chinesas ao longo da metade do século XVII e início do XVIII começavam a fragilizar o projeto de criar na língua chinesa a “língua ideal” e apontar para a “crise” da escrita chinesa na Europa a partir do século XVIII.

O ocidente e a língua chinesa nos séculos XVIII-XIX

Gottfried Leibniz (1646-1716), além de uma mente genial e autor prolífico em diversas áreas do pensamento humano, demonstrou um especial interesse pela língua e escrita chinesas. Em 1679 Leibniz, um apaixonado pela possibilidade de uma língua universal, tomou conhecimento da *clavis sinica* de Müller (PORTER, 2001; MUNGELLO, 1985) e viu no chinês seu candidato mais provável. “Se Deus tivesse ensinado ao homem uma língua, esta língua seria parecida com o chinês” parece em

1715 na *Lettre sur la philosophie chinoise* de Leibniz para Nicolas de Remond. O filósofo alemão escreveu que os europeus, devido a seu conhecimento científico e espírito de análise mais avançados, poderiam oferecer aos chineses o caminho para que eles conseguissem desvendar sua própria antiguidade perdida. A escrita chinesa, raciocinou Leibniz, por sua natureza é a que mais convém como base para uma língua universal, e o que parece faltar nela é um princípio racional subjacente, as mesmas conclusões de Wilkins e Webb (AUROUX, 1995b; RAMSEY, 2001).

Assim Leibniz se mostrou um autor de transição, que pertenceu ao que chamamos aqui da “primeira fase” da representação da China na Europa, a fase fundadora caracterizada pelo trabalho dos missionários jesuítas, quando ainda não se conhecia na Europa uma gramática estruturada do chinês, marcada pelo trio de propriedades da escrita destacado acima, pela forte influência de autores como Kircher e Webb e pelo ensejo de equacionar o chinês à língua universal. Por outro lado, Leibniz igualmente é parte da “segunda fase”, que se consolidou ao longo da primeira metade do século XVIII. Este é um momento mais complexo e ambíguo, para o qual Mungello (2013) nos propõe a identificação de três “tipos” de estudos sobre a China realizados à época. O primeiro se constituiu dos trabalhos jesuítas, cada vez menos influentes, com um conhecimento mais profundo sobre a língua falada e escrita e um interesse basicamente voltado para a acomodação das crenças chineses àquelas da Europa. O segundo foi representado pelo número cada vez maior de “proto-sinólogos”, que também possuíam um conhecimento sobre o chinês em certa profundidade, e, entretanto, mostravam-se ainda motivados por ideias de uma língua universal (Leibniz seria um destes). O contraste desta nova época surge principalmente com a influência crescente do terceiro grupo, formado pelos “popularizadores”, motivados pela esperança de achar na China apoio para ideias e movimentos políticos e intelectuais na Europa, principalmente aqueles voltados para o Iluminismo. Eles formaram o grupo com um conhecimento mais superficial da cultura e línguas chinesas e foram aqueles com maior capacidade em produzir distorções das informações sobre o Oriente que chegavam ao europeu médio. Em relação à escrita chinesa – foco do presente artigo – os popularizadores estiveram entre os responsáveis por manter viva e pujante a ideia da representação semântica na escrita em detrimento de uma língua falada que foi considerada como “simplória”, e, portanto, limitada em sua capacidade de articulação. Tais conceitos foram construídos sobre bases frágeis e superficiais, tornando-se alvo fácil para os sinólogos “sérios” desmontarem posteriormente o que chamaram de mitos sobre a escrita chinesa. Leibniz, quando elogiou a escrita chinesa ao mesmo tempo em que acreditou nas limitações do gênio cultural chinês e de sua língua falada é um autor ligada às duas fases discutidas aqui.

O avanço tecnológico europeu abriu ao longo do século XVIII uma distância cada vez mais pronunciada em relação à técnica do império chinês, firmemente ancorada no seu passado milenar. O desprezo pelo império chinês acabou por limitar o fascínio do público europeu ao exotismo de sua cultura (o Orientalismo), movimento reforçado pelo trabalho dos popularizadores, cujo resultado afastou-se progressivamente dos

estudos dos sinólogos, por sua vez voltados para a inserção da China e do chinês nas categorias europeias de mundo. O movimento de rejeição à China que gradualmente tomou força à época deu-se em um cenário de crescente eurocentrismo e do abandono progressivo das tentativas jesuítas de acomodação das ideias Confucionistas à teologia cristã (MUNGELLO, 2013).

Em relação aos trabalhos dos sinólogos (primeiro e segundo grupo de Mungello), a presença dos jesuítas – como Joseph de Prémare (1666–1736), Jean Baptiste du Halde (1674-1743) – deu espaço para os estudiosos laicos – por exemplo, Étienne Fourmont (1683-1745) e Nicolas Fréret (1688-1749). A medida que os estudos linguísticos europeus gradativamente optaram pela primazia teórica da fala sobre a escrita, a ideografia chinesa foi perdendo seu lugar privilegiado entre os sinólogos. Embora ainda se tratasse de uma época em que os europeus em sua larga maioria consideravam a escrita chinesa como representante direta de ideias e coisas, no novo cenário intelectual na Europa ela passou a ser identificada como mero passo inicial dentro da cadeia evolutiva dos sistemas de escrita, que culminaria nos alfabetos. Essa ideia tomou enorme impulso depois da publicação em 1737 do *The Divine Legation of Moses*, o influente livro do inglês William Warburton.¹⁷

O trabalho do jesuíta Joseph de Prémare (1666-1736), *Notitia Lingua Sinicae*, publicado em 1720, constituiu-se o derradeiro pináculo do antigo movimento pela legitimação da escrita chinesa como a ideografia perfeita, cujas bases ainda remontavam a Kircher. Prémare se apoiou basicamente no antigo dicionário chinês do *Shuōwén* para revestir a sinografia com a legitimidade necessária, propondo uma ordenação pseudo-sistemática dos caracteres. Motivada por “especulações quase místicas sobre as origens proto-cristãs dos símbolos [chineses]” (PORTER, 2001, p.71), Prémare quis mostrar que a solução para a escrita chinesa só poderia ser redescoberta através da interveniência do conhecimento cristão europeu.¹⁸ Cabe observar que, a despeito destas especulações errôneas sobre a escrita chinesa, Prémare foi considerado o mais avançado gramático da língua chinesa de seu século (AUROUX, 1995b; PORTER, 2001; ALLETON, 2004), com uma didática muito superior à maioria das gramáticas chinesas produzidas pelos europeus no século XVIII.

Foi fundamental para a argumentação de Prémare que os chineses da sua época tivessem “esquecido” a “verdadeira natureza” do seu sistema de escrita, tornando-se portanto necessária a ajuda dos missionários ocidentais equipados com a sua análise “científica” para que estes recuperassem o conhecimento perdido. Desta forma, se instaura uma versão do mito de Babel no contexto da língua chinesa, fortemente calcada no aspecto pictográfico e simbólico da escrita chinesa.

¹⁷ Um trecho que livro de Warburton que trata das escritas “hieroglíficas” – inclusive o chinês – será logo traduzido para o francês em 1744 por Marc-Antoine Léonard des Malpeines, com um artigo sobre o chinês escrito por Nicolas Fréret.

¹⁸ Prémare pertenceu ao chamado grupo dos “figuristas” na China (MUNGELLO, 2013; LEE, 1991), autores influenciados pelo seu professor, o padre Joachim Bouvet (1656-1730) e que estavam convencidos que os livros canônicos chineses escondiam a verdade da revelação cristã original através de formas figurativas e simbólicas. Contrário a autores que viram no chinês uma verdade universal emanando de seu próprio sistema de escrita e fala, para Prémare a verdade dos caracteres chineses baseava-se na palavra do Deus cristão, e era portanto inacessível aos chineses do seu tempo.

A hipótese de Prémare paradoxalmente levou a escrita chinesa a uma situação de fraqueza diante dos olhos europeus. Considerando que a legitimidade da escrita chinesa se baseava em sua origem cristã, a perda de seu “significado original perfeito” pelos chineses do século XVIII tornaria a língua chinesa daquele tempo (“pós-babélica”) um pálido reflexo e filho bastardo da língua original, esta sim a verdadeiramente “legítima”.

Esta inversão dos pontos de vista sobre a escrita chinesa (e sua língua falada) será fundamental para entendermos os estudos sobre a China ao longo do século XVIII. O interesse na escrita foi marcado por uma frustração com a falta de sistematicidade que agora Prémare justifica com um “conhecimento perdido”, cuja redescoberta dependeria de um conhecimento exclusivamente acessível aos ocidentais. A despeito da íntima ligação da escrita “hieroglífica” chinesa com as verdades universais cristãs, Prémare viu na escrita chinesa contemporânea um sistema pouco eficiente e mostrou sua clara preferência pelo sistema alfabético. Prémare é assim um dos autores que inaugurou a separação dos estudos da escrita e da fala para o chinês.

Portanto, se a escrita moderna perdeu sua pureza com o passar dos séculos, será então na gramática que se concentrarão os estudos sobre a língua chinesa. Aquele que é considerado o primeiro livro dedicado exclusivamente à gramática do chinês foi publicado em 1703 – ou seja, quase vinte anos antes da obra de Prémare – em Cantão, *Arte de la lengua mandarina* de Francisco Varo (COBLIN; LEVI, 2000). Ainda assim, com os caracteres chineses monopolizando o interesse aos olhos do público europeu, livros como o de Varo – que não tinham nenhum caractere chinês em seu texto – tiveram um impacto imediato pouco expressivo à época de sua publicação.

Um dos primeiros autores a escrever de forma consistente no século XVIII sobre a língua chinesa foi Nicolas Fréret (1688-1749), um historiador eminente e crítico mordaz das teorias de Athanasius Kircher, que promoveu um novo escrutínio racional de antigas “teorias históricas”, sob forte influência das ideias de Leibniz. Fréret publicou em 1718 seu *De la langue des Chinois: reflexions sur les principes généraux de l’art d’écrire, et en particulier sur les fondements de l’écriture chinoise*, onde construiu uma breve história da escrita sem qualquer apoio das histórias clássicas ou bíblicas. Fréret foi muito influenciado pelo livro de Warburton, e identificou a escrita chinesa dentro do esquema do autor inglês como pertencendo à categoria das “pinturas e símbolos”. Em outras palavras, não seria uma escrita verbal por que não dava sinais da pronúncia associada e seus caracteres “são signos imediatos das ideias que eles expressam” (MALPEINES, 1744). Por outro lado, trata-se apenas de mais um sistema de escrita, sendo desprovidos do caráter extraordinário que lhe deu Leibniz.

Se autores com Fréret e o jesuíta Jean Baptiste du Halde¹⁹ ainda viam o chinês como uma língua eminentemente “filosófica” – no sentido de que cada caractere representaria um conceito ou uma coisa “universal” – Thomas Percy em seus *Miscellaneous Pieces*

¹⁹ Du Halde escreveu *Description géographique, historique, chronologique, politique, et physique de l’empire de la Chine et de la Tartarie chinoise* [...] em 1736 e advogou uma clara separação entre a escrita e a fala chinesa, argumentando que a segunda não poderia ser limitada pela primeira.

Relating to the Chinese de 1762 considerou a total ausência de uma relação entre a fala e escrita no chinês não como sinal de uma origem especial, mas sim a marca de um primitivismo, uma escrita fundada por “bárbaros”. A língua falada chinesa, sem afinidade com a escrita, para o autor inglês, apresentaria um caráter “não cultivado”, como uma deficiência fonêmica em poucas monossílabas não declináveis.

Observamos, portanto, que o contraste entre a “simplicidade” de gramática do chinês juntamente com a “complexidade” extrema de sua escrita provocou percepções contraditórias sobre a China e a língua chinesa. De candidata provável para o idioma de Adão ou escrita perfeita, como vimos no influente livro de John Webb, décadas mais tarde ela seria rejeitada por autores como Percy como uma língua simplista servindo a um povo atrasado e um império retrógrado.

A (lenta) ascensão do foneticismo

Embora Du Halde e Fréret tenham sido alguns dos primeiros autores a chamar a importância para a fala chinesa, eles continuaram a considerar a escrita chinesa como “ideográfica”. Ao longo da segunda metade do século XVIII, entretanto, veremos a presença cada vez maior de sinólogos especializados na língua e nos costumes chineses que procuraram desmontar o mito da escrita chinesa independente da sua fala, autores que abrirão espaço para o trabalho fundamental de Abel Rémusat no século XIX.

Contemporâneo de Du Halde, Theophilus Bayer (1694-1738) (*Museum Sinicum* 1730) foi considerado como “o mais eminente sinólogo do século XVIII” (PORTER, 2001, p.59), que usou os trabalhos de Müller e Mentzel como ponto de partida para o seu próprio, escrevendo o primeiro livro didático do chinês a ser impresso na Europa. Bayer teve o apoio de Étienne Fourmont (1683-1745) – *Meditationes Sinicae* (1737) e *Linguae Sinarum Mandarinicae hieroglyphicae grammatica duplex [...]* (1742) – para propor que um sistema lógico estivesse subjacente à escrita chinesa. Fourmont, um dos poucos estudiosos de sua época que utilizaram a gramática de Varo, foi um influente orientalista francês membro da *Académie des Inscriptions e Belles Lettres* e um dos primeiros franceses a estudar seriamente a língua chinesa. Um dos responsáveis pela divulgação da ideia de uma origem separada da língua escrita e falada na China (BRANNER; FENG, 2011), ele teria também confirmado que a *clavis sinica* do tipo imaginada por Leibniz “realmente existia” (PORTER, 2001), misturando, portanto, ideias seiscentistas sobre a *clavis* com os novos conhecimentos desenvolvidos sobre a gramática do chinês.

A despeito das propostas inovadoras destes autores, em realidade não houve um movimento contínuo de divórcio entre a escrita e a fala chinesas. Joseph de Guignes (1721-1800) (*Mémoire dans lequel on prouve que les chinois sont une colonie égyptienne*, 1759) foi estudante e sucessor de Fourmont na *Bibliothèque Royal de France* defendeu obstinadamente as ideias de que a nação chinesa teria sido originada pelos

egípcios e que os dois sistemas de escrita eram intimamente relacionados (HOOKER, 1990; AUROUX, 1995b). A resistência no ideário europeu contra o abandono da ideia de escrita ideográfica chinesa também estava evidente no trabalho de Joseph Hager (1757-1819), historiador e arabista austríaco naturalizado italiano. Seu livro, *An explanation of the elementary Characters of the Chinese with an analysis of their ancient symbols and hieroglyphics*, de 1801 teve uma ótima acolhida na Europa e foi repleto de caligrafias e modelos de caracteres baseados no I-Ching (*Yijing* 易經). Como vimos, o público europeu em geral rejeitava os livros mais “abstratos” como os de Fourmont e Varo, abraçando aqueles, como o de Hager, que eram ilustrados com os desenhos dos caracteres chineses (AUROUX, 1995b). Mesmo durante boa parte do século XIX trabalhos que consideram a escrita chinesa estritamente uma ideografia (ou pictografia) continuam a gozar de grande prestígio e público na Europa.

Este cenário em que o destino das representações da escrita chinesa na Europa permanecia muito incerto tomou uma mudança radical de rumo com a revolução na linguística que ocorreu no continente especialmente a partir da segunda metade do século XIX. A Europa foi tomada pela onda romântica originada da Alemanha e, a partir da segunda metade do século, pelas ideias evolucionistas de Darwin. Com o movimento do Romantismo, a dialética da cultura e da natureza começou a influenciar todas as ciências humanas.

O evolucionismo deu grande impulso às teorias que consideraram que os sistemas de escrita seguiam um processo evolutivo, da pictografia aos alfabetos, este último – pináculo do gênio humano – o princípio considerado mais eficiente e superior às outras formas de escrita e assim reforçaram sua aversão à ideografia. Hegel, figura intelectual dominante no Período Romântico criticou a admiração de Leibniz sobre as escritas hieroglíficas e defendeu arduamente os alfabetos e a primazia da fala como a base para as comunicações humanas. (HUDSON, 1994). Desta forma, aos poucos a escrita foi cedendo à fala sua importância nos estudos da linguagem, não como uma ameaça, mas por sua inocuidade.

Os caracteres chineses, que durante os séculos atraíram as atenções como objeto privilegiado de interesse de leigos e estudiosos e foram considerados por muitos europeus como sinal de uma língua perfeita perdida no passado longínquo, passaram a ocupar um espaço secundário na pesquisa dos sinólogos. O objetivo agora estava voltado para a procura de sua sistematicidade através de alguma forma de representação fonética em seus grafemas e da reconstrução das formas históricas do chinês falado. Foi principalmente através do cuidadoso estudo dos sinólogos e da nova ambição da linguística em instituir-se como ciência que o chinês – e todas as línguas naturais do mundo – terão sua respeitabilidade restaurada no seio da linguística comparativa e do estruturalismo já no início do século XX.

Neste contexto vemos o influente livro *A Dissertation on the Nature and Character of the Chinese System of Writing* de Peter DuPonceau (1760-1844) publicado em 1838, chamado de “a primeira síntese verdadeiramente moderna sobre a escrita chinesa” (ALLETON, 1994; veja-se também CHAO, 1940; DeFRANCIS, 1984). DuPonceau,

nascido na França, foi um prestigioso linguista franco-americano, que presidiu por 17 anos a *American Philosophical Society*. Na sua visão os caracteres chineses são a representação das palavras chinesas (e, portanto, da fala), e, portanto, sua “modernidade” é marcada pelo rompimento com as especulações ultrapassadas sobre a escrita chinesa na sua relação direta com o abstrato mundo das “ideias”.²⁰

É sem dúvida notável que, na ausência de dados mais concretos sobre a fonologia histórica chinesa, autores como DuPonceau e J.M. Callery foram capazes de postular esta ligação entre a escrita chinesa e sua fala. DuPonceau baseou muito de sua pesquisa no estudo do sinólogo francês Abel Rémusat e seu principal livro *Elements de la grammaire chinoise* de 1822, aquele que “fundou a sinologia acadêmica moderna” (PORTER, 2001, p.73), “a primeira tentativa de uma síntese lógica e bem arrazoada construção da língua chinesa” (PEYRAUBE, 2001), quando pela primeira vez o “conhecimento sobre a China na França deixou a esfera da filosofia [para a da linguística]” (LEE, 1991, p.161). DuPonceau foi categórico na ligação entre os caracteres escritos e as palavras faladas ao escrever: “Cada uma destas sílabas ou palavras significativas tem um ou mais caracteres apropriados para ela, e cada caractere de um palavra correspondente” (DuPONCEAU, 1838, p.109).²¹

DuPonceau foi claro ao destacar a primazia da fala chinesa como a única verdadeira língua chinesa: “A língua chinesa, eu quero dizer é aquela que é falada, uma vez que eu não chamo nenhuma escrita de linguagem, exceto metaforicamente” (DuPONCEAU, 1838, p.108).

A teoria de DuPonceau e sua influência no desenvolvimento de uma teoria de representação fonética na escrita chinesa fica clara neste trecho escrito por Stephen Andrews em 1854:

Desde então, o mundo letrado aprendeu o extremo oposto, chamada de teoria fonética, defendida por Sr. Duponceau [...] Esta teoria afirma que a massa de caracteres chineses não são ideográficos, os são apenas parcialmente, ao passo que também são fonéticos; isso é, que eles foram formados sobre um esquema que denota os sons das palavras faladas. (ANDREWS, 1854, p.33)

²⁰ Dois autores percursores em sua abordagem foneticista foram o português Joaquim Afonso Gonçalves (1781-1834) e o franco-italiano JM Callery (1810-1862). Gonçalves escreveu *Arte China: constante de alphabeto e grammatica* (1829) e criou um “alfabeto” para os caracteres chineses, sinais gráficos nos caracteres a que chamou de *diferenças*, em um total de 1411 grupos fonéticos, no que poderia ser o mais antigo silabário chinês construído por um europeu. O livro de Gonçalves foi logo seguido pelo de Callery com seu *Systema phoneticum scripturae sinicae* de 1841. Callery foi um missionário católico que também fez a proposta de um silabário para a escrita chinesa, com 1.040 caracteres representando fonemas na língua falada chinesa.

²¹ DuPonceau faz essa afirmação se apoiando em citação ao trabalho de Rémusat, entretanto o texto do sinólogo francês é menos assertivo e chega mesmo a afirmar que “os signos de sua escrita [chinesa], tomados em geral, não exprimem sua pronúncia, mas sim ideias. A língua falada e a escrita são portanto bem distintas e separadas”. (RÉMUSAT, 1822, p.1)

Todavia faz-se necessário observar que o semanticismo na escrita chinesa continuou muito presente mesmo após o livro de DuPonceau.²² Entretanto, cada vez mais obras foram publicadas nas últimas décadas do século XIX tratando da gramática chinesa e dos sons da língua falada, bem como propondo listas de indicadores fonéticos (“silabários”) para a escrita. Frequentemente manuais para o ensino da escrita chinesa usaram o apoio dos indicadores semânticos tradicionais,²³ ao passo que os estudos acadêmicos exploravam de uma maneira ainda tentativa modelos de representação fonética na escrita, procurando aplicar as ideias de DuPonceau.

Voltados para o interesse nos sons da fala chinesa e na sua representação na escrita, até o final do século XIX alguns autores realizaram o que mais tarde o famoso sinólogo sueco Bernhard Karlgren (1889-1978) chamaria de “tentativas algo amadores sobre história fonética” do chinês, especulando sobre as possibilidades de representação da fala diacrônica do chinês em sua escrita e assim procurando decifrar a famosa *clavis sinica* através do suporte da fala chinesa.²⁴ Com o trabalho de Karlgren as ideias teóricas propostas por DuPonceau foram finalmente consolidadas sobre bases consideradas compatíveis com o novo método científico da linguística do século XX, focado no levantamento da relação diacrônica entre a escrita (um trabalho ortográfico de 2000 anos) e a fala chinesa desde a dinastia *Hàn*. Em 1915 Karlgren iniciou seus estudos pioneiros sobre a fonologia chinesa com o trabalho *Études sur la phonologie chinoise* logo após sua tese de doutorado em Uppsala, completando-os em 1926. O linguista sueco foi considerado por muitos o primeiro europeu a usar o método de linguística histórica aplicada ao chinês e revolucionou o conhecimento da fonologia histórica chinesa através de uma cuidadosa reconstrução do chinês médio e antigo, empregando dados das línguas siníticas e de outras línguas, bem como as leituras japonesa e chinesa dos caracteres chineses na escrita japonesa. Desta forma consolidou-se no mundo da sinologia a ideia deste momento científico fundador do conhecimento sobre a história da escrita e da fala chinesas: “O estudo científico dos dialetos chineses [e de sua diacronia] começou com o trabalho de Bernhard Karlgren e Y.R. Chao” (NORMAN, 1988, p.5).²⁵

A partir deste novo momento fundador, no amanhecer do século XX, a China ela mesma, oprimida política e economicamente pelas potências ocidentais, se voltou contra o que considerou seu passado retrógrado e abriu-se ao pensamento moderno e científico

²² Alguns exemplos são: Léon de Roisny. *Les écritures figuratives et hiéroglyphique des différent peuples*. (1860); Frank Chalfant, *Memoirs of the Carnegie Museum: Early chinese writing* (1862) e John Chalmers. *Origin of the Chinese [...]* (1866).

²³ Um exemplo é: William Martin, *The Analytical Reader: a Short Method for Learning to Read and Write Chinese* (1897).

²⁴ Alguns trabalhos desta época foram, por exemplo, J. Edkins na sua *Introduction to Chinese Characters* de 1876 e Z. Volpicelli em 1896 com *Chinese Phonology*.

²⁵ A despeito da importância inestimável do trabalho de Karlgren ao fornecer os dados fonológicos históricos necessários à teoria do foneticismo na escrita chinesa, o sinólogo sueco manteve uma visão “antiquada” da escrita chinesa como ideográfica, como mostra em seu *Sound & Symbol in Chinese* (1923, p.16) (adaptado de *Ordet och Pennan i Mittens Rike* de 1918): “como eles [os caracteres chineses] não constituem uma escrita fonética mas sim ideográfica, eles não dão qualquer sugestão dos sons que formaram as palavras no chinês antigo”. Deve-se também observar porém que as reconstruções de Karlgren foram extensamente revisadas e criticadas por sinólogos modernos e contemporâneos, como em Baxter (1992) e Baxter e Sagart (2014).

que lhe impunha o ocidente. A ocupação japonesa da China na 2ª Guerra Mundial e a posterior vitória americana no Pacífico solidificou no ocidente a visão de uma China “doente” do século XIX, que somente seria curada pela transformação vinda da Europa e da América do Norte (MUNGELLO, 2013, p.2). Ao longo do século consolidou-se uma nova fase histórica de estudos sobre a língua falada e escrita chinesa, um novo mundo onde a retórica do descobrimento e do otimismo científico terá como objetivo a definitiva reconstrução fonética diacrônica do chinês e sua paralela representação na escrita chinesa. Embora incautos, os linguistas e sinólogos dos séculos XX e XXI estarão, contudo, ainda motivados pelas aspirações e visões dos missionários europeus na China séculos atrás e pelos perenes debates sobre a relação entre fala e escrita.

Conclusão: reflexos modernos e o foneticismo

O livro de divulgação do conhecido sinólogo americano John DeFrancis (1911-2009) intitulado *The Chinese language — fact and fantasy* (1984) foi um trabalho muito importante para a defesa das ideias foneticistas. Seu autor advogou a explícita intenção em dismantelar os “mitos” na língua chinesa (falada e escrita), resultante, em sua concepção, de séculos de equívocos sobre a China e sua linguagem. Ao apresentar a escrita chinesa, o autor afirmou claramente: “A fala é primária, a escrita é secundária” (DeFRANCIS, 1984, p.37). O americano se apresentou como um linguista e sinólogo, aquele que estudou o chinês com a “ciência da linguagem” em mente e seus argumentos são expostos de forma clara, mostrando seu claro compromisso com a ciência da linguística. Munido de tal autoridade, DeFrancis rejeitou peremptoriamente o que não se mostrava de acordo com seus conceitos, rotulando-os como “mitos”, contra o qual reivindicou apresentar “fatos” incontestáveis. Como escreve Lurie (2006, p.262): “A ligação entre a insistência na natureza estritamente fonográfica da escrita e a natureza científica da linguística enquanto disciplina acadêmica é também uma marca da crítica do mito ideográfico”.

DeFrancis é um representante de um grupo de autores do século XX²⁶ que, à despeito de seu imenso respeito e apego emocional à China e suas tradições trouxeram – talvez inadvertidamente – o aparato científico do ocidente para compreender os mecanismos da insondável escrita chinesa e elegeram o foneticismo e a fonografia, conceitos e usos eminentemente ocidentais, para julgá-la e organizá-la.

A China, separada pela distância física e cultural, fechada em suas fronteiras, era um império culturalmente relativamente homogêneo que já contava com milênios de história ao entardecer do século XVI, época em que foi redescoberta pelos missionários europeus. O conhecimento que se criou nesta época sobre a China foi fortemente influenciado pelos relatos de alguns visitantes e, posteriormente, “congelado” nos livros

²⁶ Entre outros, Peter Boodberg (1937, 1940), George Kennedy (1951), Marshal Unger (1990, 1993), William Boltz (1994), Victor Mair (2002) e Imre Galambos (2006).

pelos jesuítas do século XVII. No que nos concerne no presente artigo, sua visão sobre a linguagem, como vimos, levou o chinês a ser reconhecido como uma língua difícil de aprender; monossilábico e altamente homófono. As dezenas de milhares de caracteres chineses de sua escrita representavam, cada um, um “pensamento” ou “conceito” e, desta forma, a escrita possibilitava o entendimento interlingual. A Europa, diante do ocaso do latim como sua língua franca, abraçou a língua chinesa como nova candidata a uma língua universal, considerando o chinês a mais antiga língua falada e escrita, aquela mantida pura e inalterada pelos séculos, protegida pelo poder central imperial, cuja autoridade e longevidade se assentaram sobre seu código externo, o vínculo direto de sua escrita e o mundo “real”, dos objetos, conceitos e ideias.

Todavia a reputação da China e de sua língua seguiu um caminho tortuoso. Após meados do século XVIII muitos estudiosos europeus, frustrados com a aparente inacessibilidade da *clavis sinica* e embalados pelo espírito libertário e progressista do Iluminismo, passaram a ver a escrita chinesa como símbolo do estorvo à alfabetização e repudiaram a falta de gramática de uma língua simplória. Progressivamente a ideia da ideografia, conquanto ainda fascinante para alguns pensadores e extremamente cativante ao leitor leigo europeu, tornou-se cada vez mais marcada no discurso acadêmico como um mero passo inicial na evolução na direção de uma escrita alfabética. Adicionalmente, estudiosos europeus, motivados religiosamente ou não, tornaram-se cada vez mais convencidos de que as nobres origens da língua falada e escrita chinesa somente poderiam ser decifradas pelas lentes ocidentais.

O atraso chinês no século XIX foi marcado dupla e simbolicamente por sua escrita ideográfica ultrapassada e seu império doente, devastado pelo vício do ópio e vulnerável à instalação forçada dos protetorados comerciais ocidentais no país. Sua superação, acreditavam europeus e americanos – e os chineses em sua maior parte também foram levados a esta crença – paradoxalmente só seria viabilizada se através da influência do próprio ocidente. O destino da escrita chinesa não poderia ser mais simbólico desta virada: sua escrita precisaria ser considerada uma fonografia, um “fala visível”. A submissão da escrita à fala orientou a reconstrução da língua falada correspondente ao chinês médio e antigo, que por sua vez norteou a “solução” do problema da representação fonética na escrita. A fonografia, aos olhos de um ocidente cada vez mais universal, se configurou na *clavis sinica* do século XX e XXI.

BARRETO, C. *Clavis Sinica: a short history of the long battle for the chinese writing system in the west between the XVI and XIX centuries*. **Alfa**, São Paulo, v.61, n.1, p.201-225, 2017.

- *ABSTRACT: This article aims to present a brief history of ideas in Europe between 1550 and 1900 on the spoken and written languages of China. Following the theoretical stance of Sylvain Auroux's moderate historicism (2004), we suggest as a guiding principle the discourses regarding the dispute on the nature of Chinese writing: ideographic or phonographic. Refusing to fully embrace either alternative, we show that this debate has developed around recurrent*

issues over the centuries and that the studies published by Europeans are deeply rooted in their cultural, social and ideological contexts of production. The precarious status of writing in the history of linguistic ideas is thus highlighted and points to the leading role of the Chinese script on how the conceptions of writing have been developed in the West, in particular on its representative possibilities. We propose, finally, that the ongoing debates on the subject still address many of the issues explored throughout this history, whose resolution is still far from reaching a consensus.

- **KEYWORDS:** *History of linguistic ideas. Chinese. Europe. Writing.*

REFERÊNCIAS

ALLETON, V. L'oubli de la langue et l' 'invention' de l'écriture chinoise en Europe. **Études Chinoises**, v.XIII, n.1-2, printemps-automne, 1994.

_____. (Org.). **Paroles à dire, parole à écrire**. Paris: Édition de l'école des hautes études en sciences sociales, 1997.

_____. **Traduction et conceptions chinoises du texte écrit**. *Études chinoises*, v.XXIII, 2004. p.9-43.

_____. **L'écriture chinoise: le défi de la modernité**. Paris: Éditions Albin Michel, 2008.

ANDREWS, S. **Discoveries in Chinese or the Symbolism of the Primitive Characters of the Chinese Writing System**. New York: Charles B Norton, 1854.

ARISTÓTELES. De Interpretatione. In: **Ontologia e Predicação em Aristóteles**, Lucas Angioni (introdução, tradução e comentário), coleção Textos Didáticos n.41. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2000.

AUROUX, S. **Histoire des Idées Linguistiques (tome 1)**. Liège: Pierre Mardaga Editeur, 1995a.

_____. **Histoire des Idées Linguistiques (tome 2)**. Liège: Pierre Mardaga Editeur, 1995b.

_____. **Histoire des Idées Linguistiques (tome 3)**. Liège: Pierre Mardaga Editeur, 2000.

_____. **La Philosophie du langage**. Paris: Ed. Presses Universitaires de France, 2004.

_____. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Ed. Unicamp, 2009 [1992].

BACON, F. **The Advancement of Learning**. Oxford: Joseph Devey, 1605.

BARROS BARRETO, C. **Pensares sobre a escrita chinesa**. 213 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BAXTER, W. **A Handbook of Old Chinese Phonology**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.

BAXTER, W.; SAGART, L. **Old Chinese: a new reconstruction**. Oxford University Press, 2014.

BAYER, T. S. **Museum Sinicum in quo Sinicae Linguae et Litteraturae ratio explicatur**. St. Petersburg: [s.n.], 1730. 2v.

BOLTZ, W. **Origin and Early Development of the Chinese Writing System**. v.78. New Haven: American Oriental Series, 1994.

BOODBERG, P. A. Some proleptical remarks on the evolution of Archaic Chinese. **Harvard Journal of Asiatic Studies**, 2, p.329-372, 1937.

_____. ‘Ideography’ or ‘iconolatry’, **T’oung-pao**, 35, p.266-288, 1940.

BOTTÉRO, F. Review of The Origin and Early Development of the Chinese Writing System, by William Boltz. **Journal of the American Oriental Society**, 116.3, 1996.

_____. **Écriture et Linguistique Autochtone en Chine**. Mémoire d’Habilitation à diriger des recherches sous la direction d’Alain Peyraube. Paris: EHESS, 2011.

BOTTÉRO, F.; DJAMOURI, R. **Écriture chinoise: données, usages et représentations**. Paris: EHESS, 2006.

BRANNER, D.; FENG, Li. (Ed.). **Writing and Literacy in Early China**. Seattle: University of Washington Press, 2011.

CHAO, Y. R. A Note on an Early Logographic Theory of Chinese Writing. **Harvard Journal of Asiatic Studies**, v.5, n.2, p.189-191, jun. 1940.

COBLIN, W. S.; LEVI, J. A. **Francisco Varo’s Grammar of the Mandarin Language (1703): an English Translation of ‘Arte de la Lengua Mandarina’**. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

DA CRUZ, G. **Tractado em que se co[n]tam muyto por este[n]so as cousas de China com suas particularidades, e assi do Reyno de Dormuz dirigido ao muyto poderoso rey D. Sebastiam nosso senhor**. Évora: [s.n.], 1569.

DANIELS, P. Fundamentals of Grammatology, **Journal of the American Oriental Society** 110, p.727-731, 1990.

DeFRANCIS, J. **The Chinese Language: fact and fantasy**. Honolulu: University of Hawai’i Press, 1984.

_____. **Visible Speech: the diverse oneness of writing systems.** Honolulu: University of Hawai'i Press, 1996.

DE PRÉMARE, J. H. M. **Notitia Lingua Sinicae.** Malaga, 1831 [1720]. (Edição em inglês de 1847, Cantão).

DERRIDA, J. **Gramatologia.** Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

DuPONCEAU, P. S. **A Dissertation on the Nature and Character of the Chinese System of Writing.** Philadelphia, 1838.

DU HALDE, J. B. **Description géographique, historique, chronologique, politique, et physique de l'empire de la Chine et de la Tartarie chinoise, enrichie des cartes générales et particulières de ces pays, de la carte générale & des cartes particulières du Thibet, & de la Corée; & ornée d'un grand nombre de figures & de Vignettes gravées en Taille-douce.** Paris: [s.n.], 1735-1736. 2v.

ELMAN, B. From Value to Fact: The Emergence of Phonology as a Precise Discipline in Late Imperial China. **Journal of the American Oriental Society**, v.102, n.3, p.493-500, jul.-oct. 1982.

FOURMONT, É. **Linguae Sinarum Mandarinicae Hieroglyphicae Grammatica Duplex : Latinè & cum Characteribus Sinensium. Item Sinicorum Regiae Bibliothecae Librorum Catalogus.** Paris : [s.n.], 1742.

FRÉRET, N. De la langue des Chinois: reflexions sur les principes généraux de l'art d'écrire, et en particulier sur les fondemens de l'écriture chinoise, 1718. Edição: **Oeuvres Complètes de Fréret, tome VI.** Paris, 1796.

GALAMBOS, I. **Orthography of Early Chinese Writing:** evidence from newly excavated manuscripts. Budapest Monographs in East Asian Studies, 2006.

GALLAGHER, L. J. **China in the Sixteenth Century: The Journals of Matthew Ricci, 1583 – 1610.** New York: Random House, 1953.

GELB, I. J. **A study of writing.** University of Chicago Press, 1963.

GONÇALVES, J. A. **Arte China:** constante de alfabeto e grammatica. Macau, 1829.

GONZÁLEZ DE MENDOZA, J. **Historia de las cosas mas notables, ritos y costumbres, del gran reyno dela China, sabidas assi por los libros delos mesmos Chinas, como por relacion de Religiosos y otras personas que an estado en el dicho Reyno.** Roma: [s.n.], 1585.

GUIGNES, J. **Mémoire dans lequel on prouve que les chinois sont une colonie égyptienne.** Paris, 1759.

HAGER, J. **An explanation of the elementary Characters of the Chinese with an analysis of their ancient symbols and hieroglyphics.** London, 1801.

HARRIS, R.; TAYLOR, T. **Landmarks in Linguistic Thought.** v. 1. London e New York: Routledge, 1997.

HOOKER, J. T. (Ed.). **Reading the Past:** ancient writing from cuneiform to the alphabet. Los Angeles: University of California Press, 1990.

HUDSON, N. **Writing and European Thought – 1600-1830.** Cambridge University Press, 1994.

KARLGREN, B. **Ordet och Pennan i Mittens Rike, 1923.** Adaptado para o inglês: Sound & Symbol in Chinese. London, 1923.

KENNEDY, G. The Monosyllabic Myth. **Journal of the American Oriental Society,** v.71, n.3, p.161-166, jul.-sep. 1951.

KIRCHER, A. **La Chine d’Athanas Kirchere, De la Compagnie de Jesus, Illustrée de plusieurs Monuments tant Sacrés que Profanes, et de quantité de Recherchés de la Nature & de l’Art.** Amsterdam: [s.n.], 1670.

LACH, D. Leibniz and China. **Journal of the History of Ideas,** University of Pennsylvania Press, v.6, n.4, p.436-455, oct. 1945. .

LE COMTE, L. **Nouveaux Mémoires sur l’état présent de la Chine.** Paris, 1696.

LEE, T. H. C. **China and Europa:** images and influences on sixteenth to eighteenth centuries. Hong Kong: The Chinese University Press, 1991.

LEHNER, G. **China in European Encyclopedias – 1700-1850.** Leiden: Brill, 2011.

LEPSCHY, G. **History of Linguistics vol 1:** the eastern traditions of linguistics. New York: Longman Publishing, 1994.

_____. **History of Linguistics vol 2:** Classical and Medieval Linguistics. Routledge, 2014a.

_____. **History of Linguistics vol 3:** Renaissance and Early Modern Linguistics. Routledge, 2014b.

LOCKE, J. **An Essay Concerning Human Understanding.** 2 vols. Oxford, 1690.

LURIE, D. Language, writing, and disciplinarity in the Critique of the “Ideographic Myth”: Some proleptical remarks. **Language & Communication,** 26, p.250-268, 2006.

MAFFEI, G. P. **Ioannis Petri Maffei Bergomatis e societate Iesu historiarum indicarum libri XVI:** selectarum item ex India Epistolarum eodem interprete Libri IV: accessit Ignatii Loiolae vita postremo recognita. Et in opera singula copiosus index. Florença: [s.n.], 1588.

MAIR, V. Sound and Meaning in the History of Characters: Views of China's Earliest Script Reformers. In: ERBAUGH, M. (Ed.). **Difficult characters**. Interdisciplinary studies of Chinese and Japanese writing, 2002.

MALPEINES, M-A. L. de. **Essai sur les hiéroglyphes des Égyptiens**. 2 vols. Paris, 1744.

MARTINI, M. **Martini Martinii Sinicæ historiæ decas prima: res a gentis origine ad Christum natum in extrema Asia, sive magno Sinarum imperio gestas complexa**. Munique: [s.n.], 1658.

MENTZEL, C. **Sylloge minutiarum lexicæ latino-sinici-characteristici ex Auctoribus & Lexicis Chinefium Characterificis eruta, inque Specimen Primi Laboris ulterius exantlandi Erudito & Curiofo Orbi**. Nuremberg: [s.n.], 1685.

MÜLLER, A. **Inventum Brandenburgicum sive Andreae Mulleri Greiffenhagi, Praepositi Berlinensis, Proposito super Clave sua Sinica**. Brandenburg, 1674.

MUNGELLO, D. E. **Curious Land: Jesuit accomodation and the origins of sinology**. University of Hawai'i Press, 1985.

_____. **The Great Encounter of China and the West, 1500-1800**. London: Rowman & Littlefield, 2013.

NANCY, J.-L. **The Sense of the World**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997 [1993].

NORMAN, J. **Chinese**. Cambridge University Press, 1988.

PAULUK, M. **Sistemas de escrita: abordagens, tipologias, perspectivas em semiótica**. 227 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

PERCY, T. **Miscellaneous Pieces Relating to the Chinese**. v.1. London, 1762.

PEYRAUBE, A. Some reflections on the sources of the Mashi Wentong. In: LACKNER, M.; AMELUNG, I.; KURTZ, K. (Ed.). **New Terms for New Ideas. Western Knowledge and Lexical Change in Late Imperial China**. Leiden, 2001. p.341-356.

PORTER, D. **Ideographia: The Chinese Cipher in Early Modern Europe**. Stanford, 2001.

RAMSEY, R. China and the Ideal of Order in John Webb's "An Historical Essay...". **Journal of the History of Ideas**, v.62, n.3, p.483-503, 2001.

RÉMUSAT, A. **Elements de la grammaire chinoise**. Paris, 1822.

RUGGIERI, M.; RICCI, M. **Dicionário Português-Chinês**. WITEK, J. (Ed.). Ed. Trilingue. Macau: Biblioteca Nacional Portugal, Ricci Institute for Chinese-Western Cultural History, University of San Francisco e Instituto Português do Oriente, 2001.

SZCZESNIAK, B. The Origin of the Chinese Language According to Athanasius Kircher's Theory. **Journal of the American Oriental Society**, v.72, n.1, p.21-29, jan.-mar. 1952.

TONG, Q. S. Between knowledge and 'plagiarism,' or, how the Chinese language was studied in the West. **Language Sciences**, 30, p.499-511, 2008.

TRIGAULT, N. **De Christiana expeditione apud Sinas suscepta ab Societate Jesu**. Edição de Paris, 1615.

UNGER, J. M. The Very Idea. The Notion of Ideogram in China and Japan. **Monumenta Nipponica**, v.45, n.4, p.391-411, winter, 1990.

_____. Communications to the editor. **Journal of Asian Studies**, 52 (4), p.949-954, 1993.

VAN KLEY, E. J. Europe's "Discovery" of China and the Writing of World History. **The American Historical Review**, v.76, n.2, p.358-385, apr. 1971.

WANG, L. **汉语语音史 Hanyu yuyin shi (History of Chinese phonetics)**, 2010 [1985].

WEBB, J. **An historical essay endeavoring a probability that the language of the Empire of China is the primitive language**. London, 1669.

WENDAN, L. **Chinese Writing and Calligraphy**. Latitude 20 Book, University of Hawai'i Press, 2009.

ZHANG, L. **Mighty Opposites**. Stanford University Press, 1998.

ZHIQUN, C. Ideographic versus Phonetic: A Debate over the Nature of Chinese writing in the 1930s. **Chinese Studies Review**, n.1, v.3, may. 2008.

Recebido em 19 de julho de 2016

Aprovado em 17 de janeiro de 2017

ÍNDICE DE ASSUNTOS

- Alçamento vocálico, p. 169
- Aquisição da linguagem, p. 81
- Boa Formação, p. 133
- Chinês, p. 201
- Círculo de Bakhtin, p. 35
- Cognição, p. 55
- Condição de Minimalidade, p. 133
- Corpo, p. 55
- Dicionário analógico, p. 105
- Discurso, p. 35
- Ecologia, p. 55
- Escrita, p. 201
- Etnografia multissituada, p. 11
- Europa, p. 201
- Fonética acústica, p. 81
- Gestos, p. 55
- História da língua portuguesa, p. 169
- História das Ideias Linguísticas, p. 201
- Ideologia, p. 35
- Indexicalidade, p. 11
- Infraestrutura, p. 35
- Interação corporificada, p. 55
- Palavra, p. 133
- Patologias, p. 55
- Percepção de fala, p. 81
- Performances* Identitárias, p. 11
- Peso silábico, p. 133
- Português brasileiro, p. 81
- Recontextualização, p. 11
- Relações Semânticas, p. 105
- Restrições de Palavridade, p. 133
- Semântica de *Frames*, p. 105
- Signo ideológico, p. 35
- Superestrutura, p. 35
- Variação, p. 169
- Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos, p. 105
- Vídeo-análises, p. 55
- Vogais átonas, p. 169

SUBJECT INDEX

- Acoustic Phonetic*, p. 81
Analogical Dictionary, p. 105
Bakhtin Circle, p. 35
Body, p. 55
Brazilian Portuguese, p. 81
Chinese, p. 201
Cognition, p. 55
Discourse, p. 25
Ecology, p. 55
Embodied Interaction, p. 55
Europe, p. 201
Extended Version of the Prototypes, p. 105
Frame Semantics, p. 105
Gesture, p. 55
History of linguistic ideas, p. 201
History of Portuguese, p. 169
Identity performances, p. 11
Ideological sign, p. 35
Ideology, p. 35
Indexicality and multisited ethnography, p. 11
Infrastructure, p. 35
Language Acquisition, p. 81
Minimality Condition, p. 133
Pathology, p. 55
Recontextualization, p. 11
Semantic Relations, p. 105
Speech perception, p. 81
Superstructure, p. 35
Syllable Weight, p. 133
Unstressed vowels, p. 169
Variation, p. 169
Videanalysis, p. 55
Vowel raising, p. 169
Well-formedness, p. 133
Word, p. 133
Wordiness Constraints, p. 133
Writing, p. 201

ÍNDICE DE AUTORES
AUTHOR INDEX

- BARRETO, Cristiano Mahaut de Barros, p. 201
BERTI, Larissa Cristina, p. 81
COSTA, Luiz Rosalvo, p. 35
CRUZ, Fernanda Miranda da, p. 55
FONTE, Juliana Simões, p. 169
GUIMARÃES, Thayse Figueira, p. 11
LOPES, Luiz Paulo da Moita, p. 11
VELOSO, João, p. 133
VILARINHO, Michelle Machado de Oliveira, p. 105

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE ORIGINAIS DA

Alfa: Revista de Linguística

1. Informações gerais

A *Alfa*: Revista de Linguística, financiada pela Pró-Reitoria de Pesquisa da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –, Brasil, publica, em edições *online*, bilíngues e quadrimestrais, trabalhos inéditos de professores e pesquisadores, com titulação mínima de doutor, e de doutorandos em coautoria com professores e pesquisadores doutores vinculados a instituições de ensino e pesquisa nacionais ou internacionais. O número máximo de coautores não deve ser maior que três. Os números regulares são organizados com base no sistema de fluxo contínuo, e os números especiais, quando editados, são organizados em chamadas específicas, de acordo com a conveniência do(s) organizador(es). A revista publica artigos, resenhas, entrevistas e traduções vinculados a todas as linhas de pesquisa dos estudos linguísticos.

A contribuição dos artigos deve ser original e inédita e não pode ser avaliada simultaneamente para publicação por outra revista. As resenhas devem referir-se somente a obras recentemente publicadas: no Brasil, nos dois últimos anos e, no exterior, nos quatro últimos anos; as traduções devem ser, de preferência, de artigos científicos e de capítulos de livros publicados até doze meses antes da data da submissão; as entrevistas devem ser realizadas com pesquisadores de prestígio

acadêmico reconhecido tanto no Brasil quanto no exterior.

Sem o conhecimento da autoria, dois membros do Conselho Editorial emitem parecer sobre os trabalhos. Em caso de um parecer ser favorável e outro contrário, o trabalho é enviado a um terceiro parecerista, que também não tem acesso ao nome do(s) autor(es). Depois da análise, cópias dos pareceres são encaminhadas ao(s) autor(es) juntamente com instruções para modificações, quando for o caso.

Os trabalhos podem ser redigidos em português, francês, inglês, espanhol ou italiano. Para artigos escritos em português, *TÍTULO, RESUMO* e *PALAVRAS-CHAVE* precedem o texto e *TITLE, ABSTRACT* e *KEYWORDS* sucedem o texto. Para artigos escritos em outros idiomas, *TÍTULO, RESUMO* e *PALAVRAS-CHAVE* que precedem o texto devem ser escritos no idioma do artigo; os que sucedem o texto devem ser em português, no caso de artigos em inglês; e em inglês, no caso de artigos em francês, espanhol ou italiano.

Todos os artigos são publicados num formato bilíngue tendo, necessariamente, o inglês como língua da segunda versão. Os autores que submeterem à aprovação um artigo originalmente em inglês devem, caso ele seja aceito, providenciar sua versão em português, seguindo as mesmas orientações indicadas para a versão em língua inglesa. Só são publicados os artigos que tiverem aceitas as versões em português (ou outra língua escolhida)

e em inglês. A não aceitação de uma das versões por parte dos revisores implica a não publicação do artigo.

Os trabalhos que não se enquadrarem nas normas da revista são devolvidos aos autores, ou são solicitadas adaptações, indicadas em carta pessoal.

Dados e conceitos emitidos nos trabalhos, bem como a exatidão das referências bibliográficas, são de inteira responsabilidade dos autores.

2. Apresentação dos trabalhos

Encaminhamento: O(s) autor(es) deve(m) realizar o cadastro (Login/Senha) no site da revista, na seção Submissões Online, preencher corretamente o perfil e escolher a opção “AUTOR”. Após haver realizado esses passos, deve(m) ir para “SUBMISSÕES ATIVAS” e iniciar o processo de submissão através do link “CLIQUE AQUI PARA INICIAR O PROCESSO DE SUBMISSÃO”, no qual irá realizar os cinco passos básicos:

1. Início: Iniciar o processo de submissão, confirmando se está(ão) de acordo com as condições estabelecidas pela revista (marcando as caixas de seleção das condições e da declaração de direito autoral) e selecionar a seção artigos;
2. Inclusão de metadados: indicar os dados principais – nome, sobrenome, e-mail, instituição, resumo da biografia com a titulação completa do(s) autor(es), título e resumo;
3. Transferência de manuscritos: realizar a transferência do arquivo para o sistema;
4. Transferência de documentos suple-

mentares: realizar a transferência de arquivos com informações suplementares, que funcionam como um apêndice do texto principal ou como anexo a ele, tais como instrumentos de pesquisa, conjuntos de dados e tabelas, que seguem os padrões de ética de avaliação, fontes de informação normalmente não disponíveis para leitores, ou figuras e/ou tabelas que não podem ser integradas ao texto em si;

5. Confirmação: concluir a submissão.

Após concluir os cinco passos descritos, o(s) autor(es) deve(m) aguardar o e-mail do editor e, nesse ínterim, pode(m) acompanhar todo o fluxo de seu trabalho, da submissão, aceite, avaliação, reedição do original até a publicação. Os artigos, após a submissão, são designados aos avaliadores definidos pelo conselho ou pelos editores da revista. A política de seleção dos artigos é definida pelos membros do Conselho Editorial, Consultivo e Editores da revista, disponibilizadas na seção “Sobre a Revista”, “Processo de Avaliação por Pares”.

3. Preparação dos originais

3.1. Apresentação

A preparação do texto deve obedecer aos seguintes parâmetros: *Word for Windows*, fonte *Times New Roman*, tamanho 12, espaçamento 1,5 no corpo do texto, papel tamanho A4 (21 cm x 29,7 cm), margens esquerda e superior 3,0 cm, direita e inferior 2,0 cm e extensão mínima de 15 e máxima de 30 páginas, incluindo referências e anexos e/ou apêndices. O texto deve atender

as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que passou a ser obrigatório no Brasil a partir de janeiro de 2016. Devem ser submetidas duas versões do trabalho: uma contendo o nome e a filiação do(s) autor(es) e outra em que estejam apagadas todas as menções ao(s) autor(es), inclusive citações e referências bibliográficas.

3.2. Estrutura do trabalho

Para elaboração do artigo, o(s) autor(es) deve(m) obedecer à seguinte sequência:

Título: o título do artigo deve aparecer em caixa alta e em negrito, centralizado no alto da primeira página, em espaçamento simples;

Nome do(s) autor(es): o(s) nome(s) do(s) autor(es) devem vir à direita da página, na terceira linha abaixo do título, com asterisco remetendo à nota de rodapé para apresentação dos metadados do(s) autor(es). Esses metadados correspondem às seguintes informações, na ordem: sigla e nome por extenso da instituição a que o(s) autor(es) está(ão) vinculado(s); cidade; estado; país; CEP; e-mail;

Resumo: texto, de, no mínimo, 150 palavras e, no máximo, 200, contendo resumo do artigo, que indique seus objetivos, referencial teórico utilizado, resultados obtidos e conclusão, precedido da palavra RESUMO, em caixa alta, na terceira linha abaixo do nome do autor, sem adentramento e em espaçamento simples;

Palavras-chave: inserir um máximo de sete palavras-chave, separadas por ponto, precedidas do termo PALAVRAS-CHAVE, em caixa alta, mantendo-se o espaçamento simples, na segunda linha abaixo do resumo. Para maior facilidade

de localização do trabalho em consultas bibliográficas, as palavras-chave devem corresponder a conceitos mais gerais da área do trabalho;

Texto: o corpo do texto inicia-se na terceira linha abaixo das palavras-chave, em espaçamento um e meio;

Subtítulos: os subtítulos correspondentes a cada parte do trabalho, referenciados a critério do(s) autor(es), devem estar alinhados à margem esquerda, em negrito, sem numeração, com dois espaços de 1,5 depois do texto que os precede e um espaço 1,5 antes do texto que os segue;

Agradecimentos: quando houver, os agradecimentos seguem a mesma diagramação dos subtítulos, precedidos da palavra “**Agradecimentos**” destacada em negrito;

Título do artigo em inglês: para artigos redigidos em português, francês, espanhol e italiano, insere-se o título em inglês duas linhas abaixo do final do texto, em espaçamento simples, sem caixa alta e negrito;

Abstract: versão do resumo, em inglês (para artigos redigidos em português, francês, espanhol e italiano), em itálico, precedida da palavra *ABSTRACT*, em caixa alta e em itálico, em espaçamento simples, na terceira linha depois do título do artigo em inglês;

Keywords: versão das palavras-chave, em inglês (para artigos redigidos em português, francês, espanhol e italiano), em itálico, precedida da expressão *KEYWORDS*, em caixa alta e em itálico, em espaçamento simples, na terceira linha depois do abstract;

OBS.: No tocante às três últimas instruções, artigos redigidos em inglês devem inserir a versão em português do título, do *resumo* e das palavras-chave.

Referências: sob o subtítulo **REFERÊNCIAS, em caixa alta**, alinhado à esquerda, em negrito e sem adentramento, devem ser mencionadas as referências em ordem alfabética e cronológica, indicando-se as obras de autores citados no corpo do texto, separadas por espaço simples, na terceira linha abaixo das palavras-chave em inglês (cf. 3.3.1 a seguir);

Bibliografia consultada: na terceira linha abaixo das referências, se considerado imprescindível, sob o subtítulo **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**, em caixa alta, alinhado à esquerda, em negrito e sem adentramento, na terceira linha abaixo das Referências, podem ser indicadas, também em ordem alfabética e cronológica, obras consultadas ou recomendadas, não referenciadas no texto.

3.3. Outras instruções

3.3.1. Normas para referências

As referências devem ser dispostas em ordem alfabética pelo sobrenome do primeiro autor e seguir a NBR 6023 da ABNT, de agosto de 2002: espaço simples e um espaço entre cada obra. Caso a obra seja traduzida, é necessário informar o nome do tradutor.

Exemplos:

Livro

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas:** as não coincidências do dizer. Tradução de Cláudia Pfeiffer et al. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998.

CORACINI, M. J.; BERTOLDO, E. S. (Org.). **O desejo da teoria e a contin-**

gência da prática. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

LUCHESE, D. **Sistema, mudança e linguagem:** um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

Capítulos de livro

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso.** Tradução de Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. p.15-50.

Dissertações e tese

BITENCOURT, C. M. F. **Pátria, civilização e trabalho:** o ensino nas escolas paulista (1917-1939). 1998. 256 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

Artigos em periódicos

SCLIAR-CABRAL, L.; RODRIGUES, B. B. Discrepâncias entre a pontuação e as pausas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n.26, p.63-77, 1994.

Artigos em periódicos online

SOUZA, F. C. Formação de bibliotecários para uma sociedade livre. **Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n.11, p.1-13, jun. 2001. Disponível em: <...>. Acesso em: 30 jun. 2001.

Artigos em jornal

BURKE, P. Misturando os idiomas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 abr. 2003. Mais!, p.3.

EDITORA plagiou traduções de clássicos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 nov. 2007. Ilustrada, p.6.

Documento eletrônico

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Coordenadoria Geral de Bibliotecas. Grupo de Trabalho Normalização Documentária da UNESP. Normalização Documentária para a produção científica da UNESP: normas para apresentação de referências. São Paulo, 2003. Disponível em: <...>. Acesso em: 15 jul. 2004.

Trabalho de congresso ou similar (publicado)

MARIN, A. J. Educação continuada. In: CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 1., 1990. **Anais...**São Paulo: UNESP, 1990. p.114-118.

Filmes

Macunaíma. Direção (roteiro e adaptação) de Joaquim Pedro de Andrade. Filmes do Serro/Grupo Filmes/Condor Filmes. Brasil: 1969. Rio de Janeiro: Videofilmes, 1969. Versão restaurada digitalmente, 2004. 1 DVD (105 minutos), color.

Pinturas, fotos, gravuras, desenhos:

ALMEIDA JÚNIOR. **Caipira picando fumo**. 1893. Óleo sobre tela. 17 cm X

23,5 cm. Pintura pertencente ao acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. PICASSO, Pablo. [**Sem título**]. [1948]. 1 gravura. Disponível em: <<http://belgaleria.com.br>>. Acesso em 19 ago. 2015.

Discos e partes de discos:

CALAZANS, T. **Teca Calazans canta Villa Lobos**. Rio de Janeiro: Kuarup Discos, 1999. 1 CD.

CALAZANS, T. Modinha. In: CALAZANS, T. **Teca Calazans canta Villa Lobos**. Rio de Janeiro: Kuarup Discos, 1999. 1 CD.

3.3.2. Citação no texto

O autor deve ser citado entre parênteses pelo sobrenome, em letras maiúsculas, separado, por vírgula, da data de publicação (BARBOSA, 1980). Se o nome do autor estiver citado no texto, indica-se apenas a data entre parênteses: “Morais (1955) assinala...”.

Quando for necessário especificar página(s) (citações diretas), esta(s) deve(m) seguir a data, separada(s) por vírgula e precedida(s) de “p.” (MUNFORD, 1949, p.513).

As citações de diversas obras de um mesmo autor, publicadas no mesmo ano, devem ser discriminadas por letras minúsculas após a data, sem espaçamento (PESIDE, 1927a; 1927b). Quando a obra tiver dois ou três autores, todos podem ser indicados, separados por ponto e vírgula (OLIVEIRA; MATEUS; SILVA, 1943), e quando houver mais de 3 autores, indica-se o primeiro seguido de “et al.” (GILLE et al., 1960).

Citações diretas com mais de três linhas devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra tamanho 11, sem aspas e espaçamento simples. Citações com menos de três linhas devem seguir o fluxo normal do texto e vir destacadas apenas entre aspas. As citações de textos estrangeiros devem ser traduzidas para o português. Usar, sempre que possível, as traduções já existentes. O original deve aparecer em nota de rodapé.

3.3.3. Uso de recursos tipográficos: **itálico, negrito, sublinhado e aspas**

Itálico: deverá ser utilizado em três situações: palavras de língua estrangeira, citação de títulos de obras no corpo do texto, ênfase ou destaque de palavra ou trecho do texto.

Negrito: evitar esse recurso tipográfico. Utilizá-lo apenas no título do artigo, nas seções e subseções.

Sublinhado: evitar esse recurso tipográfico.

Aspas: podem ser usadas para destacar partes de obras principais, como títulos de poemas, artigos, capítulos. As obras principais devem ser destacadas em itálico conforme a indicação acima. As aspas devem ser empregadas no corpo do texto para citações de trechos de obras.

Exemplo:

A linguística é uma disciplina que “[...] se baseia na observação dos factos e se abstém de propor qualquer escolha entre tais factos, em nome de certos princípios estéticos e morais.” (MARTINET, 1972, p.3).

3.3.4. Notas

Notas devem ser reduzidas ao mínimo e colocadas no pé da página; remissões para o rodapé devem ser feitas por números, na entrelinha superior, após o sinal de pontuação, quando for o caso.

3.3.5. Ilustrações

Ilustrações compreendem figuras, desenhos, gráficos, quadros, mapas, esquemas, fórmulas, modelos, fotografias, radiografias. As legendas devem ser inseridas abaixo das ilustrações, numeradas consecutivamente em algarismos arábicos e centralizadas, na mesma fonte e tamanho do corpo do texto. As figuras, os desenhos, os gráficos, os quadros, os esquemas, as fórmulas e os modelos devem ser enviados em arquivo separado, no programa em que foram gerados. Os mapas, as fotografias e as radiografias também devem ser enviadas em arquivos separados e em alta resolução (300 dpi). As ilustrações devem ser designadas, no texto, na forma abreviada da palavra “Figura”: Fig. 1, Fig. 2 etc. É inteiramente do(s) autor(es) a responsabilidade pela veiculação de imagens, inclusive as que envolvem direitos autorais.

3.3.6. Tabelas e quadros

Tabelas devem ser usadas para apresentação de informações tratadas estatisticamente e quadros para sintetizar e organizar informações textuais. O título de tabelas insere-se na parte superior, centralizado, iniciado pela expressão “**Tabela 1**” em negrito, seguido por hífen e pelo título sem destaque,

na mesma fonte e tamanho do corpo do texto; o título de **ilustrações e quadros** deve ser apresentado na parte superior, centralizado, iniciado pela expressão designativa, como por exemplo, “**Quadro 1**” em negrito, seguido por hífen e pelo título sem destaque, na mesma fonte e tamanho do corpo do texto. A numeração é consecutiva, em algarismos arábicos; caso seja necessário especificar a fonte de dados, esta deverá ser colocada abaixo da tabela ou do quadro e o texto, alinhado à esquerda. Tabelas devem ser construídas com as bordas laterais abertas e sem linhas de separação de colunas. Quadros devem ter as bordas fechadas e apresentarem linhas de separação de colunas.

3.3.7. Anexos e/ou Apêndices

Quando imprescindíveis à compreensão do texto, e dentro do limite de 30 páginas, **Anexos e/ou apêndices**, seguindo a formatação dos subtítulos, devem ser incluídos no final do artigo, após as referências ou a bibliografia consultada.

3.3.8. Formato da resenha

A resenha deve conter, no início, a referência completa da obra resenhada, incluindo o número de páginas, em fonte *Times New Roman*, tamanho 14, espaçamento simples, sem título, sem resumo, sem palavras-chave. O(s) nome(s) do(s) autor(es) da resenha, em corpo 12, deve(m) vir na terceira linha abaixo da referência da obra resenhada, precedido(s) pela expressão “Resenhado por [nome(s) do(s) autor(es)]”. Deve(m) ser seguido(s) de asterisco(s) que remeta(m) a uma nota de rodapé contendo as seguintes informações: sigla e nome por extenso da

instituição a que o(s) autor(es) está(ão) vinculado(s); cidade; estado; país; CEP; e-mail. O texto da resenha deve vir na terceira linha abaixo do(s) nome(s) do(s) autor(es) em *Times New Roman*, corpo 12 e espaço 1,5.

A configuração da página é a seguinte: tamanho do papel: A4 (21,0x 29,7 cm); margens esquerda e superior 3,0 cm, direita e inferior 2,0 cm; extensão mínima de 4 e máxima de 8 páginas, incluindo referências bibliográficas e anexos e/ou apêndices; adentramento: 1,25cm para assinalar início de parágrafo; espaçamento: 1,5.

3.3.9. Formato da tradução

Os artigos traduzidos são submetidos ao processo de avaliação pelos pares, que decidem sobre a oportunidade e a conveniência de sua publicação. Devem seguir o formato de artigo, no que couber. Na segunda linha abaixo do nome do autor do texto traduzido, alinhado à direita, deve(m) aparecer o(s) nome(s) do(s) tradutor(es) no seguinte formato: “Traduzido por [nome(s) do(s) tradutor(es)]”, com asterisco que remeta a uma nota de rodapé com as seguintes informações: sigla e nome por extenso da instituição a que o(s) tradutor(es) está(ão) vinculados; cidade; estado; país; CEP; e-mail.

3.3.10. Formato da entrevista

As entrevistas são submetidas ao processo de avaliação pelos pares, que decidem sobre a oportunidade e a conveniência de sua publicação. A configuração formal da entrevista é a mesma que se requer para artigos, mas o título deve conter, além do tema geral, a expressão “Entrevista com [nome do entrevistado]”, sem destaque, com asterisco remetendo a uma

nota de rodapé que contenha uma breve resenha da biografia do entrevistado, que demonstre claramente sua relevância científica. O(s) autor(es) da entrevista deve(m) aparecer em seguida, de acordo com as normas estabelecidas para Artigos.

3.3.11. Normas para a versão em inglês

O(s) autor(es) de artigo aceito para a publicação em português, francês, espanhol ou italiano deve(m) providenciar a versão em inglês do texto até o dia estipulado no e-mail de notificação da aceitação. As normas para citação de autores no corpo do texto e para as referências bibliográficas da versão em inglês são as mesmas da versão em português. A *Alfa* designa revisores para a avaliação da versão em inglês do artigo. A revisão se restringe a conferir a qualidade da tradução, isto é, sua adequação ao padrão de uso da língua inglesa no gênero artigo científico.

Nas citações no corpo do texto de obras que têm edição publicada em língua inglesa, deve ser utilizada essa edição tanto no corpo do texto como nas referências bibliográficas. Em caso de não haver edição em inglês, o texto citado deve receber versão em inglês, e o texto na língua original da edição utilizada deve constar em nota de rodapé. Todas as traduções da versão em língua inglesa são de inteira responsabilidade do autor do texto.

Quando o artigo contiver figuras digitalizadas de anúncios em jornais e revistas ou similares, em português ou em outra língua, é necessário incluir a versão em inglês dos textos em nota de rodapé.

Quando o texto contiver exemplos cuja compreensão envolva a necessidade de

esclarecer traços morfossintáticos, é necessário incluir uma versão literal deles em glosa, seguida pela tradução em inglês comum entre aspas simples. Exemplo:

(1) isso signific-a um aument-o de vencimento-s(D2-SP-360)
this mean-IND.PRS.3.SG a.M raise-NMLZ of salary-PL
'this means a raise in salary.'

Convenções para as glosas: ***The Leipzig Glossing Rules: conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses***, editada pelo Departamento de Linguística do Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology (Bernard Comrie, Martin Haspelmath) e pelo Departamento de Linguística da University of Leipzig (Balthasar Bickel); disponível em <http://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php>.

3.3.12. Transferência de direitos autorais – Autorização para publicação

Caso o artigo submetido seja aprovado para publicação, JÁ FICA ACORDADO QUE o(s) autor(es) AUTORIZA(M) a UNESP a reproduzi-lo e publicá-lo na *Alfa*: Revista de Linguística, entendendo-se os termos “reprodução” e “publicação” conforme definição respectivamente dos incisos VI e I do artigo 5º da Lei 9610/98. O ARTIGO poderá ser acessado pela rede mundial de computadores (WWW – Internet), sendo permitidas, A TÍTULO GRATUITO, a consulta e a reprodução de exemplar do ARTIGO para uso próprio de quem a consulta, desde que haja a citação ao texto consultado. ESSA autorização de publicação não tem limitação de tempo, FICANDO A UNESP responsável pela manutenção da identificação DO(S) AUTOR(ES) do ARTIGO.

3.3.13. Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista são usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

STAEPE – Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão
Laboratório Editorial
Rodovia Araraquara-Jaú, km 01
14800-901 – Araraquara
Fone: (16) 3334-6275
e-mail: laboratorioeditorial@fclar.unesp.br
site: <http://www.fclar.unesp.br/laboratorioeditorial>

Produção Editorial:



